alyson noël

Autora dos best-sellers *Para sempre*, *Lua azul* e *Terra de sombras*



chama negra

os imortais

alyson noël

chama negra

os imortais – volume 4

TRADUÇÃO DE FLÁVIA SOUTO MAIOR

intrínseca

Copyright © 2009 Alyson Noël, L.L.C.

Todos os direitos reservados, incluindo os de reprodução de todo o conteúdo ou de parte dele, em qualquer formato.

TÍTULO ORIGINAL
Dark Flame

CAPA
Angela Goddard

ADAPTAÇÃO DA CAPA
Julio Moreira

FOTO DA CAPA
Herman Estevez

PREPARAÇÃO
Marina Vargas

REVISÃO
Umberto Figueiredo Pinto
Shirley Lima

REVISÃO DE EPUB
Tatiane Souza

GERAÇÃO DE EPUB
Simplíssimo

E-ISBN
978-85-8057-039-7

Edição digital: 2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrinseca

Para Rose Hilliard —
porque é um sonho trabalhar com ela
e eu não teria conseguido sem sua ajuda!

agradecimentos

Como sempre, meus agradecimentos enormes, brilhantes e com confete voando vão para:

Bill Contardi — o que posso dizer? Você é o MELHOR! Obrigada por todo o trabalho duro que teve para me ajudar!

Marianne Merola — obrigada por ajudar a espalhar a série *Os imortais* pelo mundo!

A equipe da St. Martin's, incluindo, mas certamente não se limitando, a Matthew Shear, Rose Hilliard, Anne Marie Tallberg, Katy Hershberger, Brittney Kleinfelter, Angela Goddard e outros…

Minha família e meus amigos — vocês sabem quem são! Obrigada por todo o amor e o apoio e por me arrastar para longe do computador justamente quando eu mais precisava. Valorizo isso mais do que imaginam!

Sandy, o Santo Padroeiro dos Hipopótamos Azuis — você é o máximo!

E, é claro, meus leitores — vocês não somente tornam tudo isso possível, como também fazem com que valha a pena, seja divertido e totalmente empolgante. Não tenho como agradecer o suficiente a vocês!

Contemplei o coitado…
o desgraçado monstro que eu havia criado.

— MARY SHELLEY, *FRANKENSTEIN*

— Mas que *borra*!

Haven derruba seu cupcake com cobertura cor-de-rosa, granulado vermelho e forminha prateada. Seus olhos com maquiagem pesada procuram os meus enquanto observo a praça lotada e me encolho. Arrependo-me imediatamente da decisão de ter ido até ali. Fui tola o suficiente para pensar que a loja de cupcakes preferida de Haven em um belo dia de verão seria o melhor lugar para dar a notícia. Como se aquele bolinho de morango pudesse, de alguma forma, adoçar a mensagem. Mas no momento meu desejo é que tivéssemos ficado no carro.

— Fale baixo. *Por favor.* — Pensei em falar gentilmente, mas acabei soando como uma diretora de escola velha e mal-humorada. Vejo-a se inclinar para a frente, colocar a franja com mechas platinadas atrás da orelha e estreitar os olhos.

— Desculpe, mas você está falando sério? Você vem aqui e joga essa bomba enorme na minha cabeça. *Enorme mesmo*. Meus ouvidos ainda estão zunindo, minha cabeça está girando, e eu meio que preciso que você repita só para ter certeza de que disse realmente o que eu acho que disse, e sua única preocupação é que eu esteja *falando muito alto? Você está brincando?*

Balanço a cabeça e olho em volta, entrando em *modo de segurança* enquanto diminuo o tom de voz e digo:

— É que ninguém pode saber. Isso *precisa* continuar sendo um segredo. É *fundamental* — enfatizo, percebendo tarde demais que estou falando com uma pessoa totalmente incapaz de guardar segredos alheios, muito menos um segredo próprio.

Ela revira os olhos e recosta na cadeira, resmungando baixinho. Aproveito para analisá-la atentamente, surpresa em ver os sinais já presentes: a pele pálida está luminosa, limpa, praticamente sem poros aparentes, e os cabelos castanhos ondulados com a mecha loura na frente estão tão brilhantes e sedosos quanto os de uma propaganda de xampu. Até os dentes ficaram mais alinhados, mais brancos. Não consigo parar de pensar em como tudo isso aconteceu rápido, com apenas alguns goles de elixir, enquanto, no meu caso, levou tanto tempo.

Continuo a observá-la. Respiro fundo e vou em frente, quebrando minha promessa de nunca escutar os pensamentos mais profundos de meus amigos, enquanto me esforço para ver melhor, espiar sua energia, as palavras que ela não está compartilhando… certa de que, se em algum momento é justificável xeretar, esse momento é agora.

Mas, em vez do meu lugar de sempre, na primeira fila, encontro uma parede sólida que me impede de entrar. Mesmo depois que escorrego a mão casualmente e encosto em seus dedos, fingindo interesse no anel de caveira prateado que ela está usando, não consigo nada.

Seu futuro está oculto para mim.

— Isso é tão… — Ela engole em seco e olha em volta, observando a fonte borbulhante, a jovem mãe empurrando um carrinho enquanto conversa aos berros pelo celular, um grupo de meninas saindo de uma loja de biquínis com inúmeras sacolas nos braços… olhando para todos os lados, menos para mim.

— Sei que é muita informação para processar… *mas mesmo assim*… — Dou de ombros, sabendo que terei que me esforçar, mas sem saber como.

— *Muita informação para processar?* É assim que você encara? — Ela balança a cabeça e tamborila os dedos no braço da cadeira verde de metal enquanto me olha de cima a baixo.

Eu suspiro, desejando ter lidado melhor com isso, desejando que pudesse voltar atrás, mas é tarde demais. Não tenho escolha a não ser lidar com a confusão que criei.

— Acho que eu esperava que *você* estivesse encarando as coisas desse modo. — Dou de ombros. — É loucura. Eu sei.

Ela respira fundo, a expressão tão tranquila e plácida, que é impossível interpretá-la. Estou prestes a falar, a começar a implorar seu perdão, quando ela diz:

— É sério? Você me tornou imortal? Tipo… *de verdade*?

Faço que sim com a cabeça. Sinto o estômago embrulhar de nervoso enquanto me endireito na cadeira e jogo os ombros para trás, preparando o golpe que certamente virá em minha direção. Sei que não tenho escolha, a não ser aceitar o que quer que venha, verbal ou físico. Eu mereço, por ter acabado com a vida que ela conhecia.

— Eu só… — Ela respira e pisca várias vezes. Sua aura está invisível, não me dá pista alguma sobre seu humor, agora que a transformei em alguém igual a mim. — Bem… eu estou completamente chocada. Sério. Nem sei o que dizer.

Pressiono os lábios e levo as mãos ao colo, tomando cuidado com o pingente de cristal na pulseira que sempre uso, limpo a garganta e digo:

— Haven, ouça, eu sinto muito. *Sinto tanto, tanto, tanto!* Você nem tem ideia. Eu só… — Balanço a cabeça, sabendo que deveria ir direto ao ponto, mas sentindo que preciso explicar meu lado… A decisão impossível que fui obrigada a tomar… Como me senti ao vê-la tão pálida, tão indefesa, entre a vida e a morte, cada respiração fraca podendo ser a última…

Mas, antes que eu possa começar, ela se inclina em minha direção, com os olhos bem abertos, fixos nos meus:

— Está *maluca*? — Ela balança a cabeça. — Está mesmo se *desculpando* enquanto estou sentada aqui, tão eletrizada, tão pasma, que nem consigo imaginar como retribuir?

Hã?

— Quero dizer, isso é *tão* legal! — Ela sorri, remexendo-se na cadeira, o rosto iluminado como uma lâmpada de mil watts. — É sério: é a coisa mais incrível que já me aconteceu… e devo isso a *você*!

Engulo em seco, olhando em volta, sem saber como reagir. Não era o que eu esperava. Não foi para isso que me preparei. Embora seja exatamente o que Damen me avisou que aconteceria.

Damen, meu melhor amigo, minha alma gêmea, o amor das minhas vidas. Meu incrivelmente lindo, sexy, inteligente, talentoso, paciente e compreensivo namorado, que sabia que isso aconteceria e que implorou para vir junto exatamente por esse motivo. Mas fui muito teimosa. Insisti em fazer tudo sozinha. Fui eu quem a *transformou*, fui eu quem fez com que tomasse o elixir, então sou eu quem deve explicar. Só que as coisas não estão acontecendo como eu imaginava. Nem perto disso.

— É como ser um vampiro, certo? Tirando a parte de sugar sangue? — Seus olhos brilhantes buscam os meus, ansiosos. — Ah, e sem o lance dos caixões e de precisar fugir do sol também! — Sua voz se eleva com a empolgação. — Isso é *tão* incrível! É como um sonho se realizando. Tudo o que eu sempre quis finalmente aconteceu. Sou uma vampira! Uma vampira linda, mas sem os efeitos colaterais pavorosos!

— Você não é uma vampira — digo com a voz indiferente, apática, perguntando a mim mesma como chegamos a esse ponto. — Vampiros não existem.

Não, não existem vampiros, lobisomens, elfos, fadas — apenas imortais, cuja lista, graças a Roman e a mim, está aumentando rapidamente…

— Como você pode ter certeza? — Haven pergunta, erguendo as sobrancelhas.

— Porque Damen está por aqui há muito mais tempo do que eu — digo —, e ele nunca encontrou nenhum, nem ninguém que tenha encontrado um. Achamos que todas essas lendas sobre vampiros têm origem nos imortais, só que com algumas grandes distorções, como essas coisas de se alimentar de sangue, não poder sair à luz do dia e ser alérgico a alho. — Eu me inclino em sua direção. — Acrescentaram tudo isso para aumentar o drama.

— Interessante. — Ela confirma com a cabeça, embora sua mente esteja claramente em outro lugar. — Ainda posso comer cupcakes? — Ela vai na direção de seu bolinho de morango amassado, deformado de um lado, esmagado contra a embalagem de papel, enquanto o outro continua fofo, implorando para ser comido. — Ou tem alguma outra coisa de que eu precise… — Ela arregala os olhos, não me dando tempo para responder antes de bater na mesa e berrar: — Aimeudeus, é *aquele suco*, não é? Aquela coisa vermelha que você e Damen sempre bebem! É isso, não é? *Então*, o que está esperando? Pode me dar, vamos oficializar isso, mal posso esperar para começar!

— Eu não trouxe — digo, vendo a decepção em seu rosto enquanto me apresso em explicar: — Eu sei que você acha isso muito legal e tudo mais… e tem uma parte que é, sem dúvida. Quer dizer… você nunca vai envelhecer, nunca vai ter espinhas ou pontas duplas nos cabelos, nunca vai precisar fazer exercícios e pode até ficar mais alta. Quem sabe? Mas há outras questões. Questões que você deve saber. Questões que eu preciso explicar para… — Minhas palavras são interrompidas pela visão de Haven pulando da cadeira tão rápida e graciosamente que parece uma gata. Outro efeito colateral da imortalidade.

Saltitando, ela diz:

— Ah, por favor! O que eu preciso saber? Se posso pular mais alto, correr mais rápido, nunca envelhecer ou morrer… de que mais poderia precisar? Parece que estou pronta para o restante da eternidade.

Olho em volta, nervosa, determinada a diminuir sua empolgação antes que ela faça algo maluco. Algo que atraia o tipo de atenção que não queremos.

— Haven, por favor. *Fique sentada*. Estou falando sério. Tenho mais coisas para explicar. *Muito* mais — sussurro, e as palavras são duras, cruéis, mas parecem não surtir efeito. Ela apenas permanece parada na minha frente, balançando a cabeça e se recusando a ceder. Está tão embriagada por seu novo poder imortal que passa de rebelde direto para hostil.

— *Tudo* é sério com você, Ever. *Cada coisinha* que você diz e faz é *tão* séria! *Verdade*, você me dá as chaves do reino e depois exige que eu fique quieta para me contar sobre o lado sombrio? Pirou de vez? — Ela revira os olhos. — Vamos, desencane um pouco. Pode ser? Deixe-me experimentar, fazer um *test drive*, ver do que sou capaz. Vou até apostar corrida com você! A primeira a chegar à biblioteca ganha!

Balanço a cabeça e suspiro, desejando que não tivesse que fazer isso, mas sei que precisarei fazer uso de telecinese. É a única coisa que pode colocar um ponto final nisso tudo e mostrar a ela quem manda aqui. Apertando os olhos, concentro-me em sua cadeira, movendo-a tão rapidamente sobre os ladrilhos que seus joelhos se entortam e forçam-na a sentar.

— Ei, isso machuca! — Ela passa as mãos nas pernas e me olha furiosa.

Eu apenas dou de ombros. Ela é imortal, não vai ficar contundida. Além disso, há muito que explicar, e pouco tempo se ela continuar assim, então me inclino em sua direção, certificando-me de que tenho toda a sua atenção, e digo:

— Acredite em mim, você não pode participar do jogo se não souber as regras. E, se não souber

as regras, alguém pode se machucar.

dois

Haven se joga dentro do meu carro, apoia o corpo na porta e coloca os pés no assento. Franzindo a testa, fazendo cara feia e resmungando — toda a ladainha de reclamações direcionadas a mim — enquanto saio do estacionamento e sigo para a rua.

— Regra número 1. — Olho para ela, tirando meus longos cabelos louros do rosto, determinada a ignorar seu olhar claramente hostil. — *Não. Pode. Contar. Para. Ninguém.* — Faço uma pausa, permitindo que as palavras penetrem na mente dela antes de acrescentar: — É sério. Não pode contar para sua mãe, nem para seu pai, nem para seu irmãozinho Austin…

— Ah, faça-me o favor… — Ela se vira, cruzando e descruzando as pernas, puxando a roupa e sacudindo o pé de uma forma tão impaciente, tão contorcida, que fica claro que mal consegue aguentar estar presa ali comigo. — Eu quase não falo com eles mesmo. — Ela faz cara feia. — Além disso, você está ficando repetitiva. Já deixou isso bem claro. Então, vamos lá, continue, vamos terminar logo com isso para que eu possa sair daqui e começar minha nova vida.

Engulo em seco, recusando-me a ser apressada ou influenciada e olho para ela quando paro no sinal, determinada a fazê-la entender a importância de manter segredo, e acrescento:

— E isso inclui Miles. Você não pode contar a ele em circunstância alguma.

Ela revira os olhos e ocupa-se com o anel, girando-o várias vezes em volta do dedo médio, claramente tentada a jogá-lo em mim.

— Certo. Não posso contar para ninguém. Entendi — ela murmura. — Próxima, por favor!

— Ainda pode comer comida de verdade. — Sigo para o cruzamento, aumentando a velocidade lentamente. — Mas nem sempre vai querer, já que o elixir sacia e fornece todos os nutrientes necessários. Mas, ainda assim, é importante manter as aparências em público, então você precisa pelo menos *fingir* que está comendo.

— Ah, como você? — Ela olha para mim com as sobrancelhas arqueadas e um sorrisinho falso nos lábios. — Sabe, você se senta no refeitório na hora do almoço, despedaça seu sanduíche e esmigalha as batatinhas chips até virarem farelo e acha que ninguém percebe? É isso que vem tentando fazer esse tempo todo? *Manter as aparências?* Porque Miles e eu achávamos que você sofria de algum distúrbio alimentar.

Respiro fundo e me concentro em dirigir, mantendo a velocidade, recusando-me a deixá-la me atingir. Como o carma de que Damen sempre fala — de que todas as nossas ações causam uma reação —, foi nisso que deu minha ação. Além disso, mesmo se eu pudesse voltar e fazer tudo de novo, não mudaria nada. Faria exatamente a mesma escolha. Porque, não importa o quanto este momento possa ser estranho, ainda é melhor do que ir ao funeral de Haven.

— *Aimeudeus!* — Ela olha para mim boquiaberta, arregalando os olhos, com o tom de voz alto e agudo, e diz: — Acho… acho que ouvi isso!

Olho em seus olhos, e embora a capota esteja abaixada, embora o sol de verão do sul da Califórnia esteja batendo direto na gente, minha pele gela instantaneamente.

Isso não é bom. Não é nada bom.

— Seus *pensamentos*! Você estava pensando sobre estar feliz por não ter que ir ao meu funeral, *certo*? Quer dizer, eu realmente *ouvi* suas palavras na minha cabeça. Isso é *tão* legal!

Levanto meu escudo imediatamente, impedindo todo o acesso à minha mente, à minha energia, a tudo. Fico apavorada com o fato de ela ser capaz de fazer isso e de eu não conseguir ler sua mente,

mesmo ainda não tendo tido a chance de ensinar a ela como se proteger.

— Então vocês não estavam brincando, não é? Aquela história da telepatia? Você e Damen realmente leem a mente um do outro.

Confirmo com a cabeça, relutante, enquanto ela me analisa com olhos que brilham mais do que nunca. O que antes era seu tom normal de castanho, frequentemente escondido por lentes de contato de cores malucas, agora é um turbilhão de dourado, topázio e bronze — outro efeito colateral da imortalidade.

— Sempre soube que vocês eram estranhos, mas isso leva as coisas para outro nível. E agora também posso fazer isso! Nossa, queria que Miles estivesse aqui.

Fecho os olhos e balanço a cabeça, esforçando-me para ter paciência e me perguntando quantas vezes mais precisarei repetir, então paro para deixar um pedestre atravessar e digo:

— Mas você não pode contar para Miles, *lembra*? Já falamos sobre isso.

Ela dá de ombros, minhas palavras entram por um ouvido e saem pelo outro, enquanto ela enrola uma mecha de cabelo castanho e brilhoso no dedo indicador, sorrindo quando um Bentley preto para bem a nosso lado, com um garoto da nossa escola ao volante.

— Está bem. *Está bem!* Sério, não vou contar para Miles. Pode relaxar um pouco? — Ela encara nosso colega de classe, sorrindo, flertando e acenando, chegando até a soprar alguns beijos na direção dele, e depois ri quando o garoto deixa o carro morrer. — O segredo está seguro. É que estou acostumada a contar para ele as coisas empolgantes que acontecem, só isso. É um hábito. Sei que vou superar. Mas você tem que admitir que é bem legal, não acha? Como você reagiu quando descobriu? Não ficou completamente enfeitiçada? — Ela olha para mim, ri e completa: — Sem trocadilho.

Franzo a testa e piso no acelerador mais do que gostaria, deixando o carro seguir em frente enquanto minha mente viaja de volta para aquele primeiro dia — ou, pelo menos, para a primeira vez que Damen tentou me contar, no estacionamento da escola, as novidades que mudariam minha vida. Mas naquela hora eu não queria escutar. E estava o mais longe possível de ficar *empolgada*. Então, quando ele insistiu pela segunda vez em explicar nosso longo e confuso passado, eu ainda estava em cima do muro. Quer dizer… por um lado achei bem legal que finalmente pudéssemos ficar juntos depois de séculos separados, mas, por outro, precisava entender muita coisa. Abrir mão de muita coisa.

E, enquanto pensávamos, a princípio, que a escolha seria toda minha, que eu poderia continuar a tomar o elixir e assumir minha imortalidade ou ignorá-la completamente, levar minha vida e sucumbir à morte em algum momento de um futuro distante, agora sabemos que não é bem assim.

Agora sabemos a verdade sobre o fim de um imortal.

Agora conhecemos Shadowland.

O vazio infinito.

O abismo eterno.

O lugar para onde vão os imortais, sem alma, isolados, por toda a eternidade.

Um lugar do qual devemos manter distância.

— Hum, alô-*ou*, Terra para Ever? — Ela ri.

Eu apenas balanço os ombros. É a única resposta que pretendo dar.

Ela então chega perto de mim e diz:

— Desculpe, mas eu não entendo você. — Ela me olha. — Esse é o melhor dia de *toda* a minha

vida e tudo o que você quer fazer é se concentrar nos pontos negativos? Quer dizer, alô-*ou*? Poderes paranormais, destrezas físicas, juventude eterna e beleza. Isso não significa nada para você?

— Haven, nem tudo é diversão e brincadeira, é…

— Eu sei, eu sei. — Ela revira os olhos e encosta no assento, levando os joelhos ao peito e os abraçando com força. — Há regras, um lado ruim. Captei a mensagem: entendido. — Ela franze a testa, colocando o cabelo de lado e torcendo-o até formar um cacho castanho e brilhoso. — Mas, nossa, você não se cansa disso? De sempre estar tão sobrecarregada, de sentir o peso do mundo nas costas? É como se você tivesse a melhor vida de todas. É loura, alta, tem olhos azuis, está em boa forma, poderosa, ah, e além de tudo isso, o cara mais sexy do planeta está loucamente apaixonado por você. — Ela suspira, imaginando como posso ignorar essa verdade. — Fala sério, você tem o tipo de vida que as outras pessoas só podem ter em sonho, e mesmo assim faz com que pareça a estrada para a Terra da Chatice. Sinceramente, desculpe eu dizer, mas acho que é loucura! Porque a verdade é que me sinto fantástica! Eletrizada! Como se um raio estivesse passando pelo meu corpo, da cabeça aos pés! E não vou de jeito algum embarcar com você em sua viagem para a Tristolândia. Nem pensar em andar pela escola usando um capuz horroroso e óculos escuros, com um iPod praticamente implantado na cabeça, como você costumava fazer. Pelo menos agora sei por que você fazia aquilo, para evitar as vozes e os pensamentos, *não é*? Mesmo assim, nem quero pensar em viver desse jeito. Eu pretendo abraçar minha nova condição com *os dois* braços. Também pretendo arrasar com Stacia, Honor e Craig se eles me incomodarem ou a meus amigos! — Ela se inclina para a frente, apoia os cotovelos nos joelhos e estreita o olhar. — Quando penso em tudo o que eles fizeram você passar, e em como você simplesmente engoliu os sapos… — Ela franze os lábios. — Não entendo.

Olho para ela, sabendo que posso simplesmente baixar meu escudo e pensar na resposta, que ela vai ouvir as palavras em minha cabeça, mas sei também que elas ressoarão muito mais se forem ditas em voz alta, então falo:

— Deve ser porque isso tudo teve um preço alto: perder minha família, nunca mais poder atravessar… — Faço uma pausa, evitando que as palavras escapem. Não estou pronta para explicar sobre Summerland, a dimensão mística e gloriosa entre duas dimensões, nem sobre a ponte que leva todos os mortais para o *outro* lado. Pelo menos não agora. Um assunto de cada vez. — É só que… eu sempre vou estar *aqui*. Nunca vou poder *atravessar* e ver minha família novamente… — Balanço a cabeça. — E, bem, para mim isso parece um grande castigo.

Ela chega perto de mim, com um olhar de cachorrinho triste, mas logo se afasta.

— Ops, desculpe! Esqueci que você odeia ser tocada. — Ela franze o nariz e coloca uma mecha de cabelo esvoaçante atrás da orelha cheia de brincos.

— Eu não odeio ser tocada. — Dou de ombros. — É que às vezes… bem, o toque pode ser bastante revelador, só isso.

— Vai ser assim para mim também?

Olho para ela, sem a mínima ideia de quais vão ser seus *dons*. Ela já está tão avançada com apenas uma garrafa de elixir que ninguém sabe o que vai acontecer depois que tomar um monte.

— Não sei. — Dou de ombros. — Parte disso acontece porque eu morri e fui para…

Ela aperta os olhos, esforçando-se para ler meus pensamentos, mas não chega muito longe, graças ao escudo que ergui.

— Bem, digamos que tive uma experiência de quase morte. Isso tende a mudar as coisas. — Entro na rua onde ela mora.

Haven olha para mim com o olhar fixo, intenso, passando os dedos em um pequeno furo em sua *legging*, e diz:

— Parece que você está escolhendo a dedo o que prefere que eu saiba. — Ela levanta a sobrancelha, desafiando-me a negar.

Mas eu não nego. Não faço nada além de fechar os olhos e confirmar. Estou tão cansada de mentir e ocultar informações o tempo todo que me sinto bem em admitir algumas coisas para variar.

— Posso perguntar por quê?

Levanto os ombros e respiro fundo, forçando-me a olhar em seus olhos.

— É muito para absorver de uma vez só. Você precisa experimentar algumas coisas para entender. Enquanto outras, bem… a maioria pode esperar. Embora ainda precise de algumas dicas.

Paro na entrada de sua casa e vasculho minha bolsa, entregando-lhe uma bolsa pequena de seda, igual à que Damen me deu.

— O que é isso? — Ela puxa a cordinha e enfia o dedo lá dentro, tirando um conjunto de cristais coloridos unidos por argolas douradas finas e penduradas em um cordão de seda preto.

— É um amuleto — digo. — É importante que use sempre. Basicamente todos os dias de agora em diante.

Ela estreita os olhos, balançando o amuleto para a frente e para trás e observando como as pedras absorvem e refletem a luz do sol.

— Eu também tenho um. — Puxo o meu de debaixo da camiseta, revelando meu próprio conjunto de pedras.

— Por que o meu é diferente? — Ela alterna o olhar entre os dois, comparando-os e contrastando-os, tentando decidir qual é o melhor.

— Porque não existem dois iguais. Todos nós temos diferentes… *necessidades*. E usar os amuletos nos mantém em segurança.

Ela olha para mim.

— Eles têm caráter protetor. — Dou de ombros, sabendo que estou colocando os pés em águas turvas, a parte sobre a qual Damen e eu discordamos.

Ela inclina a cabeça e franze o cenho, incapaz de ler meus pensamentos, mas sabe que estou escondendo algo.

— E nos protegem do *que* exatamente? Quer dizer… somos imortais, certo? O que, se não me engano, significa que viveremos para sempre. E ainda assim está me dizendo que preciso de *proteção*? Para me manter *em segurança*? — Ela balança a cabeça. — Desculpe, Ever, mas isso não faz sentido algum. De quem ou de que eu preciso me proteger?

Respiro fundo, certificando-me de que estou tomando a atitude certa, a única possível, apesar do que Damen possa pensar. Esperando que ele me perdoe, digo:

— Você precisa se proteger de Roman.

Ela balança a cabeça e cruza os braços, recusando-se a acreditar.

— De Roman? Isso é ridículo. Roman nunca me faria mal.

Engulo em seco, sem acreditar no que estou ouvindo, especialmente depois do que acabei de dizer.

— Sinto muito, Ever, mas Roman é meu *amigo*. E não que seja da sua conta, mas na verdade estamos quase nos tornando *mais* que amigos. E, como não é segredo para ninguém que você odeia Roman desde o primeiro dia, realmente não estou tão surpresa por ouvir isso de você agora. É *triste*,

mas não me surpreende.

— Não estou inventando. — Dou de ombros, lutando para manter uma calma que nem mesmo tenho. Sei que levantar a voz e tentar forçá-la a ver a situação do meu jeito nunca funcionaria com uma pessoa tão teimosa quanto Haven. — E, sim, talvez você esteja certa, talvez eu não goste dele, mas considerando que ele tentou matar você… bem, pode me chamar de louca, mas acho que esse é um bom motivo. Eu tenho testemunhas… Sabe, eu não era a única que estava lá!

Ela quase fecha os olhos, batendo as unhas na maçaneta da porta, e diz:

— Certo, então deixe eu ver se entendi. Roman tentou me envenenar com um tal chá…

— De beladona. Também conhecida como erva-do-diabo.

— Que seja. — Ela faz um gesto com a mão. — O que importa é: você diz que ele estava tentando me matar e, em vez de ligar para a emergência, você simplesmente aparece para ver com os próprios olhos? O que significa isso? Obviamente você não levou muito a sério, então por que eu devo levar?

— Eu tentei ligar… mas foi… *complicado* — Balanço a cabeça. — Tive que fazer uma escolha entre… entre algo de que preciso muito… e você. E, como pode ver, escolhi você.

Ela me olha com os olhos arregalados, pensativa, sem dizer uma só palavra.

— Roman prometeu me dar o que eu precisava se deixasse você morrer. Mas não pude fazer isso… e então… — Aponto para ela. — Agora você é imortal.

Ela balança a cabeça e olha em volta, fixando-se em um grupo de crianças da vizinhança dirigindo um carrinho de golfe danificado para cima e para baixo. Fica em silêncio por tanto tempo que estou prestes a falar quando ela diz:

— Sinto muito por não ter conseguido o que queria, Ever, sinto mesmo. Mas está errada a respeito de Roman. Ele nunca me deixaria morrer. Pelo que disse, ele tinha o elixir ali, pronto para usar caso sua escolha fosse outra. Além disso, acho que conheço Roman um *pouquinho* melhor do que você, e a verdade é que ele sabe que eu estou infeliz com tudo que está acontecendo em minha família… — Ela dá de ombros. — Ele provavelmente queria me transformar em imortal para me poupar disso, mas não queria ser meu senhor, já que com isso vem muita responsabilidade. Não tenho dúvidas de que se você não me fizesse beber, ele ia interferir. Encare, Ever, você fez a escolha errada. Podia simplesmente ter dito que ele estava blefando.

— Não existe *senhor* — resmungo, revirando os olhos. De toda essa ladainha, foi nisso que eu me concentrei? Balanço a cabeça e recomeço: — Não é nada disso… nem de longe… é… — digo com a voz falhando enquanto ela olha para o outro lado, totalmente convencida de uma coisa: ela está certa e eu, errada. E como tentei alertá-la sobre todos os perigos, sobre *ele*, Damen não pode me censurar pelo que digo em seguida: — Tudo bem, acredite no que quiser, mas me faça um favor: se vai insistir em andar com Roman, tudo o que peço é que sempre use seu amuleto. É sério, nunca tire. Para nada. E…

Ela me olha, sobrancelhas erguidas, desesperada para sair do carro e se afastar de mim.

— E se está falando sério sobre me compensar por ter transformado você em imortal…

Nossos olhares se encontram.

— Então, Roman tem algo que realmente preciso que você pegue.

— Como foi?

Damen abre a porta antes de eu bater. Seu olhar é profundo e intenso enquanto me acompanha até a saleta, onde me jogo no sofá aveludado e chuto as sandálias para longe. Tomo cuidado para não olhar em seus olhos quando ele se senta na almofada a meu lado. Normalmente tenho vontade de passar o resto da eternidade apenas olhando para ele, observando os belos traços, as maçãs do rosto bem-esculpidas, os lábios sedutores, a curva das sobrancelhas, os cabelos escuros e ondulados e os cílios grossos — mas não hoje.

Hoje prefiro olhar para qualquer outra coisa.

— Contou para ela? — Ele passa os dedos pelo contorno de meu rosto, pela minha orelha, e seu toque me provoca intenso formigamento e me enche de calor, apesar do véu de energia que paira entre nós. — O cupcake funcionou como distração, do jeito que você esperava? — Seus lábios mordiscam a pontinha de minha orelha antes de descerem pelo pescoço.

Encosto nas almofadas, fechando os olhos e fingindo cansaço. Mas a verdade é que não quero que ele me *veja*, que me observe com muita atenção. Não quero que sinta meus pensamentos, minha essência, minha energia, esse pulso estranho que se agita dentro de mim nos últimos dias.

— Não muito. — Suspiro. — Ela praticamente ignorou o cupcake. Acho que agora é como nós, em vários sentidos. — Percebo o peso de seu olhar enquanto me observa intensamente.

— Pode explicar melhor?

Eu me afundo ainda mais no sofá e jogo a perna sobre a dele, diminuendo o ritmo da respiração enquanto me acomodo no calor de sua energia.

— Ela já está em um nível muito avançado. Já está com toda a aparência, sabe? Aquela aparência misteriosa e perfeita dos imortais. Até escutou meus pensamentos. Precisei bloquear minha mente. — Franzo a testa e balanço a cabeça.

— *Misteriosa?* É assim que você vê? Que você *nos vê*? — indaga ele, claramente perturbado por minhas palavras.

— Bem… não exatamente *misteriosa.* — Faço uma pausa e me pergunto por que escolhi esse termo. — É mais como… *não normal*. Quer dizer, duvido até que as top models sejam tão perfeitas o tempo todo. Sem contar que não sei o que vamos fazer se ela crescer dez centímetros de um dia para o outro, como aconteceu comigo. Como poderíamos explicar isso?

— Do mesmo jeito que fizemos com você — ele diz, com os olhos apertados, cauteloso, mais interessado nas palavras que não estou dizendo do que no que acabei de falar. — Bem, diremos que foi um surto de crescimento. Não são tão raros entre os mortais, sabia? — Ele levanta a voz em uma fraca tentativa de indiferença que não funciona muito bem.

Desvio o olhar, observando a estante lotada, cheia de primeiras edições de livros com capa de couro, as pinturas abstratas, a maioria delas originais e de valor inestimável, sabendo que ele está atento a mim. Ele sabe que algo está acontecendo, mas espero que não consiga perceber o quanto é grave, perceber que estou apenas dizendo as palavras, seguindo com a maré, sem me envolver de verdade em nada disso.

— E então… ela odeia você, como temia? — ele pergunta com a voz firme, grave, ligeiramente indagadora.

Olho para ele, para essa criatura bela e gloriosa que me amou pelos últimos quatrocentos anos e

continua a me amar não importa quantos erros estúpidos eu cometa, não importa quantas vidas eu estrague. Suspiro, fechos os olhos e materializo uma única tulipa vermelha, que entrego logo a ele, indicando não apenas nosso amor eterno, como também o vencedor da aposta que fizemos.

— Você estava certo. Você ganhou. — Balanço a cabeça, lembrando a reação dela, exatamente como ele havia previsto. — Ela está mais do que eletrizada. Não sabe como me agradecer. Está se sentindo uma estrela do rock. Não, esqueça o que eu disse, *mais* do que uma estrela do rock. Ela se sente uma estrela do rock *vampiresca*. Mas, você sabe, sem a parte nojenta de chupar sangue e dormir em um caixão. — Balanço a cabeça e rio de mim mesma.

— Como uma morta-viva? — Damen contrai os músculos, não gostando nem um pouco da analogia. — Não sei como me sinto a respeito disso.

— Ah, deve ser só um efeito colateral de sua fase gótica recente. Essa empolgação deve diminuir mais cedo ou mais tarde. Sabe? Quando ela cair na real.

— É assim para você? — ele pergunta, colocando o dedo sob meu queixo, para me fazer olhar novamente para ele. — A empolgação está diminuindo, ou… já *acabou*? — Seu olhar é profundo, consciente, sintonizado com cada mudança em meu humor. — É por isso que está achando tão difícil me encarar agora?

— Não! — Balanço a cabeça, pois sei que fui descoberta e estou desesperada para negar. — Só estou… *cansada*. Tenho me sentido um pouco… *tensa* ultimamente, só isso. — Chego mais perto, enterrando o rosto entre seu ombro e seu pescoço, bem ao lado do cordão com o amuleto. Aquela sensação aguda de *inquietação* que venho sentindo há dias se dissolve, derrete quando sinto seu perfume almiscarado. — Por que todos os momentos não podem ser assim? — murmuro, sabendo que o que realmente quis dizer é: por que *eu* não posso ser sempre assim, *sentir-me* sempre assim?

Por que tudo está mudando?

— Mas pode. — Ele dá de ombros. — Não há motivos para não ser assim.

Eu me afasto e olho em seus olhos.

— Ah, eu consigo pensar em pelo menos dois motivos muito bons.

Aponto com a cabeça para Romy e Rayne, as gêmeas-estorvo pelas quais somos responsáveis, assim que descem as escadas. São idênticas — cabelos lisos e escuros, franjas cortadas a navalha, pele pálida e grandes olhos escuros —, mas se vestem de modo completamente diferente. Romy usa vestido de verão cor-de-rosa de tecido atoalhado e chinelos que combinam, enquanto Rayne está descalça e toda vestida de preto, com Luna, a gatinha preta, no ombro. As duas sorriem felizes para Damen e olham para mim com cara feia, sérias como sempre, praticamente a única coisa que *não* mudou por aqui.

— Elas vão mudar — diz ele, querendo acreditar e desejando que eu acredite nisso também.

— Não, não vão. — Suspiro, procurando meus chinelos. — Mas sei que têm os motivos delas. — Calço os chinelos e olho para ele.

— Já vai embora?

Faço que sim com a cabeça, evitando seu olhar.

— Sabine está preparando o jantar, Munoz vai lá em casa, é um *lance de aproximação*. Ela quer que a gente se conheça melhor. Sabe como é… menos professor de escola e mais futuro parente. — Dou de ombros, percebendo no mesmo instante que deveria tê-lo convidado. É extremamente grosseiro não incluí-lo. Mas a presença de Damen apenas atrapalharia meus *outros* planos para a noite. Aqueles dos quais ele talvez desconfie, mas que jamais poderá testemunhar. Especialmente depois de deixar tão claros seus sentimentos a respeito de minha investida em magia. Emendo em tom

esquisito: — Então… *sabe como é*... — E deixo como está, no ar, já que não tenho ideia de como continuar.

— E Roman?

Respiro fundo quando nos entreolhamos. O momento que eu vinha evitando chegou.

— Você alertou Haven? Disse o que ele fez?

Confirmo, lembrando-me do discurso que treinei no carro no caminho para a casa dele, sobre Haven talvez ser nossa melhor chance de conseguir o que precisamos de Roman, e esperando que soe melhor aos seus ouvidos do que soou aos meus.

— E…?

Limpo a garganta, permitindo-me isso, nada mais.

Ele espera que eu continue, com a paciência de seiscentos anos estampada no rosto, enquanto abro a boca para começar a falar, mas não consigo. Ele me conhece muito bem. Então, apenas encolho os ombros e suspiro, sabendo que palavras não são necessárias, pois a resposta está visível em meus olhos.

— Entendo. — Ele faz um gesto positivo com a cabeça, calmo, sem um traço de julgamento, o que me deixa um pouco desapontada. Se eu estou me julgando, por que ele não está?

— Mas… não é o que você está pensando — digo. — Não é que eu não tenha tentado alertar Haven, mas ela não queria me ouvir. Então pensei: que droga! Já que ela vai insistir em ficar com Roman, qual é o problema de tentar roubar o antídoto enquanto isso? Sei que você acha errado, acredite, já conversamos sobre isso, mas ainda não acho que seja um problema tão grande assim.

Ele olha para mim com o rosto calmo, imóvel, sem deixar transparecer nada.

— Além disso, não temos prova de que ele ia deixar Haven morrer. Bem, ele tinha o antídoto, sabia qual seria a minha escolha. Mas, mesmo que eu tivesse feito o contrário do que ele pensou, como podemos saber se ele próprio não ia usar o elixir? — Respiro fundo, sem conseguir acreditar que estou usando o argumento de Haven, o mesmo que refutei há pouco. — E, então… talvez ele tivesse tentado distorcer tudo! Sabe? Dizer que nós estávamos preparados para deixar que ela morresse e fazer com que Haven ficasse contra *nós*! Já parou para pensar *nisso*?

— Não. Acho que não — Damen responde, com olhos semicerrados e expressão pensativa no rosto.

— E não é que eu não vá monitorar a situação, porque eu vou. Vou garantir que ela fique segura. Mas ela tem livre-arbítrio, não podemos ficar escolhendo os amigos dela, então pensei, sabe, quando em Roma… e tudo mais… como dizem…

— Mas e os sentimentos românticos que Haven nutre por Roman? Considerou isso?

Dou de ombros e digo com uma convicção que não tenho de verdade:

— Ela costumava ter *sentimentos* por você também, lembra? E parece que superou bem rápido. E não se esqueça de Josh, o cara que ela estava convencida de que era a alma gêmea dela e que foi dispensado por causa de uma gatinha. E agora que ela está em posição de ter praticamente qualquer coisa ou qualquer um que quiser… — Faço uma pausa, mas apenas por um instante, sem que ele tenha tempo suficiente para reagir. — Sei que Roman vai perder a graça e cair no conceito dela. Sei que Haven pode parecer meio frágil, mas na verdade ela é muito mais durona do que você pensa.

Eu me levanto, indicando o fim da conversa. O que está feito está feito, e não quero que ele faça nem diga nada que me leve a duvidar de minha posição sobre o relacionamento de Haven e Roman mais ainda.

Ele hesita, olhando para mim, analisando, e então se levanta rapidamente, pega minha mão e me leva até a porta, onde pressiona os lábios contra os meus. Demorando, fundindo, empurrando, misturando, ambos tentando manter o beijo pelo máximo de tempo possível, nenhum dos dois querendo se afastar primeiro.

Chego mais perto dele, os contornos de seu corpo um pouco esmaecidos por causa do sempre presente véu de energia que paira entre nós. O peito largo, a depressão do torso, cada centímetro dele se encaixa tão bem em mim que é quase impossível dizer onde ele termina e eu começo. Fico desejando que o beijo faça o impossível: desfaça meus erros, o modo estranho como me sinto, e expulse a nuvem negra e furiosa que ultimamente me persegue por todos os lugares.

— Preciso ir — sussurro, sendo a primeira a quebrar o encanto, ciente do calor que aumenta entre nós, esse impulso incendiário, uma lembrança dolorosa de que, pelo menos por enquanto, não podemos ultrapassar este ponto.

Assim que me acomodo no carro e Damen volta para dentro de casa, Rayne aparece, ainda com Luna sobre o ombro, e a irmã gêmea ao lado.

— Esta é a noite. A lua está mudando de fase — diz ela com os olhos semicerrados, os lábios comprimidos. Não precisa dizer mais nada, todas sabemos o que significa.

Confirmo com a cabeça e engato a marcha a ré, pronta para sair da garagem, e ela acrescenta:

— Sabe o que fazer, não é? Lembra-se do nosso plano?

Confirmo novamente, odiando o fato de estar nessa posição, ciente de que, se depender delas, serei lembrada disso para sempre.

Ao sair com o carro, ouço seus pensamentos me perseguirem, entrarem em minha mente, dizendo: *É errado usar magia para fins egoístas e desprezíveis. Há um carma a pagar, e isso vai voltar para você multiplicado por três.*

quatro

A primeira coisa que vejo quando paro na entrada de casa é o Prius prata de Munoz, o que praticamente me faz querer dar meia-volta e ir para qualquer outro lugar. Mas não vou. Apenas suspiro e entro na garagem, consciente de que não tenho escolha a não ser encarar a situação.

Encarar o fato de que minha tia/tutora legal está se apaixonando de verdade por meu professor de história.

Encarar o fato de que é mil vezes melhor sentar-me com ele à mesa do *jantar* do que à mesa do *café da manhã*. Se as coisas continuarem progredindo no ritmo em que estão, é apenas questão de tempo até que seja: *Adeus, sr. Munoz, olá, tio Paul!* Eu já *vi*. Está confirmado. Agora estou apenas esperando que eles percebam também.

Entro pela porta lateral, andando na ponta dos pés, esperando conseguir chegar a meu quarto sem ser vista, para que possa ter algum tempo para mim mesma — tempo do qual preciso desesperadamente para organizar algumas ideias.

Estou pronta para correr escadaria acima quando Sabine aparece e diz:

— Ah, que bom! Achei mesmo que tivesse escutado seu carro na garagem. Vamos jantar daqui a meia hora, mas por que não entra e bate um papo conosco antes?

Tento olhar por cima de seu ombro em busca de Munoz, mas, graças à parede que nos separa da saleta, tudo o que consigo ver é um par de sandálias de couro masculinas apoiado no pufe, parecendo tão relaxadas e casuais como se não pertencessem a nenhum outro lugar que não fosse exatamente aquele. Volto a olhar para ela, observo os cabelos louros na altura do ombro, o rubor na face, os olhos azuis brilhando, e renovo minha promessa de ficar feliz por ela estar feliz, mesmo sem estar nem um pouco empolgada com as razões de sua felicidade.

— Desço em um minuto — digo, forçando um sorriso. — Só vou lavar o rosto… e tudo mais… — Meu olhar volta para Munoz, e sou incapaz de desviá-lo, não importa o quão perturbadora seja a visão. Sério! Só porque é verão não significa que preciso ficar olhando para os pés de um professor em minha própria casa.

— Certo, só não demore muito. — Ela começa a se virar, com os cabelos balançando sobre os ombros, e acrescenta: — Ah, quase esqueci, isso chegou para você.

Ela pega um envelope creme na mesinha lateral e me entrega. Vejo as palavras MÍSTICA E RAIO DE LUAR impressas em roxo no alto e meu nome e endereço escritos com a letra angulosa de Jude na frente.

Fico ali parada, olhando, sei que poderia pegá-lo, colocar minha mão sobre ele e intuir o conteúdo sem precisar abrir. Mas não quero tocar naquele envelope, não quero ter nada a ver com aquilo, com meu antigo emprego, nem com Jude, o chefe que, por acaso, teve um papel significativo em praticamente todas as minhas vidas, reaparecendo repetidamente e sempre conseguindo me conquistar até Damen aparecer e me levar embora. Um triângulo amoroso de séculos que terminou no instante em que vi sua tatuagem de uróboro na noite de quinta-feira passada.

Mesmo Damen alegando que muitas pessoas têm esse tipo de tatuagem, que seu significado original nada tem de cruel, que foram Roman e Drina que atribuíram esse sentido a ela, não posso arriscar que ele esteja errado.

Não posso confiar que Jude não seja um *deles*, quando tenho certeza absoluta de que é.

— Ever? — Sabine inclina a cabeça e faz aquela cara de sempre que diz: *Não importa quantos*

livros eu leia sobre o assunto, os adolescentes continuam sendo alienígenas para mim. Uma cara que conheço muito bem.

Uma cara que me obriga a pegar o envelope de sua mão, segurando-o cuidadosamente pela beirada enquanto dou um sorriso falso e começo a subir as escadas. Minhas mãos tremem e o corpo sacode enquanto o conteúdo se revela na forma de um cheque que mereço, sem dúvida, mas que não tenho a intenção de descontar, junto com um breve bilhete pedindo o favor de avisar se pretendo voltar ao trabalho, pois, em caso negativo, ele precisa contratar outra médium para me substituir.

Só isso.

Sem: *Que diabos aconteceu?*

Nem: *Por que você estava quase me beijando e depois me jogou nos móveis do outro lado do jardim?*

Mas ele já sabe. Sempre soube. E embora eu possa não saber o que ele está tramando, certamente está tramando *algo*. Ele pode estar na minha frente no jogo neste momento, mas, sem que ele saiba, estou prestes a alcançá-lo.

Jogo o envelope no lixo, imaginando que a ausência de uma resposta deva ser resposta suficiente. Direciono-o em uma coreografia complicada de voltas e círculos, fazendo um número oito impecável, antes de deixá-lo cair devagar, praticamente sem fazer barulho. Entro no closet e pego a caixa que está na última prateleira, onde fica meu material, tudo de que preciso para desfazer o que fiz.

É o momento certo, um novo começo, a oportunidade perfeita (a *única* oportunidade, segundo Romy e Rayne) de desfazer o feitiço que fiz sem querer quando acidentalmente invoquei o auxílio dos poderes sombrios. A lua está se tornando cheia, o que significa que a deusa está ascendendo, enquanto Hécate, aquela a quem chamei por engano antes, desce ao submundo, onde passará um mês, quando um novo ciclo se iniciará.

Apanho a caixa, pego as velas, os cristais, as ervas, os óleos e os incensos de que necessito, e demoro um momento para organizá-los direitinho na ordem em que serão usados. Depois tiro a roupa e entro na banheira para o banho que dá início ao ritual, levando um sachê de angélica para proteger e remover o feitiço, zimbro para expulsar as entidades negativas e arruda para ajudar na cura, nos poderes mentais e na quebra das maldições, junto com algumas gotas de óleo essencial de laranja-da-terra, que promete banir o mal e remover toda a negatividade. Deito até meus pés alcançarem o outro lado da banheira e a água me cobrir, pego alguns cristais de quartzo das bordas e jogo-os lá dentro, enquanto entoo:

Reivindico meu corpo e torno-o puro
Para que a magia envolva meu futuro
Meu espírito renascido está pronto para voar
Permitindo à minha magia a noite conquistar

Mas, diferentemente da última vez que fiz o ritual, não vejo Roman diante de mim. Não quero vê-lo até estar pronta, até que seja absolutamente necessário. Até que seja realmente a hora de desfazer o que fiz.

Qualquer antecipação é um risco que não posso correr.

Desde que os sonhos começaram, não posso mais confiar em mim mesma.

A primeira noite em que acordei ensopada de suor frio e pegajoso, com imagens de Roman ainda

dançando em minha cabeça, tive certeza de que era apenas um resultado da noite terrível que tivera — descobrir a verdade sobre Jude, transformar Haven ao dar a ela o elixir. Mas o fato de terem voltado todas as noites, desde então, o fato de as imagens invadirem não só meus sonhos noturnos, como também meus devaneios diurnos, o fato de estarem acompanhadas desse pulso intruso e estranho que me arranha constantemente por dentro, bem, isso basicamente me convenceu de que Romy e Rayne estão certas.

Apesar de ter me sentido perfeitamente bem logo após completar o feitiço, depois, quando tudo começou a se revelar, ficou bem claro que os danos que causei não eram nada pequenos.

Em vez de amarrar Roman a mim, eu me amarrei a ele.

Em vez de ele me procurar para cumprir minha ordem, eu é que estou procurando-o descarada e desesperadamente.

Algo que Damen *nunca* pode saber. Ninguém pode saber. Isso não apenas prova o alerta que ele já havia feito sobre o lado ruim da magia, ao insistir que não era algo para brincadeira e que amadores que se envolvem muito rapidamente quase sempre deixam o poder subir à cabeça, como também pode ser o fim da paciência que ele tem comigo.

Pode ser a gota d'água.

Tomo fôlego e afundo ainda mais, gostando de como a água bate em meu queixo enquanto absorvo todas as energias de cura que as pedras e as ervas devem me fornecer, ciente de que é apenas uma questão de tempo até que eu me livre dessa obsessão maldita e coloque tudo nos eixos. E quando a água começa a esfriar, esfrego todos os centímetros quadrados de pele, esperando eliminar essa nova versão manchada de mim e recuperar a antiga. Depois, saio da banheira e visto meu robe branco de seda com capuz, amarrando a faixa de modo confortável enquanto volto para o closet e pego meu athame. O mesmo que Romy e Rayne criticaram, dizendo que era afiado demais, que sua intenção deveria ser cortar energia, e não matéria, que eu havia feito tudo errado, e me pediram para derretê-lo e entregar a elas o metal solidificado, para que pudessem completar o ritual de expulsão, já que não confiariam uma tarefa tão complexa a uma novata desorientada como eu.

Embora tenha concordado em queimá-lo diante delas, passando a lâmina várias vezes pela chama em um tipo de santificação mágica, ignorei o restante do plano, convencida de que estavam apenas aproveitando a chance de me fazer mais ainda de boba. Quer dizer… se o verdadeiro problema foi eu ter feito um feitiço em noite de lua negra, que diferença uma simples faca poderia fazer?

Mas, dessa vez, só por segurança, acrescento algumas pedras a mais a seu cabo, adornando-o com lágrimas de apache para proteção e sorte (que as gêmeas estão convencidas de que preciso), heliotrópio para coragem, força e vitória (sempre uma boa combinação) e turquesa para cura e fortalecimento dos chacras (aparentemente, meu chacra da garganta, o centro do discernimento, sempre foi um problema para mim). Então, salpico um punhado de sal na lâmina antes de passá-la pela chama de três velas brancas, invoco os elementos fogo, ar, água e terra, para levar embora toda a sombra e deixar apenas a luz, expulsar o mal e intimar o bem. Repito o canto três vezes antes de apelar aos mais elevados poderes mágicos para me certificar de que está feito. Dessa vez estou certa de que invoquei os poderes mágicos *certos*, a deusa, em vez de Hécate, a rainha do mundo inferior com três cabeças e cabelos de serpente.

Purifico o espaço enquanto dou três voltas ao redor dele, com o incenso em uma das mãos e o athame na outra, erguendo o círculo mágico ao visualizar uma luz branca fluindo através de mim, começando no topo de minha cabeça e passando pelo corpo, descendo pelo braço, para o athame, até o chão. Entrelaçando-se, fazendo curvas e formando círculos, estimulando pequenos raios da mais

branca luz a se enroscar, crescer e chegar cada vez mais alto, até se juntarem em um só. Então me vejo coberta por um casulo prateado, uma rede complexa de luz muito clara e cintilante que me envolve.

Ajoelho no chão, no espaço purificado e sagrado, com a mão esquerda erguida, enquanto passo a lâmina por minha linha da vida, respiro fundo, afundo a ponta na carne e vejo um grande volume de sangue escorrer. Fecho os olhos e materializo rapidamente Roman sentado de pernas cruzadas diante de mim, tentando-me com seus olhos azuis profundos e um sorriso amplo e convidativo. Luto para ignorar sua impressionante beleza, seu encanto inegável e ir direto ao cordão ensopado de sangue amarrado em seu pescoço.

Um cordão ensopado com meu sangue.

O mesmo cordão que pendurei ali na última quinta-feira à noite, quando fiz um ritual similar, que parecia ter funcionado até que tudo deu errado. Mas dessa vez é diferente. Minha intenção é diferente. Quero meu sangue de volta. Quero me *desamarrar*.

Apresso-me a entoar o canto antes que ele desapareça:

Desfaço esse nó
Para acabar com essa magia de uma vez só
Onde antes o cordão estava amarrado e apertado
Agora reverto, para deixar tudo acertado
Sua influência é frouxa, não tem mais poder
Desamarro esse cordão para livre ser
Que a ninguém prejudique ao ser mandado para bem distante
E que a mudança consolide-se agora, neste instante
Essa é minha vontade, minha palavra, meu desejo — e que assim seja!

Estreito os olhos diante da ventania que entra no círculo, empurrando até o limite as paredes da rede que me envolve, enquanto um raio cai e um trovão ruge no alto. Estou com a palma da mão levantada, aberta, pronta, meu olhar está fixo no *dele* enquanto afrouxo mentalmente o nó em seu pescoço e chamo o sangue de volta para mim.

De volta para sua origem.

De volta para onde é seu lugar.

Arregalo os olhos de empolgação quando ele se move na direção de minha mão ferida, o cordão em seu pescoço ficando mais leve, mais branco, até que se torna limpo e puro como no dia em que tudo começou.

Mas, quando estou pronta para expulsá-lo para sempre, para me livrar dessa maldita amarração, aquele pulso intruso e repugnante se contorce em minhas entranhas com tanta força, tanta determinação, atacando-me tão rapidamente que não consigo detê-lo.

O monstro dentro de mim está agora totalmente acordado, crescendo, expandindo-se, exigindo matar sua fome insistente e palpitante. Faz meu coração acelerar violentamente, meu corpo começar a tremer, e não importa o quanto eu lute, é inútil. Sou refém de sua ânsia, prisioneira de seus desejos, não tenho importância alguma. Meu único propósito é satisfazer todos os seus desejos, certificar-me disso.

Observo, indefesa, enquanto o ciclo se repete mais uma vez. Meu sangue se agita, ensopando o

cordão que está no pescoço de Roman, até que fica vermelho e pesado, pingando e deixando um rastro pegajoso de mim em seu peito. E não importa o que eu faça, não importa o quanto eu tente, não há como impedir.

Não há como impedir o encanto inegável de seu olhar.

Não há como impedir que meus membros se rendam aos dele.

Não há como impedir esse feitiço que me amarra a ele.

Seu corpo é como um ímã que busca apenas a mim, reduzindo o pequeno espaço entre nós em menos de um segundo. E, agora, com nossos joelhos bem juntos, nossa testa unida, estou indefesa, impotente, incapaz de conter esse anseio insuportável por *ele*.

Ele é tudo o que vejo.

Tudo de que preciso.

Meu mundo inteiro está resumido ao espaço entre o olhar dele e o meu. Seus lábios úmidos e sedutores estão a apenas um passo de distância, e esse intruso ousado e insistente, esse pulso estranho e misterioso, impulsiona-me para a frente, desejando que fiquemos integrados, unidos, juntos como um só.

Meus lábios vão na direção dos dele, chegando perto, cada vez mais perto, quando, de algum lugar profundo, algum lugar que não consigo alcançar, vem a lembrança de Damen, seu cheiro, sua imagem. Não mais do que um breve raio de luz no meio de toda essa escuridão, mas ainda assim o suficiente para me lembrar de *quem* eu sou, *o que* eu sou, a *verdadeira* razão pela qual estou aqui.

Apenas o suficiente para me livrar dessa cena irreal e gritar:

— *Não!*

Afasto-me, livrando-me dele — *disso*. Movimento-me tão rápida e violentamente que a rede a meu redor se rompe, as velas se apagam e Roman some de meu campo de visão. O único vestígio do que acabou de acontecer é meu coração disparado, o robe sujo de sangue e as palavras que ainda reverberam em minha garganta:

— Não, não, não, não, não, ai, meu Deus, por favor, não!

— Ever?

Olho em volta, agarrando meu robe de seda branco, agora manchado para sempre, esperando que ela vá embora e me dê um pouco de privacidade, ou pelo menos tempo suficiente para entender…

— Ever? Está tudo bem aí dentro? O jantar está quase pronto. Não vai descer?

Tudo bem. Já vou… — Fecho os olhos, sumo rapidamente com o robe e materializo um vestido azul simples. Não tenho ideia do que fazer agora, de que caminho tomar. Mas uma coisa está clara: não posso contar a Romy nem a Rayne. Elas já testemunharam minha última tentativa frustrada, e eu nunca vou me perdoar por essa. Além disso, são muito próximas a Damen, e ele nunca me perdoaria.

— Desço em um segundo, é sério! — digo, sentindo sua energia do outro lado da porta, pensando se deve ou não entrar.

— Cinco minutos! — ela alerta, com a voz resignada. — Senão eu mesma venho até aqui para buscar você!

Fecho os olhos e balanço a cabeça, enfio os pés nos chinelos enquanto passo os dedos nos cabelos. Cuido para que tudo pareça limpo e imaculado por fora, porque por dentro, sem dúvida, as coisas mudaram para bem pior.

cinco

Saio pelo portão lateral e vou para a rua. Ouço a conversa animada de Sabine e Munoz, que riem e aproveitam o final do vinho à beira da piscina, ficando para trás enquanto saio correndo. Tomo cuidado para equilibrar o ritmo, nem muito rápido nem devagar demais, para não atrair atenção indevida de alguém que possa estar vendo.

Já fora ruim o suficiente ter de explicar para Sabine. Especialmente depois de ter acabado de engolir três quartos de um peito de frango assado, um pouco de salada de batatas, um milho inteiro na espiga e um copo e meio de refrigerante sem estar nem um pouco interessada em nada disso, e, no fim, ainda levantar novas suspeitas.

Sua voz ficou alta e aguda, completamente alerta, quando disse: "*Agora?* Mas vai *escurecer* logo… e você acabou de *comer*!" Ela me observou com os olhos atentos de sempre e formou uma nova hipótese para si: *bulimia nervosa por exercícios!*

Após descartar a anorexia e a bulimia para explicar meu comportamento estranho e os hábitos alimentares mais estranhos ainda, ela agora está pensando em algo novo, e não há dúvidas de que vai acrescentar à sua programação para o fim de semana uma passada nos corredores de autoajuda da livraria local.

Eu queria poder explicar, sentar-me com ela e dizer:

— Relaxe. Não é nada do que está pensando. Sou imortal. O suco é só o que preciso para sobreviver. Mas neste momento estou com um probleminha de feitiço para resolver, então… *não me espere acordada*!

Mas isso nunca vai acontecer. Não *pode* acontecer. Damen foi claro sobre manter nossa imortalidade em segredo. E depois de ver o que acontece quando cai em mãos erradas, devo dizer que concordo com ele cem por cento.

Mas manter esse segredo tem sido um de meus maiores desafios, é aí que entra a corrida. Agora sou oficialmente (pelo menos para Sabine e Munoz) uma menina que veste short, camiseta e tênis e sai para correr à noite.

Uma desculpa boa e saudável para sair de casa e ficar longe de Munoz, de quem não consigo deixar de gostar como pessoa, embora nunca tenha pretendido conhecê-lo como tal.

Uma desculpa boa e saudável para ficar longe de uma tia que é tão gentil, atenciosa e prestativa — não consigo deixar de me sentir a pior sobrinha do mundo pelo transtorno que causei.

Uma desculpa boa e saudável para me afastar de duas pessoas maravilhosas e de bom coração, para que possa me entregar a uma obsessão muito mais sombria e nada saudável.

Uma obsessão que se apossou de mim.

Uma obsessão que estou determinada a combater.

Viro à esquerda na rua seguinte, notando que os carros, o asfalto, as calçadas, as janelas, tudo está colorido com aquele dourado lustroso que o finzinho da hora mágica traz, o resultado da primeira e da última hora de luz solar, quando tudo parece mais suave, mais caloroso, banhado da névoa vermelha do sol. Meus músculos se contraem, os pés se movem com rapidez, ganhando velocidade, mesmo quando sei que seria melhor ir mais devagar — é muito perigoso, muito arriscado, alguém poderia ver, mas, ainda assim, continuo. Não consigo parar. Não sou mais a pessoa que me controla.

Concentrada em meu destino como a agulha de uma bússola, todo o meu ser está focado em um

único ponto. Carros, casas, pessoas, tudo que me cerca é reduzido a um borrão alaranjado enquanto percorro rua após rua. Meu coração bate acelerado no peito, mas não pela corrida ou pelo esforço, porque a verdade é que mal comecei a suar.

Essa energia dentro de mim é por causa da proximidade.

Do simples fato de estar próxima…

Chegando perto…

Quase lá.

Como o canto de uma sereia me chamando para uma ruína incerta, e eu não pareço estar indo rápido o suficiente.

No momento em que vejo o local, paro. Estreito o olhar como se tudo o que me cerca deixasse de existir. Fico olhando para a porta de Roman enquanto desejo que a besta recue. Renovo minha determinação de superar esse pulso estranho que bate dentro de mim; quero apenas entrar, casual e tranquilamente, e confrontá-lo de uma vez por todas para colocarmos um fim em tudo isso.

Obrigo-me a respirar fundo enquanto reúno as forças necessárias. Estou prestes a dar o primeiro passo quando ouço meu nome sendo chamado por uma voz que esperava nunca mais ouvir.

Ele vem em minha direção, com a cabeça inclinada para o lado, desencanado e casual como uma brisa de verão. Seu braço esquerdo está enfaixado e apoiado em uma tipoia azul-marinho. Ele para bem perto de mim, posicionando-se propositalmente fora de meu alcance, e diz:

— O que você está fazendo?

Engulo em seco, aliviada por sentir o pulso diminuindo, recuando, e ainda surpresa ao perceber que meu primeiro instinto não é correr, não é terminar o que comecei e colocar o que sobrou dele em uma tipoia também… mas *mentir*. Inventar qualquer desculpa para explicar por que estou boquiaberta, irritada, praticamente salivando, bem em frente à loja de Roman.

— O que *você* está fazendo? — Estreito os olhos, reduzindo-os a frestas, mal conseguindo enxergá-lo. Sei que não pode ser coincidência encontrá-lo aqui também. Afinal, eles são bons amigos, membros da mesma tribo de imortais perigosos. — Ah, a propósito, bela tipoia a sua! — Aponto para o braço supostamente machucado, o que provavelmente serve como um bom disfarce para aqueles que não sabem de nada. Pena que eu sei.

Ele olha para mim, balançando a cabeça e esfregando o queixo, com a voz firme, calma, *quase* convincente, e diz:

— Ever, você está bem? Não está parecendo muito bem…

Balanço a cabeça e reviro os olhos.

— Bela tentativa, Jude, devo admitir — digo. Diante de sua expressão de *que diabos você está dizendo?*, respondo: — Sério. Fingir estar preocupado comigo, fingir estar machucado, está pronto para seguir com isso até o fim, não está?

Ele franze a testa, com a cabeça inclinada de um modo que faz com que alguns de seus *dreadlocks* castanho-dourados caiam pelos ombros e fiquem a poucos centímetros da cintura. Seu rosto ilusoriamente gracioso e amigável está contraído e sério quando ele diz:

— Pode acreditar, eu não estou fingindo. Bem que gostaria. Lembra quando me pegou como um *frisbee* e me jogou em seu jardim? — Ele aponta para o braço. — *Este* é o resultado. Várias contusões, um rádio fraturado e falanges bastante prejudicadas. Pelo menos foi o que o médico disse.

Eu suspiro e balanço a cabeça. Não tenho tempo para esse tipo de brincadeira. Preciso falar com Roman, mostrar a ele que não pode me controlar, que ele não significa *nada* para mim, mostrar quem

é que manda aqui. Estou certa de que ele é parcialmente responsável pelo que está acontecendo comigo, e preciso convencê-lo a me dar o antídoto e colocar um ponto final nesse jogo.

— Sei que tudo isso parece muito plausível para a maioria das pessoas, mas, para seu azar, eu não faço parte dessa maioria. Eu sei das coisas. E a verdade é que você *sabe* que eu sei. Então vamos direto ao ponto, certo? *Os perigosos não se machucam*. Pelo menos não por muito tempo. Têm capacidade de cura instantânea, mas disso você já sabia, não é?

Ele olha para mim, confuso, e dá um passo para trás. A verdade é que ele realmente parece perplexo, devo admitir.

— Do que você está falando? — Ele olha em volta antes de se concentrar novamente em mim. — *Perigosos?* Isso é sério?

Eu suspiro, tamborilando os dedos no quadril, e digo:

— Hum, alô-*ou*? *Membros maus da tribo de Roman?* Isso não quer dizer nada para você? — Balanço a cabeça e reviro os olhos. — Não finja que não é um deles. Eu vi sua tatuagem.

Ele continua a olhar com aquela mesma expressão confusa e perplexa estampada no rosto. E tudo o que consigo pensar é: *Ainda bem que ele não é ator, porque atua muito mal.*

— Hum, alô-*ou*? O *uróboro*? *Nas suas costas?* — Reviro os olhos. — Eu *vi*. Você *sabe* que eu vi. Provavelmente *queria* que eu visse, senão, por que teria me convencido a entrar na jacuzzi com… — Balanço a cabeça. — Não importa, digamos que aquilo me revelou praticamente tudo o que eu precisava saber. Tudo o que, pelo visto, você *queria* que eu soubesse. Então, fique à vontade para parar com esse joguinho a qualquer hora, eu já sei de tudo.

Ele fica parado diante de mim, coçando o queixo com a mão boa enquanto seus olhos vasculham a área, como se estivesse procurando ajuda. *Como se isso fosse ajudá-lo*.

— Ever, tenho essa tatuagem há séculos… Na verdade, eu…

— Ah, eu aposto que sim. — Confirmo com a cabeça, recusando-me a deixá-lo terminar. — Então me diga: há quanto tempo Roman transformou você? Em que século pode ter sido? Século XVIII, XIX? Vamos, pode me contar. Mesmo que tenha sido há muito tempo, tenho certeza de que ninguém esquece um momento como esse.

Ele aperta os lábios, fazendo as covinhas aparecerem, mas isso não me distrai; esse tipo de coisa não funciona mais. Não que algum dia tenha funcionado…

— Olhe só — diz ele, lutando para manter a voz baixa e firme, embora sua aura diga tudo ao ficar turva e fragmentada de repente, revelando a real extensão de seu nervosismo. — *Sinceramente*, não tenho ideia do que você está falando. Sério, Ever, caso não consiga se escutar, você está parecendo uma maluca. E a verdade é que, apesar de tudo aquilo, e apesar de tudo *isso* — ele puxa a tipoia —, eu realmente gostaria de ajudar você… mas… bem… você parece estar muito além de qualquer ajuda com essa história de *perigosos* e *transformação* e… — Ele balança a cabeça. — Mas me deixe fazer só uma pergunta: se o tal de Roman é tão mau quanto diz, por que você está à espreita na frente da loja dele, toda irritada e raivosa como um cachorro?

Alterno o olhar entre ele e a porta, com as bochechas ruborizadas, o pulso acelerado, ciente de que fui pega no flagra, mas sem querer admitir.

— Eu não estou à *espreita*… Eu estou… — Pressiono os lábios, perguntando-me por que estou me defendendo quando, obviamente, é ele quem não tem boas intenções. — Além disso, posso fazer a mesma pergunta, já que, odeio ter que dizer, você também está aqui parado. — Eu o observo, notando a pele bronzeada, os dentes da frente ligeiramente tortos, provavelmente mantidos assim de propósito, para confundir as pessoas. Pessoas como eu. E aqueles olhos… aqueles incríveis olhos

verde-água… os mesmos para os quais olhei nos últimos quatrocentos anos. Porém não mais. Não desde que soube que ele é um *deles*. Agora está tudo oficialmente acabado.

Ele dá de ombros e esfrega a tipoia, como se estivesse se protegendo.

— Nada sinistro, estava apenas indo para casa. Só isso. Não sei se você lembra, mas costumamos fechar cedo aos sábados.

Estreito o olhar, nem um pouco iludida. É tudo muito plausível. *Quase* crível. Mas não tanto.

— Eu moro no final desta rua.

Ele aponta para algum lugar desconhecido ao longe, um local que provavelmente nem existe. Mas eu não sigo sua mão. Continuo olhando em seus olhos. Não posso baixar a guarda. Nem mesmo por um segundo. Ele pode ter me enganado antes, mas agora eu sei de tudo. Agora sei o que ele é.

Ele chega um pouco mais perto, devagar, com cautela, cuidando para manter uma distância segura, ainda fora de meu alcance.

— Talvez a gente possa tomar um café, ou alguma outra coisa. Ir para algum lugar tranquilo, onde a gente possa sentar e conversar. Você parece precisar de um descanso. O que me diz?

Continuo analisando-o. Ele é persistente, devo admitir.

— Claro. — Sorrio, concordando com a cabeça. — Eu *adoraria* ir a algum lugar tranquilo, sentar um pouco, tomar um café e desfrutar de um bom e longo *papo*. Mas primeiro preciso provar uma coisa.

Seu corpo fica tenso e sua aura — sua aura *falsa* — estremece, mas eu não acredito.

— Preciso que você prove que não é um *deles*.

Ele estreita os olhos, com uma expressão de preocupação no rosto.

— Ever, não sei do que você está…

Ele se interrompe quando vê o athame em minhas mãos. Com o cabo incrustado com pedras preciosas, é uma réplica exata daquele que usei há algumas horas, imaginando que precisaria de toda sorte e proteção que as pedras podem oferecer, especialmente se a situação tomar o rumo que estou pensando.

— Só há um modo de provar — digo, com a voz baixa e os olhos fixos nos dele, dando um pequeno passo à frente, logo seguido por outro. — E eu vou saber se estiver trapaceando, então nem tente. Ah, e acho que devo avisar que não me responsabilizo pelo que acontecer quando eu provar que está mentindo. Mas não se preocupe, pois, como você bem sabe, vai doer apenas por um segundo…

Ele me vê andando em sua direção, e mesmo tentando ao máximo sair da minha frente, sou muito rápida e vou para cima dele antes que se dê conta.

Pego seu braço bom e enfio o athame na pele, sabendo que é apenas uma questão de segundos até que o sangue pare de jorrar e a ferida se feche.

Apenas uma questão de tempo até…

— *Meu Deus!* — murmura ele, com os olhos arregalados, a garganta seca, vendo-o vacilar, cambalear e quase perder o equilíbrio.

Ele alterna o olhar entre mim e o corte no braço. Ambos ficamos olhando o sangue penetrar em suas roupas e pingar na rua, formando uma poça vermelha cada vez maior.

— Você ficou *louca*? — ele grita. — O que foi que você fez?

— Eu… — Fico boquiaberta, em choque, sem conseguir articular as palavras, sem conseguir tirar os olhos do corte enorme que fiz.

Por que ele não está se curando? Por que ainda está sangrando? Ah, droga!

— Sinto… sinto muito… posso explicar… eu… — Tento chegar perto dele, mas ele se afasta, desajeitado, sem equilíbrio, para longe de mim.

— Olhe aqui — diz ele, pressionando o tecido da tipoia contra o ferimento, tentado estancar o sangue, mas apenas piorando as coisas —, não sei qual é seu problema, ou o que está acontecendo com você, Ever, mas para mim chega. Você precisa ir para bem longe de mim… *agora!*

Balanço a cabeça:

— Deixe eu levar você até o hospital. Tem um pronto-socorro no final da rua… e eu…

Fecho os olhos, materializando uma toalha macia para enrolar no ferimento até encontrarmos ajuda profissional. Noto como ele está pálido e desequilibrado e sei que não temos tempo a perder.

Ignorando seus protestos, passo o braço em volta dele e o levo para o carro que acabei de materializar. O pulso intruso e insistente aquietou-se por enquanto, mas ainda me força a virar para trás e ver que Roman está olhando pelo vidro, com os olhos brilhando e uma risada no rosto enquanto vira a placa da loja de ABERTO para FECHADO.

seis

— Como ele está?

Jogo a revista na mesinha lateral e me levanto. Tomo cuidado para me dirigir à enfermeira, e não a Jude, já que uma rápida olhadela é tudo o que preciso para ver que agora seus dois braços estão enfaixados, sua aura encontra-se vermelha de raiva e, a julgar pelo olhar irritado e cruel, ele claramente quer ficar bem longe de mim.

A enfermeira para, olha de cima a baixo meu 1,73 metro de altura, observando-me com tanto cuidado que não consigo deixar de contrair os músculos e imaginar o que exatamente ele pode ter contado a ela.

— Ele vai ficar bem — diz a enfermeira, com a voz áspera, burocrática, nem um pouco amigável. — O corte foi até o osso, chegou a arranhá-lo, mas não estava infectado. E se ele tomar os antibióticos, vai continuar bem. Ele vai sentir bastante dor, mesmo com os medicamentos que dei, mas, se não fizer esforço e se descansar bastante, estará curado em questão de semanas.

Seu olhar segue para a porta, e eu o acompanho. Bem a tempo de ver dois membros uniformizados da polícia de Laguna Beach virem em minha direção, alternando os olhos entre mim e Jude, e pararem quando a enfermeira faz um gesto afirmativo com a cabeça.

Fico paralisada, engulo em seco, com um nó na garganta enquanto encolho os ombros sob o olhar carregado e hostil de Jude. Sei que mereço toda a sua raiva, mereço ser algemada e levada embora, *mas ainda assim* não achei que ele realmente fosse fazer isso. Não imaginei que chegaria a esse ponto.

— E então? Tem algo para nos dizer? — Eles ficam parados diante de mim, com as pernas afastadas, mãos na cintura, olhos escondidos atrás de lentes espelhadas, observando-me.

Olho para a enfermeira, para Jude e para os policiais, ciente de que me dei mal. Foi nisso que deu. E, apesar da confusão em que me meti, só consigo pensar: *Para quem vou dar meu único telefonema?*

Quer dizer… não posso pedir para Sabine usar sua varinha mágica de advogada e me tirar dessa — ela nunca me perdoaria. Também não posso explicar para Damen. Claramente, é um dilema com o qual preciso lidar sozinha…

Estou prestes a limpar a garganta para dizer algo, *qualquer coisa*, quando Jude intromete-se em nosso meio e diz:

— Eu já contei tudo para ela. — Ele aponta para a enfermeira com a cabeça. — Estava consertando uma coisa em casa e me machuquei. Eu não sabia meus limites. Acho que agora definitivamente vou contratar um faz-tudo. — Ele força um sorriso e se obriga a olhar para mim. Mesmo querendo sorrir de volta, concordar e entrar no jogo, fico tão surpresa com suas palavras, por ter me defendido, que só consigo permanecer parada e boquiaberta.

Os policiais suspiram, obviamente descontentes por terem sido chamados à toa, mas fazem uma última tentativa ao olhar para Jude e perguntar:

— Tem certeza? Tem certeza de que nada mais aconteceu? É maluquice tentar consertar coisas em casa com um braço enfaixado… — Eles olham para nós, obviamente desconfiados, mas aceitam a explicação, já que ele não disse nada.

— Não sei o que dizer. — Jude dá de ombros. — Pode ser maluquice, mas eu simplesmente me machuquei sozinho.

Eles franzem a testa, para ele, para mim, para a enfermeira, depois resmungam alguma frase sobre ele poder mudar sua versão da história e colocam um cartão em seu bolso. Assim que eles saem, a enfermeira apoia as mãos nos quadris, faz cara feia para mim e diz:

— Eu dei a ele algo para a dor. — Ela olha fixamente em meus olhos, sem acreditar em uma só palavra da história de Jude, claramente pensando que sou uma namorada insanamente ciumenta, completamente maluca e psicopata, que o cortou em um ataque de raiva. — Deve fazer efeito logo, então não quero que ele dirija… Não que consiga nessas condições, mas… — Ela aponta com a cabeça para os braços dele. — E certifique-se de que ele compre os remédios. — Ela pega um pedaço de papel e está prestes a me entregar, mas pensa melhor e pega de volta. — Queremos evitar qualquer tipo de infecção, mas o melhor a fazer agora é ele ir para casa e descansar. Provavelmente logo vai cair no sono, então espero que deixe ele dormir em paz. — Ela franze a testa e olha como se me desafiasse.

— Tudo bem — digo, mas estou tão assustada com seu olhar examinador, com a polícia, por Jude ter me defendido, que as palavras saem como um grunhido.

Ela entorta a boca, relutante em deixar Jude sob meus cuidados ou em me entregar a receita para os remédios, mas não tem muita escolha.

Acompanho Jude até a porta, até meu Miata materializado, uma réplica exata de meu carro de verdade. Sinto-me estranha, nervosa, incapaz de olhá-lo nos olhos.

— Saia do estacionamento e vire à direita — ele diz, com a voz baixa, grogue, sem indicação do que está realmente pensando ou como se sente em relação a mim. E, embora sua aura pareça estar suavizando, ainda há boa parte de vermelho nas bordas, um fato que praticamente fala por si só. — Pode me deixar em Main Beach. Eu sigo dali.

— Não vou largar você em Main Beach — digo, aproveitando a oportunidade para olhá-lo enquanto paro no sinal. Mesmo estando escuro lá fora, posso ver as olheiras sob seus olhos, o brilho do suor em suas sobrancelhas, dois sinais inequívocos de que ele está com muita dor… graças a mim. — Sério, isso é… ridículo. — Balanço a cabeça. — Só me diga onde mora e eu prometo que deixo você em casa, em segurança.

— Em segurança? — Ele solta um risinho irônico que vem bem de dentro. Com os dois braços machucados sobre as pernas, diz: — Acho engraçado você ter usado essa palavra duas vezes nos últimos cinco minutos, porque, para ser sincero, estou me sentindo tudo, *menos* seguro perto de você.

Eu suspiro, olhando para um céu sem estrelas, pisando de leve no acelerador, abrindo mão de meter o pé, como costumo fazer, pois não quero alarmá-lo ainda mais do que já fiz.

— Olhe — digo —, eu… sinto muito. *Sinto mesmo, de verdade.* — Olho para ele por tanto tempo que ele aponta a cabeça nervosamente para a rua.

— Oi, *trânsito*? — Ele balança a cabeça. — Ou você controla isso também?

Eu desvio o olhar e tento pensar no que dizer.

— É bem aqui, à esquerda. Essa do portão verde. Pare aí na frente e eu já posso ir.

Faço o que ele diz, parando perto de uma porta de garagem do mesmo tom de verde do portão, e desligo o motor imediatamente, o que o leva a dizer:

— Ah, não. — Ele olha para mim. — Não precisa fazer isso. Acredite, você *não* vai entrar.

Ignoro, estendo o braço por cima dele, querendo destravar sua porta do modo tradicional, em vez de fazer uso de telecinese, e noto que ele recua quando meu braço se aproxima do seu.

— Olhe só — digo, de volta a meu lugar —, eu sei que você está cansado, e que provavelmente quer ficar o mais longe possível de mim, o mais rápido possível, e não posso culpar você por isso.

Se eu fosse você, estaria me sentindo do mesmo modo. Mas, ainda assim, se puder me dar mais alguns segundos de seu tempo, gostaria de uma chance de me explicar.

Ele murmura algo, olhando pela janela por um instante antes de se virar em minha direção de um modo que me permita ter sua total atenção.

Sei que preciso agir rapidamente, que ele está preparado para me escutar apenas durante alguns segundos, e digo:

— O negócio é o seguinte… eu sei que parece loucura, e realmente não posso entrar em detalhes, mas precisa confiar em mim quando digo que tive motivos muito bons para pensar que você era um *deles*.

Ele fecha os olhos por um instante, contraindo a fronte de dor, olhar para mim e dizer:

— Que eu era *perigoso*. É. Você deixou isso bem claro, Ever. Deixou *realmente* claro, lembra? — Ele alterna o olhar entre mim e os braços machucados.

Coço o nariz e esfrego os lábios, sabendo que a próxima parte não vai ficar melhor, mas continuo:

— É, bem, é que… eu pensei que você fosse *mau*. É sério. Foi só por isso que eu fiz o que fiz. Quer dizer… vi sua tatuagem… e… tenho que dizer que foi bem convincente… tirando o fato de que ela não aparece e desaparece, não pisca nem nada disso… mas *ainda assim*, ela, junto com o fato de Ava ter ligado, e, bem, umas outras questões que não posso dizer, então tudo isso me fez pensar que você… — Balanço a cabeça, sabendo que não estou chegando a lugar algum com isso, e decido parar, conversar sobre outro assunto que vem me incomodando desde que saímos do hospital. — Sabe, se está tão bravo comigo, se me odeia *tanto* assim, então por que me ajudou? Por que mentiu para aqueles policiais e levou toda a culpa? Fui eu que machuquei você, nós dois sabemos disso. Bem, até *eles* sabiam. Mas, ainda assim, você estragou totalmente sua grande chance de me ver algemada e presa quando mentiu para me ajudar. Sinceramente, não consigo entender.

Jude fecha os olhos novamente e inclina a cabeça para trás, a dor e a fadiga tão perceptíveis que estou prestes a encerrar, prestes a dizer que não importa, que é melhor ele entrar e descansar, quando ele me olha com aqueles olhos verdes incríveis e diz:

— Ouça, Ever, é o seguinte… por mais louco que pareça, estou muito menos interessado em *por que* você fez isso do que em *como*.

Olho para ele, segurando no volante, incapaz de falar.

— Como você me jogou como um *frisbee* do outro lado do jardim de sua casa…

Engulo em seco, olhos fixos à minha frente, sem dizer nada.

— E como uma hora você está parada diante de mim com as mãos vazias, sem nenhum bolso visível… e logo em seguida está segurando um punhal com cabo incrustado de pedras preciosas… que, por sinal, pareceu ter desaparecido logo depois que você me atacou… estou certo?

Respiro fundo e confirmo com um gesto de cabeça. Não adianta mentir agora.

— Além disso, tem o pequeno detalhe de que deu a partida neste carro sem ter a chave… e acho que ambos sabemos que este modelo, definitivamente, precisa de chave. Sem contar o primeiro dia que encontrei você na loja, apesar de a porta estar trancada, sem mencionar como encontrou rápido o *Livro das sombras*, que também estava protegido por uma fechadura. Então, esqueça todo o resto, esqueça as desculpas e explicações e todas essas coisas sem sentido, o que está feito está feito, não tem volta. Tudo o que eu quero agora é que me explique *como*. É nisso que estou realmente interessado.

Olho para ele, engolindo em seco, sem saber como continuar. Tento fazer uma piada sem graça e digo:

— Certo, mas primeiro me diga, aqueles analgésicos já fizeram efeito? — em seguida dou uma risada horrível, que só serve para deixá-lo mais irritado.

— Olhe só, Ever, se um dia decidir ser sincera, já sabe onde eu moro. Caso contrário… — Ele tenta abrir a porta, fazer uma grande saída dramática, mas com os dois braços enfaixados não é tão fácil quanto parece.

Então pulo para o lado dele, aparecendo ali antes que ele possa piscar e esperando que ele não veja minha oferta como ameaça à sua masculinidade:

— Deixe eu ajudar.

Mas ele apenas fica sentado, suspirando e balançando a cabeça enquanto diz:

— E, é claro, tem mais *isso*…

Nossos olhos se encontram e eu respiro fundo.

— O modo como se move, rápida e graciosamente como um gato selvagem.

Fico em silêncio, imóvel, sem saber o que vem em seguida.

— Vai me ajudar ou não? — ele pergunta, erguendo uma das sobrancelhas.

Faço que sim com a cabeça, abro a porta e ofereço meu braço como apoio, sentindo como ele está enfraquecido no momento em que apoia seu peso sobre mim.

— Pode abrir a porta da frente também?

— Claro — confirmo, olhando para ele. — É só me dar a chave.

Ele me olha.

— Desde quando você precisa de chave?

Dou de ombros, seguindo pelo caminho estreito e levemente iluminado que leva à porta, observando um surpreendente canteiro de peônias roxas e cor-de-rosa.

— Não fazia ideia de que você tinha tanto jeito para jardinagem.

— Não tenho. Bem, não muito. Lina plantou tudo. Eu só faço a manutenção. Cultivamos aqui a maioria das ervas que vendemos na loja. — Ele segue para a porta, obviamente cansado disso tudo, cansado de mim, ansioso por entrar e acabar com esse assunto.

Então fecho os olhos e *vejo* a porta aberta diante de mim, até que ouço um inconfundível *clique* e faço sinal para que ele entre. Fico ali parada parecendo uma idiota, dando tchauzinho, como se o tivesse deixado em casa depois de um agradável piquenique. Reluto em me mover mesmo depois que ele balança a cabeça e faz um gesto para que eu entre, esperando um convite firme e verbal antes de ousar seguir adiante.

— Vai me atacar de novo? — Seu olhar me acompanha, enchendo-me com uma onda de calma boa e lânguida.

— A menos que você meta os pés pelas mãos. — Dou de ombros.

— Isso foi um trocadilho? — Ele aperta os olhos e curva os lábios levemente.

— É, um trocadilho muito ruim. — Eu rio.

Ele encosta no batente da porta, examinando-me devagar, sem pressa, respira fundo e diz:

— Olhe, odeio admitir, especialmente para você, já que me bateu o suficiente para toda uma vida, mas posso precisar de alguma ajuda para me ajeitar. Os medicamentos estão começando a fazer efeito, e eu já não estava muito bem antes de estar dopado e com apenas um braço machucado, então não consigo imaginar como vou me virar agora. É só um minuto, no máximo dois, e você já vai poder voltar para Damen e continuar com sua noite.

Franzo a testa, imaginando por que ele disse isso. Acendo a luz, fecho a porta e o acompanho até

o interior, observando o espaço pequeno e aconchegante, impressionada por estar dentro de um autêntico chalé de Laguna Beach, daqueles com lareira antiga de tijolo e grandes janelas emolduradas. Do tipo que não se vê mais por aqui.

— Legal, né? — Ele faz um gesto positivo com a cabeça, lendo minha mente. — Foi construído em 1958. Lina conseguiu comprar barato, há muito tempo, antes de chegarem os *reality shows* e todo o dinheiro.

Vou na direção da porta corrediça de vidro que leva a um belo pátio pavimentado de tijolos que dá para um gramado, uma escadaria e o oceano levemente iluminado pelo luar.

— Eu alugo por um preço baixo, mas meu sonho é comprar esta casa um dia. Ela diz que só vende se eu prometer não transformar este lugar em mais um dúplex em estilo toscano. Como se eu fosse fazer isso. — Ele ri.

Afasto-me da janela e vou para a cozinha, acendo a luz e abro alguns armários até encontrar os copos. Olho em volta, procurando por uma garrafa de água, e, quando vejo, ele está tão perto que consigo distinguir cada manchinha de seus olhos.

— Não é mais fácil *materializar* de uma vez? — ele pergunta, com a voz grossa, baixa, grave.

Olho para ele, sem saber o que me incomodou mais: sua proximidade, o anseio em sua voz ou o modo como ele conseguiu chegar sorrateiramente até mim.

— Eu… eu pensei em fazer do modo tradicional… se estiver tudo bem para você. Garanto que o gosto é o mesmo — murmuro. As palavras saem desajeitadas de meus lábios, esperando que ele esteja muito grogue devido aos analgésicos para perceber como sua proximidade está me perturbando.

Ele continua ali, com o olhar fixo, sem dizer nada. Sua voz está fraca e grave quando indaga:

— Ever… o que você *é*?

Fico paralisada, e aperto o copo com tanta força que tenho medo de despedaçá-lo na mão. Foco no chão de ladrilhos, na mesinha à direita, na saleta mais atrás, em qualquer lugar, menos nele. O silêncio entre nós fica pesado. Só quero quebrá-lo, portanto digo:

— Eu… eu não posso dizer.

— Então não é só o livro, é… *outra coisa*.

Olho em seus olhos, reconhecendo de imediato minha mancada. Praticamente acabei de admitir que não sou normal, quando podia ter colocado a culpa na magia. Mas a verdade é que ele não teria acreditado nisso. Ele sabia que havia algo diferente desde o dia em que nos conhecemos, muito antes de me emprestar aquele livro.

— Por que você não me disse que o *Livro das sombras* estava escrito em código? — pergunto, estreitando os olhos, deixando-o novamente na defensiva.

— Eu disse. — Ele desvia o olhar, com irritação estampada no rosto.

— Não, você me disse que estava escrito no código tebano, e que precisava ser intuído para ser entendido. Mas não mencionou que na verdade ele estava protegido por um código, um código que precisava ser desvendado para ver o que *realmente* havia nele. O que aconteceu? Por que não me contou sobre isso? É um detalhe bem importante para ser ignorado, não acha?

Ele se encosta no balcão de azulejos, balança a cabeça e diz:

— Desculpe, mas sou novamente suspeito? Me corrija se eu estiver errado, mas tive a impressão, quando você me retalhou, que havia decidido que eu era um dos caras do bem.

Cruzo os braços e estreito os olhos.

— *Não*, eu decidi que você não é um dos caras *perigosos*. Mas nunca disse que era *do bem*. — Ele olha para mim, esforçando-se para ter paciência, mas eu ainda não terminei. — Também não mencionou como conseguiu o livro. Como ele foi parar em suas mãos.

Ele dá de ombros e diz com a voz firme, porém comedida:

— Eu já disse… consegui com um amigo, há alguns anos.

— E esse amigo tem nome? Tipo *Roman*, por exemplo?

Ele ri, embora mais pareça um grunhido. Sua irritação fica bem clara quando diz:

— Ah, entendo, você ainda está convencida de que faço parte da *tribo* dele. Bem, lamento dizer, Ever, mas achei que tínhamos encerrado esse assunto.

Cruzo os braços, fazendo o copo balançar em minha mão.

— Ouça, Jude, eu gostaria de confiar em você. De verdade. Mas naquela noite, quando… — Faço uma pausa, percebendo que não posso continuar essa linha de raciocínio. — Bem, de qualquer forma, Roman disse algo sobre o livro ter pertencido a ele, e realmente preciso saber se foi com ele que conseguiu… se ele vendeu para você…

Ele estende o braço em minha direção e, com os poucos dedos que ainda estão ilesos, pega o copo de minha mão.

— Minha única ligação com Roman é você. Não sei mais o que dizer, Ever.

Aperto os olhos, observando sua aura, sua energia, sua linguagem corporal, analisando tudo enquanto ele vai até a pia, e chego à conclusão de que ele está dizendo a verdade, de que não está escondendo nada.

— Vai beber água da torneira? — pergunto, vendo-o olhar para trás. — Faz tempo que não vejo alguém fazer isso. Desde que saí do Oregon.

— Sou um cara simples, fazer o quê? — Ele toma um bom gole, esvaziando completamente o copo e enchendo-o outra vez.

— Então, você não sabia mesmo sobre o livro? — Vou atrás dele, vendo-o ir para um sofá marrom velho, onde se joga.

— Para ser sincero, praticamente tudo o que você disse desde que nos encontramos tem sido um mistério. Nada faz sentido. Normalmente, eu daria a você o benefício da dúvida e colocaria a culpa nos remédios que tomei, mas me lembro de você falar umas loucuras bem antes disso.

Franzo a testa, sento-me na cadeira à sua frente e apoio os pés em uma porta antiga, toda esculpida, que ele usa como mesa de centro.

— Eu… Eu queria poder explicar… Sinto que devo isso a você. Mas não posso. É… é muito complicado. São coisas que envolvem…

— Roman e Damen?

Estreito os olhos, imaginando por que ele disse isso.

— É só um palpite. — Ele dá de ombros. — Mas pela expressão em seu rosto, eu acertei.

Aperto os lábios e olho em volta, vendo grandes pilhas de livros, um aparelho de som antigo, alguns objetos de arte interessantes, mas nenhuma TV. Não confirmo nem nego o palpite.

— Tenho poderes. Coisas que vão muito além da paranormalidade que você já conhece. Posso fazer as coisas se moverem…

— Telecinese. — Ele acena com a cabeça, agora de olhos fechados.

— Posso fazer coisas aparecerem.

— Materialização. Mas, no seu caso, *instantânea*. — Ele abre um olho e olha para mim. — O

que me faz pensar… por que o livro? Você tem o mundo aos seus pés. É bonita, inteligente, tem todos os tipos de poderes à disposição, e aposto que seu namorado deve ter alguns poderes também…

Olho para ele. É a terceira vez que menciona Damen, e me incomoda tanto quanto na primeira vez.

— Qual é seu problema com Damen? — pergunto, imaginando se ele sabe sobre nós, se de algum modo faz alguma ideia do passado longo e conturbado que nós três compartilhamos.

Ele muda de posição, jogando as pernas sobre as almofadas e apoiando a cabeça em um travesseiro.

— O que posso dizer? Não gosto dele. Há… alguma coisa nele. Não posso apontar o dedo e dizer realmente o que é. — Ele vira a cabeça e olha para mim, acrescentando: — Isso *não* foi um trocadilho, e foi *você* que perguntou. E se quiser saber mais alguma coisa, sua chance é agora. Esses medicamentos estão começando a fazer efeito de verdade, estou ouvindo um zumbido *incrível*, então é bom dizer logo antes que eu apague, enquanto ainda consigo falar o que eu quiser.

Balanço a cabeça, pois sei que já tive todas as respostas que queria quando o cortei na calçada, há algumas horas. Mas agora talvez seja hora de compartilhar algumas verdades a meu respeito — ou pelo menos levá-lo até a verdade e ver se ele entende.

— Sabe, existe um motivo para você e Damen não gostarem um do outro… — começo, mordendo os lábios, sem saber ainda até onde devo contar.

— Ah… então é mútuo. — Ele olha em meus olhos, mantendo o olhar durante tanto tempo que sou a primeira a desviar. Examino o tapete de corda aos meus pés, a mesa de madeira esculpida à minha frente, o grande geodo de citrino no canto, perguntando-me por que comecei a falar sobre isso. Estou prestes a continuar quando ele diz: — Não se preocupe. — Ele luta para chutar o cobertor sobre os pés, mas não consegue. — Não precisa explicar, não precisa… se preocupar. É apenas uma coisa corriqueira que acontece entre os homens. Sabe, o tipo de competição primitiva que ocorre sempre que há uma garota absolutamente incrível e dois caras que a desejam desesperadamente. E como apenas um de nós pode ganhar… Desculpe, como apenas um de nós *ganhou*, eu simplesmente volto para minha caverna, bato algumas vezes com meu tacape na parede e lambo minhas feridas onde ninguém possa ver. — Ele fecha os olhos e acrescenta, em voz baixa: — Pode confiar, Ever, eu sei quando desistir. Sei quando bater em retirada, não precisa se preocupar por isso. Não é à toa que meu nome é uma homenagem a São Judas, o santo das causas impossíveis. Já passei por isso muitas vezes… eu…

As palavras somem assim que seu queixo pende sobre o peito, então me levanto e vou até ele, pego a coberta emaranhada jogada aos seus pés e a ajeito com cuidado, de modo a cobri-lo completamente.

— Durma um pouco — sussurro. — Amanhã pego seus remédios, então não se preocupe. Apenas fique aqui e descanse. — Sei que ele já capotou, já está em outro lugar, mas mesmo assim quero confortá-lo.

Estou enfiando o cobertor sob seus pés quando ele diz:

— Ei, Ever… você não me respondeu… sobre o livro. Por que deseja aquele livro quando já tem tudo o que pode querer?

Fico paralisada, olhando para o cara que conheço há tantos séculos, tantas vidas, e que conseguiu aparecer novamente. Sei que deve haver uma razão, que, com base em tudo o que vi e vivenciei até agora, o universo não é tão aleatório quanto parece. Mas o problema é que não sei o motivo. Na verdade, não sei mais nada. Só sei que eles não poderiam ser mais diferentes um do outro. A presença calma de Jude é o extremo oposto da mistura ardente de formigamento e calor de Damen.

Como o yang e seu yin. Opostos no mais alto grau.

Termino de ajeitá-lo para dormir, esperando até que caia no sono novamente, enquanto vou para a porta e digo:

— Porque não tenho tudo o que quero. Nem chega perto.

— Eu *sabia* o tempo todo que vocês tinham algo diferente. Especialmente *você*. — Ela aponta para Damen. — Desculpe, mas ninguém é *tão* perfeito.

Damen sorri, abre a porta e faz sinal para entrarmos, olhando para mim com seus olhos escuros e profundos, como o abraço de um amante, e me cobre com um dilúvio de tulipas vermelhas telepáticas, com a intenção de oferecer a coragem e a força de que obviamente necessitarei.

— Só para vocês saberem, eu vi isso — diz Haven, com os dedos cheios de anéis agarrados aos quadris cobertos de couro, alternando o olhar entre nós dois, depois balança a cabeça e entra no vestíbulo.

Damen olha para mim com as sobrancelhas erguidas, mas eu apenas ignoro. Os dons de Haven só estão começando a aparecer. Ler mentes é apenas o início.

— Uau, não acredito que você vive assim! — Ela gira várias vezes até examinar tudo: o lustre trabalhado suspenso no teto alto e abaulado, o tapete persa a seus pés; duas antiguidades de valor inestimável que datam de vários séculos atrás e que quase se perderam para sempre quando Damen passou pelo que agora chamo de sua "fase monástica", quando culpou diretamente seu passado extravagante, vaidoso e narcisista por todos os problemas que enfrentamos. Estava determinado a se livrar de todos os bens materiais, até que as gêmeas precisaram ficar lá e a placa de VENDE-SE saiu da frente da casa, pois ele queria dar a elas todo o conforto e o espaço que pudesse. — Você pode dar umas festas *iradas* só aqui nesta entrada! — Ela ri. — Isso faz parte de ser imortal? Viver em casas chiques assim? Se for, estou dentro!

— Damen está por aqui há algum tempo… — digo, sem saber como explicar a mansão multimilionária, já que ainda tenho de chegar à parte da antiga arte da materialização, bem como ao fato de ele sempre apostar no cavalo certo nas pistas de corrida. E ainda nem tenho certeza se tocarei nesses assuntos.

— Bem, e há quanto tempo Roman está nessa? Porque a casa dele é legal e tal… mas não chega aos pés disso aqui.

Damen e eu olhamos um para o outro, incapazes de nos comunicarmos por telepatia como sempre, agora que sabemos que ela pode ouvir, mas, ainda assim, decididos a ignorar a questão. Determinados a revelar o mínimo possível de detalhes, enquanto pudermos, adiando o dia inevitável em que ela descobrirá a verdade por trás disso tudo, sem contar o que aconteceu à sua amiga Drina.

Nós a seguimos pela cozinha até a saleta e damos de cara com as gêmeas, cada uma jogada em uma ponta do sofá, lendo seu próprio exemplar do mesmo livro. Rayne mastiga uma barra de chocolate, enquanto Romy devora uma grande tigela de pipoca amanteigada.

— E aí? Vocês também são imortais? — ela pergunta, fazendo com que as duas olhem.

Rayne faz a cara feia de sempre, enquanto Romy nega com a cabeça e retoma a leitura.

— Não, elas… hum… — Olho para Damen, pedindo ajuda com os olhos. Não faço ideia de como explicar o fato de que, embora elas não sejam tecnicamente imortais, passaram um tempo em uma dimensão alternativa nos últimos trezentos anos e agora, graças a mim, não podem voltar.

— São minhas parentas — afirma Damen, olhando como se me dissesse para fingir que é verdade e confirmar a história.

Haven fica no meio da sala, sobrancelha erguida, músculos do rosto contraídos, sem acreditar em uma palavra.

— Está querendo me dizer que manteve contato com sua família durante… — Ela estreita os olhos, observando-o, tentando determinar a idade dele, depois dá de ombros, vencida, e diz: — Não importa, mas as reuniões familiares devem ser *muito interessantes*, para dizer o mínimo.

Olho para Damen, vendo que ele está totalmente preparado para deixar essa passar. No entanto, ainda na esperança de dar um jeito, interrompo e digo:

— O que ele quis dizer é que são *como se fossem* da família. Elas…

— Ah, dá um tempo! — Rayne joga o livro na mesa e olha irritada para mim, para Haven, mas não para Damen, é claro. — Não somos da família e não somos imortais, está bem? Somos bruxas. Refugiadas dos Julgamentos das Bruxas de Salém. E não pergunte mais nada, porque não vamos responder. Já disse mais do que você precisava saber.

Haven olha para nós com os olhos mais arregalados do que achei que seria possível, pasma com todos, e diz:

— Nossa! E ainda dá para ficar mais estranho?

Dou de ombros, trocando olhares com Rayne, deixando claro que ela não devia ter confessado, e observando Haven se sentar em uma cadeira estofada, olhando ansiosa para nós, como se aguardasse algum tipo de revelação de senha confidencial, algum tipo de doutrinação grandiosa, uma iniciação secreta, sem se dar o trabalho de esconder a decepção quando Damen vai até a cozinha e volta logo em seguida com uma pequena caixa cheia de elixir para entregar a ela.

Ela espreita dentro da caixa, bate na tampa de cada garrafa com a ponta da unha pintada de preto, olha confusa para nós e diz:

— Só isso? *Sete?* Suprimento para apenas uma semana? Não estão falando sério, estão? Como vou sobreviver só com isso? Estão querendo me matar antes mesmo de eu ter a oportunidade de começar?

— Dã, você é imortal, eles *não podem* matar você. — Rayne balança a cabeça e revira os olhos.

— *Dã*, podem sim. É por isso que Ever me obriga a usar *isso*. — Haven tira o amuleto de dentro da blusa de renda preta e o balança na frente do rosto de Rayne.

Mas a menina apenas resmunga, cruza os bracinhos finos e pálidos diante do peito magro e diz:

— Ah, por favor… Eu sei tudo sobre isso. Tire o amuleto, leve um soco no chacra errado e está frita. Deixe o amuleto aí e viva feliz para *tooodo* o sempre. Não precisa ser gênio, sabia?

— Nossa, ela sempre é assim irritadinha? — Haven pergunta, rindo e balançando a cabeça.

Quando vou dizer *sim*, feliz por ter uma aliada pela primeira vez, vejo-a se levantar da cadeira e se sentar ao lado de Rayne, bagunçando seu cabelo e fazendo cócegas em seus pés de um jeito que as transforma instantaneamente em melhores amigas. E, de uma hora para outra, volto a ser a excluída.

— Não precisa tomar todos os dias — diz Damen, determinado a retomar o assunto. — Na verdade, pode viver pelos próximos cento e cinquenta anos com apenas um gole, talvez até mais, quem sabe?

— Bem, se é assim, por que você toma como se sua vida dependesse disso? — pergunta Haven, tirando os pés de Rayne de seu colo e olhando para nós dois.

Damen dá de ombros.

— Acho que fiquei meio dependente. Já estou aqui há algum tempo, sabe? Um bom tempo.

— Quanto tempo? — Haven se inclina para a frente, tirando do rosto a franja com uma mecha platinada e olhando para ele com dois olhos muito maquiados.

— *Muito*. Não importa… A questão é…

— Espera… está brincando, não é? Você não vai mesmo me contar sua idade verdadeira? É um daqueles trintões que param no aniversário de vinte e nove anos até chegarem aos oitenta? Desculpe, Damen, mas que vaidade é essa? — Ela ri e balança a cabeça. — Acredite, quando eu for velha, pretendo espalhar aos quatro ventos. Mal posso esperar para chegar aos cento e oitenta e dois anos com pele de porcelana.

— Não é vaidade, é uma questão… *prática* — diz Damen, e quando olho para ele percebo que está perturbado, mas provavelmente apenas porque *tem* um pouco de vaidade, ele só não quer admitir. Por mais que tenha tentado se livrar de todas as roupas de marca, dos produtos para o cabelo e das botas de couro italianas feitas à mão, um pingo de vaidade ainda existe. — Além disso, você *não pode* se gabar, *não pode* contar a ninguém, achei que você e Ever tivessem conversado sobre isso.

— Nós conversamos — Haven e eu falamos em uníssono.

— Então não restam dúvidas. Continue comendo seus cupcakes como sempre, agindo do modo mais normal possível, tomando cuidado para não atrair…

— Atenção desnecessária para mim. — Haven balança a cabeça e revira os olhos de uma forma bem exagerada. — Acredite, Ever me contou toda a parte chata, ela me alertou sobre o lado negro, o monstro debaixo da cama, o que mora no armário, sem contar o bicho-papão que vive sob as escadas. E eu odeio dizer, mas não estou interessada em nada disso. Fui normal a vida toda. Ignorada, desprezada, praticamente me fundindo às paredes e sendo tratada como se fosse invisível, mesmo tentando agir e me vestir das formas mais loucas. E vou dizer uma coisa: esse tipo de anonimato é supervalorizado. Já superei completamente. Então, se agora é minha chance de realmente me destacar e ser *vista*, para variar… bem, não vou ficar me contendo. Pretendo aceitar com todas as forças! Então, pensando bem, acho que vocês podem fazer um pouco melhor do que isso. — Ela bate na lateral da caixa. — Vamos, tentem fazer minha vontade, entreguem o suco para que eu possa chocar todo mundo quando começarmos o último ano de escola.

Damen olha para mim, alarmado, sem palavras, como se dissesse: *Ela é criação sua. Seu Frankenstein. Faça algo!*

Limpo a garganta e me viro para ela, de pernas cruzadas, mãos entrelaçadas, fazendo uma expressão agradável, apesar de estar tão estupefata quanto ele.

— Haven, *por favor* — digo, cuidando para manter a voz firme e baixa. — Já falamos sobre isso… nós…

Mas não consigo me estender antes que ela interrompa:

— *Você* toma o tempo todo. Por que eu não posso? — Ela bate os dedos na caixa e estreita os olhos.

Faço uma pausa, sem saber como explicar que o suco aumenta meus poderes, poderes que prefiro que ela não tenha. Fico procurando as palavras certas e digo:

— Mesmo que possa parecer que eu bebo o tempo todo, a verdade é que… eu não preciso mesmo… pelo menos não como Damen. Eu tomo porque… bem… porque estou acostumada. E embora não tenha um gosto muito bom… eu meio que gosto. Mas, acredite, não é mesmo necessário tomar todo dia… nem toda semana… ou todo ano, para falar a verdade. Como Damen disse, dá para ficar cem anos, talvez duzentos, sem um gole sequer. — Confirmo com a cabeça, esperando que ela acredite, sem querer que ela saiba a onda de poder, velocidade e habilidades mágicas que o consumo regular pode trazer. Isso só faria com que quisesse ainda mais.

— Está bem. — Ela concorda com a cabeça. — Acho que vou ter que pedir a Roman, então. Sei

que ele vai ficar feliz em me dar.

Engulo em seco, sem dizer uma palavra, ciente de que ela está me desafiando. Observo quando Luna pula em seu colo e Haven começa a acariciá-la.

— Oi, gatinha, não era para você ser minha? É por isso que está aqui agora? Porque está sentindo que sou sua verdadeira dona? — Ela a segura no alto e esfrega o nariz em seu queixo, rindo quando Romy pula do sofá e a agarra. — Relaxe. — Haven ri. — Até parece que vou roubar a gata.

— Você não pode *roubar* a gata. — Romy olha de cara feia, colocando Luna no ombro, seu local favorito. — E também não pode *ficar* com a gata. Animais de estimação não são bens, não são acessórios que se descartam quando você acha que não quer mais. São seres vivos com quem *compartilhamos* nossa vida. — Ela olha para a irmã, fazendo um sinal para que vá com ela, e sai da sala.

— Nossa… que mal-humorada! — Haven olha para trás e as vê partir.

Mas não pretendo deixá-la mudar de assunto, afinal, foi ela quem mencionou, então apenas dou continuidade:

— Falando nisso… como *está* Roman? — Tento puxar conversa, parecer apenas vagamente interessada, esperando que ninguém mais tenha notado o modo como minha voz ficou trêmula quando seu nome saiu de minha boca.

Ela dá de ombros, percebendo exatamente minha intenção, e diz:

— Bem. Ele está bem. Obrigada por perguntar. Mas não tenho nada para contar. Ou pelo menos nada que poderia interessar a *vocês*. — Ela alterna o olhar entre mim e Damen e esboça um sorriso, como se tudo fosse uma grande piada, um jogo com o qual não se comprometeu totalmente, apesar das garantias que deu. Mudando o foco para suas unhas, ela diz: — Nossa, as unhas de vocês crescem rápido assim também? Eu cortei hoje de manhã e, olhem só, já estão compridas de novo! — Ela levanta as mãos para que possamos ver. — E meu cabelo. Juro que a franja cresceu mais de um centímetro em poucos dias!

Damen e eu trocamos um olhar rápido, ambos pensando na mesma coisa: *Tudo isso com apenas uma garrafa de elixir?* Sei que não tenho escolha a não ser contar a ela e esperar conseguir ser convincente, então digo:

— Ouça… sobre Roman…

Ela coloca as mãos no colo, debruçando-se sobre a caixa enquanto olha para mim.

— Estive pensando… — Faço uma pausa, consciente do olhar de Damen, profundo, intenso, olhando diretamente em meus olhos, imaginando aonde quero chegar com isso, já que obviamente não discuti esse assunto com ele. Mas a verdade é que se trata de uma conclusão à qual cheguei sozinha, resultado de todas as coisas assustadoras que aconteceram nas últimas vinte e quatro horas. — Acho que você precisa evitar Roman a todo custo — digo, com cuidado. — É sério. Se estiver precisando de dinheiro, posso ajudar enquanto não encontra outro emprego, mas não acho que você deva trabalhar lá. Não é… *seguro*. Mesmo sabendo que não acredita em mim, mesmo achando que entendo tudo errado, a verdade é que eu estou certa. Damen também estava lá, ele pode dizer. — Olho para Damen, vendo-o confirmar com a cabeça, mas Haven continua impassível. Seu rosto está tão plácido que é como se ela nem tivesse escutado. — Não sei como dizer — eu enfatizo. — Sério. Ele é perigoso. Uma ameaça completa e total. Sem mencionar que ele é… — *Malvado e terrível, e devastadoramente sedutor e irresistível… sua voz em minha mente, seu rosto em meus sonhos… sempre ali, sempre presente… não importa o quanto eu tente, não consigo me livrar dele… não consigo parar de pensar nele… de desejá-lo… de sonhar com ele…* — E… hum… bem, eu odiaria

ver você magoada. — Engulo em seco, meu corpo tão tenso só de pensar nele, com esse pulso estranho e exótico se movimentando dentro de mim, que chego *bem* perto de estragar meu disfarce.

Mas quando ela olha para mim, com as sobrancelhas levantadas, como se tivesse escutado as palavras em minha cabeça e visto o que realmente pretendo, entro em pânico. Um pânico privado e silencioso. Até que me lembro de que meu escudo está no lugar. E não importa o quanto ela seja poderosa, se Damen não pode me escutar, então ela também não pode.

— Olhe só, Ever, você já disse isso, e agora está sendo redundante. Eu ouvi da primeira vez, assim como ouvi desta vez. Não sei se você lembra, mas concordamos em discordar. Além disso, como vou conseguir o que você quer se eu não me aproximar dele? — Ela olha para nós dois com os olhos semicerrados como os de um gato. — Acredite, Roman não é uma ameaça. Pelo menos não para mim. Ele é tão doce, gentil, carinhoso… não é como vocês pensam. Então, se querem ficar juntos — ela aponta o dedo para Damen e para mim —, acho que vão querer ficar do meu lado. Até onde eu sei, sou praticamente a única chance de vocês a essa altura… *não*?

Damen dá um passo à frente com os olhos faiscantes, nervosos, e diz com a voz grave e ameaçadora:

— É um jogo perigoso esse que está jogando. E, embora eu entenda que está empolgada com as possibilidades, eletrizada com esse novo poder que corre dentro de você, é muito fácil se deixar deslumbrar. Eu sei porque já fui como você. Na verdade, fui o primeiro. E mesmo que tenha acontecido há muito tempo, lembro como se fosse ontem. Também me recordo da longa lista de erros que cometi, dos arrependimentos que acumulei quando deixei minha sede de poder passar por cima do meu bom senso e da minha humanidade. Não seja como eu, Haven. Não cometa esse erro. Nem pense em ameaçar Ever ou a mim de algum modo. Temos muitas opções, muitos meios, e não precisamos que você…

— Já chega. — Haven balança a cabeça e alterna o olhar entre nós. — Estou cansada de vocês dois falando comigo como se eu fosse criança. Já pararam para pensar que talvez eu possa ensinar uma ou duas coisas a vocês sobre como usar todo esse poder? — Ela revira os olhos e faz cara feia, respondendo à própria pergunta: — É claro que não! "Faça isso, Haven, faça aquilo. Haven, estamos racionando seu elixir porque não confiamos em você." Fala sério! Se não confiam em mim, por que eu devo confiar em vocês?

— Não é que não confiemos — digo, ansiosa para acalmar os ânimos antes que fiquem ainda mais exaltados. — É *Roman*. Eu sei que não quer enxergar, mas ele está *usando* você. É apenas uma peça no joguinho pervertido dele. Ele vê todas as suas fraquezas, e está usando isso para controlar você como uma marionete.

— E quais são essas fraquezas? — Ela tamborila os dedos na caixa e aperta os lábios, fazendo cara de séria.

Mas antes que a conversa vá longe demais, chegue a um ponto que possa causar arrependimentos, Damen levanta a mão e interrompe.

— Não estamos querendo brigar, Haven. Estamos tentando proteger você. É para seu próprio bem.

— Por que preciso de proteção? Porque sou muito burra para entender as coisas sozinha? — Ela alterna o olhar entre nós, e quando Damen suspira de frustração, seus olhos ficam frios. Ela então faz um sinal com a cabeça, pega a caixa e se levanta. — Gostaria de poder acreditar em vocês, mas simplesmente não consigo. Porque é você que está escondendo algo, Ever. Posso *sentir*. E mesmo sem saber o que é, uma coisa ficou pateticamente clara: você está com inveja. — Ela curva os lábios

e acrescenta: — É, acredite ou não, a perfeita Ever Bloom está com inveja de *mim*, a pequena Haven Turner. — Ela balança a cabeça. — Que tal *isso* para mudar as coisas de figura?

Fico tensa, mas continuo ali parada, sem dizer nada.

— Está acostumada a ser a maioral por aqui. A mais inteligente, a mais bonita, a mais perfeita em tudo, com o namorado mais perfeito, mais inteligente e mais sexy de todos. — Ela sorri para Damen, e depois dá de ombros e ri quando ele não sorri de volta. — E agora que eu sou imortal como você, é apenas uma questão de tempo até eu ficar perfeita também. E a verdade é que você não suporta isso. Não suporta nem pensar nisso. O mais engraçado, a *ironia*, no final, é que a culpa é toda sua, já que foi você que me fez ficar assim. E, mesmo dizendo que tomaria a mesma decisão novamente, não consigo deixar de pensar que você gostava mais de mim antes. Quando eu era patética, inferior, carente, a fracassada que comia um monte de cupcakes e inventava histórias em reuniões de grupos de ajuda. — Ela levanta e abaixa os ombros com tanta confiança, tanta arrogância, que fica claro que não é mais aquela garota. — Nem se dê o trabalho de negar, eu sei que são essas as *fraquezas* às quais você estava se referindo. É bem óbvio o quanto se sentia superior a Miles e a mim. Como se estivesse se dignando a andar com a gente até aparecer alguém melhor…

— Não é verdade… Vocês são meus melhores amigos… meus…

— Ah, faça-me o favor. — Ela revira os olhos, fazendo um som de reprovação com a boca do mesmo jeito que Roman. — Poupe-me de suas declarações ressentidas. Assim que o garanhão italiano apareceu — ela aponta para Damen com a cabeça —, praticamente só víamos você na hora do almoço, e nem sempre, já que o casalzinho perfeito estava muito ocupado com sua vida perfeita, e seu amorzinho perfeito, para ficar com babacas imperfeitos como nós. Éramos apenas fracassados que você mantinha no banco de reserva… para o caso de precisar algum dia. Mas agora parece que você vai passar um longo e solitário verão, porque Miles vai se mandar para Florença, e eu fiz novos amigos que não se intimidam nem um pouco com a nova Haven.

— Haven… isso é *maluquice*! Como pode falar isso? — digo, com os olhos cravados nela, observando-a. Mesmo continuando baixinha, mesmo não tendo crescido nem um pouco, é como se sua estatura diminuta estivesse mais pronunciada, mais tonificada, mais forte, como se fosse uma pequena pantera-negra usando calça de couro preto, blusa preta rendada e botas de bico fino e cano alto. Embora já tenha ficado brava comigo antes, dessa vez é diferente. *Ela* está diferente. Ela agora representa perigo, sabe disso e gosta que seja assim.

— *Como* posso falar isso? — ela zomba, com os olhos quase fechados. — Porque é *verdade*. — Ela joga a caixa nos braços de Damen, presumindo que ele vá pegá-la, segue até a porta, olha para trás e diz: — Pode ficar com seu elixir. Eu tenho minha própria fonte. E, acredite, ele vai ficar mais do que feliz em me ensinar tudo aquilo que vocês se recusam a compartilhar.

oito

Damen se vira para mim, transmitindo a palavra *problema* de sua mente para a minha.

Mas eu apenas fico parada, tão estupefata que não tenho ideia do que fazer em seguida.

— Eu sabia que ela ia ser um problema. — Ele balança a cabeça e se joga no sofá. — Ela é muito frágil, muito volúvel, não vai ser capaz de lidar com nada disso. Vai ser consumida pelo poder em pouco tempo. Basta esperar para ver.

— *Esperar?* — Eu me sento no braço do sofá, ao lado dele. — Está falando sério? Esperar *o quê*? Acha que ela realmente vai ficar pior do que acabamos de ver?

Ele faz que sim com a cabeça, esforçando-se para esconder o olhar de *eu bem que avisei*. Mas não importa. Ambos sabemos que sou a responsável por essa bagunça.

Eu suspiro, escorregando para cima dele no sofá. Sei que preciso fazer algo, controlar a situação antes que piore, mas não faço ideia do *quê*. Todas as decisões que tomei até agora só agravaram tudo. E estou tão cansada, tão *exausta*, que tudo o que desejo é tirar uma longa soneca em paz, sem Roman em meus sonhos.

Roman.

O nome reverbera de minha mente para a dele, e quando ele me olha, sei que é tarde demais. Sei que ele sentiu.

— Por que você mudou de ideia? — Ele me observa com cuidado, procurando a verdade por trás de meu olhar, das palavras em minha boca. — Por que pediu que ela evitasse Roman?

— Porque você estava certo — murmuro, odiando a mentira que estou prestes a dizer. — Foi egoísmo submeter Haven a esse tipo de perigo para nos beneficiar… — Balanço a cabeça, deixando o cabelo cair em meu rosto, de modo a cobri-lo.

Porque a verdade é que estou preocupada. O fato de ela agir assim não fará bem a ela.

Estou preocupada por ter tentado afastá-la de Roman para haver mais espaço para mim.

Permaneço assim, com o rosto escondido, enquanto luto para me recompor, reunir um pouco do meu antigo brilho. Finalmente, levanto a cabeça e vejo que ele está com as sobrancelhas unidas de preocupação, enquanto sua mão aperta meu joelho.

— Ei, pegue mais leve. — Ele diz com a voz baixa e suave. — Não seja tão dura consigo mesma. Tudo bem, estamos enfrentando uma pequena dificuldade, mas vamos superar. Ainda temos um ao outro, certo? Isso é tudo o que importa no fim das contas. Quanto ao restante, vamos ter que dar um jeito. Eu prometo.

— Temos? — Olho para ele, arregalando os olhos quando me dou conta do que acabei de dizer. A intenção era dizer *vamos*, questionando a parte sobre *dar um jeito*, e *não* a parte sobre termos um ao outro.

Ele olha para mim, claramente perturbado por minhas palavras.

— Achei que não havia dúvidas sobre isso. Estou enganado?

Engulo em seco e pego sua mão, observando o fino véu de energia dançar entre a palma dele e a minha, segurando as palavras até poder confiar novamente em minha voz.

— Não, não está — sussurro. — Você é o que há de melhor em minha vida. É só o que importa de verdade. — Repito as palavras que sei serem verdadeiras, desejando apenas poder *senti-las* da maneira que costumava sentir.

Mas Damen não está acreditando, pois ele me conhece muito bem. Já testemunhou milhões de alterações de humor, zilhões de mudanças de tom de voz e técnicas de fuga nos últimos quatrocentos anos. E isso contando só as minhas.

— Ever, tem alguma coisa errada? Você está agindo de um jeito estranho desde…

Olho para ele, e minha voz sai áspera, aguda e tensa quando digo:

— Desde que fiz com que você tomasse o elixir que tornou nosso toque letal?

Ele faz que não com a cabeça.

— Desde que transformei Haven em imortal?

Ele nega com a cabeça novamente, dessa vez passando os dedos em meus lábios, silenciando-me ao dizer:

— Eu não estava me referindo a nada disso. Você tomou as melhores decisões que pôde nas circunstâncias em que se encontrava. Não tenho o direito de culpar você por isso. Ia dizer que vem agindo de forma estranha desde que começou a se meter com magia. Parece preocupada, distante, como se nunca estivesse totalmente presente. E eu estou preocupado com você, imaginando se isso não subiu à sua cabeça. E, se subiu, em como posso ajudar.

Olho em seus olhos. Vejo tanta esperança e ternura que não posso confessar o que venho sentindo por Roman. O próprio pensamento já é pavoroso.

— Eu admito, fiz uma pequena *amarração*. Mas prefiro não entrar em detalhes, agora a situação já melhorou. Romy e Rayne me mostraram como desfazer a amarração, está tudo… *bem*. Pode confiar em mim.

Ele olha para mim, ainda mais preocupado, mas ainda assim apenas faz um gesto positivo com a cabeça e diz:

— Se está me pedindo para confiar em você, então, vou confiar. Mas me avise se houver algo que eu possa fazer.

Inclino-me na direção dele — meu namorado, minha alma gêmea, meu parceiro para sempre. Sei que é assim que deveria ser, que só estou passando por uma pausa brusca, uma dificuldade técnica, uma pequena mancha na tela de nossa vida infinita. Ciente desse zumbido insistente ao fundo, que ameaça tomar o controle novamente, olho em seus olhos e digo:

— O que acha de sairmos daqui?

Ele olha para mim com a expressão mais suave, os olhos se iluminando, sempre pronto para uma boa aventura.

— Pensou em algum lugar específico? — pergunta, sem saber o que tenho em mente, mas com um olhar de cumplicidade.

Faço que sim com a cabeça, apertando sua mão e pedindo calmamente que feche os olhos enquanto sussurro:

— Venha comigo.

nove

Assim que aterrissamos, caindo lado a lado na grama, sinto-me melhor. Um milhão, um trilhão, um zilhão de vezes melhor. Levanto-me e caminho aos pulinhos pelo campo, livre daquela terrível energia invasiva, daquele pulso estranho e dos pensamentos sobre Roman que vêm junto. Tudo é reduzido a uma lembrança distante e vaga enquanto a grama cresce sob meus pés e as flores perfumadas tremulam debaixo da ponta dos meus dedos. Olho para trás, acenando para que Damen me siga, e percebo um sorriso genuíno iluminar meu rosto pela primeira vez em dias.

Estou regenerada, renovada, sinto-me capaz de recomeçar tudo.

Ele vem em minha direção, para um pouco afastado, fecha os olhos e transforma instantaneamente os grandes campos perfumados de Summerland em uma réplica exata do Palácio de Versalhes, colocando-nos no meio de um salão tão grande e opulento que chego a perder o fôlego.

Todo o piso é revestido com madeira lisa e lustrosa, enquanto as paredes cor de creme brilham devido ao uso sem moderação de folhas de ouro. E os tetos — aqueles tetos superaltos adornados com afrescos sofisticados — são pontuados por lustres esplêndidos, com cristais reluzentes refletindo a chama das velas que queimam, enchendo a sala com um caleidoscópio de luzes suaves e ardentes. Quando penso que não pode ficar melhor, surge o som majestoso de uma sinfonia, Damen faz uma reverência e estende a mão.

Olho para baixo, fazendo um breve cumprimento, e aproveito a oportunidade para olhar para meu vestido. O corpete, apertado e curto, desdobra-se em pregas largas de seda azul muito brilhante que vão até o chão. Levanto os olhos e o vejo tirar uma caixa de veludo do bolso do casaco, e quase engasgo de empolgação quando ele a abre e revela um delicado colar incrustado com safiras e diamantes, que coloca em meu pescoço.

Eu me viro e olho para a extensa fileira de espelhos que cobrem os dois lados do salão, observando nós dois juntos, ele vestindo culotes, blazer e botas, eu usando meus trajes opulentos, os cabelos encaracolados presos no penteado mais complicado do mundo. Sei exatamente o que ele está fazendo, exatamente o que pretende. Está me dando o "felizes para sempre" que Drina roubou de mim.

Olho para o salão de baile impressionada, mal acreditando que eu poderia ter tido *isso*, poderia ter feito parte deste mundo, o mundo *dele*. Se meu futuro de *Cinderela* não tivesse sido arrancado de mim, tirando minha chance de experimentar o sapatinho de cristal.

Se minha vida não tivesse sido tirada, ele teria me dado o elixir e me transformaria imediatamente da humilde serviçal francesa chamada Evaline *nisso*, o ser radiante que me olha de volta no espelho. E cento e poucos estranhos anos depois poderíamos estar dançando juntos, compartilhando esta bela noite, vestindo nossos trajes e nossas joias, bem ao lado de Maria Antonieta e Luís XVI.

Mas não aconteceu. Em vez disso, Drina me matou, forçando-nos a continuar nossa busca um pelo outro várias vezes.

Olho para ele, tentando conter as lágrimas enquanto coloco a mão em seu ombro, e ele envolve minha cintura com o braço, girando-me pelo salão de dança. Nossos pés se movem com agilidade, minha saia roda, formando uma nuvem de azul estonteante. Fico tão tomada pela beleza que ele criou, replicada apenas para mim, que o abraço com força, encostando os lábios em seu ouvido, e pergunto se há mais cômodos para ver.

Antes que possa me dar conta, estou me movendo rapidamente por um confuso labirinto de

cômodos, até chegar ao mais bonito e mais grandioso quarto que já vi.

— Seu desejo é uma ordem. — Ele sorri, parando na porta enquanto tento não ficar de queixo caído enquanto olho tudo. — Esse não é o Aposento da Rainha; Maria Antonieta e eu nunca fomos *tão* próximos. Mas é uma réplica exata do quarto em que fiquei em minhas inúmeras visitas. Então, diga, o que acha?

Ando pelo tapete decorado, observando as cadeiras forradas de seda, a abundância de velas e o uso generoso de cristal e de ouro, corro e pulo sobre a cama com dossel, felpuda e ricamente drapeada, e aponto para o espaço ao meu lado, como se não tivesse nenhuma outra preocupação no mundo.

Porque não tenho.

Estou em Summerland.

Roman não pode me atingir.

— E então, o que acha? — Ele se inclina sobre mim, observando meu rosto.

Eu me apoio, passando os dedos por suas maçãs do rosto, pelo contorno marcado de seu queixo, e digo:

— O que eu acho? — Balanço a cabeça e dou uma risada leve e alegre, como costumava fazer. — Acho que você é o namorado mais incrível do mundo todo. Não, retiro o que disse…

Ele olha para mim, fingindo estar apreensivo.

— Acho que você é o namorado mais incrível do planeta… *do universo*!— Sorrio. — Sério! Quem mais arranjaria um encontro como este?

— Tem certeza de que gostou? — ele pergunta, começando a mostrar uma preocupação real.

Levanto os braços, passo-os em volta de seu pescoço e puxo-o para perto de mim. Sei que há um véu de energia que pulsa entre os lábios dele e os meus, permitindo o que estou começando a chamar de nosso *quase* beijo padrão, mas ainda assim fico feliz com o que tenho.

— Essa época era tão emocionante — diz ele, afastando-se e apoiando a cabeça na mão para me ver melhor. — Só queria que você tivesse vivenciado, tido um gostinho de como era, de como *eu* era. Sinto muito por ter perdido isso, Ever. Nós teríamos nos divertido tanto! Você teria sido a rainha do baile, a mais bonita de todas. — Ele estreita os olhos. — Não… pensando bem, Maria poderia não gostar. — Ele balança a cabeça e ri.

— Por quê? — Meus dedos brincam com o babado de sua camisa, abrindo caminho pelos botões até o peito aquecido embaixo. — Ela tinha *segundas intenções* em relação a você, como dizem? E isso foi antes ou depois de o Conde Fersen aparecer?

Ele ri.

— Antes, durante *e* depois. Definitivamente era um bom lugar para estar… pelo menos por um tempo. — Ele balança a cabeça. — E não, para sua informação, éramos apenas bons amigos. Ela não tinha *segundas intenções*, pelo menos não que eu tenha notado. Eu disse aquilo imaginando que uma mulher bonita geralmente não fica muito feliz quando outra entra em cena.

Olho para ele, observando os traços elegantes de seu rosto, parte dos cabelos negros e brilhosos caindo sobre os olhos, pensando em como ele está galante, como é nobre, como esse visual combina com ele e realmente diz quem ele é, muito mais do que os jeans desbotados e as botas pretas de motoqueiro.

— E o que Maria Antonieta achava de Drina? — pergunto, lembrando-me de sua pele macia, dos olhos cor de esmeralda e dos cabelos ruivos; uma beleza tão grande que me tirava o fôlego. Só

depois de falar percebo que estamos tendo uma conversa sobre a ex-mulher maligna de Damen e eu não sinto um pingo do ciúme de sempre. E não é apenas por causa da magia de Summerland, mas também porque agora estou realmente tranquila quanto a isso.

Infelizmente, Damen desconhece esse meu novo ponto de vista, o que deve explicar por que fica carrancudo, com as sobrancelhas oblíquas e os lábios rígidos. Imaginando se vou mesmo começar de novo com isso, depois de tanto trabalho criando isso para mim.

Mas eu apenas sorrio, convidando-o a olhar minha mente e *ver* por si só. Perguntei apenas porque estava curiosa, nada mais. Não há nem uma ponta sequer de ciúmes.

— Drina e Maria não gostavam muito uma da outra — diz ele, visivelmente aliviado por minha mudança. — Na maioria das vezes, eu aparecia sozinho.

Olho para ele, imaginando todas as mulheres solteiras que deviam desmaiar assim que ele entrava na sala sem acompanhante… e, novamente, nada sinto.

Todo mundo tem um passado. Até, ao que parece, *eu*. Só o que realmente importa é que ele me ama. Sempre me amou. Passou os últimos quatrocentos anos procurando por mim. E acho que finalmente entendi a dimensão que isso tem.

— Vamos ficar aqui para sempre — sussurro, puxando-o para perto de mim e cobrindo seu rosto de beijos. — Vamos morar aqui, neste lugar incrível, e quando nos cansarmos, *se* nos cansarmos, basta materializar outro lugar para viver.

— Podemos fazer isso em casa, você sabe. — Ele olha para mim com ternura e intensidade, com a mão enterrada em meus cabelos, desfazendo as tranças. — Podemos *viver* onde quisermos, *ter* o que quisermos, *ir* aonde quisermos, assim que terminarmos a escola e nos afastarmos de Sabine. — Ele ri.

Mesmo rindo junto com ele, sei que não é bem assim.

Não posso ter em casa o que temos aqui.

Não depois do feitiço que fiz.

E, até encontrar um jeito de desfazê-lo, este é o único lugar em que posso ser assim, *sentir-me* assim. A magia vai desaparecer no momento em que eu passar pelo portal.

— Mas, enquanto isso, não temos motivos para ter pressa… *temos*? — Ele dá um sorrisinho, puxando meu queixo até nossos lábios se encontrarem.

Ele me abraça, cobrindo meu corpo com o seu. A *quase* sensação de suas mãos em minha pele me enche de formigamento e de calor. Ambos nos rendemos ao momento, aos limites que não temos escolha além de aceitar. Meus lábios murmuram em seu ouvido:

— Não consigo pensar em nenhum motivo. Nenhum mesmo.

dez

— Ever… *Ever*, acorde! Precisamos voltar logo.

Viro de barriga para cima e me espreguiço, esticando os braços acima da cabeça, enquanto arqueio as costas e flexiono os dedos do pé, movendo-me lentamente, com calma, tomada por um calor tão terno que fico tentada a virar para o outro lado.

— É sério. — Damen ri com os lábios em minha orelha, mordiscando o lóbulo de um jeito que me faz cócegas. — Já discutimos isso e concordamos que em algum momento precisamos voltar.

Preguiçosamente, levanto uma pálpebra, depois a outra, e vejo um exagero de seda e de dourado, e o babado da camisa de Damen ainda fazendo cócegas na ponta de meu nariz. *Ainda estou em Versalhes?*

— Eu dormi por quanto tempo? — Reprimo um bocejo, mas sem muito sucesso, vendo Damen me olhar de cima com um sorriso alegre.

— Não há tempo em Summerland. — Ele ri. — E, acredite, vou tentar não levar para o lado pessoal o fato de você ter dormido.

Eu me levanto, bem desperta agora, e boquiaberta.

— Espere… quer dizer que eu dormi enquanto você… enquanto nós… — Balanço a cabeça, as bochechas quase pegando fogo. Não posso acreditar que realmente peguei no sono… *enquanto nos beijávamos*.

Ele confirma com a cabeça, por sorte parecendo mais entretido do que bravo. Mas, ainda assim, escondo o rosto com as mãos, horrorizada só de pensar.

— Isso é *tão* constrangedor. Sério. Estou tão… — Balanço a cabeça e contraio os músculos. Nem preciso dizer o quanto estava exausta por causa da semana passada.

Ele se levanta da cama, ajudando-me a ficar de pé, e diz:

— Não precisa se desculpar nem ficar envergonhada. Sabe, de certo modo, até foi bom. Não lembro ter passado por isso antes, e é difícil vivenciar "primeiras vezes" depois dos primeiros… ah, cento e poucos anos. — Ele ri, puxando-me para perto e passando os braços ao redor de minha cintura. — Está melhor?

Confirmo com a cabeça. É meu primeiro sono decente desde… bem, desde que *você sabe quem* começou a invadir meus sonhos. Mesmo não sabendo por quanto tempo dormi, sinto-me muito melhor agora, como se estivesse pronta para voltar ao plano terreno e enfrentar todos os meus demônios. Ou pelo menos um em particular.

— Vamos? — Ele levanta uma das sobrancelhas.

Damen está prestes a fechar os olhos e materializar o véu quando digo:

— Mas… e este lugar? O que vai acontecer quando partirmos?

Ele dá de ombros.

— Bem, vou deixar para lá, já que sempre poderemos materializar tudo novamente. Você sabe, não sabe? — Ele me olha de um jeito estranho.

Mesmo ciente de que para ele é fácil recriá-lo exatamente como é, sinto que quero que permaneça assim. Quero saber que é sólido e duradouro. Um lugar para onde posso voltar quando quiser, e não apenas uma lembrança confusa de um dia maravilhoso.

Ele sorri, fazendo uma reverência e respondendo aos meus pensamentos.

— Que assim seja. — Ele pega minha mão. — Versalhes permanece.

— E isso? — Sorrio, afofando o enfeite de sua camisa creme, fazendo-o rir de uma forma que há tempos não ouço.

— Bem, pensei em me trocar antes de voltar para casa… se estiver tudo bem para você.

Levanto a cabeça e entorto os lábios para o lado, observando-o com cuidado, enquanto penso.

— Mas eu gosto de você assim. Está tão bonito, tão galante… parece ser da realeza. Sério. Faz com que eu sinta que estou olhando para o *verdadeiro* você, vestido à moda da época que parece ter mais gostado.

Ele dá de ombros.

— Eu gostei de todas. Algumas foram melhores do que outras, mas, olhando para trás, todas tiveram algo a oferecer. E você, por sinal, também está deslumbrante. — Ele passa os dedos por minhas joias e desce até o corpete justo de meu vestido. — Mas, ainda assim, se quisermos nos adequar para a volta para casa, trocar o figurino é essencial.

Eu suspiro, triste por ver nossas vestes do século XVIII substituídas pelas roupas normais de Laguna Beach.

— E agora… — Ele faz um gesto positivo com a cabeça, colocando meu amuleto de volta sob a gola do vestido. — O que me diz? Minha casa ou a sua?

— Nenhuma das duas. — Pressiono os lábios, sabendo que ele não vai gostar nada do que vem em seguida, mas estou comprometida a ser completamente sincera com ele as poucas vezes que puder. — Preciso ver Jude.

Ele estremece. É sutil, quase invisível para um olho sem treinamento, mas eu vejo mesmo assim. E preciso que ele saiba o que Jude já sabe: que não há concorrência. Nunca houve. Damen ganhou meu coração há séculos. E o tem desde então.

— Aconteceu um acidente — afirmo, determinada a manter a voz calma, estável, e me ater aos fatos, não importa quão terríveis sejam. Mesmo podendo simplesmente deixar a cena fluir de minha mente para a dele, não o faço. Há muitas partes que não quero que ele veja, pois pode interpretar de modo errado, então digo:

— Eu… eu meio que o ataquei…

— *Ever!* — ele deixa escapar, tão chocado que o mínimo que posso fazer é não desviar o olhar.

— Eu *sei*. — Balanço a cabeça, paro e respiro fundo. — Sei o que parece, mas não é o que está pensando. Eu… eu estava tentando provar que ele era um dos imortais *perigosos*… mas… bem… quando vi que não era… corri com ele para o pronto-socorro.

— E não me contou isso por quê…? — Ele me olha, obviamente magoado por minha omissão.

Eu suspiro, olhando bem para ele, e digo:

— Porque fiquei com vergonha. Porque faço tudo errado *sempre*, e não queria que você perdesse a paciência comigo. Quer dizer… não que eu culpe você… mas mesmo assim… — Dou de ombros, coçando o braço mesmo sem sentir coceira, outro hábito que demonstra meu nervosismo.

Ele coloca as mãos em meus ombros, olhando-me bem nos olhos quando diz:

— Meus sentimentos por você são incondicionais. Eu não faço julgamentos. Não perco a paciência com você. Não castigo. Apenas amo. Só isso. Pura e simplesmente. — Seus olhos procuram os meus. Seu olhar é tão quente, tão amoroso, claramente confirmando o conteúdo de suas palavras. — Não há motivo para esconder nada de mim, *nunca*. Entendeu? Não vou a lugar algum. Sempre estarei aqui. E, se precisar de algo, estiver em alguma situação complicada ou sentir alguma

dificuldade, tudo o que tem a fazer é me chamar, e eu apareço para resgatar você.

Faço um gesto positivo com a cabeça, incapaz de falar. Sou tão agradecida pela incrível sorte que tenho, sinto-me tão afortunada por ser amada por alguém como ele… mesmo que nem sempre eu mereça.

— Então, vá cuidar de seu amigo, eu vou cuidar das gêmeas, e nos encontraremos amanhã, certo?

Inclino-me para beijá-lo, rapidamente, cuidando para soltar sua mão, já que vamos para lugares diferentes. Fecho os olhos por tempo suficiente para visualizar o portal diante de mim, aquele véu dourado tremeluzente que me levará de volta para casa.

Aterrisso em frente à casa de Jude, bato algumas vezes à porta e espero um bom tempo para que ele atenda, até que desisto e entro. Procuro em todos os cômodos de seu pequeno chalé na praia, incluindo a garagem e o quintal, e depois fecho tudo e sigo para a livraria.

Mas, no caminho para lá, passo pela loja de Roman. E só preciso olhar uma vez para a vitrine, para a placa que diz: RENASCENÇA!, para a porta da frente aberta que leva diretamente até *ele*, e de uma hora para outra a magia de Summerland desaparece e o pulso estranho e exótico, o invasor terrível assume novamente.

Obrigo-me a seguir adiante, reunindo toda a força que me resta para passar por ali, mas minhas pernas ficam muito pesadas, não querem cooperar, e minha respiração fica tão curta e tão rápida…

Estou presa. Incapaz de fugir. Tomada pela terrível *necessidade* de encontrá-lo. De *vê-lo*. De estar com ele. O invasor horrível toma as rédeas como se minha noite de encantamento nunca tivesse acontecido. Como se eu nunca estivesse em paz.

A fera foi acordada, exige ser alimentada. E, apesar de todos os esforços para sair deste lugar antes que seja tarde demais, já é tarde demais. Ele vem até mim.

— Quem diria encontrar *você* por aqui. — Roman encosta na porta com seus cabelos dourados, dentes brilhantes e olhos azuis focalizados diretamente em mim. — Parece… *irritada*. Está *tudo bem*? — Seu sotaque britânico artificial normalmente me incomoda demais, mas agora… agora acho tão encantador que só consigo permanecer parada. Continuo combatendo a batalha épica que é travada dentro de mim. Eu contra o pulso estranho.

Ele ri e joga a cabeça para trás de modo a mostrar claramente a tatuagem de uróboro no pescoço; a serpente se enrolando, rastejando, com os olhos brilhantes procurando os meus, enquanto sua língua longa e fina me chama para perto.

E, apesar de tudo o que sei sobre bem e mal, certo e errado, imortais bons e imortais perigosos, dou um passo à frente. Dou um pequeno passo rumo à derrota, rapidamente seguido de outro. E mais um. Meu olhar está fixo em Roman, no lindo e glorioso Roman. Ele é tudo o que consigo ver. Tudo de que preciso. Apenas vagamente a par do que realmente sou, ainda em algum lugar lá dentro… lutando, gritando, exigindo ser ouvida… mas é impossível competir. E logo sou silenciada pelo pulso obstinado que agora vive em mim. Sua visão aponta para uma única coisa.

Seu nome enche minha boca enquanto fico diante dele, tão perto que posso distinguir cada manchinha violeta em seus olhos e sentir o frio gelado que emana de sua pele. O mesmo frio que antes considerava abominável, repulsivo, mas agora não mais. Agora é como uma sereia me chamando de volta para casa.

— Sempre soube que viria. — Ele sorri, passando os olhos por mim enquanto enterra os dedos em meus cabelos. — Bem-vinda ao lado negro, Ever. Acho que você vai ser bem feliz aqui. — Ele ri. O som de sua risada me envolve como um delicioso abraço congelante. — Não estou surpreso por ter dispensado aquele babaca do Damen. Achei que uma hora ia se cansar dele. Toda a *espera*, a

ansiedade, aquela ladainha de *almas que se procuram*. Sem contar o *idealismo*. — Ele balança a cabeça e faz careta, como se o simples pensamento fosse doloroso. — Não sei como aguentou durante tanto tempo. E em troca de quê, que mal lhe pergunte? Porque odeio ter que dizer, gata, mas não há recompensas futuras daquele lado quando seu futuro está bem *aqui*. — Ele bate o pé no chão. — É uma perda de tempo. Não adianta adiar a gratificação quando o presente funciona melhor. Há prazeres dos quais desfrutar, Ever. Prazeres de uma magnitude que você mal pode entender. Mas, para sua sorte, sou do tipo que perdoa. Estou mais do que disposto a ser seu guia. Então, diga, por onde devemos começar, gata. Na sua casa ou na minha?

Ele passa o dedo pelo contorno de meu rosto, pelo meu ombro, indo na direção da gola do meu vestido. Mesmo a sensação sendo fria, estimulante no sentido mais forte da palavra, não consigo fazer nada além de me entregar a ela, fechar os olhos e me afundar, desejando que ele vá mais fundo, explore mais, preparada para ir aonde ele me levar…

— *Ever?* É *você*? Só pode estar brincando, não é?

Abro os olhos e vejo Haven parada a nosso lado com os olhos semicerrados, cheios de raiva, alternando-se entre mim e Roman. Ela não dá trégua, até que ele ri e me empurra, descartando-me com rapidez e facilidade, como se eu nada significasse para ele.

— Falei que ela ia voltar, gata. — Ele passa os olhos pelo meu corpo trêmulo e suado, tão dominado pelo anseio não correspondido que me dói vê-lo passar os braços ao redor *dela*. Os dois viram as costas para mim e seguem para dentro, enquanto ele diz:

— Você conhece Ever. Ela simplesmente não consegue ficar longe de mim.

onze

Eu corro.

Cruzo os quarteirões em questão de segundos, como um borrão em movimento aos olhos de todos por quem passo. Mas não me importo com isso. Não me importo com o que pensam, com o que veem. Apenas uma coisa me importa: conseguir me livrar desse invasor horrível, desse transgressor místico, para que a antiga Ever possa retornar.

Irrompo pela porta quando Jude está prestes a trancá-la, quase o derrubando se ele não fosse bastante rápido para sair da frente.

— Preciso de ajuda. — Fico parada diante dele, ofegante, quase sem ar, completamente devastada. — Eu… eu não sei aonde mais posso ir.

Ele olha para mim com os olhos semicerrados, as sobrancelhas unidas de preocupação, e me acompanha até a sala dos fundos, onde puxa uma cadeira com o pé e faz um sinal para que eu me sente.

— *Calma* — diz, suavemente. — Respire fundo. É sério, Ever. O que quer que seja, sei que podemos encontrar a solução.

Balanço a cabeça e me inclino em sua direção, agarrada nos braços da cadeira, lutando para ficar ali, para não voltar para *lá*.

— Mas e se você estiver errado? — digo com os olhos assustados, o rosto vermelho, a voz aguda e trêmula. — E se *não* houver solução? E se eu… e se eu estiver *arruinada* para sempre?

Ele dá a volta na mesa e se acomoda em sua cadeira, girando para um lado e para o outro enquanto me observa atentamente, com o rosto tranquilo, plácido, impossível de interpretar. Mas há algo no movimento, naquele giro suave e constante, que me acalma de imediato, permitindo que eu me acomode na cadeira, diminua o ritmo da respiração e me concentre no modo como seus *dreadlocks* caem sobre a figura colorida de Ganesha estampada em sua camiseta.

— Olhe — finalmente digo, começando a me sentir melhor, quase humana de novo. — Eu… eu sinto muito por chegar aqui desse jeito. Na verdade, ia passar na sua casa para entregar *isso* a você. — Pego minha bolsa e procuro pelo pequeno embrulho branco, que depois entrego a ele. Vendo-o olhar para o conteúdo, explico: — É seu remédio. Eu peguei mais cedo e ia deixar na sua mesa, mas acabei esquecendo completamente e lembrei só agora.

Ele faz um gesto positivo com a cabeça, observando-me com atenção, e diz:

— Ever, por que tudo isso? Com certeza você não está aqui para falar sobre meus remédios. — Ele empurra os comprimidos para o lado com o gesso, olhando em meus olhos enquanto acrescenta: — Acredite, não pretendo tomar esses remédios. Analgésicos e eu… não é uma mistura muito boa. Como sei que já testemunhou…

E quando ele olha para mim, sei que se lembra. De tudo. Tudinho. De toda a confissão que fez.

Aperto os lábios e olho para baixo, mexendo na barra do vestido, e digo mecanicamente, sem pensar:

— Bem, acho melhor tomar pelo menos os antibióticos. Sabe, para evitar uma infecção e coisas assim…

Ele se recosta na cadeira e coloca os pés na mesa, cruzando os tornozelos e fixando seus incríveis olhos verdes em mim.

— O que acha de esquecermos esse assunto e irmos direto ao ponto? O que realmente está acontecendo com você?

Respiro fundo, alisando o vestido sobre os joelhos antes de olhar hesitantemente em seus olhos.

— Eu realmente vim para trazer os remédios. Mas no caminho… aconteceu uma coisa… e… — Olho para ele, sabendo que preciso chegar logo ao ponto, colocar tudo para fora antes que ele perca a paciência comigo. — Acho que, por acidente, amarrei Roman a mim.

Ele me olha, esforçando-se para não se esquivar, mas não consegue:

— Ou, na verdade, eu me amarrei a Roman, mas não de propósito… foi um acidente. Eu queria fazer exatamente o contrário, mas depois, quando tentei desfazer, só piorei a situação. E mesmo que você não tenha motivo algum para me ajudar… acredite se quiser, não tenho a quem recorrer.

— Não mesmo? Tem certeza? — Ele ergue as sobrancelhas.

Reunindo palavras, esperando conseguir convencê-lo, suspiro alto e digo:

— Sei o que está pensando, mas pode esquecer. Não posso contar para Damen. Ele jamais pode saber o que eu fiz. Ele não mexe com magia, não confia nela, então nada pode fazer para me ajudar. Eu só iria magoá-lo e decepcioná-lo sem motivo. Mas você… você é diferente. Sabe o que fazer diante de um feitiço. E já que eu preciso de alguém que tenha familiaridade com esse tipo de assunto… bem, pensei que pudesse me mostrar como consertar isso.

— Parece que está colocando muita fé em mim. — Ele joga os *dreads* sobre o ombro e acomoda os braços sobre o colo.

— Talvez. — Dou de ombros. — Mas eu realmente acredito que seja garantido. Quer dizer… agora que tenho provas de que você não é do mal… Aponto com a cabeça para os braços dele. Ao vê-los, tenho uma ideia, algo que posso usar em algum momento, algo que pode ser a forma perfeita de compensá-lo… mas no futuro, não agora. Primeiro, preciso resolver isso. Engulo em seco e desvio o olhar, horrorizada por ter de admitir isso, dizer as palavras em voz alta, embora ciente de que é o único jeito. — É como se eu estivesse obcecada pelo Roman. — Olho para ele rapidamente, vendo-o empalidecer de leve, mas grata por seus esforços para não demonstrar. — Estou total e completamente fixada nele. Só consigo pensar nele, sonhar com ele. Não importa o que eu faça, não consigo parar.

Ele balança a cabeça de leve, como se estivesse fazendo uma reflexão profunda. Como se estivesse passando as páginas de seu livro mental de como reverter feitiços, procurando pela cura certa.

— Esse é um caso difícil, Ever. — Ele respira fundo e me olha nos olhos. — É… *complicado*.

Faço um gesto de entendimento com a cabeça, com as mãos entrelaçadas sobre o colo, já ciente de que seria assim.

— Feitiços de amarração… — Ele esfrega o gesso no queixo. — Bem, nem sempre podem ser desfeitos.

Inclino-me para a frente, lutando para me acalmar, tentando falar apesar da respiração agitada.

— Mas… eu pensei que *tudo* pudesse ser desfeito… só é preciso fazer o feitiço *certo*, na hora *certa*… *certo*?

Ele levanta e abaixa os ombros em um movimento tão definitivo que faz meu estômago afundar, e olha em meus olhos ao dizer:

— Desculpe, só estou dizendo o que aprendi em anos de estudo e prática dessas coisas. Mas você tem "O livro", tem o suposto código que traduz o código… então, é você quem sabe.

Suspiro, recostando-me na cadeira, mexendo na barra do vestido.

— O livro não ajuda muito. Quer dizer… eu fiz tudo exatamente como Romy e Rayne disseram… Usei praticamente todos os mesmos elementos… e…

Ele olha para mim:

— *Exatamente* os mesmos elementos?

— Bem, é. — Dou de ombros. — Praticamente. Quer dizer… para reverter um feitiço é preciso repetir os passos de antes… o livro diz isso, e Romy e Rayne confirmaram.

Ele confirma com a cabeça. Não diz uma palavra, apenas confirma. Mas sua tentativa de comedimento fica bem clara.

— Então não imagino o que deu errado. No começo, achei que tivesse feito tudo certo, mas depois… escapou completamente das minhas mãos e começou a se reverter de novo, repetindo a sequência de acontecimentos da primeira vez.

— Ever, eu sei que repetiu os *passos*, mas também repetiu as *ferramentas*? As mesmas ervas, os mesmos cristais e o que mais possa ter usado?

— Alguns sim, outros não. — Dou de ombros, não entendendo muito bem aonde ele quer chegar.

— Qual foi a principal ferramenta que usou? Aquela que realmente colocou o feitiço em ação?

— Bem, depois do banho, eu… — Estreito os olhos e penso, e a resposta vem instantaneamente: — O athame. — Olho para ele, ambos sabendo que foi *esse*… o enorme erro que cometi. — Eu… eu usei para uma troca de sangue e…

Seus olhos ficam arregalados, o rosto pálido, e sua aura começa a se agitar de um modo que mostra que ele está mais do que apenas um pouco assustado.

— E foi o mesmo athame que você usou em *mim*? — ele pergunta, claramente preocupado.

Faço que não com a cabeça, vendo seu rosto se encher de alívio.

— Não, aquele era uma réplica que eu materializei. O verdadeiro está em casa.

Ele faz um gesto com a cabeça, obviamente feliz por ouvir aquilo, mas determinado a seguir adiante.

— Bem, odeio ter que dizer isso, mas essa era exatamente a ferramenta que precisava ser nova. Você deve oferecer à deusa algo novo, puro, sem uso. Não pode oferecer as mesmas ferramentas manchadas que usou para a rainha do mundo inferior.

Ah!

Ele olha para mim com o olhar triste, os olhos caídos, e diz:

— Eu adoraria ajudar você, é sério, mas esse tipo de problema está um pouco além do meu alcance. Talvez você devesse consultar Romy e Rayne, elas parecem saber o que estão fazendo.

— Será que sabem? — Aperto os olhos, sem saber aonde estou querendo chegar, e, pensando alto, digo: — Porque o negócio é que eu *dei* ouvidos a elas. Fiz o que me disseram. Quer dizer… certo, elas não gostaram do athame, disseram que eu tinha feito tudo errado e queriam que eu o derretesse, mas, quando eu me recusei, elas simplesmente não insistiram. Nunca disseram que eu não podia usar o mesmo athame novamente, ou que eu tinha que usar um conjunto novo de ferramentas para reverter o feitiço. Por algum motivo, não compartilharam isso comigo.

Nossos olhares se encontram, ambos pensando a mesma coisa. *Por que elas fariam isso? Teria sido de propósito? Elas me odeiam tanto assim?* Jude descarta o pensamento muito mais rápido do que eu. Mas ele não conhece nosso histórico. Um histórico tão complicado e inconstante que não consigo excluir essa possibilidade.

— É o seguinte, elas são extremamente próximas de Damen. O amor que sentem por ele é proporcional ao ódio que sentem por mim. É sério. — Confirmo com a cabeça, sabendo que não é exagero. É a verdade completa e total. — E, apesar de supostamente serem bruxas do bem, eu não duvidaria de que fossem capazes disso, achando que estariam me dando uma lição, ou, sei lá, até mesmo tentando me separar de Damen. Quem sabe o que elas planejaram? Mas, mesmo que não tenha sido intencional, mesmo que elas simplesmente não soubessem o que estavam fazendo, eu não posso falar com elas. Porque, se *fizeram* de propósito, vão contar tudo, e ele não pode descobrir isso de jeito nenhum. Não posso magoar Damen assim. E se *não fizeram* de propósito, bem, vai ser apenas mais munição para o arsenal de fatos que elas podem usar para me ridicularizar.

Jude chega mais perto de mim com uma expressão determinada no rosto e diz:

— Ever, entendo seu dilema. Entendo de verdade. Mas não acha que está um *pouquinho* paranoica ultimamente?

Estreito os olhos e me encosto na cadeira, perguntando-me se ele ouviu uma palavra do que eu disse.

— Primeiro você me acusa de ser *perigoso*, que, por sinal, ainda não sei o que quer dizer, além de ter alguma relação com Roman, que, segundo você, não apenas tem a própria tribo de *malfeitores*, mas também é quem você odeia e deseja por causa de um feitiço de amarração que deu errado. E, embora não tenha certeza, é bem possível, pelo menos em sua cabeça, que Romy e Rayne queiram fazer mal a você, motivo pelo qual propositalmente teriam omitido parte das instruções, para que você fizesse algo tão errado a ponto de separar você e Damen. E, falando em Damen, também está convencida de que ele nunca perdoaria essa bagunça que você fez… e… — Ele balança a cabeça. — Está vendo aonde estou querendo chegar?

Franzo a testa, os braços cruzados, os olhos quase fechados de tão semicerrados, recusando-me a dar o braço a torcer. Além do mais, não é tão simples, é muito mais profundo do que isso.

— Ever, por favor, quero ajudar, já deveria ter percebido a essa altura, mas também estou determinado a tomar a atitude certa. Você precisa falar com Damen. Tenho certeza de que ele vai entender e…

— Eu já expliquei — digo. — Ele não confia em magia e já me alertou contra fazer uso dela. Não posso suportar que ele saiba que não dei ouvidos e até onde fui capaz de ir.

Jude se encosta na cadeira e me observa com cuidado. Sua voz não passa de um suspiro quando diz:

— Ah, mas não se importa que eu saiba, não é? — Ele dá um meio sorriso que não se reflete nos olhos.

Respiro fundo e olho para ele, determinada a ser o mais clara e aberta possível.

— Acredite, também não me sinto confortável com isso, mas basicamente não tenho mais a quem recorrer. Mas, se não quiser se envolver, é só dizer que eu…

Apoio-me nos braços da cadeira e me levanto, preparada para sair. Sou impedida pelo encanto daqueles olhos verde-água convencendo-me a me sentar novamente, enquanto ele abre uma gaveta, olha lá dentro e diz:

— Parece que já estou envolvido. Vamos ver o que posso fazer.

doze

— E eu achando que estava destinado a ir para Florença sem um último adeus seu! — Miles me puxa e me dá o que descrevo como um abraço de urso. Ele olha para Damen com cuidado e sussurra: — Fico feliz por ver que vocês estão juntos novamente.

Afasto-me e lanço um olhar dúbio para ele, lembrando a última vez que o vi, na festa de despedida que ofereci para ele na semana passada, e de como ele me encorajou a largar Damen e encontrar a felicidade ao lado de Jude.

Ele entende meu olhar como se estivesse lendo minha mente, dá um sorrisinho e diz:

— Quero ver você feliz, isso é tão ruim assim? — Ele se vira, acenando para Damen, e continua: — Que diabos, quero ver *todo mundo* feliz, e é por isso que você deve ficar longe de todos os cômodos desta casa, a não ser este em que está agora. E isso inclui o quintal.

Damen aperta os braços ao meu redor, envolvendo-me em um abraço protetor. Sua voz tem uma ponta de preocupação quando diz:

— Então, tem alguém na lista de convidados que pode nos deixar *infelizes*?

Olho para os dois, já ciente da resposta. Eu soube no momento em que saímos do carro e passamos pela porta. No momento em que aquele pulso estranho acordou dentro de mim, alertando-me para uma coisa, a *única* coisa de que preciso saber:

Roman está aqui.

O restante são apenas detalhes.

Miles entorta os lábios e passa os dedos pelos cabelos curtos e escuros.

— Ah, não. Não tem lista de convidados. Apenas um grupo aleatório de pessoas que começou a chegar lá pelo meio-dia e ainda não parou. E só para avisar, sei de tudo sobre você e Haven, então…

— O quê? — Analiso-o com cuidado, olhando para sua aura. Seu amarelo bem-intencionado de sempre agora virou um cinza que denota conflito.

Ele olha para mim, franzindo os lábios e balançando a cabeça ao dizer:

— Olhe, sei de tudo, ela me contou. E mesmo que eu queira ficar por aqui e ajudar vocês duas a superar isso…

— O que ela disse? Quais foram as *palavras exatas*? — pergunto, olhando fixamente para Miles enquanto Damen aperta minha cintura com mais força. Ambos estamos em estado de alerta, vendo-o balançar a cabeça em negativa e fazer mímica de um zíper fechando sua boca.

— Ah, não. Nem tente. É sério, Ever. Não comece. Tudo o que sei é que vocês não estão se falando. Quanto ao resto… sou como a Suíça. Totalmente neutro. Eu me recuso a me envolver. Porque, na verdade, eu *não* queria ficar por aqui para ajudar vocês duas a superar. Só estava tentando ser legal. Mal posso esperar para ir pra Florença e deixar vocês aqui resolvendo isso sozinhas. E é melhor darem um jeito, porque *não* quero ser obrigado a tomar partido quando voltar. Bem, você pode sair com vantagem, porque me dá carona para a escola e tudo, mas eu conheço Haven há mais tempo, e isso deve contar alguma coisa, certo? — Ele fecha os olhos e balança a cabeça, como se tudo aquilo fosse muito para processar.

— Miles, está tudo bem, mas acho que é importante sabermos exatamente o que Haven contou. — A voz de Damen é grave, insistente, objetiva, deixando claro, pelo menos para mim, que, se Miles não confessar, ele está a apenas alguns segundos de quebrar nossa promessa de nunca espiar os

pensamentos secretos de nossos amigos e olhar sua mente para ver por conta própria. — Não vou contar para ela, se é que está preocupado com isso, mas acho que precisamos saber.

Miles olha para ele, solta um suspiro dramático e revira os olhos:

— *Até tu*, Damen? — diz, olhando para nós dois, claramente insatisfeito com a pressão que estamos fazendo. — Está bem, vou contar, mas só porque amanhã a esta hora não estarei mais aqui; estarei sobre as nuvens, a quase 30 mil pés de altitude, assistindo a filmes que já vi e me entupindo de comida cheia de sódio que certamente vai me deixar inchado. Vou logo avisando que a situação pode ficar feia, mas foram *vocês* que pediram. — Ele olha para nós, fazendo uma pausa dramática e uma expressão séria: — Ela me disse que vocês estão determinados a fazer com que ela se afaste de Roman, porque ela acha que você está com ciúmes. Não se esqueçam, essas palavras são *dela*, *não* minhas, então não culpem o mensageiro. Bem, não você, Damen, mas Ever, é claro. Ela acha que Ever está com ciúmes porque, novamente, palavras dela — ele limpa a garganta, procurando imitar a voz áspera de Haven —, "Finalmente as coisas estão entrando nos eixos para mim, e Ever não suporta o fato de não ser mais a especial do grupo." — Ele revira os olhos e balança a cabeça. Mesmo me sentindo mal por tê-lo feito repetir isso, no fundo também estou empolgada por não ser o que eu pensava. Ela pode me odiar, mas, ainda assim, conseguiu guardar sua imortalidade para si mesma. Pelo menos por enquanto.

Damen faz um gesto positivo com a cabeça, contido, calmo, mas percebo que também está aliviado. Olho para Miles, erguendo os ombros casualmente, e digo:

— Uau! Sinto muito por ouvir isso.

Mas a verdade é que eu já parti para outra. Aquela magia estranha está se revirando dentro de mim, fazendo meu coração acelerar, as palmas de minhas mãos suarem, enquanto o sentimento inquieto e agitado assume de novo. Tudo o que quero é me livrar dos dois o mais rápido possível para *encontrá-lo*. Roman. Tenho uma fome incontrolável que precisa ser saciada, não importa o quanto custará a mim ou a meus amigos.

Engulo em seco e respiro devagar, tentando me acalmar. Apego-me ao pouco de sanidade que me resta, apesar da batalha enfurecida que se trava.

— Então, é isso. Uma velha e boa briga de meninas. — Miles dá de ombros. — Pena que não sou do tipo que aprecia esse tipo de coisa… talvez você goste.

Ele aponta para Damen, que logo contesta:

— Posso garantir que superei esse tipo de coisa há *muito* tempo — ele afirma. Um breve lampejo de sofrimento passa por seu rosto, uma lembrança de Drina e de mim que aparece e desaparece em um piscar de olhos.

Miles alterna o olhar entre nós e acrescenta:

— Mas ela está certa a respeito de uma questão…

Damen se vira levemente, superalerta ao que quer que seja, enquanto fico a seu lado, nervosa, inquieta, desejando apenas que *ele* venha até mim.

— Haven está mesmo bem bonita esses dias. Não sei se é o visual rock'n'roll pós-apocalíptico cigano que ela adotou, mas é como se finalmente tivesse se encontrado, entrado nos eixos, como ela mesma disse, sabe? E depois de ficar perdida por tanto tempo, deve ser uma sensação inebriante finalmente ter um pouco de poder, então tente dar um desconto, que tal? *Uma hora* ela vai voltar a si. Por enquanto, acho que devemos dar um desconto e tentar não levar para o lado pessoal. Ou pelo menos vocês, porque eu… eu estou indo para Florença… Por acaso já mencionei isso?

Respondo que sim, automaticamente, roboticamente, fazendo uma cara que espero que pareça

agradável. Espero que tudo que faço pareça agradável, amigável e completamente aprazível, porque, por dentro, estou agitada, queimando, e de jeito nenhum permitirei que ela aproveite o momento se isso envolve levar Roman junto.

De.

Jeito.

Nenhum.

Mas não digo isso. Não digo nada. Apenas dou de ombros, como se não me preocupasse, e continuo analisando o cômodo. Apenas esperando até que meu garoto de olhos azuis e cabelos dourados favorito apareça.

— Acho que aquilo que estou tentando dizer é que não importa o que aconteça entre vocês, eu *não* vou tomar partido, o que também significa que são igualmente bem-vindas aqui. Mas não quer dizer que eu tenha convidado os amigos dela, foi Haven quem inventou isso. Porque, sinceramente, não contem para ela que eu disse isso, mas Roman é meio… — Ele franze a testa e olha para cima, procurando a palavra certa. Depois, balança a cabeça e começa de novo: — Bem, não importa, digamos apenas que tem algo meio *errado* com ele, algo meio *estranho*. Não sei bem como explicar, mas é a mesma sensação que eu tinha com Drina.

Ele olha para nós esperando uma confirmação de que ele realmente se deu conta de algo. E, embora minha atenção esteja voltada para outro lugar, Damen e eu estamos juntos nessa, lado a lado, uma parede de indiferença na qual ele não consegue penetrar.

— Tanto faz… — Ele dá de ombros. — Ele faz Haven feliz, e isso é tudo o que importa. E também não podemos fazer nada para impedir, certo?

Ah, você não tem ideia. Estreito o olhar e pressiono os lábios, lutando para não dizer em voz alta.

— Estou falando sério…

Miles fica se queixando, e eu aproveito a oportunidade para ver dentro de sua mente. Penetro superficialmente e dou uma olhada rápida em tudo. Sinto sua empolgação com a viagem, a ansiedade por deixar Holt e nenhuma ciência sobre imortais nem nada do tipo.

— …então, basicamente, vocês têm oito semanas, dois meses inteiros, para se acertar. E estou contando com você, Ever, já que sabemos como Haven pode ser teimosa. Eu a amo, sim, mas vamos ser realistas: ela gosta mais do que qualquer outra pessoa que eu conheça de estar certa, e vai lutar até a morte para se defender, mesmo que esteja muitíssimo errada.

Concordo, depois de já ter saído de sua cabeça e renovado minha promessa de não voltar a fazer isso. Observo Damen colocar a mão no bolso e tirar um pedaço de papel dobrado bem pequenino, um bilhete que provavelmente acabou de materializar.

— Fiz aquela lista que você me pediu — ele diz, respondendo ao olhar de interrogação de Miles ao continuar: — A lista de lugares que você precisa conhecer em *Firenze*… lugares imperdíveis. É bem longa. — Ele dá de ombros. — Você vai ficar bem ocupado pelas próximas semanas. — Ele olha nos olhos de Miles de um jeito calmo, plácido, sem demonstrar qualquer motivação por trás disso, com o propósito de convencer. Mas eu já entendi. Sei, mesmo sem ter sido informada, que Damen pretende manter Miles longe da lista que Roman deu a ele há algumas semanas. Só não sei o *porquê*.

Da última vez que perguntei, ele se fechou completamente e se recusou a falar sobre isso. Tudo o que sei é que Roman quer que Miles visite um lugar alternativo, que alega abrigar umas antiguidades raras, e que isso preocupou Damen. Mas eu não sei o motivo, já que todas as pinturas dele foram destruídas em um incêndio que ele mesmo iniciou há quatrocentos anos. Um incêndio que destruiu

toda a sua coleção, inclusive, para todos os efeitos, *ele*.

Miles dá uma espiada na lista, passando os olhos de cima a baixo antes de dobrar novamente o papel e enfiá-lo no bolso da camisa.

— Acredite, depois de ver a programação intensiva que me mandaram ontem, vou ter sorte se encontrar tempo para dormir. Estavam falando sério sobre passarmos todos os segundos livres aprimorando nossa arte, sabe? Como um *acampamento de atuação* de verdade, e não as exuberantes férias na Itália que eu estava esperando.

Damen faz um gesto positivo com a cabeça. Um lampejo de alívio passa por seu rosto tão rápido quanto um piscar de olhos. Mas não pisquei. Eu vi. E se não estivesse tão preocupada pensando em Roman, eu o puxaria de lado e perguntaria o motivo. Mas apenas fico parada, incapaz de ignorar o fato de que seu formigamento e seu calor de sempre estão completamente apagados pelo pulso insistente que agora palpita no lugar.

Um pulso que não é nem um pouco contido pela visão de Jude vindo em nossa direção.

Ele faz uma pausa, cumprimentando-me com um aceno de cabeça sutil, e depois foca em Damen. Ambos ficam tensos, endireitam os ombros e estufam o peito de um modo tão selvagem que me faz lembrar o que Jude disse na outra noite, sobre os dois terem travado uma competição primitiva por mim.

Dois caras lindos, inteligentes e talentosos brigando por *mim*. E só consigo pensar no cara que está na outra sala. O que está namorando minha amiga. O que é tão mau quanto irresistível.

Damen aponta para os braços enfaixados de Jude e diz:

— Isso deve estar doendo.

A forma como ele diz, o tom de voz aliado à expressão em seu rosto, bem, tudo isso me faz pensar se ele se referiu à dor *física* ou à *emocional*, já que todos sabemos que fui eu que fiz aquilo.

Jude ignora, ergue os ombros de modo casual, fazendo com que os *dreads* caiam sobre seus braços, olha para mim e diz:

— Bem, já estive melhor. Mas Ever está fazendo de tudo para me compensar.

Miles alterna o olhar entre nós, e diz com o rosto todo contraído:

— Espere… está dizendo que *Ever* fez isso com você?

Olho para Jude, sem saber como ele vai responder, e quase solto um suspiro de alívio quando ele balança a cabeça e ri.

— Ela está ajudando na loja. — Ele dá de ombros. — Foi isso que eu quis dizer… nada sinistro… nem chega perto do constrangimento de ter apanhado de uma garota.

Assim que ele termina de falar, eu rio. Em parte, porque todos estão em silêncio, presos a uma tensão tão densa que daria para cortar com um machado, e em parte porque estou tão nervosa, tão ansiosa, que não consigo pensar em nada mais para fazer. Mas, infelizmente, acaba saindo uma daquelas risadas horríveis. Do tipo espalhafatoso e terrivelmente desesperado que apenas aumenta o constrangimento.

Damen fica a meu lado, firme, ambivalente, determinado a fazer o que for melhor para nós — para *mim* —, embora nem sempre tenha certeza de como fazer isso. E eu me sinto tão mal por ter causado essa confusão, por ser uma namorada tão horrível, por desejar justamente a pessoa que tornou nossa vida tão difícil, que fecho os olhos rapidamente e envio uma chuva de tulipas vermelhas telepáticas, na tentativa de compensá-lo. Mas, em vez das flores que imaginei, ele recebe manchas vermelhas inúteis e malformadas sobre caules tortos. O buquê mais imperfeito já criado.

Ele se vira, olhando para mim com preocupação enquanto Jude aproveita o momento para dizer:

— Olhe, eu vou… *cair fora*. Então, Miles… — Ele bate com o gesso no centro da palma da mão de Miles, resultando em algum gesto entre um tapa e um cumprimento. — E, Ever… — Ele se vira para mim, olhando em meus olhos por alguns segundos a mais, tempo suficiente para me constranger, tempo suficiente para todo mundo perceber. Fico imaginando se ele fez de propósito, para que Damen saiba que escolhi Jude, e não ele quando estava precisando, ou se realmente não é um bom mentiroso e está lutando para esconder nosso segredo. Depois ele se vira para Damen, os dois trocam um olhar carregado que não consigo interpretar, interrompido apenas quando Miles o acompanha até a porta. Isso é tudo de que preciso para me convencer a tomar a atitude certa. Deixar de afastar Damen, jogar limpo e, finalmente, aceitar a ajuda que ele me ofereceu.

Eu me viro, agarrando seu braço enquanto meus olhos procuram os dele, pronta para descarregar toda a história sórdida, mas minha garganta fica apertada, contendo minhas palavras e quase cortando meu suprimento de ar, transformando o que deveria ser uma confissão em um ataque de tosse que deixa meu rosto vermelho.

Quando Damen me abraça e pergunta se estou bem, minha vontade é de afastá-lo. Mas não. Reúno todas as minhas forças para me recompor da melhor maneira possível. Abaixo a cabeça, fecho os olhos e desejo que essa explosão se aquiete. Sei que não estou mais no comando. Nem de mim, nem de nada. O monstro está crescendo, está bem acordado, e não pretende deixar Damen ficar entre Roman e mim.

Miles fecha a porta quando Jude sai, vira-se para nós e diz:

— Não, isso não foi nem um pouco estranho. — Olha para nós, suspira e balança a cabeça.

Enfio a mão na bolsa, numa procura frenética até encontrar o que quero. A pequena parte sã dentro de mim sabe que preciso agir rapidamente, entregar o presente e sair daqui antes que seja tarde demais, antes que essa estranha magia assuma completamente e me obrigue a fazer algo de que com certeza me arrependerei. Roman está chegando mais perto. Posso senti-lo se aproximar. E preciso sair daqui enquanto ainda posso.

— Não podemos ficar muito tempo, mas queria dar isso a você — digo, esperando que ele não perceba o tremor em minhas mãos quando lhe entrego um diário com capa de couro que peguei na loja. Concentro-me em respirar profunda e lentamente, determinada a manter a fera acuada, observando-o passar a mão na capa antes de virar as páginas com bordas irregulares. Tentando livrar minha voz do nervosismo, digo: — Bem, provavelmente vai postar a viagem toda no blog, mas, caso não tenha acesso à internet, ou queira manter algum assunto particular, achei que poderia escrever aqui.

Miles sorri, olha para mim e diz:

— Primeiro uma festa, e agora um presente? Você está me mimando, Ever!

Embora responda com um sorriso, a verdade é que mal registro suas palavras. Tudo fica em segundo plano pelo simples fato de Roman estar aqui.

No segundo em que o vejo, o invasor assume o controle, efetivamente sufocando a parte de mim que eu havia conseguido preservar até agora, substituindo-a de pronto por uma batida insistente cada vez mais forte.

Uma batida que não vai parar até que Roman e eu nos juntemos em um só.

Damen me abraça com mais força, ciente da mudança em minha energia, claramente inquieta. Estou pronta para quase tudo, quando primeiro Misa, depois Marco e Rafe se despedem de Miles; enquanto Haven, usando um vestido roxo de veludo, que realça o brilho de sua pele perfeita e pálida,

observa. Ela me varre com seus olhos cintilantes e bate os dedos cheios de anéis nos quadris. Se ela ainda tivesse uma aura para se ver, sem dúvida eu estaria olhando para uma parede sólida do vermelho mais escuro e ardente.

Mas nem preciso ler sua energia para saber como ela está se sentindo ou no que está pensando. Agora ela é exatamente como eu: imortal, míope, com apenas um objetivo em vista: Roman. Disposta a fazer tudo o que for preciso para manter sua posição.

Ela me olha de cima a baixo, tão segura de seus poderes, tão confiante de suas habilidades, que logo me ignora.

Inclina-se na direção de Miles, dá nele um abraço de despedida breve, e sai do caminho quando Roman chega e dá um daqueles abraços de homem com tapinha nas costas e, ainda com a mão no ombro dele, diz:

— Não esqueça, depois de cruzar a Ponte Vecchio, desça a viela, vire à esquerda e depois vire novamente. É a terceira porta à direita. Uma grande porta vermelha… não tem como errar. — Seus olhos brilham, formando um milhão de pontos de luz quando ele olha para Damen e vê a cor desaparecer de seu rosto. — Vale a pena, cara, pode acreditar. — Ele se vira novamente para Miles. — Pergunte a Damen. Você não acha que vale a pena? Deve conhecer o lugar.

Damen olha para Roman trincando os dentes, com os olhos semicerrados, esforçando-se para encontrar um tom calmo e estável, e diz:

— Acho que não conheço.

Mas Roman estreita os olhos, inclina a cabeça para o lado e fala com sotaque arrastado:

— É mesmo, cara? Podia jurar que já nos cruzamos por lá.

— Duvido muito — diz Damen com firmeza e olhar provocativo.

Roman apenas ri, levanta as mãos como se estivesse se rendendo e, virando-se para mim, chama:

— Ever.

E isso basta. A mera menção de meu nome por seus lábios me derrete.

Derreto até virar líquido.

Desejo segui-lo aonde ele quiser.

Ando em sua direção, seduzida por seus olhos azuis metálicos. Cada pequeno passo me leva para mais perto das imagens que se revelam em sua mente — aquelas que ele colocou ali para mim. O mesmo tipo de conduta que me causaria repulsa antes, que me faria querer dar um soco em seus chacras e acabar com tudo. Mas não agora.

Agora estou tão sem fôlego e quente que mal posso esperar para chegar até ele.

Damen chega perto de mim, tanto mental quanto fisicamente, tentando me enviar uma mensagem, tentando me puxar de volta para ele, mas não adianta. É apenas uma longa sequência de palavras que não me interessam.

Roman é só o que me interessa no momento.

Ele é meu sol, minha lua, minhas estrelas, e eu ficaria feliz em girar em torno dele.

Dou mais um passo, minhas mãos tremem, o corpo dói, anseio por seu toque frio em minha pele. Não me importa mais quem está vendo, o que vão pensar; quero apenas saciar o monstro faminto dentro de mim.

Quando estou prestes a fazê-lo, prestes a dar o salto derradeiro, ele passa direto por mim e caminha para o carro, deixando-me instável, incerta, sem ar e confusa, enquanto Miles fica ali parado sem saber o que fazer e Damen observa, preocupado.

Esforçando-se ao máximo para se conter, para manter tudo nos trilhos pelo menos enquanto Miles está presente, ele retoma o assunto que conversávamos antes:

— O gosto de Roman para arte é vulgar, para dizer o mínimo. Atenha-se à minha lista e não tem como errar. — Seu rosto parece contido, relaxado, mas sei que nada disso é verdade. A energia que emana dele revela uma história completamente diferente.

Eu gostaria de me preocupar como deveria — do modo como farei quando esse pulso começar a se aquietar e eu puder sentir o impacto do que acabei de fazer. Mas esse é um momento terrível, reservado ao futuro. Agora, só consigo pensar *nele*.

Para onde ele está indo.

Se ela está com ele.

E o que posso fazer para impedir.

Miles olha para nós dois, desejando poder entrar logo no avião e não precisar mais lidar com isso. Nervoso, ele limpa a garganta e diz:

— Bem, agora que acabou, querem se juntar ao restante da festa? O elenco está lá em cima, na sala de jogos, e logo mais vamos encenar os pontos altos de *Hairspray*.

Damen começa a responder negativamente com a cabeça, mas eu o interrompo. Embora assistir a um musical seja uma das últimas coisas que eu queira, se tenho alguma esperança de salvação, preciso ficar aqui. Dentro dessa casa, onde é seguro. Se sair, irei atrás *dele*, e se isso acontecer, não haverá mais volta.

Além disso, preciso me distrair. Não suporto ver o olhar questionador de Damen, observar seu semblante cheio de mágoa. Preciso de um tempo para me acalmar e me concentrar, para que em algum momento possa explicar a terrível e estranha verdade do que está acontecendo comigo.

Agarro sua mão e o puxo para o andar de cima, esperando que o véu de energia que pulsa entre nós mascare minha pele fria e úmida enquanto entro na sala de jogos com um sorriso e aceno.

Lembro-me do segredo que Miles me contou uma vez a respeito da atuação: que se trata de projetar, projetar, projetar, acreditar na mentira com tanto fervor que o público também passará a acreditar nela.

— Damen… eu… — Tento contar a ele, procuro forçar as palavras a saírem, mas elas não vêm. Minha garganta fica quente e apertada novamente. Como se a fera conhecesse minhas intenções e se recusasse a colaborar.

Damen olha para mim, com uma preocupação crescente estampada no rosto.

— Vamos… vamos para Summerland — falo em voz baixa, surpresa por conseguir dizer algo. — Vamos voltar para Versalhes. — Faço um gesto positivo com a cabeça, virando-me no banco do carona até ficar de frente para ele, implorando com os olhos para que concorde com meu plano.

— *Agora?* — Ele freia no sinal e olha para mim, com os olhos semicerrados e a testa franzida — sinais que revelam que estou sendo analisada.

Pressiono os lábios e dou de ombros, esforçando-me para parecer relaxada, indiferente, como se realmente não estivesse tão presa às consequências, quando a verdade é que fiquei tensa e inquieta desde que chegamos à casa de Miles até sairmos, e só o que pode me curar, só o que possibilitará que eu conte tudo a Damen e peça a ajuda de que preciso é ir para Summerland o mais rápido possível. Aqui, no plano terreno, não tenho mais o controle de mim mesma.

— Achei que gostasse de lá — digo, evitando cuidadosamente seu olhar. — Afinal, foi você que criou.

Ele confirma com a cabeça… do jeito que alguém faz quando não está apenas se esforçando para ter paciência, mas também tentando esconder seus pensamentos. E a verdade é que não posso aguentar. Eu realmente não posso suportar. Quero ir… *agora*. Antes que esse estranho invasor assuma completamente.

— Eu *gosto* de lá — ele diz, com a voz grave, comedida. — Como você disse, fui eu que criei. E, apesar de estar contente por você também ter gostado… ao mesmo tempo estou preocupado.

Sopro o cabelo para tirá-lo do rosto e cruzo os braços, fazendo o possível para demonstrar minha irritação. Afinal, não tenho muito tempo para perder com isso.

— Ever, eu…

Ele tenta se aproximar, mas eu contraio os músculos rapidamente e me desvio. Outro sintoma de meu vício terrível, e é completamente involuntário. É por isso mesmo que preciso sair deste lugar.

Ele balança a cabeça e começa de novo. Lançando um olhar profundamente triste, diz:

— O que está acontecendo com você? Não é você mesma há dias. E agora há pouco, na casa do Miles — ele olha para trás e muda rapidamente de faixa —, bem, odeio admitir, mas, assim que viu Jude, hum, digamos apenas que sua energia definitivamente mudou, e, depois, quando Roman entrou na sala… — Ele engole em seco e range os dentes, aguardando um momento para se recompor antes de continuar: — Ever, o que aconteceu com você?

Abaixo a cabeça, ciente da aflição no fundo de meus olhos enquanto tento novamente contar a ele… mas não consigo… a magia não me deixa. Então, em vez disso, viro-me para ele e começo a discutir, sabendo que a fera não tem problema algum com isso, e faço o que for preciso para que ele me siga, vá comigo.

— Isso é *ridículo*! — digo, odiando-me instantaneamente, mas sem outra saída. — É sério. Não acredito que esteja dizendo isso! Caso não tenha notado, parece que meu verão dos sonhos descansando na praia a seu lado não vai se concretizar tão cedo, então me desculpe por querer aproveitar os poucos momentos que posso em Summerland! — Balanço a cabeça e desvio o olhar,

cruzando os braços com mais ênfase, principalmente para tentar disfarçar o intenso tremor que mal consigo controlar. Sei que estou sendo injusta, completamente irracional, mas se ele vier logo comigo, se conseguir levá-lo até lá, poderei explicar tudo.

Ciente do peso de seu olhar sobre meu rosto, a maneira como está observando os recentes círculos escuros sob meus olhos, a acne que começou a surgir em meu queixo, minhas roupas ficando caídas e largas graças ao peso que perdi. Ele está imaginando o que provocou tudo isso, por que pareço estar fracassando, em todos os sentidos. Está tão genuinamente preocupado comigo que faz meu coração doer.

E quando ele estreita ainda mais os olhos, sei que está tentando falar comigo telepaticamente, comunicar-se de um modo que não é mais uma opção… pelo menos não aqui.

Viro-me para a janela, desesperada para impedir que ele perceba a terrível verdade de que não posso mais ouvi-lo. Não tenho mais acesso aos seus pensamentos, à sua energia, nem mesmo ao formigamento e ao calor que seu toque costumava trazer.

Tudo se foi. Sumiu. A fera tirou de mim.

Mas apenas aqui. Em Summerland estarei descansada, com a pele limpa, como a antiga Ever. E nós dois juntos seremos tudo o que estamos destinados a ser.

— Apenas venha comigo — imploro, com a voz rouca e fraca. — Posso explicar, mas apenas lá, não aqui. *Por favor?*

Ele olha para mim e suspira, dividido entre o desejo de me agradar e fazer o que acha que é certo.

— Não — diz, de uma forma tão direta, tão inegociável, que não há dúvidas sobre o que ele quer dizer.

Seu "não" apenas não é um *não* a Summerland, mas um *não* a mim. Um *não* à minha única necessidade.

Ele balança a cabeça com o rosto cheio de arrependimento e acrescenta:

— Ever, sinto muito. Sinto mesmo. Mas *não*. Nós não vamos. Acho melhor irmos para casa, para a minha casa, onde podemos nos sentar e ter uma boa e longa conversa, esclarecer o que está acontecendo exatamente.

Fico ali sentada com olheiras e espinhas no rosto, tensa, irritada, praticamente incapaz de me conter enquanto ele começa a listar suas preocupações em voz alta. Que eu não tenho sido eu mesma ultimamente, que nem *pareço* mais eu mesma, o quanto *mudei* em todos os aspectos e formas… e que nenhuma das mudanças foi para melhor.

Mas suas palavras passam voando por mim, como um lamento vago e distante. Vou para Summerland com ou sem ele, não há o que discutir.

— Está tomando o elixir? Precisa de mais? Ever, *por favor*, fale comigo… o que está acontecendo?

Fecho os olhos e balanço a cabeça, tentando conter as lágrimas, incapaz de explicar que não posso parar esse trem descarrilado. Não estou mais no comando.

Ele aperta os olhos, numa última tentativa de me alcançar telepaticamente, mas não adianta. Mesmo se eu tentasse, não conseguiria captar a mensagem. Meu sistema está queimado.

— Não consegue mais nem me ouvir, não é?

Ele para no sinal de um cruzamento e tenta se aproximar de mim novamente, mas de repente eu me levanto e salto do carro. Meus braços estão grudados com tanta força a meu corpo que já ficaram quase dormentes. Meus dedos se contorcem, meu corpo treme. Sei que se não sair daqui rapidamente

não terei escolha a não ser ir atrás dele. De *Roman*. Nenhuma escolha.

— Ouça — digo com a voz trêmula, completamente instável, mas ciente de que preciso resolver isso de algum jeito. Meu tempo está acabando, não tenho um minuto sequer a perder. — Explico quando chegarmos lá… eu juro. Só que… precisa ser lá… *não aqui*. Então… vem ou não? — Travo o maxilar e cerro os dentes, tentando impedir que saia alguma palavra, impedir que meus lábios tremam, pois não quero que ele note.

Damen engole em seco, sobrancelhas oblíquas, olhos tristes, esforçando-se muito para dizer:

— *Não* — ele fala tão baixinho que quase não ouço. Depois repete e acrescenta: — Prefiro mil vezes ficar aqui e ajudar.

Olho para ele, olho pelo máximo de tempo que consigo suportar, o que, para falar a verdade, não é muito. Quero tanto voltar para seu belo e aconchegante carro e abraçá-lo como antes, sentir seus braços em volta de mim, ser tranquilizada por seu formigamento e seu calor e confessar todos os meus pecados até me livrar deles. Mas, infelizmente, esse sentimento vem de uma parte muito pequena de mim… a pequena porção de sanidade que é rapidamente esmagada pela fração que prefere a fruta podre, má e quanto mais proibida melhor.

Então, apenas faço um gesto com a cabeça, vendo seu olhar de espanto, fecho os olhos e imagino o portal… aquele glorioso portal brilhante. Antes de passar por ele, digo:

— Bem, então acho que vou ter que ir sozinha.

catorze

Caio sentada. Aterrisso bem em frente à réplica do belo palácio do século XVII onde viveu a realeza francesa. Mas não entro. Mesmo tendo implorado para vir a este lugar, não suporto entrar sem Damen. É *nosso* lugar. Um lugar que compartilhamos. Um lugar onde vivem minhas lembranças mais adoradas. Portanto, nem posso pensar em entrar sem ele.

Eu me levanto e limpo a poeira, olhando em volta enquanto tento me orientar e descobrir onde estou. Sei que poderia simplesmente imaginar um destino e aparecer lá como mágica, mas prefiro andar, caminhar a meu bel-prazer e aproveitar o tempo. Aproveitar o fato de estar livre da fera, mesmo sabendo que ela provavelmente está apenas escondida, esperando até eu partir. Mas por enquanto estou determinada a aproveitar um pouco de alívio.

Levanto as mãos diante de mim, abanando-as pela névoa, a luz vacilante que se origina de toda parte e de parte nenhuma. Tranquilizo-me com o ar agradavelmente fresco que toca minha pele, acreditando que em algum momento vou parar em um lugar ótimo… um lugar onde realmente queira estar. Essa é a beleza de Summerland — todos os caminhos levam ao bem.

Faço uma pausa à beira do riacho que tem as cores do arco-íris e corta os grandes campos perfumados e rapidamente materializo um pequeno espelho de mão para verificar minha aparência. Fico aliviada ao ver que meus olhos voltaram ao tom normal de azul-claro, os cabelos estão novamente num tom louro-dourado, com bastante brilho, e minha pele… minha pele quase não tem poros aparentes, está completamente lisa, enquanto as olheiras que haviam se instalado sob meus olhos desapareceram. Desejo que Damen pudesse me ver assim… como eu era antes… a antiga Ever. Fico triste ao pensar que sua última lembrança é dessa criação monstruosa… a fera que criei. Se ele tivesse pelo menos concordado em vir comigo, eu poderia ter explicado tudo.

Vagueio pelo campo de árvores balançando e flores vibrantes, o perfume das pétalas me acompanha até eu dar de cara com a conhecida estrada pavimentada que leva até a cidade e aos Grandes Salões do Conhecimento, onde decido tentar a sorte mais uma vez. Mesmo sem ter me ajudado em nada da última vez em que estive lá, hoje é um novo dia e sou uma nova e regenerada "Ever". Tenho todos os motivos para acreditar que dessa vez será diferente.

Passo por uma série de lojas da moda, um cinema e um salão de cabeleireiro, atravesso a rua bem em frente à galeria de arte e passo por um cara vendendo velas, flores e brinquedos de madeira, enquanto ando em meio a uma multidão de pessoas que cuidam de seus afazeres, uma mistura interessante de vivos e mortos. Viro na viela deserta que leva ao bulevar silencioso e à escadaria íngreme, a qual subo correndo. Meu olhar está fixo naquelas impressionantes portas, e sei que há apenas mais um passo a ser completado.

Fico diante dos Grandes Salões, observando seus entalhes elaborados, suas colunas imponentes e o grande teto inclinado — olhando para um templo construído somente com amor, conhecimento e tudo o que é bom. Prevejo a mudança de imagens de sempre, o Parthenon se transformando no Taj Mahal, depois no Templo de Lótus, nas pirâmides de Gizé e assim por diante… todos os lugares mais bonitos e sagrados do mundo misturando-se perfeitamente, mudando de forma e se transformando um no outro; mas nada acontece. Não vejo nada. Nada além da impressionante construção de mármore diante de mim. As imagens necessárias para entrar são invisíveis para mim.

Fui barrada.

Condenada.

Impedida de entrar no único lugar que poderia me ajudar a consertar essa confusão em que me meti.

Mesmo depois que tento fingir, forçando-me a repassar as imagens na ordem em que me lembro delas, não funciona. Os Grandes Salões do Conhecimento não serão enganados por alguém modesto como eu.

Sento-me nos degraus e seguro a cabeça, mal podendo acreditar no que me transformei, no quanto afundei. Fico imaginando se é assim o fundo do poço, pois ser rejeitada em Summerland deve ser o pior que pode acontecer.

— Com licença!

Vou mais para o lado e encolho as pernas, imaginando por que a sra. Mandona não pode simplesmente desviar de mim. Sério, posso ter 1,75 metro de altura, mas não estou ocupando tanto espaço assim.

Meu rosto ainda está escondido entre as palmas das mãos, não querendo ser vista por algum intrometido em Summerland que tenha acesso a todas as grandes construções, quando escuto:

— Espere… *Ever*?

Fico paralisada. Conheço essa voz. Conheço muito bem.

— Ever… é mesmo *você*?

Levanto a cabeça lentamente, relutante em olhar para Ava. A simples visão de seus cabelos castanho-avermelhados e olhos grandes causa certa agitação — há algo no ar que não consigo entender, não faz sentido. Mas não importa, porque ela é, simplesmente, a última pessoa que eu gostaria de ver hoje, ou em qualquer outro dia, para falar a verdade. Mas, ainda assim, por que aqui? Por que agora? Já não fui punida o suficiente?

— Está tentando trapacear para entrar? — pergunto, com a voz cheia de sarcasmo, enquanto olho para ela severamente. Só depois de falar percebo que era isso o que eu estava tentando fazer alguns momentos atrás e fico aterrorizada ao me dar conta de que afundei tanto que agora sou igual a ela.

Ela se ajoelha ao meu lado, inclina a cabeça, observando-me com cuidado, e diz:

— Você está bem? — Ela me olha atentamente, com seriedade, como se realmente se importasse.

Mas eu sei: Ava só se preocupa com uma pessoa, e essa pessoa se chama Ava. Por ela, mais ninguém merece atenção. Ela provou isso quando abandonou Damen para morrer depois de me prometer que o ajudaria.

Olho para ela, surpresa por ver que não está diferente de como era antes de fugir com o elixir, mas, bem, ela já tinha uma aparência muito boa, então, talvez não precisasse de tantas mudanças.

— Se eu estou *bem*? — repito, imitando seu tom açucarado e oh-tão-preocupado. Dou um sorrisinho falso e completo: — Bom, acho que sim. Acho que estou realmente muito *bem*. Considerando tudo. Embora tenha certeza de que não estou tão *bem* quanto você. — Dou de ombros. — Mas, na verdade, quem está?

Olho para o pescoço dela, em busca de uma reveladora tatuagem de uróboro, ou de algum outro sinal de seu novo status como imortal perigosa. Fico surpresa ao ver que ela não só está livre de todas as marcas, como também que o excesso de bijuterias de sempre foi reduzido a um citrino bruto pendurado em uma corrente prateada simples. Estreito os olhos enquanto me esforço para lembrar o que aprendi sobre essa pedra em particular. Algo sobre promover abundância e alegria, e… ah, sim, proteger todos os sete chacras. Bem, não é de estranhar que ela esteja usando.

Aperto os lábios e solto um suspiro, olhando-a de um modo que não deixa dúvidas a respeito do

que penso dela.

— Agora que tem o mundo todo aos seus pés, ninguém está melhor do que você, certo? Então, conte, Ava, qual é a *sensação*? Qual é a *sensação* de ser uma versão nova e aperfeiçoada de você? Valeu a pena *trair* seus amigos por isso?

Ela me observa com os olhos caídos nos cantos e expressão de preocupação.

— Você entendeu tudo errado — diz. — Não é nada disso que está pensando!

Eu me levanto, sentindo-me trêmula, desconcertada, mas fazendo o melhor que posso para esconder isso dela. Estou determinada a deixá-la falando sozinha, a não ouvir mais mentiras.

— Eu não tomei o elixir, Ever… eu…

Eu me viro com os olhos cheios de raiva e digo:

— Você é *inacreditável*! É claro que tomou o elixir! Alô-*ou*! Eu voltei. *Não está vendo?* — Eu agarro minha camiseta e balanço a cabeça. — Acontece, Ava, que *nada* correu como o planejado. Não… corrigindo… pode não ter saído como *eu* planejei, mas certamente saiu como *você* planejou. Você largou Damen sozinho, fraco, indefeso, como tinha planejado desde o início. Você o largou deitado lá, vulnerável, *morrendo*, bem onde ele podia ser atingido por Roman. E depois, como se não fosse suficiente, você se uniu a ele novamente naquela noite com Haven, preparou uma bela xícara de chá de beladona para ela tomar… — Balanço a cabeça, perguntando-me por que estou me dando o trabalho, por que estou me incomodando com ela. Ela já tirou muito de mim. Eu não deveria dar mais nada a ela.

Desço as escadas, as pernas pesadas como chumbo, como se não quisessem cooperar com as ordens que meu cérebro claramente manda.

Esforço-me para colocar um pé na frente do outro quando ela diz:

— Gostaria que você não fizesse isso. Gostaria que me desse uma chance de explicar.

Mas eu apenas ignoro e continuo seguindo meu caminho, olhando pelo ombro quando digo:

— É, bem, nem sempre se consegue o que se quer, nunca ouviu falar?

Ela fica ali parada, tão calada e imóvel que não consigo evitar olhar para trás a fim de ver o que está tramando. Meus músculos estão tensos e prontos caso ela pretenda me atacar, e fico surpresa ao vê-la com as palmas das mãos unidas, curvando-se diante de mim e sussurrando:

— *Namastê*.

Ela faz uma pausa breve e depois se vira para o prédio, deixando-me boquiaberta, sem fala, quando as grandes e imponentes portas se abrem diante dela, convidando-a a entrar.

quinze

— Ei.

Olho para a frente e vejo Jude parado diante de mim. Estava tão compenetrada em meu trabalho que nem o ouvi chegar.

— Como você faz isso? — Estreito os olhos, observando sua aura, agora brilhando em um tom agradável de azul.

— Faço o quê? — Ele se apoia no balcão e olha para mim.

— Sempre consegue se aproximar de mim sem eu perceber? — Olho para sua camiseta preta, curiosa para saber qual é a estampa de hoje. — O que é isso? — Inclino-me na direção dele.

Ele fecha os olhos e levanta a mão à sua frente, tentando unir o dedo indicador ao polegar, mas, como não consegue, desiste e entoa:

— *Ommmmmmm.* — O som vem de seu diafragma. Ele dá uma olhadinha e continua: — É o som da existência. O som do universo.

Torço o nariz, sem a mínima ideia do que ele está querendo dizer.

— O universo é feito de energia vibrante e pulsante, certo?

Confirmo com a cabeça.

— Foi o que me disseram.

— Certo, e o *Om* é considerado o *som* dessa energia… dessa energia cósmica, vasta. Nunca tinha ouvido isso antes? Você não medita?

Dou de ombros. Eu costumava meditar. Limpar minha aura. Imaginar que cresciam raízes da sola dos pés até o centro da Terra e todo esse tipo de besteira. Mas não faço mais isso. Não tenho tempo de ficar sentada observando minha respiração enquanto o mundo inteiro está desmoronando à minha volta.

— Devia retomar a prática, sabe. Realmente ajuda a equilibrar e curar, sem falar que…

— E isso está *curando* você? — Olho para seus braços, ainda pensando se coloco ou não em prática a ideia que tive outro dia, pesando os prós e os contras e ainda indecisa.

— Tenho consulta com o médico mais tarde, então descobriremos. — Ele dá de ombros, passando os olhos por mim, e acrescenta: — E por falar nisso… — Nossos olhares se encontram. — Estava imaginando se não podia me dar uma carona. Eu poderia pegar o ônibus, mas aí teria que interromper a aula um pouco mais cedo, e prefiro não fazer isso.

— Aula? — Olho para ele, tendo um branco súbito.

— É, você sabe. Desenvolvimento Mediúnico nível 1, com ênfase em autorrealização e Wicca. Não se lembra? — Ele ri.

Confirmo com a cabeça, levantando-me do banquinho, feliz em entregá-lo a ele.

— E como está? — Dou a volta no balcão para que ele possa tomar meu lugar.

— Tudo certo — ele responde. — Sua amiga Honor parece ter talento natural para a coisa.

Eu paro. Paro tudo. Toda minha atenção se volta para ele.

— Honor?

Ele dá de ombros.

— É. Achei que vocês fossem amigas.

Faço que não com a cabeça, lembrando-me do que observei no último dia de aula e dos planos de

Honor para dar um golpe em Stacia.

— Somos colegas de turma. — Faço um gesto de desdém, espremendo-me contra a parede para deixá-lo passar. — Não somos amigas de verdade. Acredite, há uma diferença.

Ele para. Para quando deveria continuar andando. Para de um modo que praticamente me prende contra a parede. Seus olhos procuram meu rosto de uma forma que sempre manda uma onda imediata de calma para meu sistema. A primeira vez que me sinto calma em *dias*. Desde que voltei de Summerland. Depois de Summerland, só consegui pensar em Ava e em como ela conseguiu trapacear para entrar no templo. E mesmo durando apenas alguns segundos, mesmo que ele logo passe por mim e se sente no banco, o impacto, a calma de sua presença permanece.

— Ou ela está se dedicando para valer ou tem um talento verdadeiro para magia — diz ele, pegando a caixa de recibos com dois de seus dedos não machucados e conferindo-os atabalhoadamente. — Ela parece muito obstinada, então imagino que seja a primeira opção.

Estreito os olhos, tentando lembrar o que sei sobre Honor, mas, além de ser namorada de Craig e melhor amiga insatisfeita de Stacia, não tenho muita informação.

Olho para Jude, pensando se devo contar a ele que, pelo que vi naquele dia quando espiei a cabeça dela, as intenções de Honor não são nem um pouco… *honoráveis*. Mas Stacia nunca fez nada por mim (nem por ninguém, aliás), então quem sou eu para me envolver nisso?

— E então? A que horas começa a aula? — pergunto, decidindo me concentrar nas questões práticas enquanto sigo para a sala dos fundos.

— Daqui a uma hora. Por quê? — Ele olha para trás, por cima do ombro.

Vou ficar nos fundos até você precisar de mim — digo, fugindo para o escritório, e fecho a porta. Pego o *Livro das sombras* em seu esconderijo e o coloco na velha mesa de madeira. Faço algumas respirações purificadoras antes de me curvar sobre ele, passo os dedos pela inscrição dourada da capa, ponderando se faço ou não o que estou pensando.

A última vez que abri esse volume as coisas não correram muito bem. E agora que sei a ligação de Roman com ele… bem, não sei mais se é confiável. Porque, se ele é mesmo responsável pelo fato de o livro ter chegado às minhas mãos, eu lê-lo agora apenas faz de mim (mais uma vez!) uma marionete em seus planos. Mas se ele tem influência sobre estas páginas, talvez haja uma pista enterrada em algum lugar, uma pista sobre como esse jogo termina, ou sobre como ele pretende ganhá-lo.

Talvez, assim como os registros akáshicos em Summerland, a chave seja fazer o tipo certo de pergunta.

Mas, enquanto os registros akáshicos autorizam apenas os dignos a entrar nos Grandes Salões, o *Livro das sombras* requer apenas um código, seguido de uma pergunta codificada, de preferência em rima.

Entoo a rima que Romy e Rayne me ensinaram:

No mundo da magia — esse tomo fez seu lar
Para onde nós, os escolhidos — poderemos retornar
No reino das artes místicas — deveremos agora viver
Com permissão para ler este livro — e seus segredos conhecer

Fico ali sentada, tentando com afinco criar uma boa pergunta rimada para desvendar o código de Roman. Mas minha mente continua vazia, e o livro continua lá, recusando-se a revelar algo.

Eu suspiro e me recosto na cadeira, girando de um lado para o outro enquanto observo a sala, as várias imagens e totens nas paredes, a miríade de livros empilhados nas prateleiras, uma sala repleta de tanto potencial, abrigando todos os ingredientes necessários para todos os tipos de feitiços e, ainda assim, nada me inspira, não me oferece algum tipo de ajuda. E a verdade é que não há mais tempo a perder. O verão está passando rapidamente e preciso encontrar uma solução, já que não posso ficar evitando Damen.

Damen.

Pressiono as mãos no rosto, determinada a conter as lágrimas. Obrigo aquele ardor salgado a voltar garganta abaixo.

Não o vejo desde o dia da festa de Miles, quando saltei de seu carro e fui para Summerland. Não atendi suas ligações. Não atendi a porta. Mal confirmei o recebimento dos vários buquês de tulipas vermelhas que enchem meu quarto. Sei que não os mereço — não o mereço — até encontrar um jeito de resolver isso, de pedir sua ajuda, ou até mesmo de pedir que Jude peça a ele. Mas, toda vez que começo, a fera interfere, recusando-se a permitir que qualquer coisa fique entre mim e Roman. E sei que não estou apenas ficando sem tempo, estou ficando sem opções de lugares para procurar. A busca de Jude em nada resultou, e tudo o que tentei até agora foi um fracasso profundo e completo. E se a noite passada serve de parâmetro, as coisas só estão piorando.

Abri os olhos em um quarto escuro, a neblina costeira densa impedia que até o mais fino raio de luz a penetrasse. Ainda assim, saí da cama e deixei a casa com os pés descalços, vestida apenas com uma simples camisola de algodão, com apenas um destino em mente. Atraída para a casa de Roman como uma sonâmbula, como uma das apaixonadas noivas do Drácula.

Andei depressa, com desenvoltura, pelas ruas silenciosas e vazias, e parei em frente à sua janela. Abaixei-me e olhei pelo vão entre as persianas, sentindo imediatamente a presença *dela*, sabendo que ela estava lá dentro… em algum lugar… desfrutando do que deveria ser meu.

Minha mente ficou girando, vacilando, enquanto meu corpo doía de desejo e necessidade não saciados. A fera se enfurecendo dentro de mim, insistindo para que eu parasse de pensar e começasse a agir. Arrombasse a porta e acabasse com ela de uma vez. E eu estava prestes a fazer isso, prestes a tomar uma atitude, quando ela também sentiu minha presença e correu para a janela com um olhar tão duro, tão ameaçador, que foi como um breve lampejo de sanidade. Uma lembrança de quem eu sou, de quem ela é e do que perderemos se eu deixar a fera ganhar.

Antes de ter a chance de pensar novamente, eu corri. Corri de volta para casa e para minha cama, onde me deitei suando, tremendo, fazendo o possível para sufocar aquela necessidade devastadora. Para extinguir a chama negra dentro de mim.

Uma chama que fica mais brilhante, mais quente e mais forte a cada dia.

Um fogo tão insaciável que consumirá tudo o que estiver no caminho: meu pequeno reflexo de sanidade, minha frágil conexão com o futuro que desejo e tudo o que ficar entre mim e Roman. Pouco antes de cair no sono, percebi a pior parte: quando tudo isso acontecer, já estarei tão longe que nem me darei conta de minha queda.

Jude entra na sala e se joga na cadeira. De propósito, querendo ser notado.

— Como foi? — murmuro, levantando a cabeça da mesa, onde esteve apoiada pela última hora. Minhas mãos ainda estão tremendo, as pernas balançando, ainda luto para conter o incrível ímpeto que surge para me definir.

— Eu poderia fazer a mesma pergunta. — Ele me olha lentamente. — Fez algum progresso?

Dou de ombros. Na verdade, dou de ombros *e* lamento. Até onde sei, isso deve ser resposta suficiente. Cuido para manter as mãos sobre as pernas, fora do alcance de sua visão, para que ele não possa vê-las tremendo.

— Ainda está tentando desvendar o código?

Olho rapidamente para ele, depois fecho os olhos e faço que não com a cabeça. Desisti do livro. No que me diz respeito, ele só piorou a situação.

— Também não encontrei nada, mas mesmo assim vou ficar feliz em fazer uma nova tentativa se ainda quiser minha ajuda.

Em uma palavra: *sim*. Eu quero sua ajuda. Aceito toda a ajuda que puder me dar. Mas, com a fera assumindo o controle, as palavras simplesmente não saem. Minha garganta fica tão quente e apertada que apenas o silêncio pode aliviá-la.

— Precisa de uma rima? — ele pergunta, recusando-se a desistir.

Nego com a cabeça, sem conseguir dizer nada.

Mas ele apenas ignora, nem um pouco afetado por minha recusa em colaborar.

— Sou muito bom com cânticos, por assim dizer. Também sou bom com rap. Quer escutar um?

Fecho os olhos, desejando que ele mude de assunto.

— Sábia decisão. — Ele sorri, alheio ao que estou passando. Finge limpar um suor imaginário da testa com os braços enfaixados, o que me faz lembrar a carona que me pediu.

Eu me levanto, esperando que ele me siga, mas ele continua sentado, olhando para mim de um modo tão intenso, tão insistente, que não consigo deixar de perguntar:

— O quê? O que foi? Riley está aqui?

Ele nega, tirando os *dreads* dos ombros e jogando-os para trás enquanto aqueles olhos azul-esverdeados ficam caídos.

— Não a vejo há algum tempo — diz, com a cabeça inclinada, o olhar focado no meu. — Admito que tento, de tempos em tempos, mas sempre dou de cara com o vazio. — Ele dá de ombros. — Acho que ela não quer ser encontrada agora.

Franzo a testa, sem saber ao certo se acredito nisso. Nos últimos dias, Riley vem me enviando mensagens cifradas o suficiente para me fazer duvidar do que ele disse e me fazer achar que ela *quer* ser encontrada.

— Você acha que talvez… — Faço uma pausa, sem querer parecer ridícula, mas depois decido não me preocupar com isso. Já fiz papel de ridícula muitas vezes na frente de Jude, então, uma a mais ou a menos não fará diferença. — Acha que talvez não seja uma questão de querer aparecer, mas de não *poder* aparecer? — Ele olha para mim, prestes a dizer algo, quando levanto o dedo e digo: — E com *não poder* não quero dizer ser incapaz ou *não conseguir encontrar um meio*, e sim *não ter permissão* para aparecer. Talvez alguém ou alguma coisa possa estar impedindo?

— Pode ser. — Ele dá de ombros de forma tão despreocupada que não sei se na verdade concorda ou se está apenas fazendo minha vontade. Querendo me poupar do fato frio, duro e inevitável de que minha irmãzinha fantasma desistiu de mim. De que está muito ocupada com suas atividades no além para vir me ver. — Ela apareceu em mais algum sonho? — ele pergunta, com a voz mais do que indagadora, quase esperançosa.

— Não — respondo, sem um pingo de hesitação, não querendo pensar naquele sonho perturbador com Damen preso atrás de um vidro e Riley parada ao lado, insistindo para que eu prestasse atenção e não desviasse o olhar.

— Quer tentar se comunicar com ela agora? — Ele olha para mim com a cabeça inclinada.

Mas eu digo que não e suspiro. Quer dizer, claro que quero falar com ela… gostaria muito. Quem não gostaria de uma visita da adorável irmãzinha morta? Mas quando penso no estado em que estou, sei que não é possível conseguir. Mesmo se ela pudesse ajudar de algum modo, o que duvido muito, mas, mesmo se pudesse, não suportaria que me visse assim. Não quero que ela saiba o que eu fiz. Em que me transformei.

— Eu… eu não estou muito a fim agora — digo, limpando a garganta.

Jude se recosta na cadeira, cruza a perna sobre o joelho, sem desviar o olhar implacável do meu por um segundo.

— E do que você está *a fim*, afinal? — ele pergunta, franzindo a testa como se estivesse realmente preocupado. — Ultimamente, só o que parece fazer é trabalhar. — Ele coloca o pé no chão e se inclina em minha direção, apoiando o braço machucado na mesa, e diz: — Já percebeu que é verão lá fora? *Verão em Laguna Beach!* Metade da população sonha com um espetáculo como esse e você mal nota. Acredite, se eu não estivesse tão detonado, estaria lá fora surfando e aproveitando todos os segundos livres que tivesse. Sem contar, e me corrija se eu estiver errado, que este é seu primeiro verão por aqui, não é?

Respiro fundo, lembrando como estava no último verão: ferida, hospitalizada, órfã e sobrecarregada com poderes paranormais que não suportava, achando ingenuamente que as coisas não podiam ficar piores e mais esquisitas. Mal posso acreditar que já se passou um ano desde que toda a minha vida mudou.

— Eu posso cuidar da loja. E, dane-se, posso ir sozinho ao médico, e daí se eu chegar atrasado? Mas, por favor, para o seu bem, tire uma folga. Há um mundo inteiro lá fora esperando para ser explorado. E todo esse tempo que passa enclausurada aqui dentro… bem, não é saudável.

Fico parada diante dele, um misto de mãos trêmulas, corpo instável e respiração irregular. Sou um *outdoor* ambulante da vida não saudável, olhando desesperadamente ao redor da sala em busca da primeira saída disponível.

— Ever? Você está bem? — Ele se aproxima de mim.

Faço que não com a cabeça, sem conseguir responder, sem conseguir falar. Roman está lá fora. Posso *senti-lo* se aproximando. Ele acabou de sair da loja e está caminhando pelas ruas, vindo para perto daqui. E sei que é apenas uma questão de tempo, talvez mais um minuto, dois, no máximo, e a antiga Ever terá ido embora, sucumbindo completamente ao monstro interior.

Agarro o canto da mesa, os nós dos dedos salientes, ossudos e brancos. Luto para me estabilizar, horrorizada por ser vista assim, precisando escapar antes que seja tarde demais…

Dou a volta na mesa tão rápido que me vejo ao lado de Jude em um piscar de olhos. Meus dedos agarram o gesso branco-acinzentado que envolve seu braço. Não tenho escolha a não ser dizer:

— Se quiser aquela carona, precisamos ir agora… não posso esperar!

Ele se esforça para ficar de pé e me olha com uma expressão preocupada, dizendo:

— Ever, não me leve a mal, mas não sei se quero entrar em um carro com você. Você parece um pouco… *atordoada*, para dizer o mínimo. — Ele pressiona os lábios e balança a cabeça, olhando-me com aqueles olhos verde-água em uma tentativa de se conectar a mim. Mas não adianta. Estou perdida, sufocada, quase destruída. — É sério. Eu acho que você deveria sair, tomar um pouco de ar fresco e respirar fundo. Vai ficar surpresa em ver como vai se sentir melhor.

Por melhor que pareça, por mais bem-intencionado que ele seja, eu sei das coisas. Lá fora é o último lugar para onde eu deveria ir. É onde Roman está, cada vez mais próximo. Além do mais, não

foi bem isso que havia imaginado quando disse *precisamos ir*. Mesmo sem ter parado para pensar direito, não ter considerado a lista de prós e de contras desde que tive essa ideia, alguns dias atrás, não há tempo a perder, nós vamos, porque, não importa o que aconteça, ficar aqui será pior.

Com o coração acelerado, o pulso batendo e Roman chegando cada vez mais perto, agarro no gesso de Jude, esperando conseguir fazer o que pretendo, agora que todo o restante falhou.

Esperando que ainda possa chegar ao único lugar onde ainda sou eu mesma.

Vejo seu olhar alarmado e perplexo e sei que se não fizer isso rapidamente será tarde demais para mim.

Tarde demais para todos nós.

Eu me encontrarei com Roman.

A magia negra vencerá.

Minha voz está trêmula e instável quando digo:

— Sei que parece loucura, mas preciso que feche os olhos e imagine um portal de luz dourada e brilhante diante de você. Concentre-se com todas as suas forças e não me pergunte nada. Apenas confie em mim.

dezesseis

Passamos pelo portal, nós dois, lado a lado, aterrissando naquele gramado admirável antes de nos levantarmos com um leve salto. A primeira coisa que faço é me virar para Jude, apontar para seus braços e dizer:

— Veja!

Ele vira o rosto para baixo e arregala os olhos enquanto alterna o olhar entre mim e os dois braços descobertos, sem entender muito bem.

— Com certeza no curso de seus estudos metafísicos você deparou com uma menção a Summerland, não é? — Sorrio, elevando o rosto e os ombros. Elevando *tudo*. Livre do monstro que vive em mim, não importa que seja temporário.

Ele olha em volta, contemplando, através da névoa cintilante, as árvores que balançam, os galhos carregados de frutas suculentas e maduras, as flores grandes e coloridas com pétalas vibrantes e o riacho que reflete as cores do arco-íris correndo rapidamente logo adiante.

— É aqui? — ele pergunta, surpreso. — Existe de verdade?

Confirmo com a cabeça, vendo desaparecer de repente qualquer apreensão que eu pudesse ter em relação a trazê-lo aqui. Só porque foi má ideia trazer Ava, não significa que o mesmo acontecerá com Jude. Eles são totalmente diferentes. *Ele é* diferente. Muito mais evoluído do que Ava poderia sonhar em ser.

— Por que eu trouxe você aqui? — Rio, lendo instantaneamente a pergunta que ele imaginou, mas ainda não verbalizou. Envio a mensagem telepaticamente: *Para curar você, é claro!*

Cuido para editar a outra razão, mais urgente, que é curar a mim mesma.

Pensamentos são energia, acrescento, vendo o olhar de surpresa em seu rosto. *É possível sentí-los, ouvi-los, até criar com eles. Mas, se prefere voltar ao hospital, terei prazer em materializar o portal novamente...*

Ele olha para mim, prestes a falar, mas muda de ideia e resolve pensar. Primeiro, fecha os olhos, como se tentasse se concentrar, mas logo percebe como tudo é fácil e não requer esforço. Olha para mim e permite que as palavras fluam diretamente para minha mente:

Não acredito que esperou tanto tempo para me trazer até aqui. Não acredito que me deixou sofrer daquele jeito!

Eu rio, concordando com um aceno de cabeça e ciente de que a melhor forma de compensá-lo por isso é mostrar a ele o que mais é possível aqui.

— Feche os olhos — digo, vendo-o obedecer sem hesitação, com uma confiança tão plena em mim que fico corada. — Agora pense em algo que queira, qualquer coisa, e certifique-se de realmente querer, porque em um instante será seu. Pronto?

Mal tive a chance de terminar e já estou sentada em uma praia de areia rosada, vendo-o remar em um oceano formado por lindas águas azuis e pegar uma série das ondas mais perfeitas.

— Viu aqueles tubos? — ele grita, com a prancha enfiada debaixo do braço enquanto sai da água. — Incrível! Tem certeza de que não estou sonhando?

Sorrio, lembrando a primeira vez que vim a Summerland e como fiquei encantada. E não importa quantas vezes eu volte, a magia de fazer materializações em grande escala nunca envelhece.

— Não é sonho — digo, vendo como seus *dreadlocks* deixam escorrer água salgada pelo peito

até a cintura baixa de sua bermuda preta e cinza. Sou repentinamente tomada por aquele sentimento calmo e lânguido que sua proximidade me traz e desvio rapidamente o olhar, dizendo: — Acredite, é muito melhor do que um sonho. — E penso em como a maioria dos meus sonhos tem se tornado pesadelo ultimamente.

E então? O que vem agora? Ele deixa a prancha na areia e olha para mim.

Dou de ombros. *É o seu momento, então só depende de você. O que quiser tentar em seguida para mim está bom.* Tento parecer prestativa, compreensiva, mas a verdade é que quanto mais ele ficar mais tempo tenho de desculpa para evitar o plano terreno, onde todos os meus problemas estão me esperando.

Ele respira fundo e fecha os olhos, fazendo a prancha e a praia desaparecerem e surgir no lugar o autódromo de Indianápolis, percorrendo o circuito das 500 milhas a velocidades que quase desafiam a morte, enquanto fico sentada no alto da arquibancada, torcendo. E quando estou certa de que não aguentarei outra volta monótona, ele muda o cenário para um café charmoso no porto de Sydney, com uma vista excelente da ponte, da água, da Ópera.

Brindando, digo:

— Não imaginei que fosse do tipo que gosta de corrida de automobilismo.

Ele faz um gesto de indiferença.

— Não sou. Mas, ei, é bom experimentar enquanto posso, certo?

Tomo um gole de refrigerante, fazendo cara feia por causa do sabor doce, já acostumada ao amargo do elixir. Vejo a vista mudar de repente, as deslumbrantes águas australianas transformadas em uma paisagem com moinhos, tulipas e canais. Uma vista que só pode significar um lugar.

— *Amsterdã?* — A palavra estremece em minha boca, lembrando-me da história que compartilhamos na época em que ele era Bastiaan de Kool e eu, sua musa. Não consigo deixar de imaginar se ele, de algum modo, também sente isso. Se agora que estamos aqui aquelas memórias de muito tempo atrás foram restauradas, mesmo que nunca tenha funcionado dessa forma para mim.

Ele encolhe os ombros, surpreso por minha reação, e diz:

— Nunca estive em Amsterdã, achei que poderia ser legal. Mas se acha melhor que eu materialize algum outro local…

Antes que eu possa me opor, dizer a ele para aproveitar a fantasia pelo tempo que quiser, estou sentada em uma gôndola em Veneza, usando um vestido cor-de-rosa e creme, com joias penduradas no pescoço. Recostada em uma pilha de almofadas de veludo vermelhas, olho para os magníficos prédios ao longo do caminho, e de vez em quando de relance para Jude, que agora veste calça preta, camisa listrada e o chapéu de palha de um gondoleiro veneziano tradicional. Fico só observando enquanto ele nos conduz pelas águas calmas do canal.

— Ei, você é bom mesmo nisso. — Rio, determinada a superar o susto que levei com a Holanda agora há pouco e aproveitar o lugar em que estou agora. Fecho os olhos para acrescentar uma leve brisa… uma brisa que leva o chapéu dele direto para a água.

— Parece tão natural — ele diz, materializando instantaneamente um novo chapéu em sua cabeça sem perder um segundo sequer. — Devo ter sido um desses caras em alguma vida passada. Um que deixou questões pendentes para trás. — Ele para de remar e se apoia no remo. — Quer dizer… se realmente nascemos para corrigir os erros do passado e seguir na direção da iluminação, então, talvez algum dia, há muito tempo, eu estivesse conduzido uma bela donzela como você e tenha ficado tão distraído com sua beleza e seu charme que virei essa coisa e tudo terminou em um afogamento.

— Quem se afogou? — pergunto, com a voz tensa, mais curiosa do que pretendia.

— Eu. — Ele suspira dramaticamente, rindo enquanto continua: — Qual é a novidade? A donzela, no final, foi rapidamente resgatada por um jovem nobre alto, moreno e bonito, de grande posição e riqueza, e que, como sempre acontece, tinha um barco muito maior. E depois de puxá-la rapidamente a bordo, ele a aqueceu e secou. Droga, provavelmente também a trouxe de volta à vida com uma respiração boca a boca executada com perfeição e depois a cobriu não apenas de atenção exclusiva, mas também de uma série de presentes, um mais impressionante que o outro, até que ela finalmente parou de fazer jogo duro e concordou em se casar com ele. E você sabe como isso termina, certo?

Faço que não com a cabeça, a garganta quente e apertada, incapaz de falar. Sei que ele está criando conscientemente um conto de fadas inofensivo, mas não consigo deixar de sentir que esse conto em particular pode ser muito mais profundo do que ele pensa.

— Bem, os dois tiveram uma vida longa, confortável e alucinantemente feliz, até que ambos morreram de velhice e reencarnaram para ter o prazer de se encontrar e fazer tudo de novo.

— E o gondoleiro? O que aconteceu com ele… com *você*? — pergunto, indecisa se quero mesmo saber. — Bem, certamente haverá uma recompensa por juntar duas almas gêmeas, não?

Ele dá de ombros, desvia o olhar e volta a remar.

— O gondoleiro está destinado a repetir a mesma cena patética várias vezes, sempre desejando o que claramente pertence a outra pessoa. Mesmo roteiro, lugar e época diferentes. A história da minha vida. Ou *vidas*, como pode ser o caso.

Ele ri, mas não é um convite para que eu ria junto. É um riso solitário, sem atrativos, muito carregado de verdades para deixar espaço para o humor. Sua pequena história fica tão inacreditavelmente próxima de nossa verdade, minha e dele, que nem consigo falar.

Eu o observo, imaginando se deveria contar… sobre mim… sobre nós… mas que bem isso faria? Talvez Damen estivesse certo quando disse que não fomos feitos para lembrar nossas vidas passadas, que a vida não foi feita para ser uma prova com consulta. Todos temos o próprio carma, os próprios obstáculos para superar. E, aparentemente, gostando ou não, talvez eu seja um dos carmas de Jude. Limpo a garganta, decidindo colocar um fim nisso tudo e chegar à terceira razão que nos trouxe aqui. Uma questão na qual não pensei direito até agora. Esperando que beneficie a nós dois e rezando para não estar cometendo mais um erro colossal, digo:

— O que acha de deixarmos este lugar? Tem mais uma coisa que quero que veja.

— Um lugar melhor do que este? — Ele tira o remo da água.

Confirmo, fechando os olhos por um instante e nos levando de volta para o grande campo perfumado, onde Jude volta a usar seus jeans desbotados, a camiseta com o símbolo *Om* e chinelos. Eu deixo meu vestido elaborado e visto novamente um short rasgado, camiseta regata e sandálias. Depois, eu o acompanho ao longo do riacho até a estrada, passando pela viela e chegando ao bulevar onde podem ser encontrados os Grandes Salões do Conhecimento.

Viro-me para ele e digo:

— Tenho uma confissão a fazer.

Ele olha para mim, levantando as sobrancelhas, na expectativa.

— Eu… eu não trouxe você aqui apenas para que se curasse. — Ele para, olhando para mim de um modo que me faz parar também. Respiro fundo, ciente de que esta é minha chance, aqui é o único lugar onde serei capaz de dizer o que preciso. Endireito os ombros, elevo o queixo e digo: — Na verdade, preciso que faça algo… algo para mim.

— *Certo*… — Ele me olha com os olhos gentis, pacientes, esperando que eu conclua.

— Sabe… o negócio é o seguinte… — Fico girando minha pulseira com pingente de cristal, mal

conseguindo olhar em seus olhos. — Bem, ultimamente, aquela magia sobre a qual falei… o feitiço… ele piorou. Tudo fica bem quando estou aqui, mas no plano terreno… fico arruinada. Parece uma doença. Fico consumida por pensamentos sobre Roman, e, caso não tenha notado, minha aparência está começando a refletir meu estado interior. Estou perdendo peso, tenho insônia, e não sei como fugir disso… Em casa, no plano terreno, eu estou acabada. E toda vez que tento contar a Damen, ou pedir a ajuda dele… bem, mesmo quando tento pedir que você fale com ele… é como se o feitiço assumisse o controle… a magia negra… ou a fera, como eu costumo chamar… não me deixa falar. É como se não quisesse nada entre mim e Roman. Mas aqui em Summerland a fera não pode me impedir. É o único lugar onde volto a ser eu mesma. Então, achei que talvez trazendo você aqui eu pudesse…

— E por que não trouxe logo Damen a Summerland? Não entendo. — Ele inclina a cabeça e olha para mim.

— Porque ele não quis vir. — Suspiro, olhando para meus pés. — Ele sabe que tem algo errado, sabe que está acontecendo algum problema comigo, mas acha que é porque estou viciada neste lugar, ou… ou mais ou menos isso. Bem, o que importa é que Damen se recusa a vir comigo, e como não consigo dizer a verdade, ele não quer mudar de ideia. Por esse motivo, bem, digamos que faz um bom tempo que a gente não se vê. — Engulo em seco, sobressaltada com o modo como minha voz fica rouca.

— E então… onde eu entro nessa história? — Ele olha para mim. — Você quer que eu volte para o plano terreno e conte a Damen?

— Não — digo, levantando os ombros, e acrescento: — Pelo menos não agora. Primeiro, vou levar você a um lugar, e se conseguir entrar… — Olho para ele, esperando que ele possa. — Quero que procure ajuda para mim… encontre uma solução para o meu problema. Sei que parece loucura, mas acredite em mim quando eu digo que tudo o que precisa fazer é *desejar* a resposta, e ela virá. Eu mesma faria se pudesse… mas eu… eu… não sou mais bem-vinda lá dentro.

Ele olha para mim e concorda. Voltamos a andar lado a lado, e ele diz:

— E onde é esse lugar? — Sua expressão se transforma em surpresa quando olha na direção para a qual estou apontando, ao ver aquela bela e grandiosa construção, e sussurra: — Então é verdade! — Seus olhos se iluminam ao subir a escadaria de mármore íngreme em alguns saltos.

Ele me deixa ali parada, boquiaberta, quando as duas portas se abrem, deixando-o entrar antes mesmo que eu possa piscar.

As mesmas portas que se fecharam diante de mim.

Desmorono nos degraus, sendo deixada novamente de fora. Imagino por quanto tempo serei obrigada a esperar até ele conseguir completar o que planeja fazer lá dentro. Sei que pode demorar um bom tempo, já que, principalmente para um novato, os Grandes Salões do Conhecimento são bons demais para resistir.

Levanto-me e limpo a poeira da roupa, recusando-me a ficar sentada do lado de fora como a derrotada que sou, e decido dar uma olhada em volta, talvez explorar um pouco. Estou sempre tão obstinada quando venho aqui que raramente tiro algum tempo para passear, se é que algum dia já fiz isso.

Sei que posso me locomover como quiser — metrô, vespa, ou até mesmo montar em um grande elefante pintado, já que em Summerland realmente não há limites para o que se pode fazer. Mas escolho ir a cavalo. Recrio um parecido com o que montei com Damen quando ele me trouxe aqui pela primeira vez, só que desta vez é uma égua.

Subo no animal, ajeito-me na sela e passo a mão pela crina macia e sedosa, descendo até o pescoço. Com a boca perto de sua orelha, emito um ruído suave e aperto de leve sua barriga para iniciarmos um passeio sem destino em mente. Lembro que as gêmeas uma vez me disseram que Summerland é feita de desejos. Que para *ver*, *fazer*, *ter*, *vivenciar* ou *visitar* algo, primeiro é necessário desejá-lo.

Paro por um instante e fecho os olhos, tentando *desejar* a resposta que procuro.

Mas Summerland é mais esperta do que eu, por isso nada acontece além do fato de minha égua ficar entediada e demonstrar isso bufando, resmungando, espanando o rabo e batendo os cascos no chão. Então respiro fundo e faço outra tentativa, pensando em tudo que há neste lugar: cinemas, galerias, salões de beleza, belos prédios… disso tudo, qual é a única coisa que eu deveria ver e ainda não vi?

Qual é o lugar que realmente preciso conhecer?

Quando vejo, minha égua sai galopando… a crina esvoaçando, o rabo sacudindo, as orelhas para trás… e eu agarro nas rédeas e me seguro desesperadamente. A paisagem fica borrada e gira ao meu redor, enquanto eu me abaixo e estreito os olhos para protegê-los do vento. Percorremos um longo caminho de terras desconhecidas em segundos, até que ela para tão repentina e inesperadamente que saio voando e sou atirada na lama.

A égua relincha alto, erguendo-se sobre as patas traseiras, e depois apoia as quatro patas no chão, resmungando e bufando, e recua lentamente, enquanto me esforço para ficar de pé, devagar, com cuidado, tentando não fazer qualquer movimento brusco que possa assustá-la ainda mais.

Mais acostumada a lidar com cachorros do que com cavalos, abaixo a voz, mantendo-a firme e estável, aponto o dedo e digo:

— Fica.

Ela me olha com as orelhas para trás, claramente descontente com meu plano.

Engulo em seco, reprimo o medo e acrescento:

— Não vá. Fique bem aí.

Sei que ela pode não ser de grande utilidade se eu me sentir ameaçada de verdade, mas não quero ficar sozinha neste lugar úmido e assustador.

Olho para o meu short, agora coberto de lama, e mesmo depois de fechar os olhos e tentar substituí-lo, tentar me limpar, permaneço exatamente igual. A materialização instantânea não funciona aqui.

Respiro fundo e luto para me manter calma. Estou tão ansiosa para ir embora quanto minha égua, mas sei que fui enviada aqui por um motivo, que há algo que devo ver, e resolvo ficar pelo menos mais um pouco. Estreito os olhos para a paisagem diante de mim e noto que, em vez do habitual esplendor suave e dourado de Summerland, aqui o céu é turvo e cinzento. No lugar da névoa brilhante com a qual estou acostumada, há um aguaceiro que deixa o solo tão lamacento e úmido que parece nunca parar. Mas se as plantas servem de parâmetro, tão secas e rachadas que parece que não recebem água há anos, essa chuva não deve ser muito nutritiva.

Dou um passo à frente, determinada a decifrar a mensagem, saber por que estou aqui, mas quando meu pé afunda tanto que a lama me engole até os joelhos, deixo a égua seguir na frente. Não importa o que eu diga, que ordem eu dê, ela se recusa a ir adiante. Tem apenas um destino em mente, e é o lugar de onde viemos. Então finalmente desisto e deixo a égua assumer o comando.

Olho para trás enquanto partimos e me lembro do que as gêmeas me disseram:

"Summerland abriga a possibilidade de todas as coisas."

Fico imaginando se não acabei de deparar com seu outro lado.

dezessete

— O que aconteceu com você?

Estreito os olhos, sem saber do que ele está falando, até olhar seu dedo apontado para minhas pernas cheias de lama e para o par de chinelos que costumava ser dourado-metálico e agora está tão sujo que mais parece ser marrom-enferrujado.

Franzo a testa, trocando-os instantaneamente por uma versão nova e limpa, feliz por saber que estou de volta à parte mágica de Summerland, muito melhor do que a terra de ninguém que visitei agora há pouco. Aproveito para ajeitar o cardigã lilás macio que também acabei de materializar, enrolando-o em mim, e digo:

— Cansei de esperar. Não sabia quanto tempo você ia demorar, então saí em um pequeno… hum… passeio. — Ergo os ombros como se não fosse importante, como se não passasse de uma caminhada rotineira de fim de tarde. Mas não tinha nada de rotineiro naquela chuva esquisita e contínua, naquelas árvores secas, na determinação de minha égua em dar o fora de lá. Mas Jude já tem muito o que processar, e mencionar aquele novo território só o deixaria ainda mais confuso. Além disso, estou ansiosa para descobrir o que ele viu.

— Mas ainda mais importante do que o que aconteceu comigo é o que aconteceu com *você*. — Olho para ele, desde o alto de seus *dreadlocks* castanho-dourados até a sola de borracha de seus chinelos, notando como por fora ele continua basicamente o mesmo, mas por dentro houve alguma transformação definitiva. Houve uma mudança em sua energia, em seu comportamento. Por um lado, ele parece mais leve, mais inteligente, cheio de confiança. Mas também parece claramente tenso para alguém que acabou de visitar uma das maiores maravilhas de todo o universo.

— Bem… foi… *interessante*. — Ele confirma com a cabeça, fitando meus olhos, mas apenas por um instante, antes de se virar rapidamente.

Não acredito que ele pense que pode escapar assim. Eu acho que mereço um pouco mais depois de tê-lo trazido até aqui.

— Hum, importa-se em explicar? — Levanto uma das sobrancelhas. — Foi interessante *como*, exatamente? O que você viu, escutou, aprendeu? O que fez do momento em que entrou até o momento em que saiu? Conseguiu as respostas de que preciso? — Sei que estou prestes a olhar sua mente e ver por mim mesma se ele não contar logo.

Ele respira fundo e se vira, dá alguns passos para trás até finalmente olhar em meus olhos e dizer:

— Não tenho certeza se quero me envolver nisso agora. É muita informação para processar. Ainda preciso tentar entender. É tudo muito… *complicado*...

Estreito os olhos, determinada a ver por mim mesma. Há pouquíssimos segredos em Summerland, especialmente para um novato como ele, que não tem nem ideia de como tudo funciona. Mas assim que dou de cara com a sólida parede de tijolos sei exatamente por onde ele andou.

Os registros akáshicos.

Lembro-me de Romy ter me dito: "Não podemos ler todos os seus pensamentos. Apenas os que temos permissão para ver. Tudo o que viu nos registros akáshicos é seu e somente seu."

Franzo o cenho. Agora, mais do que nunca, preciso saber. Vou na direção dele, prestes a pressionar um pouco mais, quando sinto… aquela onda de calor e o formigamento que a mera presença dele provoca em mim. Viro-me e dou de cara com Damen descendo os degraus de mármore íngremes, até que ele para — tudo para — e nossos olhares se encontram.

Estou prestes a chamá-lo, insistir para que se junte a mim, ciente de que agora é minha chance de explicar tudo, quando vejo o que ele vê. Jude e eu juntos, desfrutando de uma bela viagem a Summerland, nosso lugar especial. Meu e de Damen. Antes que eu possa emitir qualquer palavra, dizer qualquer coisa, ele já se foi. Simplesmente desapareceu, como se nunca tivesse estado realmente lá.

Mas esteve.

Sua energia permanece. Ainda posso senti-la em minha pele. E uma olhadela para Jude é o bastante para confirmar. Vejo como seus olhos se arregalam, seus lábios se abrem. Como ele se aproxima de mim, tentando me confortar, mas me afasto rapidamente, indignada com o que Damen pode estar pensando, a imagem que devemos ter passado.

Acho melhor você ir embora — digo, de costas para ele, com a voz áspera e tensa. — Apenas feche os olhos, materialize o portal e vá. *Por favor.*

— Ever… — ele diz, aproximando-se de mim novamente, mas eu já fui, segui para outro lugar.

dezoito

Eu ando. Ando até não ter ideia da distância que percorri. Ando até ter certeza de que Damen não pode mais me ver. Estou determinada a andar até deixar meus problemas para trás, mas não consigo ir muito longe, pois finalmente entendo aquele velho ditado estampado na caneca de café de meu professor de inglês da oitava série: AONDE QUER QUE VOCÊ VÁ, É LÁ QUE ESTARÁ.

É impossível fugir dos problemas. É impossível correr o suficiente para fazê-los desaparecer por completo. Essa é minha jornada, e não há escapatória.

E embora Summerland proporcione um alívio tão bom e agradável, seu efeito sobre a fera é apenas temporário. Não importa quanto tempo eu consiga passar aqui, tenho certeza de que tudo vai reverter no segundo em que eu voltar ao plano terreno.

Caminho mais um pouco, tentando decidir entre parar no cinema para assistir a um filme antigo ou ir a Paris e dar um passeio relaxante ao longo do Sena, ou mesmo fazer uma rápida excursão pelas ruínas de Machu Picchu, ou, ainda, ir ao Coliseu de Roma, quando dou de cara com uma série de pequenos chalés que me fazem parar.

Eles têm a aparência externa simples, modesta, são feitos de tábuas, com pequenas janelas, telhado pontudo e triangular. E mesmo que não pareça haver nada de especial que chame minha atenção, há um em particular que me atrai, brilhando de um modo que me faz seguir pelo caminho estreito de terra que leva até a porta. Não tenho ideia do motivo pelo qual estou aqui e ainda me pergunto se devo ou não tentar entrar.

— Faz algumas semanas que não vejo elas por essas bandas.

Eu me viro e vejo um idoso parado na beira do caminho, usando roupas conservadoras — camisa branca, suéter e calça pretos —, alguns fios finos de cabelo grisalho penteados de lado sobre a careca lustrosa, apoiado em uma bengala bem-entalhada que mais parece mostrar seu amor pelo artesanato do que qualquer necessidade física real.

Estreito os olhos, sem saber o que dizer. Nem sei por que estou aqui, muito menos sobre quem ele está falando.

— As duas meninas, as de cabelos pretos. Elas eram gêmeas. Eu próprio não conseguia dizer quem era quem, mas minha senhora, sim, ela sabia. A boazinha gostava de chocolate, gostava muito. — Ele ri ao se lembrar. — E a outra, a quietinha e teimosa, preferia pipoca, não conseguia parar de comer. Mas aquela estourada na panela, não aquela coisa materializada instantânea — ele diz, fazendo um gesto com a cabeça, nem um pouco chocado com minhas vestes modernas. — Minha senhora, ela fazia as vontades delas, fazia sim. Tinha pena delas e ficava um pouco preocupada também, eu acho. E então, depois de tudo isso, depois de todos esses anos, elas pegam e vão embora sem dizer uma palavra. — Ele balança a cabeça, mas dessa vez não ri, apenas me olha, desconcertado, como se esperasse que eu o ajudasse a entender.

Engulo em seco, alternando o olhar entre a porta da frente e ele, com o pulso acelerado, o coração disparado, sabendo sem ter que perguntar, sabendo lá no fundo que é aqui que elas ficavam, é aqui que Romy e Rayne moraram nos últimos trezentos e poucos anos.

Mas ainda preciso de uma confirmação verbal, apenas para ter certeza, então pergunto:

— Está… Está falando das *gêmeas*? — Minha cabeça gira enquanto observo o chalé que me é familiar, uma réplica exata da casa da visão que tive quando as encontrei escondidas na casa de Ava, quando toquei na mão de Romy e vi a história da vida delas na forma de uma sequência de imagens: a

casa, a tia, os Julgamentos das Bruxas de Salém dos quais a tia queria protegê-las. E tudo levou a *isso*.

— Romy e Rayne — ele diz, as bochechas tão vermelhas, o nariz tão redondo e os olhos tão gentis que quase parece um ser materializado, falso, uma réplica em tamanho real de um perfeito velhinho inglês, voltando alegre do *pub* para casa. Mas como ele não tremula, nem aparece e desaparece, como permanece bem ali diante de mim com o mesmo sorriso simpático no rosto, sei que é real. Talvez vivo, talvez morto, não sei ao certo, mas definitivamente real. — Tá procurando pelas duas, não tá?

Faço que sim com a cabeça, mesmo sem ter certeza. *Eu estava procurando por elas? Por isso estou aqui?* Olho para ele, recuando quando me encara de um jeito tão estranho que não consigo conter uma risadinha nervosa. Limpo a garganta, tento me recompor e continuo:

— Sinto muito por saber que elas não estão aqui. Esperava encontrar as duas.

Ele concorda com um gesto de cabeça, como se entendesse completamente minha dificuldade e se identificasse com ela. Apoiando as duas mãos na bengala, diz:

— Minha senhora e eu nos apegamos a elas, já que chegamos por aqui mais ou menos na mesma época. O que não sabemos é se elas decidiram finalmente cruzar a ponte e terminar com isso de uma vez ou se fizeram a viagem de volta. O que é que você acha?

Aperto os lábios e dou de ombros, sem querer deixar transparecer que já sei a resposta e aliviada por ele não me pressionar mais.

— Minha senhora jura que elas cruzaram a ponte. Disse que as pequenas se cansaram de esperar por quem quer que estivessem esperando. Mas eu penso diferente. Rayne pode ter ido, mas ela nunca convenceria aquela irmã dela, aquela Romy. Ela é uma menina teimosa, não é?

Aperto os olhos, certa de que entendi errado. Balançando a cabeça, digo:

— Espere… você quis dizer que *Rayne* é teimosa, certo? Romy é boazinha e gentil.

Faço um gesto positivo com a cabeça, esperando uma confirmação, mas ele apenas me olha do mesmo jeito estranho e afunda a bengala na terra.

— Eu quis dizer exatamente o que disse. Bem, tenha um bom dia, mocinha.

Fico ali, vendo-o ir embora com a cabeça erguida, a coluna ereta, balançando a bengala alegremente. Mal posso acreditar que ele decidiu encerrar a conversa desse jeito e fico imaginando se minha pergunta o ofendeu.

Bem, ele *é* meio velho, e as gêmeas *são* muito parecidas, ou pelo menos eram quando viviam aqui e usavam aqueles uniformes de escola particular todos os dias, e só posso imaginar como se vestiam antes de Riley fazer contato com elas. Mas há algo no modo como ele falou, tão certo e confiante, que não consigo deixar de pensar se não fui eu que entendi tudo errado. Ou se esse lado mau e travesso de Rayne fica reservado apenas a mim.

Com esperança de que ele me ouça antes de se afastar demais, grito:

— Senhor… hum, com licença… Acha que tem problema eu entrar e dar uma olhada? Prometo não mexer em nada.

Ele se vira, balançando a bengala com desenvoltura, e diz:

— Fique à vontade. Não tem nada aí que não possa ser substituído.

O idoso segue seu caminho enquanto abro a porta e entro, pisando em um tapete trançado vermelho simples, que suaviza o rangido de meu peso sobre o piso velho de madeira. Faço uma pausa para meus olhos se ajustarem à pouca luz e vejo um grande cômodo quadrado mobiliado com

algumas cadeiras que parecem desconfortáveis, uma mesa média e uma grande cadeira de balanço de madeira perto de uma lareira de pedra, cheia das cinzas de um fogo aceso recentemente. Sei que entrei em uma réplica exata do mundo de onde Romy e Rayne fugiram em 1692, exceto pela hipocrisia, pelas mentiras e pela crueldade descarada, é claro.

Ando pelo cômodo, olhando para o alto e observando as pesadas vigas de madeira que sustentam o teto, enquanto passo os dedos pelas paredes ásperas, as mesas com pilhas de livros com capa de couro, além de um monte de velas e lamparinas a óleo usadas para fornecer luz para leitura. Não consigo afastar o sentimento de culpa por estar me intrometendo em uma vida privada que não sei se deveria ver.

Ao mesmo tempo, porém, sei que não estou aqui por acaso. Estava destinada a encontrar este lugar, disso não tenho dúvida. No mínimo, conheço o suficiente sobre Summerland para saber que os acontecimentos de jeito nenhum são aleatórios. Há algo entre estas paredes que preciso ver. Quando entro em um quarto pequeno e simples, reconheço-o imediatamente como uma réplica do dormitório da tia que as criou — aquela que insistiu que se escondessem em Summerland para poupá-las dos Julgamentos das Bruxas de Salém, que acabou sendo o motivo de sua própria morte terrível. A cama é estreita, parece desconfortável, e ao lado dela vejo uma pequena mesa quadrada na qual há um livro grande encadernado em couro e algumas flores e ervas secas. Além de outro tapete trançado e de um guarda-roupa alto e estreito no canto, com a porta aberta o suficiente para mostrar o vestido marrom de algodão pendurado, não há mais nada no quarto.

Imagino se Romy e Rayne já materializaram a tia, como fiz uma vez com Damen. Imagino por quanto tempo lutaram para se manter apegadas à vida que conheciam antes, até finalmente desistirem e partirem para esta imitação.

Fecho a porta e sigo para a escada que leva ao andar de cima, abaixando a cabeça para não bater no teto extremamente inclinado, e hesito quando a madeira range alto sob meus pés. Andando depressa para uma área onde o pé-direito é mais alto, levanto-me e vejo as camas das gêmeas e uma pequena mesa de madeira entre elas, sobre a qual há uma pilha de livros e uma antiga lamparina a óleo. Praticamente a mesma configuração do quarto da tia, exceto pelas paredes cobertas de referências à cultura pop do novo milênio, que só podem ter sido resultado da influência de Riley. Cada centímetro quadrado de espaço está coberto com uma colagem dos favoritos de Riley. E, conhecendo minha irmã como conheço, as gêmeas não tiveram escolha a não ser concordar com seu gosto.

Passo os olhos pelo quarto, cercada pelos rostos felizes de ex-astros da Disney transformados em adolescentes magnatas, uma fileira de participantes do American Idol e qualquer outra pessoa que já tenha saído na capa da revista *Teen Beat*. E quando vejo um pedaço de folha de caderno preso à porta, não consigo conter o riso, pois sei que essa programação de aulas, essa lista de "matérias" da escola materializada das meninas só poderia mesmo ser obra de minha irmãzinha fantasma.

1ª aula — Moda para iniciantes: O que fazer, o que não fazer e o que nunca fazer
2ª aula — Cabelo nível 1: Técnicas básicas de penteado, um pré-requisito para Cabelo nível 2
Intervalo — 10 minutos: Para fofocar e se arrumar
3ª aula — Introdução a celebridades: Quem é bonito, quem não é e quem não é nada daquilo que os outros querem que você pense
4ª aula — Popularidade: Curso abrangente de como conseguir e manter a popularidade sem se perder no processo
Almoço — 30 minutos: Para fofocar, se arrumar e, se necessário, comer
5ª aula — Beijo e maquiagem: Tudo que você sempre quis saber sobre gloss labial, mas tinha medo de perguntar
6ª aula — Beijo nível 1: O que é nojento, o que é irado e o que faz ele ficar ligado

Uma lista completa das obsessões de Riley, que certamente não teve a chance de vivenciar o último item.

Quando estou prestes a sair, certa de que não há mais nada para ver, avisto um porta-retratos lindo, enfeitado com pedras, no alto do armário. Fico na ponta dos pés para pegá-lo. Sei que não pode pertencer a Romy e Rayne, já que a fotografia só foi inventada muito depois que elas deixaram Salém, e solto um suspiro quando o observo de perto, passando os olhos sobre um retrato de *nós*.

Riley, eu e nossa doce labrador amarela, Buttercup.

A mera visão da foto evoca uma lembrança tão clara, tão palpável, que me faz ficar de joelhos, como se tivesse levado um soco no estômago, sem notar a madeira áspera arranhando minha pele, sem ligar para as lágrimas que escorrem por meu rosto e caem no vidro, deixando-o manchado, embaçado…porém não estou mais olhando para a imagem, estou vendo o acontecimento em minha mente. Repassando o momento em que Riley e eu nos jogávamos uma sobre a outra, rindo e exagerando na atuação, enquanto Buttercup latia empolgada e corria em círculos à nossa volta.

Tudo isso momentos antes do acidente.

Nossa última foto.

Uma foto da qual havia me esquecido, uma vez que Riley morreu antes de baixá-la para o computador.

Observo o espaço, com os olhos embaçados pelas lágrimas, a voz titubeante e estridente, e grito:

— *Riley?* Riley… você está… *vendo isso*? — Pergunto-me se ela está aqui, se armou isso tudo, se está escondida em um canto me observando.

Uso a barra do suéter para secar, primeiro, o rosto, depois, o vidro do porta-retratos, sabendo que, mesmo que ela não me responda, mesmo que eu não possa mais me comunicar com ela, isso é obra sua. Foi ela quem recriou essa foto, ela queria que eu tivesse outra lembrança do que compartilhamos, de quem eu era há apenas um ano.

Mesmo que eu queira tentar levar aquela imagem para Laguna, deixo-a onde a encontrei. É um objeto de Summerland, nunca sobreviverá à viagem para casa. Além disso, por alguma razão estranha, gosto de saber que está aqui.

Desço as escadas e vou para a sala principal, certa de que já vi tudo o que deveria e me preparando para ir embora. Estou quase na porta da frente quando noto uma pintura que não tinha visto quando entrei. A moldura é simples, preta, de estilo rústico, com algumas ripas de madeira pintada. Mas é seu conteúdo que chama minha atenção, o retrato bem-executado de uma mulher atraente, embora simples, pelo menos para os padrões atuais. Sua pele é clara, os lábios são finos e o cabelo castanho-escuro está penteado para trás, provavelmente preso em um coque. Mas não importa o quanto a pose seja séria e a expressão austera, há alguma sensação muito mais leve brilhando em seus olhos, como se ela estivesse simplesmente interpretando o papel de uma mulher subjugada de sua época, posando dessa forma por conveniência, enquanto por dentro escondia um fogo que poucas pessoas poderiam imaginar.

Quanto mais olho naqueles olhos, mais certeza tenho disso. Mesmo tentando me dissuadir, convencer a mim mesma de que não é possível, nem remotamente… aquele palpite que me vem aguçando sem eu me dar conta, aparecendo e desaparecendo nas últimas semanas, agora se materializa diante de mim de um modo tão claro, tão impressionante, que não posso ignorar.

Meu suspiro ecoa pela sala, mas é ouvido somente por mim, enquanto corro pela porta e volto para o plano terreno.

Estou ansiosa para me afastar do rosto que paira diante de mim, para me afastar de um passado

que, de maneira notável, acabou de completar seu ciclo novamente.

dezenove

Eu nem penso nisso. Nem paro para pensar duas vezes. Apenas materialize o portal, aterrisso de volta no plano terreno e corro para a casa de Damen.

Mas, então, quando estou chegando ao portão, penso melhor.

As gêmeas estarão lá.

As gêmeas *sempre* estão lá.

E esse assunto, definitivamente, não deve ser discutido na presença delas.

Como os portões já estão em movimento, e Sheila está alegremente fazendo sinal para que eu entre, passo e sigo para o parque. Estaciono o carro e vou direto para os balanços, sento-me em um deles e me impulsiono para a frente com tanta força que me pergunto se não darei uma volta completa antes de descer. Mas isso não acontece, só balanço para a frente e para trás, sentindo o vento no rosto enquanto voo cada vez mais alto e um leve frio na barriga quando volto depressa para baixo. Fecho os olhos e chamo Damen até mim, usando os poderes que ainda restaram antes que o monstro acorde e dê início a seu passatempo preferido: me sabotar. Começo a contar os segundos, mas não chego nem ao dez e o vejo parado à minha frente.

O ar mudou, inflamado por sua presença, seu olhar enviando um formigamento delicioso e quente por toda a minha pele. E quando abro os olhos para olhar nos dele, é como a primeira vez em que nos encontramos, no estacionamento da escola: hipnotizante, mágico, um momento de rendição total e completa. O sol atrás dele o envolve em um resplendor laranja, dourado e vermelho tão brilhante que é como se os raios estivessem emanando de seu corpo. Fico presa ao momento, seguro-o o máximo que posso, ciente de que é apenas uma questão de tempo até que eu fique entorpecida e insensível a ele novamente.

Ele se senta no balanço a meu lado, embalando bem alto e instantaneamente pegando meu ritmo. Nós dois atingimos alturas tão delirantes e maravilhosas, apenas para mergulhar novamente para baixo — uma analogia a nosso relacionamento nos últimos quatrocentos anos.

E quando ele olha para mim com expectativa no rosto, sei que estou prestes a decepcioná-lo. Não estou aqui pelo motivo que ele pensa.

Respiro fundo, engolindo o nó preso na garganta, e digo:

— Damen — eu me viro para ele —, eu sei que as coisas estão meio… *tensas*… — Faço uma pausa, sabendo que essa palavra mal consegue descrever o que estamos passando, mas continuo: — Mas, bem, depois que você foi embora, dei de cara com algo tão extraordinário que corri até aqui para contar. E se pudermos deixar essas outras questões de lado, pelo menos por enquanto, acho que você vai gostar de ouvir isso.

Ele inclina a cabeça e me absorve com os sentidos. Seu olhar é tão profundo, escuro e intenso que as palavras param bem no meio de minha garganta. Forçando-me a olhar para baixo, fazendo uma série de pequenos círculos na terra com o pé, empurro as palavras e digo:

— Sei que deve parecer maluquice, tanto que acho que você nem vai acreditar, mas estou dizendo, não importa o quanto possa parecer absurdo, é completamente real, eu vi com meus próprios olhos. — Faço uma pausa, dando uma espiada e vendo-o concordar com a cabeça daquele seu jeito encorajador e paciente. Então limpo a garganta e recomeço, perguntando-me por que estou tão nervosa quando ele provavelmente é a única pessoa que sei que entenderia de fato. — Sabe, você sempre diz que os olhos são as janelas da alma, o espelho do passado e tudo mais. E que é possível

reconhecer alguém de suas vidas passadas simplesmente olhando nos olhos dessa pessoa.

Ele faz um gesto afirmativo, lento, reservado, como se tivesse todo o tempo do mundo para ver aonde isso vai levar.

— Bem, o que estou querendo dizer é… — Respiro fundo, esperando que ele não ache que sou ainda mais louca do que já acha, e revelo: — *Ava-é-a-tia-de-Romy-e-de-Rayne!* — A frase escapa tão rapidamente que parece apenas uma palavra muito longa, e ele apenas fica ali sentado, olhando, calmo e sossegado. — Lembra quando eu disse que havia tido aquela visão em que a vida das duas se revelou e eu vi a tia delas? Então, por mais estranho que pareça, essa tia hoje em dia é *Ava*. Ela morreu durante os Julgamentos das Bruxas de Salém e voltou nesta vida como Ava. — Encolho os ombros, sem saber ao certo o que dizer depois de uma afirmação dessas.

Seus lábios se curvam de leve, os olhos se iluminam, e ele empurra o balanço lentamente para a frente e para trás enquanto diz:

— Eu sei.

Estreito os olhos, sem saber se ouvi direito.

Ele se movimenta, mudando de direção e chegando tão perto que nossos joelhos quase se tocam. Depois, olha para mim e diz:

— Ava me contou.

Pulo do balanço tão rápido que as correntes se chocam e se enrolam uma na outra, indo até em cima, e depois se desenrolam novamente, girando várias vezes em um movimento furioso que emite um som metálico terrível. Meus joelhos vacilam, instáveis, enquanto aperto os olhos e tento entendê-lo lentamente, imaginando como esse cara que diz ser o amor de minhas vidas pôde ficar amigo dela, colocar as gêmeas em perigo e me trair desse jeito.

Mas ele apenas olha para mim sem um pingo de preocupação.

— Ever, por favor. — Ele balança a cabeça. — Não é o que você está pensando.

Aperto os lábios e desvio o olhar, pensando em onde ouvi isso antes. Ah, certo, Ava. É praticamente sua frase favorita, a que ela mais repete, e não acredito que ele tenha caído nessa.

— Ela viu em uma visita aos registros akáshicos. E hoje, quando eu não conseguia encontrar nenhum jeito de ajudar você, confirmei. Ela está arrumando a casa, tentando encontrar o melhor momento para contar a elas, e, bem, embora tenha acreditado nela, não estava muito certo se seria realmente o melhor para as meninas. Então, hoje, quando pedi orientação sobre qual seria o melhor caminho para elas, a história se revelou. Na verdade, elas estão com Ava agora mesmo.

— Então é isso. — Olho para ele. — Ava não é mais má, fica com as gêmeas, e nós retomamos nossa vida. — Tento rir, mas não sai bem do jeito de que eu gostaria.

— É? Retomamos a nossa vida? — Ele inclina a cabeça e olha para mim.

Eu suspiro, sei que não tenho escolha a não ser explicar. É o mínimo que posso fazer.

Sento-me no balanço, segurando as grossas correntes de metal, enquanto olho para ele e digo:

— Hoje… em Summerland… apesar do que pareceu, não era *nada* daquilo. E eu ia explicar… explicar *tudo* o que está acontecendo… mas quando você desapareceu tão rápido, eu… — Aperto os lábios e desvio o olhar.

— E então por que não explica agora? — ele pergunta, olhando-me de perto. — Estou bem aqui. Tem toda a minha atenção. — Sua voz está tão dura e formal que meu coração se parte, esfarela-se em milhões de pedacinhos enquanto ele continua sentado a meu lado, tão lindo, tão forte, tão bem-intencionado, querendo apenas fazer o certo, não importa o quanto lhe custe.

E eu quero tanto abraçá-lo com força, encontrar um jeito de explicar tudo. Mas não consigo, as palavras são prisioneiras do monstro dentro de mim. Então, apenas dou de ombros e me ouço dizer:

— Foi… foi completamente inocente. É sério. Fiz aquilo por *nós*, apesar do que possa parecer.

Damen me olha com tanta paciência e amor que só consigo me sentir culpada.

— Então me diga, encontrou o que procurava? — ele questiona. A pergunta é tão carregada que apenas imagino a verdadeira intenção por trás dela.

Faço uma pausa, tentando não recuar diante de seu olhar misterioso e inquisitivo. Com as palmas das mãos molhadas de suor, digo:

— Você sabe como eu estava me sentindo mal por ter atacado Jude… então pensei que se o levasse para Summerland talvez ele pudesse ser curado e…

— *E…?* — ele pergunta, com a paciência de seiscentos anos na voz, e eu fico imaginando se ele nunca se cansa disso… de ser tão tolerante, tão resignado… especialmente quando se trata de lidar comigo.

— *E*… — tento dizer, tento contar a ele o que está acontecendo comigo, mas não consigo. A fera está acordada, a magia negra começa a assumir o controle, e eu mal consigo suportar. Balanço a cabeça. Nervosa, fico mexendo com os botões de imitação de casco de tartaruga em meu suéter e digo:

— E… *nada*. É sério. É isso. Só achei que Summerland curaria Jude, e aparentemente curou.

Damen me analisa, o rosto contido, relaxado, como se me entendesse completamente. E, na verdade, *ele entende*. Ele entende muito além de minhas palavras desajeitadas. Entende muito bem.

— Então, como já estávamos lá, pensei em mostrar o lugar, e assim que viu os Salões, bem, ele correu lá para dentro… e o restante… como dizem… é *história*. — Nossos olhares se encontram, a ironia da palavra não passou despercebida por nenhum de nós dois.

— E você entrou com ele… nos Salões? — Seus olhos quase se fecham, olhando para mim como se ele já soubesse… soubesse que não sou mais bem-vinda lá… mas quisesse ouvir isso de mim. Quisesse a confissão completa de como me tornei sombria e perversa.

Respiro fundo e tiro os cabelos do rosto.

— Não, eu… — Hesito, pensando se devo ou não contar sobre meu passeio a cavalo até a terra de ninguém, mas rapidamente decido não dizer nada, imaginando que talvez o que testemunhei seja mais um reflexo de mim, de meu estado interior, do que um lugar de verdade. — Eu, hum, eu fiquei no lado de fora, à toa, esperando. — Dou de ombros. — Bem, fiquei um pouco entediada e pensei em ir embora, mas também queria garantir que ele encontrasse o caminho de volta para casa, então, eu… hum… fiquei esperando. — Confirmo, de modo um pouco exagerado, nem perto de ser convincente.

Trocamos um olhar longo e doloroso; ambos sabemos que estou mentindo… que acabei de desempenhar, provavelmente, minha pior atuação de todos os tempos. E por algum motivo estranho e desconhecido ele dá de ombros no final, tão indiferente que chego a ficar decepcionada. A pequena centelha de sanidade que me resta deseja que ele encontre um modo de tirar isso de mim, para podermos colocar um fim nisso tudo. Mas ele apenas continua me olhando, até que viro e digo:

— É bom saber que você ainda visita Summerland sozinho, mesmo se recusando a ir comigo. — Sei que ele não merece essa observação, mas falo mesmo assim.

Ele agarra meu balanço e me puxa para perto dele, trincando o maxilar, os dedos esmagando as correntes, deixando as palavras saírem por entre os dentes cerrados:

— Ever, eu não fui até lá por mim… fui até lá por *você*.

Engulo em seco e, por mais que queira desviar os olhos, não consigo. Meu olhar está preso ao dele.

— Tentei encontrar um jeito de chegar até você… de ajudar. Você tem estado tão distante… nem um pouco parecida com o que é, e há dias não passamos tempo algum juntos. Está bem claro que está fazendo o melhor que pode para me evitar, nunca mais quis ficar comigo, pelo menos não no plano terreno.

— Isso não é verdade! — As palavras saem agudas e trêmulas demais para soarem críveis, mas eu continuo mesmo assim. — Bem, talvez você não tenha notado, mas tenho trabalhado *muito* ultimamente. Até agora, passei o verão todo arrumando livros em prateleiras, cuidando do caixa e fazendo leituras mediúnicas como Avalon. Então, sim, talvez eu queira passar meu tempo livre me dando de presente umas escapadas… isso é tão ruim assim? — Aperto os lábios e olho diretamente nos olhos dele, sabendo que a maior parte do que eu disse é verdade e imaginando se ele vai me fazer alguma pergunta sobre as partes que não são.

Mas ele apenas balança a cabeça, recusando-se a ser influenciado.

— E agora que Jude está melhor… agora que o curou com uma viagem a Summerland… não consigo deixar de imaginar qual vai será próxima desculpa.

Suspiro e desvio o olhar, surpresa por ouvi-lo responder dessa forma, e a verdade é que não tenho ideia de como responder, não tenho ideia do que fazer em seguida. Chuto uma pedrinha com o bico do sapato, incapaz de contar a ele, cansada e arrasada demais para inventar qualquer outra história.

— Sabe, você costumava ser tão brilhante aqui no plano terreno quanto em Summerland. — Engulo em seco e abaixo a cabeça, mal acreditando em meus ouvidos quando ele continua: — Eu sei sobre a magia, Ever. — Sua voz é grave, quase um sussurro, embora as palavras reverberem como um grito. — Sei que você não pode fazer nada. E gostaria que me deixasse ajudar.

Fico tensa. Todo o meu corpo endurece e meu coração bate violentamente.

— Conheço os sintomas: a ansiedade, as mentiras, a perda de peso, a… *aparência debilitada*. Você está viciada, Ever. Está viciada no lado negro da magia. Jude nunca deveria ter colocado você nessa. — Ele balança a cabeça, sem deixar por um segundo de olhar em meus olhos. — Quanto antes admitir, mais rápido poderei ajudar você a se sentir melhor.

— Não foi… — Esforço-me para falar, mas as palavras não saem. O monstro está no controle, decidido a nos separar. — Não foi esse o motivo de você ter ido aos Grandes Salões do Conhecimento? Para me ajudar? — Olho para ele, vendo como sua expressão muda e ele fica magoado e surpreso. Mas não é o suficiente para conter a fera, não, nem chega perto. Esse trem acabou de sair da estação e tem um longo caminho a percorrer. — Então me diga, o que *você viu*? O que os poderosos registros akáshicos compartilharam com *você*?

— Nada — ele diz com a voz cansada, derrotada. — Não descobri nada. Aparentemente, quando o problema é causado pela própria pessoa, o acesso é vedado a outras. Estou impedido de interferir de qualquer modo. — Ele dá de ombros. — Acho que tudo faz parte da jornada. Mas ainda assim uma coisa ficou clara, Ever: na última quinta-feira à noite, Roman mencionou um feitiço, e desde que Jude deu aquele livro a você, tudo mudou… com você… entre nós… nada está como antes. — Ele olha para mim, esperando por uma confirmação, mas ela não vem, não pode vir. — Vocês dois compartilham uma história complicada, e é óbvio que ele ainda não esqueceu você. E não consigo evitar a sensação de que ele está no caminho… de que aquela *magia* está no caminho. E, Ever, ela vai destruir você se não tomar cuidado… já vi isso acontecer.

Meus olhos procuram seu rosto, ciente de que ele está tentando me enviar uma imagem, algum tipo de mensagem, mas o pulso estranho e exótico está a todo vapor, a chama negra está queimando, enfraquecendo meus poderes de modo que não consigo mais acessar os pensamentos de Damen, a energia, o formigamento e o calor — nada.

Ele vem em minha direção, pega em meu ombro antes que eu consiga piscar e me encara com determinação e intenção, totalmente decidido a lidar com isso de uma vez por todas. No entanto, por mais que eu queira, não posso contar a ele, não posso deixá-lo me ver assim. A repulsa que Damen verá em meus olhos não está vindo de mim, vem da fera, mas ele não saberá reconhecer a diferença.

Mesmo odiando ter de agir assim, mesmo que isso apenas prove que ele está certo, que sou imprudente e estou perigosamente fora de controle, balanço a cabeça e ando até o meio-fio, onde meu carro está estacionado.

Olhando para trás, digo:

— Desculpe, Damen, mas você está enganado. Redondamente enganado. Estou apenas trabalhando demais, cansada demais, como acabei de dizer. E se um dia quiser dar o braço a torcer… bem, sabe onde me encontrar.

vinte

Nem consigo chegar ao portão e meu carro já sumiu. Caio sentada no asfalto com tanta força que levo algum tempo para perceber que o veículo desapareceu bem debaixo de mim. Olho em volta, atordoada, tentando entender como isso pode ter acontecido, quando uma Mercedes vem a toda a velocidade em minha direção, quase me atropelando, o motorista buzina, mostra o dedo médio e grita uma série de palavrões.

Arrasto-me para o lado e fecho bem os olhos, determinada a materializar um novo carro, algum mais potente e rápido desta vez. Imagino um Lamborghini vermelho, vejo-o tão claramente diante de mim que fico chocada ao abrir os olhos e descobrir que não está lá. Respiro fundo e tento de novo, primeiro pensando em um Porsche, depois em um Miata como o que tenho em casa, e também não funciona. Então, tento um Prius prateado como o de Munoz, seguido de um Smart, mas nada acontece. Nada. Estou tão desesperada por um transporte que, a essa altura, eu me contentaria com uma lambreta, mas quando nem isso consigo materializar, tento, meio de brincadeira, criar um par de patins. Descubro como a situação está ruim quando acabo calçando um par de botas brancas de couro com duas lâminas de metal onde deveriam ser as rodas. E é então que decido desistir e correr. Fico feliz em saber que pelo menos ainda tenho minha força e minha velocidade.

Meus pés golpeiam o asfalto, os calcanhares batem com facilidade, sem esforço, enquanto sigo pelas subidas e descidas sinuosas da Coast Highway com a intenção de ir direto para casa, mas dou a volta e vou para outro lugar. Um lugar melhor. Um lugar onde há tudo de que preciso, tudo o que poderia desejar. Estou tão obstinada, tão determinada a chegar a meu destino, custe o que custar, que corro mais rápido e chego em pouco tempo.

Bem em frente à porta de Roman.

Meu corpo está tremendo de desejo, ansiedade, e a chama negra dentro de mim brilha tanto que ameaça me incinerar por dentro. Fecho os olhos e *percebo-o, sinto-o*.

Roman está lá dentro.

Tudo o que preciso fazer é abrir a porta, e ele será meu.

Em apenas um movimento rápido, a porta bate com tanta força na parede que o barulho ecoa por toda a casa enquanto eu me esgueiro silenciosamente pelo corredor. Encontro Roman na saleta, jogado no sofá, com os braços abertos, expectativa no rosto, como se estivesse me esperando.

— Ever. — Ele faz um gesto de reconhecimento com a cabeça, nem um pouco surpreso, sem perder um segundo. — Você tem mesmo um problema com portas, não é? Preciso substituir mais essa?

Sigo em sua direção sem hesitar e murmuro seu nome enquanto meu corpo antecipa a frieza de seu olhar.

Ele acena com a cabeça, lenta e repetidamente, como se ouvisse um ritmo percebido apenas por ele. Permitindo que a tatuagem de uróboro apareça e desapareça de minha vista, sua voz é grave e comedida quando diz:

— Que gentileza sua passar por aqui, gata. Mas, para dizer a verdade, gostei mais da última vez em que esteve aqui. Você sabe… quando ficou parada na janela usando aquela camisolinha transparente. — Seus lábios esboçam um sorriso enquanto ele pega um cigarro, acende e dá uma tragada longa e pensada. Sopra cuidadosamente uma sucessão de anéis de fumaça perfeitamente calculados e continua: — Como está agora, bem, não é sua melhor forma. Na verdade, você parece

um tanto *faminta*, está?

Esfrego os lábios, umedecendo-os com a língua, e tento pentear meus cabelos embaraçados com os dedos. O que costumava ser uma cabeleira brilhante e abundante, da qual eu tinha bastante orgulho, ficou reduzido a um ninho opaco cheio de pontas duplas. Eu deveria ter feito mais, deveria ter feito algum tipo de esforço, usado um pouco de perfume, um corretivo, reservado um tempo para materializar roupas que realmente servissem em minha forma recém-diminuída. Contraio os músculos sob o peso de seu olhar, a maneira como ele examina meu corpo enfraquecido, claramente nem um pouco impressionado com o que tenho a oferecer.

— É sério, gata, se vai invadir desse jeito, então precisa estar um pouco mais apresentável. Não sou Damen, querida. Não transo com qualquer uma. Tenho meus padrões, sabe?

Fecho os olhos, disposta a fazer o que for preciso para agradá-lo, para *estar* com ele, e sei que fui bem-sucedida quando vejo seu olhar vidrado.

— *Drina!* — ele sussurra, deixando o cigarro cair dos lábios e fazendo um buraco no tapete enquanto me absorve com os olhos. Ele vê a pele sedosa, os lábios rosados e os cabelos acobreados que caem sobre meus ombros enquanto me ajoelho diante dele, apago o cigarro com meus dedos longos e finos e coloco as mãos sobre seus joelhos.

— Meu Deus… não… não pode ser… é *isso mesmo*…? — Ele balança a cabeça e esfrega os olhos, fixando-se em meus olhos cor de esmeralda e querendo acreditar em sua visão com todas as forças.

Fecho os olhos, desfrutando de seu toque frio, escorregando minhas mãos por seus joelhos, até suas coxas, tão perto de conseguir o que desejo, indo mais fundo, até que…

Haven está atrás de mim, com os olhos em chamas e os punhos cerrados. Pergunto-me há quanto tempo ela está ali assistindo, já que nem a ouvi chegar, nem a *senti*, aliás. Mas e daí, Haven não tem importância aqui. Ela é apenas uma barreira irritante que tem o péssimo hábito de se meter em meu caminho e que posso eliminar facilmente.

— O que você pensa que está fazendo, Ever? — Ela vem em minha direção, varrendo-me com seu olhar hostil, na intenção de me intimidar. Mas não funciona, não pode funcionar, só que ela ainda não sabe.

— Ever? — Roman estreita os olhos, alternando o olhar entre nós, incapaz de enxergar o mesmo que ela. — Do que você está falando, gata? Essa não é Ever… é…

Mas basta a mera sugestão das palavras dela e ele é capaz de *me* ver, ver através da fachada que criei.

— *Maldição!* — ele grita, e me empurra com tanta força que eu voo pela sala sobre uma mesa e depois sobre uma cadeira, antes de cair perto de onde Haven está. — Que tipo de truque é esse? — Ele faz cara feia, furioso por ter sido enganado.

Engulo em seco, sem deixar de fitar seus olhos, enquanto Haven vem para cima de mim como um furacão vestindo couro preto e renda, seu hálito gelado batendo em meu rosto enquanto as pontas das unhas cortam meu pulso:

— Não tinha que estar em outro lugar? — ela indaga, com os dentes cerrados. — Sério, Ever, Damen sabe que está aqui?

Damen.

O nome mexe com alguma coisa. Alguma coisa bem enterrada. Algo que faz minha mão agarrar meu amuleto enquanto dou um pequeno passo para trás.

Seu olhar é mordaz e o rosto curioso quando ela diz:

— Você não consegue mesmo suportar, não é? Não suporta que eu tenha algo e você, não. — Ela balança a cabeça. — Ficou me alertando contra Roman, tentando me assustar, para ficar com ele para você. Bem, tenho novidades, Ever… eu mudei. Mudei de forma que você nem pode imaginar.

Embora eu tente puxar a mão, afastar-me e me libertar, sua pegada é muito forte, muito determinada, e se depender do que dizem seus olhos, ela está farta de mim.

— Não há nada para você aqui. Não devia ter vindo. Não quero você aqui, Roman não quer você aqui… não consegue perceber que se transformou em uma piada? — Ela olha para meu queixo cheio de acne, meu peito afundado, o extremo oposto de sua pele perfeita de porcelana e suas curvas bem-definidas. — Por que não dá meia-volta e vai embora? Vivo pelas *minhas próprias* regras agora, e o negócio é o seguinte: se *você* não der o fora, se *você* tentar prolongar sua visita e fizer alguma loucura, é *você* quem vai sair *machucada.* — Seus dedos apertam o meu pulso, e ela continua olhando em meus olhos. — Você está um lixo. Uma pilha de cabelos embaraçados e espinhas. — Haven balança os cabelos brilhantes, negros e ondulados, e a franja com a mecha platinada. — O que aconteceu, Ever? Damen mudou de ideia a respeito de passar toda a eternidade com você e cortou seu suprimento de elixir?

Abro a boca, tentando falar, mas as palavras não saem. Então me concentro em Roman, implorando, suplicando que ele interceda e me ajude, mas ele apenas ignora, sinalizando com os olhos que está cansado de mim. Agora que ele sabe que eu não sou Drina, estou sozinha.

Sem escolha, ergo o pulso que Haven está segurando com tanta força que já o deixou pálido e dormente, e a giro tão inesperadamente que suas costas vêm parar em meu peito antes que ela possa reagir.

Meus lábios encostam em seu ouvido e digo:

— Sinto muito, mas simplesmente não vou tolerar esse tipo de conversa. — Sinto-a lutar contra mim, tentar se libertar, mas é inútil, ninguém derrota o monstro, ninguém além…

Olho para o espelho na moldura dourada pendurada na parede diante de nós e fico impressionada com nossa imagem: o olhar cheio de ódio de Haven combina perfeitamente com o meu. Meu próprio rosto demonstra tanta raiva, está tão distorcido, tão *monstruoso*, que mal o reconheço. Finalmente, consigo ver o que os outros têm visto esse tempo todo: a degradação completa em que me transformei.

Afrouxo os dedos, o suficiente para deixá-la se soltar. Ela se vira sobre mim, furiosa, com o punho levantado e um mapa dos sete chacras em mente.

Mas, antes que ela possa completar o movimento, não estou mais lá. Ouço o barulho excruciante e demorado de suas costas batendo contra a parede quando a empurro e saio correndo para a rua.

Sei que ela ficará bem, os imortais sempre se curam.

Porém, não tenho mais certeza se eu ficarei.

vinte e um

Quando chego à loja, espero encontrar Jude, mas a porta está trancada e a placa diz FECHADO. Depois de tentar, sem êxito, abrir a porta com o poder da mente, enfio a mão na bolsa e procuro minha chave com dedos tão trêmulos que acabo deixando-a cair duas vezes antes de finalmente conseguir entrar.

Passo voando pelas estantes de livros e prateleiras de CDs, esquecendo completamente o mostruário de estatuetas de anjo à direita, no qual esbarro com tanta força que elas se espatifam no chão, formando uma pilha de peças quebradas e cacos de vidro. Mas não paro para consertar. Nem sequer olho duas vezes. Apenas continuo seguindo em frente, na direção da sala dos fundos, onde puxo uma cadeira diante da mesa e desabo.

Fico debruçada sobre a mesa, com a testa pressionada contra a madeira, enquanto luto para estabilizar meu pulso e desacelerar a respiração. Estou aterrorizada com minhas ações, com o modo como afundei. A cena que aconteceu dez minutos atrás não para de se repetir em minha cabeça.

Fico assim por algum tempo, até minha pele começar a esfriar e minha mente clarear, e quando finalmente levanto a cabeça e dou uma boa olhada em volta, percebo que o calendário foi tirado da parede e está apoiado na mesa, diante de mim. A data de hoje está circulada em vermelho, junto com um ponto de interrogação, meu nome sublinhado bem abaixo dele e as palavras *Talvez funcione* escritas com os garranchos de Jude.

De repente, entendo. A solução pela qual esperava está, graças a Jude, a meu alcance, agora. E é tão inacreditavelmente óbvio que não acredito que não pensei nisso antes. Fico boquiaberta olhando para o círculo torto de Jude e para o círculo menor, impresso, que ilustra a lua e suas fases. O fato de este último estar completamente preenchido assinala que hoje é dia de lua negra.

Hécate está ascendendo novamente.

E, de uma hora para outra, sei exatamente o que fazer.

Em vez de esperar que a lua fique iluminada e pedir que a deusa anule a rainha, como as gêmeas me disseram (o que, por sinal, provavelmente só serviu para irritar a rainha e por isso deu completamente errado), eu deveria ter esperado pelo dia de hoje, quando a lua ficará negra novamente, para ir direto à fonte, recomeçar de onde parei, com Hécate, rainha do mundo inferior, e fazer uma aliança com ela.

Abro a gaveta, ignoro o *Livro das sombras* e procuro alguns materiais de que precisarei. Prometo a mim mesma compensar Jude depois, enquanto reúno uma série de cristais, ervas e velas, coloco na bolsa e sigo para a praia — o único lugar que me vem à mente e que pode me proporcionar não apenas a privacidade que busco, como também a quantidade de água necessária para o banho ritual que preciso fazer.

Logo estou parada na beira do penhasco, com os pés sobre as rochas, olhando para um oceano tão escuro que se confunde com o céu. Lembro-me do mesmo tipo de noite que vivenciei há um mês, quando vim até aqui com Damen, certa de que não poderia acontecer nada pior do que transformar minha melhor amiga em imortal, completamente alheia ao fato de que estava prestes a me afundar cada vez mais.

Desço pela trilha, ansiosa para começar. Escolho o caminho com cuidado, desviando de pedras pontiagudas e pisos irregulares, o coração batendo forte enquanto meu corpo fica molhado de suor, ciente *daquela sensação* que cresce dentro de mim e de que preciso começar antes que a fera assuma o controle novamente. Afundo os pés na areia e sigo para a caverna, confiando que estará vazia, do

jeito que a deixamos, sabendo que é exatamente como Damen disse: "As pessoas raramente veem o que está diante delas." E, certamente, nunca veem a caverna.

Jogo a bolsa no chão e pego uma vela fina e comprida e uma caixa de fósforos. O chiado do palito riscando a caixa é o único ruído que acompanha o som tranquilo das ondas. Finco a vela acesa na areia e começo a organizar as demais ferramentas sobre um cobertor. Demoro um instante para arrumar tudo antes de tirar a roupa e sair.

Aperto os braços com força ao redor do corpo, protegendo-me do frio que corta minha pele e tentando me aquecer. Decido ignorar a fileira de costelas salientes que espetam meus dedos e os ossos protuberantes de meu quadril, dizendo a mim mesma que agora tudo acabou, a cura está próxima, e ninguém, nem mesmo o monstro, pode me impedir de me recuperar.

Corro na direção das rajadas de espuma branca, rangendo os dentes por causa do choque gélido, e mergulho sob uma série de ondas, com os olhos bem fechados para evitar o sal que arde, e os ouvidos ficam tomados por aquele chiado estrondoso. Viro-me de costas assim que termina o ataque de ondas e o oceano se acalma. Meu cabelo está todo bagunçado, o corpo não tem peso, está descarregado. Levo os joelhos ao peito e olho para cima, para um céu tão escuro, tão nítido, tão vasto e misterioso que não consigo compreendê-lo. Agarro o amuleto que Damen colocou em meu pescoço e evoco a série de cristais para auxiliar e proteger, manter o monstro acuado por tempo suficiente para que eu possa fazer o que precisa ser feito. Coloco meu destino nas mãos de Hécate, acreditando que, assim como o *yin* e o *yang*, toda escuridão tem sua luz.

Afundo repetidas vezes, até estar purificada, renovada e pronta para começar. Ando até a areia com o corpo molhado, pingando, mal sentindo a pele arrepiada. O frio é contido pela confiança calorosa, a certeza total de que estou a apenas alguns segundos de distância de matar a fera e me salvar.

As paredes da caverna brilham com a luz da vela, gerando uma sucessão de sombras escuras e claras. Depois de limpar meu athame e passá-lo três vezes pela chama, ajoelho-me no centro do círculo mágico que fiz. Incenso em uma das mãos, athame na outra, recrio um ritual similar ao anterior, só que desta vez acrescento:

Apelo a Hécate, rainha do mundo inferior, da magia
e da mais negra lua
Por favor, desfaça esse feitiço, essa amarração, e apague
essa chama negra que aqui atua
Oh, grande protetora das bruxas, mãe amada, donzela e anciã
Esse é meu desejo, meu pedido
Que se faça o amanhã!

Fico surpresa quando uma rajada de vento começa a girar a meu redor e um trovão ressoa no alto. Sua força causa uma vibração tão potente que derruba a pilha de cadeiras enquanto o chão começa a se mover. Um tremor sísmico ritmado, um pulso originado em algum lugar bem profundo, que vai ficando mais forte, mais violento, aumentando seu raio, fazendo camadas de rochas se soltarem das paredes e desmoronarem sobre mim.

Tudo desaba, desintegra-se, até que não sobra nada além do chão sobre o qual estou ajoelhada, uma montanha de escombros e a vastidão do céu noturno.

A terra ainda está se ajustando, ainda está se movendo quando levanto e agradeço. Faço o

caminho de volta pela fumaça e pelas ruínas, passo as mãos nos cabelos volumosos e brilhantes e materializo roupas limpas com tanta facilidade que não tenho dúvidas de que meu desejo foi atendido.

vinte e dois

— Já chegamos?

Passo os dedos na venda macia e sedosa que Damen usou para cobrir meus olhos. Uma formalidade boba, já que ambos sabemos que não preciso *olhar* para *ver*, mas, ainda assim, ele está tão decidido a manter segredo que prefere se cercar por todos os lados, seja ou não necessário.

Ele ri, e o som é tão melódico que faz meu coração se encher. Pega minha mão e entrelaça os dedos nos meus. A *quase* sensação de seu toque provoca o mais vivo e mais delicioso formigamento e calor do mundo, uma sensação que aprendi a valorizar, especialmente depois de saber como é perdê-la por completo.

— Pronta? — ele pergunta, posicionando-se atrás de mim e desatando o nó atrás de minha cabeça, tirando a venda e aproveitando para alisar meu cabelo antes de me girar e dizer:

— *Feliz aniversário!*

Eu sorrio antes mesmo de ter a chance de abrir os olhos, já convencida de que será bom, não importa o quê.

No segundo em que vejo, suspiro, boquiaberta e com a mão no peito — um cenário tão impressionante que quase não parece possível. Até mesmo para Summerland.

— Quando você fez isso? — pergunto, esforçando-me para assimilar tudo. Observo uma ilusão delicada, um campo aparentemente infinito de tulipas vermelhas resplandecentes com um pavilhão requintado bem no centro. — Certamente não criou isso agora, não é?

Ele dá de ombros, fitando meu rosto de um modo que faz meu corpo todo ficar quente.

— Venho planejando há algum tempo e, embora o pavilhão não seja obra totalmente minha, fiz algumas alterações. As tulipas foram um toque que acrescentei para você. — Ele olha para mim, puxa-me para perto e diz: — Eu só queria que você melhorasse para podermos aproveitar isso juntos. Só nós dois, sabe?

Confirmo com a cabeça. Seu olhar amoroso e agradecido faz minhas bochechas corarem, e sou tomada por uma timidez inexplicável.

— Só *nós dois*? — Inclino a cabeça e olho para ele. — Quer dizer que não precisamos voltar correndo para minha festa surpresa?

Damen ri e me acompanha por um campo vermelho muito brilhante e resplandecente.

— Eles ainda estão arrumando tudo… eu prometi que chegaríamos um pouco mais tarde. Mas, por enquanto, o que acha?

Pisco várias vezes rapidamente, já que não quero chorar. Não aqui. Não agora. Não neste campo magnífico, feito para representar nosso amor eterno. Engulo o nó na garganta e digo:

— Eu acho… eu acho que você é a pessoa mais incrível do mundo… e acho que tenho tanta sorte de conhecer e *amar* você… e acho… acho que não tenho ideia do que faria sem você… e também acho que estou muito agradecida por não ter desistido de mim.

— Eu nunca desistiria de você — ele diz, ficando sério de repente, procurando meus olhos.

— Bem, deve ter ficado com vontade. — Eu me viro, lembrando como as coisas ficaram sinistras, como fui longe demais, e fazendo um agradecimento silencioso a Hécate por realizar meu desejo e me devolver tudo o que mais me importa no mundo.

— Nem por um segundo — ele diz, com a mão em meu queixo, virando meu rosto para seu lado

novamente. — Nem uma vez sequer.

— Você estava certo, sabia? Sobre a magia… — Mordo os lábios e olho para ele, constrangida. Mas ele apenas confirma com a cabeça, é como se eu tivesse admitido algo que ele já soubesse. — Eu… eu fiz um feitiço… um feitiço de amarração… e, bem, meio que teve o efeito oposto. Eu me amarrei acidentalmente a Roman. — Engulo em seco, vendo-o olhar para mim sem expressão alguma no rosto, tornando impossível tentar decifrar o que está pensando. — E… primeiro, não contei nada porque… bem… porque fiquei muito envergonhada. É como… como se eu estivesse *obcecada* por ele e… — Balanço a cabeça, fazendo cara feia ao me lembrar do que fiz e disse. — Bem, de qualquer modo, o único lugar onde eu ficava saudável era aqui em Summerland. Por isso eu implorava para vir. Em parte, para que eu pudesse me sentir inteira novamente, e em parte porque o monstro, a *magia*, não me deixava contar nada no plano terreno. Sempre que eu tentava, as palavras eram silenciadas e não conseguiam sair… e tudo isso é para dizer…

Ele coloca a mão em meu rosto e olha para mim.

— Ever — sussurra —, tudo bem.

— Eu sinto muito — murmuro, sentindo seus braços à minha volta enquanto ele me puxa para mais perto. — Sinto tanto, tanto.

— E está tudo acabado agora? Você consertou? — Ele se afasta e inclina a cabeça, observando-me.

— Consertei — confirmo, secando os olhos com as costas da mão. — Está tudo bem agora… estou melhor… e minha obsessão por Roman acabou. Eu… eu só achei que você deveria saber. Odiei esconder isso de você.

Ele se inclina em minha direção e pressiona os lábios em minha testa, olha para mim e diz:

— E agora, *mademoiselle*, gostaria de começar? — Ele levanta o braço, formando um arco, e faz uma reverência.

Sorrio, de mãos dadas com ele enquanto me conduz pelo campo e entramos naquele lindo pavilhão, um edifício tão lindo, tão bem trabalhado, que não consigo deixar de suspirar novamente.

— Que lugar é este? — pergunto, observando o piso de mármore polido, o teto abobadado repleto de afrescos maravilhosos de querubins iluminados de bochechas rosadas, além de outros seres celestiais.

Ele sorri, levando-me até um sofá creme tão macio e confortável que parece uma gigantesca nuvem de marshmallow.

— É seu presente de aniversário. E, coincidentemente, não apenas aniversário de nascimento.

Aperto os olhos, pensando, vasculhando uma série de lembranças, sem conseguir chegar a uma conclusão. Ainda não faz um ano que estamos juntos — pelo menos não nesta vida, então realmente não tenho ideia de que outro "aniversário" ele está falando.

— Oito de agosto — ele diz, vendo a expressão confusa em meu rosto. — Oito de agosto de 1608, para ser mais exato, foi o dia em que nos encontramos pela primeira vez.

— É sério? — Tudo o que consigo fazer é respirar fundo, de tão chocada que fico com a informação.

— Sério. — Ele sorri, recostando-se na nuvem de almofadas e me puxando para mais perto. — Mas não precisa acreditar em minha palavra. Veja com seus próprios olhos. — Ele pega um controle remoto na mesa à nossa frente e aponta para a grande tela circular que cobre toda a parede da sala.

— Na verdade, não está limitada a *ver*, pode até *vivenciar*, se quiser, depende de você.

Olho de soslaio, sem saber aonde ele quer chegar, sem ter ideia do que está acontecendo aqui.

— Trabalhei nisso por muito tempo e acho que finalmente está pronto. Pense em minha pequena invenção como um tipo de *teatro interativo*. Em que você pode ficar sentada, aproveitando a apresentação, ou entrar e participar. Você escolhe. Mas antes há algumas coisas que deve saber. Primeiro, você não pode mudar o resultado, o roteiro é predeterminado, e, segundo…

— Ele chega perto de mim e passa o dedo pelo meu rosto. — …aqui em Summerland todos os finais são felizes. Tudo o que foi até mesmo só um pouco trágico ou perturbador foi cuidadosamente omitido, então não se preocupe. Pode ter inclusive algumas surpresas. Eu tive.

— São surpresas *reais* ou foram criadas por você? — indago, aninhada em seus braços.

Ele rapidamente nega com a cabeça.

— Reais. Total e completamente reais. Minhas lembranças, como você bem sabe, são de *muito* tempo atrás, tanto que às vezes, bem, elas se misturam um pouco. Então decidi pesquisar um pouco nos Grandes Salões do Conhecimento, um tipo de *curso de atualização*, por assim dizer. E relembrei algumas coisas que tinha esquecido.

— Como, por exemplo…? — Olho brevemente para ele, antes de pressionar os lábios naquela região maravilhosa onde seu ombro encontra o pescoço, tranquilizada imediatamente pela *quase* sensação de sua pele e pelo perfume almiscarado.

— Como *isso* — ele sussurra, virando-me de forma que eu olhe para a tela, e não para ele. Nós nos aninhamos enquanto ele aperta um botão no controle e vemos a tela se iluminar, enchendo-se com imagens tão grandes, tão multidimensionais, que parece que estamos dentro dela.

E no momento em que vejo aquela praça movimentada, com as ruas de pedra e multidões de pessoas atarantadas como hoje em dia, como se todas tivessem de estar em algum lugar importante, sei exatamente onde estamos. Pode haver cavalos e carruagens no lugar dos carros, os trajes podem ser mais formais quando comparados a nossas roupas modernas e casuais, mas, pela enorme quantidade de vendedores anunciando mercadorias aos berros, as semelhanças são surpreendentes: estou olhando para um minishopping do século XVII.

Olho para Damen, com uma pergunta estampada nos olhos, e vejo ele sorrir em resposta, enquanto me ajuda a me levantar. Ele me leva na direção da tela com tanta rapidez que sou obrigada a parar, convencida de que vou esmagar meu nariz contra ela. Mas ele se aproxima de mim e sussurra:

— *Acredite.*

E é o que eu faço.

Mergulho no escuro e continuo andando, diretamente para dentro da tela de cristal, que instantaneamente suaviza, cede e nos dá as boas-vindas. E não somos apenas coadjuvantes com roupas estranhas, mas, com vestes apropriadas à época, nós dois chegamos para assumir os papéis principais.

Olho para minhas mãos, surpresa por estarem tão ásperas e calejadas, embora as reconheça imediatamente de minha vida parisiense, quando era Eva-line, uma simples criada com uma vida monótona de trabalho manual até Damen aparecer.

Passo os olhos pela frente de meu vestido, sentindo a coceira provocada pelo tecido, observando o corte modesto e sério que resulta em um caimento nem um pouco lisonjeiro. Mas está limpo e bem-passado, então tento me orgulhar um pouco dele. E mesmo que meus cabelos louros estejam trançados, enrolados e presos, um ou dois cachos ainda escapam.

O vendedor fala comigo em francês, e, embora eu saiba que estou apenas representando um papel, que não falo essa língua, de alguma forma consigo não apenas entender, como também responder.

Reconhecendo-me como uma de suas clientes mais exigentes, ele me entrega um tomate vermelho e diz que é o melhor que tem. E observa enquanto o viro várias vezes na palma da mão, inspecionando a cor e a firmeza. Confirmo minha aprovação e procuro o dinheiro na bolsinha quando alguém tromba em mim de forma tão abrupta que o tomate escorrega de minha mão e cai no chão.

Olho para meus pés com dor no coração quando vejo aquela meleca vermelha toda espalhada. Sabendo que me custará muito, que os funcionários da cozinha nunca concordarão em encobrir o fato de que desperdicei um tomate, viro-me para dizer uma palavra de reprovação e vejo que é *ele*.

Aquele dos cabelos escuros e brilhosos, do olhar luminoso e penetrante, das roupas maravilhosamente bem-cortadas e da melhor carruagem que já passou por essas partes, exceto a da rainha. Aquele que chamam de Damen… Damen Auguste. Aquele com quem aparentemente tenho dado de cara muitas vezes nos últimos tempos.

Levanto minhas saias e me ajoelho no chão, esperando salvar o que puder, mas logo sou impedida por sua mão em meu braço, um toque que envia uma onda de formigamento e calor até meus ossos.

— *Pardon* — ele murmura, inclinando-se diante de mim, e cuida para que o vendedor seja reembolsado pela perda.

Mesmo intrigada, mesmo com o coração batendo loucamente, pulsando contra o peito, mesmo com aquela sensação estranha de formigamento e calor persistente, viro-me e vou embora. Estou certa de que ele está apenas brincando comigo, dolorosamente consciente de que é bom demais para mim. Mas ele me alcança e diz:

— Evaline… espere!

Eu me viro e olho em seus olhos, sabendo que continuaremos neste jogo de gato e rato, pelo menos devido às convenções sociais. Mas também sei que uma hora, se ele continuar, se não ficar entediado ou perder o interesse, ficarei feliz em me render, não há dúvida quanto a isso.

Ele sorri e coloca a mão em meu braço, pensando: *Foi assim que começamos, e assim continuamos por algum tempo. Podemos adiantar para as partes boas?*

Digo que sim e, quando vejo, estou diante de um grande espelho com moldura dourada, olhando para a imagem refletida diante de mim. Noto que meu vestido simples e feio foi trocado por um de tecido tão rico, tão macio e sedoso que praticamente desliza por meu corpo. Seu decote profundo é a vitrine perfeita para minha pele pálida e uma quantidade generosa de joias tão brilhantes que mal consigo ver outra coisa.

Ele está atrás de mim, chamando minha atenção e sorrindo em tom de aprovação. Não consigo deixar de pensar em como cheguei até aqui, como uma empregada pobre e órfã como eu acabou em um lugar tão grandioso, com um homem tão lindo, tão… *mágico*… que é quase bom demais para ser verdade.

Ele me estende a mão e me conduz até uma mesa para dois, arrumada com extravagância. O tipo de mesa que estou mais acostumada a servir. Mas, agora, com Damen a meu lado, e seus empregados dispensados, vejo-o erguer uma jarra de cristal lentamente, com tanta hesitação, com a mão tão trêmula, que fica claro que há uma batalha interna sendo travada ali.

Ele olha, desconcertado, em meus olhos. Franze ligeiramente a testa, coloca a jarra de volta na mesa e então escolhe a garrafa de vinho.

Fico ofegante, com os olhos arregalados, a boca aberta, mas as palavras não saem… a compreensão daquele mero ato faz com que de repente eu me dê conta. *Você quase fez! Chegou tão perto. Por que parou?* Sei que se ele tivesse ido em frente, se tivesse me servido o elixir no início… tudo teria sido diferente.

Cada. Único. Detalhe.

Drina nunca teria me matado, Roman nunca teria me enganado e Damen e eu teríamos vivido felizes para todo o sempre. Praticamente o oposto do que vivemos agora.

Seus olhos buscam os meus, o olhar é inquisitivo e penetrante. Ele balança a cabeça e pensa: *Eu estava tão inseguro... não sabia se você aceitaria... não achei que tinha o direito de obrigá-la. Mas não foi por isso que trouxe você aqui. Minha única intenção era mostrar que sua vida em Paris, por mais dura que tenha sido, não era só sofrimento. Tivemos nossa cota de momentos mágicos... momentos como esse... e teríamos mais, se não fosse por...*

Ele deixa essa parte no ar. Ambos sabemos como termina. Antes mesmo que possa erguer minha taça para brindar, o jantar acabou e ele me acompanha até em casa. Levando-me pelos fundos, paramos um pouco antes da entrada dos empregados, onde passa os braços ao redor de minha cintura e me puxa para mais perto, beijando-me com tanta paixão, tanta profundidade, que não quero que acabe nunca. A sensação de seus lábios nos meus é tão suave e insistente, tão calorosa e convidativa, que mexe com algo dentro de mim... algo tão familiar... algo tão... *real*...

Eu me afasto com os olhos arregalados, mirando os dele enquanto passo os dedos por meus lábios macios e exuberantes, pela parte de meu rosto arranhada por sua barba por fazer. Não há campo de energia entre nós, nenhum véu protetor. Nada além da gloriosa sensação de sua pele na minha.

Ele sorri, tocando em minhas bochechas, descendo pelo pescoço, pela clavícula, e rapidamente substitui os dedos pelos lábios. *É real*, ele pensa. *Não é necessário nenhum escudo. Não há perigo aqui.*

Olho para ele, minha mente cheia de possibilidades. *É... é realmente possível ficarmos juntos... agora... aqui?* Fico esperançosa.

Mas ele respira fundo e entrelaça os dedos nos meus, tocando-me de um jeito que não vivenciávamos há *meses*, e pensa: *Acho que isso é apenas uma encenação do passado. É possível editar o roteiro, mas não mudá-lo, improvisar ou acrescentar experiências que nunca aconteceram.*

Faço um gesto indicando que entendi, triste com a informação, mas ávida por começar de novo, puxando-o de volta para perto de mim e pressionando meus lábios contra os dele, determinada a ser feliz com o que nos é permitido, pelo tempo que restar.

Então nos beijamos na porta de serviço... ele vestindo um colete de tecido fino, e eu, minha roupa simples de empregada.

Nós nos beijamos nos estábulos. Ele com a vestimenta inglesa completa de caça, e eu, com calças justas de montaria, um casaco vermelho bem-ajustado e botas pretas e lustradas.

Nós nos beijamos à beira do rio. Ele vestindo camisa branca lisa e calças pretas, e eu, uma roupa nem um pouco lisonjeira de puritana.

Nós nos beijamos em um campo de tulipas tão vermelhas que combinam quase perfeitamente com meus cabelos de fogo ondulados. Ele vestindo uma camisa fina branca e calças largas, e eu, um lençol de seda rosado, estrategicamente amarrado. Fazemos um intervalo antes que ele continue a me pintar, acrescentando um toque aqui e uma pincelada ali. Ele larga o pincel, puxa-me para perto dele e me beija novamente.

Todas as minhas vidas são tão diferentes e, ainda assim, terminam quase do mesmo jeito: nós dois nos encontramos e nos apaixonamos rapidamente, apenas para Damen, determinado a não agir por impulso e a conquistar minha confiança antes de me oferecer o elixir, hesitar por tempo demais e dar oportunidade a Drina para tomar conhecimento da situação e me eliminar.

Por isso você não perdeu tempo quando me encontrou depois do acidente, penso. Envolvida no calor de seus braços, apertando o rosto contra seu peito, *vendo* o momento de *sua* perspectiva — como ele me descobriu aos dez anos (graças a uma ajudinha de Romy, Rayne e Summerland) e como viveu os anos seguintes, esperando que passasse tempo suficiente, e se mudou para Eugene, no Oregon. Havia acabado de se matricular em minha escola quando aconteceu o acidente que destruiu todos os seus planos.

Vejo-o naquela cena. Vejo como hesita, aflito, implorando por uma orientação, em pânico quando o cordão prateado que liga o corpo à alma ficou tão tenso, tão fino, que se rompeu, fazendo-o tomar instantaneamente a decisão de colocar a garrafa em meus lábios e me forçar a tomar, a voltar à vida, a me tornar imortal como ele.

Algum arrependimento? Ele olha para mim, insistindo para que eu seja sincera, independentemente da resposta.

Mas eu faço que não, sorrindo e puxando-o de volta para perto de mim, de volta para aquele campo vermelho e resplandecente de um dia muito tempo atrás.

vinte e três

— Está pronta?

Damen passa os dedos por meus lábios. A *quase* sensação de seu toque me traz a lembrança de um beijo tão real, tão tangível, que me sinto tentada a arrastá-lo de volta para Summerland e começar tudo de novo.

Só que não podemos. Já nos comprometemos. E, embora nem se compare à comemoração de aniversário que Damen acabou de me dar, todo mundo está esperando, não tem jeito.

Respiro fundo e olho para a casa diante de nós. A fachada é simples, simpática, de um jeito aconchegante e acolhedor, apesar do fato de ter abrigado algumas das piores cenas de meu passado não tão distante.

— Vamos voltar para Paris — murmuro, brincando apenas em parte. — Você não precisa nem editar as partes ruins. É sério. Preferia colocar aquele vestido marrom e esfregar *latrinas*… ou qualquer que seja a palavra que usavam naquela época… do que enfrentar *isso*.

— *Latrinas?* — Ele olha para mim e balança a cabeça, o som doce de sua risada flui até mim enquanto seus olhos escuros brilham. — Desculpe, Ever, mas não tinha *latrina* naquele tempo. Nem *banheiros*, *toaletes* ou *lavabos*. As pessoas usavam *penicos*. Um tipo, bem, de vasilha de cerâmica mantida debaixo da cama. E, acredite, esse é o tipo de lembrança que eu *não* quero reviver.

Faço cara feia, incapaz de imaginar como deve ter sido nojento usar tal apetrecho, mais nojento ainda esvaziá-lo. Contraio-me visivelmente quando digo:

— Está vendo? Se eu pudesse pelo menos explicar ao Munoz que o verdadeiro motivo por eu não frequentar a aula dele é o fato de a história perder o atrativo para aqueles que realmente foram forçados a *vivê-la*...

Damen ri, jogando a cabeça para trás de um modo que faz seu pescoço ficar tão convidativo, tão atraente, que me seguro para não beijá-lo.

— Acredite, *todos nós* passamos por isso. A maioria apenas não tem a oportunidade de lembrar, muito menos de *reviver*. — Ele olha para mim com o rosto sério e diz: — E, então, está pronta? Sei que é estranho, e sei que você ainda vai demorar muito para confiar nela novamente, mas eles estão esperando, então vamos pelo menos entrar e deixar que tenham o prazer de gritar *Feliz Aniversário*, certo?

Ele olha para mim com o olhar caloroso, aberto, e sei que se eu falasse que não, se demonstrasse uma resistência mínima, ele concordaria comigo. Mas não farei isso. Porque a verdade é que ele está certo. Em algum momento devo enfrentá-la novamente. Sem contar como eu gostaria que ela olhasse em meus olhos enquanto tenta me convencer de sua extremamente improvável versão da história.

Faço que sim, relutante, caminhando na direção da porta quando ele diz:

— Não esqueça… *aja como se estivesse surpresa*. — Ele bate à porta uma vez, duas vezes, e depois faz cara de preocupação por ninguém ter vindo abrir com um bem-ensaiado coro de "*Surpresa!*".

Ele abre a porta, levando-me pelo corredor até a cozinha amarela, onde encontramos Ava usando um vestido marrom tomara que caia e sandálias douradas, servindo-se com naturalidade de uma bebida suspeitamente vermelha.

— *Sangria* — diz ela, balançando a cabeça e rindo ao acrescentar: — É sério, Ever. Quanto tempo vai levar para você confiar em mim de novo?

Aperto os lábios e dou de ombros, duvidando que seja capaz de confiar nela novamente algum dia, apesar do que Damen me disse. Preciso ouvir de sua boca, e só então decidirei.

— Todo mundo está lá nos fundos. — Ela diz, olhando para mim, e acrescenta: — E, então, ficou surpresa?

— Só com a falta de surpresa. — Dou um meio sorriso, que é o melhor que posso fazer, e ela tem sorte até mesmo de conseguir isso, o que tem muito menos a ver com o que acho dela pessoalmente e muito mais com o fato de ela ter assumido com prazer os cuidados com as gêmeas, permitindo que Damen e eu tenhamos nossa privacidade de volta.

— Então *funcionou*! — Ela ri, acompanhando nós dois até os fundos, onde todos estão reunidos. — Imaginamos que o único jeito de despistar seria fazer o oposto do que você esperava.

Vou até o quintal e vejo Romy e Rayne deitadas na grama, fazendo colares com cristais e contas que estão em uma tigela e depois enrolando-os ao redor da estátua de pedra de Buda, enquanto Jude fica recostado ao lado delas, os olhos fechados, o rosto virado para o sol, os braços novos em folha, cortesia de Summerland. E, apesar da onda de calor, amor e segurança que lateja em mim quando Damen se inclina sobre meus ombros e aperta minha mão, não consigo deixar de ficar um pouco triste ao olhar para meu suposto grupo de amigos.

Uma mulher de quem não gosto e em quem não confio; gêmeas que guardam rancor de mim, uma mais do que a outra, mas *mesmo assim*... e uma evidente atração amorosa do passado que, por acaso, é rival de longa data de minha alma gêmea. Só quem me faz sentir um pouquinho melhor é Miles e o fato de saber que se ele não estivesse em Florença certamente estaria aqui comigo.

Mas não Haven.

Depois que me tornei eu mesma novamente e tentei explicar o que aconteceu, ela continuou furiosa demais para fazer qualquer coisa que não fosse gritar comigo. Então praticamente não tive escolha além de lhe dar um tempo para se acalmar. Só espero que em algum momento ela caia em si e veja quem Roman *realmente* é.

E ali, parada, com minha triste festinha de aniversário acontecendo diante de meus olhos… bem, apenas me convenço de tê-la perdido. Sua confiança, sua amizade… e não tenho a mínima ideia de que conseguirei reavê-la. Justamente quando temos mais em comum do que nunca, quando, por fim, compartilho o segredo que vinha escondendo desde que a conheci, estrago tudo de tal forma que ela me troca por meu inimigo imortal.

Suspiro baixinho, certa de que não poderia me sentir pior, quando Honor se espreme pelo vão da porta francesa e vai direto até Jude, senta-se ao lado dele e arruma o vestido de modo tão confortável e casual que fico boquiaberta. Não consigo esconder minha supressa quando ela se vira para mim e sacode a mão para a frente e para trás, em um cumprimento estranho e fugaz.

Aceno de volta com a cabeça, incapaz de desfazer o nó na garganta e en-tender aquela cena.

Eles estão namorando? Ou apenas saindo juntos por compartilharem o interesse por magia? Ele realmente não entendeu quando expliquei que éramos apenas colegas de classe, e não *amigas, e a enorme diferença entre as duas coisas?*

Enquanto passo os olhos por eles, todos eles, não acredito que seja isso. Que seja esse o resultado. Que depois de quase um ano nesta cidade, tentando formar algum tipo de vida, meu único relacionamento realmente duradouro seja com Damen, que, verdade seja dita, consegui pressionar além de qualquer limite razoável.

Ava limpa a garganta e nos oferece uma bebida, no que acredito ser uma tentativa de simular um pouco de normalidade, pelo bem de Honor e de Jude, já que eles são os únicos aqui que não sabem a

verdade sobre Damen e sobre mim… ou pelo menos não toda a verdade.

Mas balanço a cabeça e recuso, convencendo-me de que é melhor assim, de que é realmente o único jeito. Quanto menos vínculos eu estabelecer, de menos gente precisarei me despedir. Mas, mesmo sabendo que essa é a verdade, não serve muito para preencher o grande vazio dentro de mim.

Aperto a mão de Damen, garantindo telepaticamente que ele não precisa se preocupar, só precisa ficar ali, que voltarei logo. Então entro, pensando, a princípio, em ir até o banheiro, jogar um pouco de água fria no rosto para tentar voltar a me sentir bem, mas, quando vejo aberta a porta do "espaço sagrado" de Ava, mudo de ideia e entro. Fico surpresa ao ver que as paredes roxas e a porta índigo foram transformadas em um refúgio em tons pastel e decoração pré-adolescente. Deve ser o quarto de Romy, já que Rayne nunca escolheria esse estilo.

Sento-me na beirada da cama, passo a mão pelo edredom verde-claro enquanto olho para o chão, lembrando o dia em que tudo mudou. O dia em que eu disse adeus a Damen, o dia em que fui tola o suficiente para confiá-lo aos cuidados de Ava. Estava tão convencida de que era o certo a fazer, a *única* coisa a fazer, que não podia imaginar que aquela pequena escolha teria repercussões tão grandes, com impacto no restante de minha vida… no restante da *eternidade*.

Respiro fundo e apoio a cabeça entre as mãos, dizendo a mim mesma para me levantar, voltar lá fora, tentar puxar conversa e depois encontrar uma desculpa para ir embora. Esfrego os olhos e passo os dedos pelos cabelos, depois pelas roupas, prestes a fazer exatamente o que pensei quando Ava entra e diz:

— Ah, que bom! Estava esperando para falar em particular com você.

Aperto os lábios, lutando contra um ímpeto irresistível de correr em sua direção e socar todos os seus chacras, nem que seja apenas para ver, de uma vez por todas, de que lado ela realmente está. Mas nada faço. Apenas permaneço exatamente onde estou, esperando que ela comece.

— Sabe, você está certa sobre mim. — Ela faz que sim com a cabeça, encostando-se na cômoda de Romy, tornozelos cruzados, mas os braços abertos e soltos. — Eu realmente fugi com o elixir. E deixei Damen exposto e indefeso. Não posso negar.

Olho para ela com o coração batendo freneticamente; mesmo já sabendo, mesmo que Damen já tenha explicado, é totalmente diferente ouvi-la admitir isso.

— Mas, antes que tire conclusões precipitadas, acho que preciso explicar um pouco mais. Apesar do que possa estar pensando, nunca me aliei a Roman. Não estava mancomunada com ele, não era amiga dele, nem trabalhei com ele, de nenhum modo. Ele apareceu para uma leitura uma vez, sim, na época em que eu comecei. E, para ser sincera, a energia dele era tão fechada… tão desconcertante… que o abençoei silenciosamente e o mandei seguir seu caminho. Mas o motivo pelo qual agi assim, o motivo pelo qual não cuidei de Damen, bem… é complicado…

— Aposto que sim. — Arqueio as sobrancelhas e balanço a cabeça. Não pretendo dar nenhum desconto nem deixá-la me enrolar com alguma explicação complexa.

Ela faz um gesto afirmativo com a cabeça, determinada a continuar. Condizente com seu jeito de ser, não se deixa perturbar por minha explosão.

— A princípio, admito, fiquei um pouco absorta com as possibilidades de Summerland, com todos os dons maravilhosos que aquele lugar oferecia. Você precisa entender que vivi sozinha por muito tempo, tendo que me sustentar e trabalhar duro para conseguir tudo o que tenho sem a ajuda de ninguém e, muitas vezes, sem que ninguém se importasse…

— Está realmente esperando que eu sinta pena de você? Porque, se for isso… nem se dê o trabalho. É sério. Não vai funcionar. — Balanço a cabeça e reviro os olhos.

— Só estou tentando mostrar a você um pouco do contexto. — Ela dá de ombros, cruzando as mãos na frente do corpo e contraindo os dedos. — Não estou pedindo compaixão, pode acreditar. No mínimo, acho que aprendi uma lição importante sobre me responsabilizar pela minha própria vida. Só estou tentando explicar minha reação inicial a Summerland, como fiquei fascinada pela possibilidade de materializar qualquer tipo de coisa que eu quisesse. Sei que ultrapassei um pouco o limite e sei como isso irritou você. Depois de algum tempo, porém, percebi que poderia construir uma mansão cheia de tesouros em Summerland, mas isso não me faria mais feliz… Nem lá, nem no plano terreno. E foi quando decidi ir um pouco mais fundo, me aperfeiçoar de modos que nunca havia tentado. Claro, eu tinha meu espaço sagrado e as meditações, mas, quando me concentrei em obter acesso aos Grandes Salões do Conhecimento, bem, então fui forçada a colocar em prática todas aquelas coisas sobre as quais falava havia anos. Então, desisti de todo o restante e me concentrei somente nisso. Não levei muito tempo para conseguir entrar, e nunca olhei para trás.

Olho para ela com os olhos reduzidos a duas frestas e só consigo pensar: *Bem, parabéns pra você, Ava. Bravo!*

— Sei o que você é, Ever. E Damen também. Embora não concorde necessariamente com isso, não tenho o direito de interferir.

— Por isso abandonou Damen à beira da morte? É assim que lida com o que não *aprova*? Soa como interferência para mim. — Olho para ela com cara feia, afundando bem o pé no tapete.

Ela balança a cabeça, a voz calma e o olhar fixo no meu.

— Eu não sabia de nada disso quando deixei Damen sozinho naquele dia. Eu pensei que tudo seria revertido… como você também acreditava. Você voltaria no tempo, Damen voltaria também, e, embora eu não tivesse certeza do que era o elixir, eu tinha minhas suspeitas, e pretendia tomá-lo. Mas então, por alguma razão, quando estava prestes a bebê-lo… eu parei. Simplesmente não consegui continuar. Acho que me dei conta da grandeza… da grandeza de viver *para sempre*. — Ela olha para mim. — É muito sério, não acha?

Dou de ombros. Dou de ombros e reviro os olhos. Até agora, ela não disse nada que mudasse minha opinião a seu respeito. E, por sinal, ainda não estou convencida de que ela não o bebeu.

— Então, no fim das contas, eu o joguei fora, materializei o portal para Summerland e comecei a procurar respostas… e *paz*.

— E encontrou alguma das duas? — pergunto, deixando claro em meu tom de voz que não me importo.

— Encontrei. — Ela sorri. — Minha paz está em saber que todos nós temos nossa própria jornada… nosso próprio destino a cumprir. E agora finalmente sei qual é o meu. — Olho para ela, vendo como seu rosto se ilumina quando acrescenta: — Estou aqui para usar meus dons a fim de ajudar quem necessita, para viver sem medo, para confiar que sempre terei o suficiente para sobreviver e para criar as gêmeas de um modo que não consegui fazer antes. — Ela me olha como se quisesse se aproximar e me abraçar, mas felizmente se contenta em passar as mãos nos cabelos e ficar bem onde está. — Sinto muito pelo que aconteceu, Ever. Nunca pensei que acabaria desse jeito. E embora não aprove o que você e Damen são, realmente não cabe a mim julgar. Vocês têm a própria jornada a seguir.

— Jura? E qual é? — pergunto, olhando em seus olhos, surpresa pela intensidade da angústia em minha voz, esperando que ela tenha algum tipo de pista sobre o motivo de eu estar aqui. Porque até agora não tenho a mínima ideia.

Mas Ava apenas dá de ombros. Seus olhos castanhos brilham olhando nos meus quando ela diz:

— Ah, não. — Ela sorri e balança a cabeça. — Acho que deve descobrir por si mesma. Mas, acredite, Ever, não tenho dúvidas de que será algo grandioso.

vinte e quatro

Quando chego em casa, já é tarde. Embora Damen se ofereça para ajudar a carregar meus presentes até o quarto, embora parte de mim fique tentada a deixá-lo fazer isso, apenas dou um beijo rápido em seu rosto e entro sozinha. Tudo o que quero é mergulhar no casulo acolhedor que é minha cama e ter a última hora do meu aniversário só para mim.

Sigo para as escadas, com cuidado, em silêncio, sem querer chamar a atenção de Sabine, que está com a luz do quarto dela acesa, pelo que vejo por baixo da porta. Quando deixo os presentes sobre a escrivaninha, ela aparece no corredor e vem para o meu quarto.

— Feliz aniversário! — Ela sorri, enrolada em um robe tão macio que parece uma nuvem de chantili. Olhando para o relógio em meu criado-mudo, diz: — Ainda *é* seu aniversário, certo?

— Dezessete anos — confirmo. — Nem um dia a mais. — Ela se apoia na beirada de minha cama, olhando para a pilha de presentes: alguns livros metafísicos que ganhei de Ava, que praticamente "li" assim que toquei neles, um geodo de ametista de Jude, uma camiseta que diz NUNCA PEÇA NADA DE QUE NÃO POSSA SE LIVRAR DEPOIS, de Rayne (rá-rá), e outra com um símbolo em espiral colorido, de Romy, que provavelmente veio da mesma loja wiccana, além de um vale-presente da loja do iTunes, de Honor, que me entregou e murmurou: "Hum, porque você parece gostar muito de música, porque está sempre, sabe, conectada e tudo mais." Ah, e vários vasos de tulipas vermelhas que Damen deve ter materializado assim que me deixou em casa.

— Você ganhou bastante coisa — diz ela enquanto eu olho tudo, tentando ver do mesmo jeito que ela, mais como uma celebração de minha existência e menos como uma lembrança daqueles que não estavam presentes.

Jogo-me na cadeira da escrivaninha e chuto minhas sandálias, sentindo que ela está aqui por um motivo, e espero que vá direto ao ponto.

— Não vou demorar… é tarde, e você deve estar cansada — ela diz, lendo direitinho meu estado de espírito.

Começo a negar, apenas por educação, mas não me empenho muito e logo paro. Por mais que seja bom ficar sozinha com ela, situação cada vez mais rara nos últimos tempos, realmente gostaria que pudéssemos adiar até amanhã. Não estou muito a fim de escutar uma de suas longas conversas cheias de rodeios.

Mas é claro que ela não percebe esse estado de espírito em particular, apenas me olha com os olhos semicerrados e pergunta:

— Então, como estão as coisas? O emprego, Damen? Quase não vi você esses dias.

Faço um gesto positivo com a cabeça, garantindo que está tudo *bem*, tomando cuidado para acrescentar um pouco de entusiasmo, esperando que seja suficiente para convencê-la.

Seus olhos se iluminam de alívio, e ela continua:

Você parece bem. Ficou tão magrinha por um tempo que eu… — Ela balança a cabeça, mostrando no olhar um traço de como estava preocupada e fazendo eu me sentir *péssima*. — Mas parece que está ganhando peso novamente. A pele está mais limpa também… o que é bom… — Ela aperta os lábios, como se pesasse cuidadosamente o que está prestes a dizer, e continua: — Sabe, Ever, quando eu disse que queria que você trabalhasse no verão, não imaginei que seria da forma como você entendeu. Estava me referindo mais a uma ocupação de meio período, algo para manter você ocupada por algumas horas por dia. Mas o modo como vem trabalhando… — Ela interrompe e

balança a cabeça. — Bem, tenho quase certeza de que está trabalhando mais horas do que eu. E agora, faltando apenas algumas semanas para as aulas recomeçarem… bem, acho que deveria considerar pedir demissão, para aproveitar um pouco a praia, passar algum tempo com seus amigos.

— Que amigos? — Dou de ombros, sentindo meus olhos arderem e meu estômago afundar. Mas eu já disse. Admiti uma verdade tão dolorosa que ela não consegue evitar virar o rosto e olhar para o chão. Ela leva um momento para se recompor antes de levantar os olhos e olhar nos meus, apontando com a cabeça para a pilha de presentes de aniversário.

— Bem, lamento dizer, mas acho que há provas que dizem o contrário.

Fecho os olhos e balanço a cabeça, batendo de leve em minhas bochechas enquanto me viro rapidamente, pensando na única amiga que não estava lá hoje e que provavelmente nunca mais estará, graças ao monstro e a mim.

— Ei, você está bem? — Ela se aproxima, querendo apenas me confortar, mas logo se afasta, lembrando-se de como fico temperamental quando sou tocada.

Respiro fundo e faço que sim, sabendo o quanto ela se preocupa e desejando que não a tivesse arrastado até esse ponto. Porque a verdade é que eu *estou* bem. Como ela disse, minhas roupas não caem mais, minha pele está limpa, meu relacionamento está nos eixos novamente e aquela fera horrível, aquele pulso estranho que me controlava, não é visto nem ouvido desde a noite na praia. E mesmo com o grande buraco deixado pela ausência de minha família, mesmo tendo de dizer adeus a Sabine em algum momento não muito distante, Damen sempre estará aqui. Se ele provou algo neste ano que passou, foi que está totalmente comprometido comigo… *conosco*. Não importa o quanto as coisas piorem, ele nunca mudará de ideia. E, no fim das contas, isso é tudo o que posso pedir. O restante, bem, é o restante.

Olho para Sabine e faço um gesto afirmativo, com mais firmeza dessa vez, como se realmente acreditasse nisso. Tomei minha decisão há meses, comprometi-me com a imortalidade, e agora não tem volta. Agora é uma longa marcha adiante, pelo infinito.

— É só um pequeno caso de depressão de aniversário, eu acho. — Olho para ela e continuo: — Sei que está familiarizada com a dor de ficar mais velha. — Sorrio de um modo que começa nos lábios, mas sobe até os olhos. Um sorriso que a estimula a sorrir também.

— É, você tem minha solidariedade. — Ela ri. — Mas terá ainda mais quando for a sua vez de fazer quarenta anos. — Ela se levanta da cama, segue para a porta com as mãos nos bolsos do robe e diz: — Ah, quase esqueci, deixei umas coisinhas ali na sua cômoda. — Ela aponta com a cabeça. — Um é meu. Bem, acho que vai ficar surpresa quando vir. Eu fiquei quando encontrei, mas, além disso, estava esperando que pudéssemos encontrar um tempo em sua agenda lotada para almoçar e fazer compras.

Faço um gesto afirmativo.

— Eu gostaria muito — digo, percebendo logo em seguida que eu realmente gostaria. Faz tempo que não nos divertimos com coisas de menina.

— Ah, e o outro… o cartão… — Ela dá de ombros. — Chegou hoje, encontrei na frente da porta quando cheguei em casa. Não tenho ideia de quem seja, mas está aos seus cuidados.

Olho para a cômoda e vejo um pacote retangular ao lado de um grande envelope cor-de-rosa que parece quase… *brilhar*... só que de *um jeito sinistro e ameaçador*.

— Bem, só queria desejar feliz aniversário. — Ela olha para o relógio. — Você ainda tem uns minutos, então aproveite!

Assim que Sabine fecha a porta, vou até a cômoda e pego a caixa. Seu conteúdo se revela no

instante em que a toco.

Rasgo o papel o mais rápido que posso, deixando os pedaços caírem no chão, e levanto a tampa, o que revela o álbum de fotos encadernado com couro roxo no qual estão todas as fotos que Riley tirou em nossa viagem fatídica ao lago, incluindo a que vi em Summerland. Enquanto viro as páginas, não posso deixar de imaginar se ela não foi, de algum modo, responsável por isso. Será que ela pode *vê-lo*, *ver a mim*? Mas não chamo por ela novamente, isso nunca mais deu certo. Apenas seco as lágrimas do rosto e sussurro um *obrigada* bem baixinho. Coloco o álbum no criado-mudo, sabendo que quero deixá-lo perto de mim, onde possa olhá-lo várias vezes. Depois, pego o envelope com meu nome escrito na frente em uma caligrafia extremamente formal. Fico sem ar quando ele brilha em minha mão e, pela forma como todo o meu corpo estremece, sei que é *dele*.

Levanto a aba com a unha, determinada a acabar logo com isso. Olho para o cartão cor-de-rosa, coberto de purpurina, antes de abri-lo, passo os olhos na mensagem que já vem impressa e depois vejo, no canto inferior esquerdo, um recado que Roman escreveu com sua letra cheia de floreios:

É hora de reivindicar aquilo que mais deseja
Hoje é seu aniversário, e uma trégua lhe darei de bandeja
Em minha casa hoje, antes da meia-noite, deve estar
Um segundo de atraso, e a oferta vou retirar
Espero em breve vê-la chegar!
Bjs,
Roman

vinte e cinco

Quando chego à casa de Roman, faltam apenas alguns minutos. Dois, para ser mais exata, e espero que seu relógio esteja batendo o mesmo horário. Mas, desta vez, em vez de derrubar a porta como sempre faço, bato e espero. Porque, se realmente daremos uma trégua, como ele disse, não custa mostrar boas maneiras.

Espero, olhando para o relógio e contando os segundos. O som leve de seus passos se aproximando sinaliza que chegou meu momento. A magia deu certo.

A porta se abre e ele fica ali parado diante de mim, olhos azuis brilhantes, dentes brancos e pele bronzeada, usando um robe preto de seda, solto nos ombros, expondo uma boa área de seu peito desnudo, abdômen notavelmente definido e jeans desbotados de cintura baixa.

E não preciso de mais nada. Uma olhada rápida naquela dádiva e meu corpo começa a tremer, os joelhos perdem a firmeza e meu pulso acelera de um modo tão terrivelmente familiar que uma nova percepção lentamente toma conta de meu ser:

O monstro não está morto! Não foi expulso! Simplesmente se retirou, escondeu-se em algum lugar profundo, aguardando sua hora e recobrando as forças até poder emergir novamente…

Engulo em seco, obrigando-me a acenar com a cabeça como se tudo estivesse bem. Percebo que ele está me varrendo com os olhos, sem deixar escapar nada, e sei que preciso acabar com isso. Custe o que custar, não posso fracassar quando tudo de que preciso está tão ao meu alcance.

Com a cabeça inclinada para o lado, ele faz um sinal para que eu entre.

— Fico feliz em ver que chegou a tempo — ele diz, observando-me cuidadosamente.

Eu me viro e não chego nem à metade do corredor antes de parar e reconsiderar. Vejo o olhar de divertimento que passa por seu rosto enquanto a cor some do meu.

— A tempo para quê, exatamente? — Estreito os olhos, espremendo-me contra a parede enquanto ele passa e faz sinal para eu segui-lo.

— Para seu aniversário, é claro! — Ele ri, olhando para trás e balançando a cabeça. — Aquele Damen é um idiota sentimental. Sei que ele fez de tudo para tornar seu dia *especial*. Mas, ouso dizer, não tão *especial* quanto o que estou prestes a fazer.

Fico parada, recusando-me a me mover. Apesar de minhas mãos e pernas estarem tão trêmulas que parece que as juntas vão se soltar, minha voz permanece controlada, comedida, sem deixar nada transparecer.

— Cumprir sua promessa e me entregar o que eu quero tornaria meu dia especial o suficiente. Não precisa nem me convidar para me sentar nem me oferecer uma bebida. Por que não aceleramos e vamos direto ao ponto?

Ele olha para mim, rindo com os olhos e com um sorriso também nos lábios.

— Uau, esse Damen é mesmo um cara de sorte. — Ele balança a cabeça e passa os dedos pelos cabelos dourados. — Nada de perder tempo com preliminares. Parece que nossa pequena Ever aqui prefere ignorar a entrada e ir direto ao prato principal… e, gata, preciso aplaudi-la por isso.

Obrigo meu rosto a permanecer neutro, impassível, apesar do tanto que suas palavras me perturbam. Sinto a dor de saber que essa chama negra queima cada vez mais forte dentro de mim, agora agitada pela presença dele.

— Você pode não querer se sentar, nem tomar uma bebida, mas eu quero. E, como sou o anfitrião

esta noite, acho que você vai ter que fazer minha vontade.

Ele segue na direção da saleta como um turbilhão de seda preta, vai até o bar e enche uma pesada taça de cristal com uma boa dose de líquido vermelho. Balança a taça diante de mim, fazendo o líquido opaco borbulhar e brilhar enquanto corre no interior da taça, fazendo eu me lembrar de Haven uma vez ter dito que o elixir de Roman era mais potente do que o de Damen. Fico imaginando se é verdade, se lhes dá algum tipo de vantagem… se funcionaria assim para mim também ou se acabaria me deixando louca e perigosa como eles.

Aperto os lábios e luto para me manter serena. Meus dedos começam a ficar inquietos, nervosos, e sei que não vai demorar muito até que eu perca o controle por completo.

— Sinto muito sobre seu probleminha com Haven — diz Roman, levantando a taça e tomando um longo gole. — Mas as pessoas mudam, sabe? Nem toda amizade é feita para durar.

— Eu não desisti. — Dou de ombros. As palavras saem com muito mais segurança do que sinto. — Tenho certeza de que vamos conseguir resolver tudo — acrescento, com o pulso estranho batendo dentro de mim quando ele inclina a cabeça e permite que a tatuagem de uróboro apareça e desapareça.

— Tem certeza disso, gata? — Ele me olha, passando o dedo na haste da taça enquanto seu olhar se move sobre mim daquele modo lento, vagaroso, íntimo que ele faz. Ele escolhe fixar o olhar no decote profundo em v de meu vestido e diz: — Sem querer ofender, mas preciso discordar. Minha experiência diz que quando duas garotas querem a mesma coisa… bem, alguém corre o risco de se ferir… ou algo *pior*, como você bem sabe.

Aproximo-me dele. Não o monstro, mas eu (embora o monstro certamente não se oponha) olho em seus olhos e digo:

— Mas Haven e eu não queremos a mesma coisa. Ela quer *você* e eu quero algo totalmente diferente.

Ele olha para mim por cima da taça, que cobre todo o seu rosto, menos o olhar azul-metálico.

— Ah, sim, e o que seria isso, gata?

— Você sabe muito bem. — Dou de ombros, tirando a mão da cintura e colocando-a para trás, para que ele não veja como treme. — Não foi para isso que me chamou aqui?

Ele confirma com a cabeça, apoiando a bebida no descanso dourado.

— Mas eu queria ouvir você dizer. Amo ouvir as palavras ditas em voz alta… dos seus lábios para meus ouvidos.

Respiro fundo, observando seu olhar fechado, os lábios grandes e sedutores, o peito largo. Meus olhos são atraídos para seu abdômen, e ainda mais abaixo, quando digo:

— O antídoto. — Empurro as palavras para fora, imaginando se ele tem alguma ideia da batalha travada dentro de mim. — Eu quero *o antídoto* — repito, com mais firmeza desta vez. — Como você já está cansado de saber.

Antes que eu possa impedir, ele já está parado diante de mim. Rosto contido, mãos relaxadas na lateral do corpo. O frio de sua pele emana em minha direção uma onda de alívio refrescante e doce quando ele diz:

— Quero que saiba que trouxe você aqui com a mais pura intenção. Depois de ver como sofreu nos últimos meses, estou totalmente preparado para colocar um ponto final nisso e entregar o que você quer. Mesmo tendo sido bastante divertido, pelo menos para mim. — Ele dá de ombros. — Assim como você, Ever, estou pronto para seguir em frente. Vou voltar para Londres. Esta cidade aqui é muito devagar para o meu gosto. Preciso de um pouco mais de ação.

— Você vai embora? — deixo escapar, e as palavras vêm tão depressa que não sei quem foi responsável por dizê-las.

— Isso a incomoda? — Ele sorri, olhando para mim.

— Nem um pouco. — Faço cara feia, revirando os olhos e desviando o olhar, esperando disfarçar o temor em minha voz.

— Tentarei não levar para o lado pessoal. — Ele sorri, e a tatuagem de uróboro aparece e desaparece, os pequenos olhos brilhantes da serpente procurando os meus enquanto desliza a língua para fora. — Mas, antes de ir, pensei em amarrar algumas pontas soltas. E, já que é seu aniversário, pensei em começar por você. Oferecer o presente que mais deseja. *Aquilo* que quer mais do que tudo no mundo e que nenhuma outra pessoa, viva ou morta, poderia lhe dar… — Ele passa o dedo de leve e rapidamente em meu braço, e a lembrança de seu toque permanece por um bom tempo depois que ele se afasta.

Olho para suas costas, ciente de que não posso arriscar, não posso ter uma recaída. Lembro-me da sensação mágica dos lábios de Damen há apenas algumas horas e de como estou perto de poder senti-la novamente… mas só se conseguir me conter.

Roman se vira, sinaliza com o dedo para que eu o siga, solta um muxoxo de reprovação à minha resistência e diz:

— Confie em mim, gata, não pretendo enganar nem arrastar você para meu quarto. — Ele balança a cabeça e ri. — Teremos muito tempo para isso depois, se quiser. Mas, por enquanto, tenho algo um pouco mais técnico planejado. Falando nisso, já fez algum teste com detector de mentiras?

Estreito os olhos, sem saber o que ele quer dizer, mas tenho certeza de que é uma armadilha. Sigo-o pelo corredor e pela cozinha, saímos pela porta dos fundos, passamos por um ofurô na lateral da varanda e entramos em um cômodo que parece uma garagem metade transformada em loja de antiguidades, a outra metade em laboratório de cientista louco.

— Odeio precisar dizer isso, gata, e, acredite, não quero ofender, mas você tem fama de mentir de vez em quando… principalmente em ocasiões que *a* beneficiem. E como sou um homem íntegro, já que prometi dar o que *realmente quer mais do que qualquer outra coisa no mundo*, sinto que o certo é ambos sabermos exatamente o que é. Com certeza tem alguma coisa muito estranha acontecendo entre nós. Preciso lembrar a você como se jogou em cima de mim da última vez em que esteve aqui?

— Não foi… — começo a falar, mas logo paro quando vejo ele levantar a mão.

— Por favor. — Ele dá um sorriso falso. — Poupe-me das desculpas. Tenho um modo muito mais direto de conseguir as respostas que quero.

Franzo os lábios. Já vi seriados de crime na TV o suficiente para reconhecer a aparelhagem para a qual ele está me levando. E ele está muito enganado se acha que vou me ligar naquilo e consentir em passar por um teste de polígrafo.

— Esqueça — digo, dando meia-volta, pronta para sair. — Vai ter que aceitar minha palavra, ou não tem acordo.

Já estou na porta quando ele diz:

— Bem, *existe* outra coisinha que posso tentar. — Eu paro. — E, acredite, não há como trapacear, especialmente com pessoas como nós. E por acaso tem tudo a ver com essas baboseiras metafísicas de *tudo é energia* e *unidos em um só* de que você tanto gosta.

Respiro fundo e alto, batendo o pé no chão, esperando liberar um pouco dessa energia que se forma dentro de mim, e também mostrar a ele como estou ficando impaciente.

Mas Roman não é de correr, ou se apressar, ou agir em qualquer outro ritmo que não seja o dele.

Ele se distrai tirando um fio solto do robe, olha para mim e diz:

— Sabe, Ever, acontece que está provado cientificamente que a verdade sempre, *sempre* é mais forte do que a mentira. Que se ambas forem medidas lado a lado, uma contra a outra, por assim dizer, a verdade sempre vence. O que acha?

Reviro os olhos, o que por si só já mostra o que acho de tudo isso e de tudo o que virá em seguida.

Mas Roman está impassível, determinado a jogar do modo dele, e completa:

— Bem, há um jeito muito fácil de testar essa teoria, um jeito que não pode ser manipulado e não exige nada além de seu próprio organismo. Gostaria de tentar?

Hum, acho que não!, começo a dizer, *quero* dizer, mas o monstro está acordado e não me deixa falar, o que só estimula Roman a continuar.

— Então, você diria que nós dois temos a mesma força? Que no caso de pessoas como nós não há diferenças físicas em termos de força entre homens e mulheres?

Dou de ombros. Nunca parei para pensar sobre isso e não estou nem um pouco interessada em começar agora.

— Então, levando isso em consideração, gostaria de demonstrar algo que você vai achar muito interessante. E, diga-se de passagem, garanto que não estou tentando enganá-la, não é um jogo e ninguém vai sair machucado. Estou sendo sincero ao dizer que vou lhe dar *aquilo que mais quer*, e essa é a melhor forma que conheço para determinar o que seria isso. Posso até ir primeiro, para você ver que não tenho nenhum truque na manga.

Ele fica parado diante de mim, com os braços abertos ao lado do corpo, paralelos ao chão de concreto. Faz um gesto afirmativo com a cabeça e diz:

— Agora, vamos, coloque dois dedos sobre meu braço e empurre de leve para baixo, enquanto eu resisto e empurro para cima. Não é brincadeira nenhuma, eu juro. Você vai ver.

Olho em seus olhos, vendo seu olhar desafiador e ciente de que não tenho escolha além de ir em frente, já que ele é o único que tem a chave. Tenho que jogar seu jogo, com suas regras, a seu modo.

Olho para seu braço suspenso diante de mim, bronzeado, forte, implorando para ser tocado. Mesmo sabendo que não posso fazer isso, que não consigo me conter, ainda assim cerro os dentes e tento. Pressiono meus dedos contra ele, sentindo o frio de sua pele emanar através do tecido macio do robe, fazendo com que a chama negra que está dentro de mim fique agitada e resplandecente.

— Está *sentindo*? — A voz de Roman é um sussurro macio e grave em meu ouvido.

Olho para ele, ciente apenas do pulso insistente que bate dentro de mim enquanto meu corpo se enche de calor. Calor que não busca nada além de seu alívio doce e refrescante.

— Certo, agora quero que me faça uma pergunta, uma pergunta simples, para a qual já saiba a resposta, e me dê um momento para eu pensar na resposta, tanto mental quanto verbalmente, enquanto você tenta empurrar meu braço para baixo com os dois dedos.

Olho para o relógio e para ele, com os joelhos tremendo, sabendo que não tenho muito tempo.

Mas ele apenas faz um gesto positivo com a cabeça, encarando-me com um olhar encorajador.

— A verdade fortalece, a mentira enfraquece. Agora é a sua chance de testar essa teoria em mim, para depois podermos testar em você. É o único jeito de provar o que realmente quer, Ever. Então, vá em frente, faça uma pergunta, a que quiser. Vou inclusive baixar meu escudo para você poder ler meus pensamentos e ver que não estou trapaceando.

Ele olha para mim, e o peso de seu olhar faz com que meu pulso acelere e meu coração dispare

até que eu não… *não consiga*...

— Faça uma pergunta, Ever. — Ele olha para mim atentamente. — Pergunte o que quiser. Quanto mais cedo terminarmos minha parte, mais cedo poderemos determinar o que é que você mais deseja.

Fico a seu lado, lutando para me manter estável, centrada, mas é inútil, não consigo, não posso mais participar de seu jogo.

— Prefere seguir adiante? — ele pergunta, os olhos passando por mim lenta e atentamente. — Prefere que eu teste *você* primeiro?

Ele espera, dando-me um tempo para me recompor, respirar fundo e fazer uma súplica silenciosa para Hécate, pedindo-lhe forças para passar por isso, para obter o que vim buscar. Mas, quando olho novamente para Roman, percebo que Hécate me deixou, estou por conta própria.

— *É* o antídoto que você quer, certo? — ele pergunta, virando-se para mim, tão perto que posso sentir seu hálito em meu rosto, os lábios apenas a alguns centímetros dos meus. — *É* essa a única coisa que você deseja, mais que qualquer outra?

É!, eu grito. A palavra vem das profundezas e minha mente a repete com tanta força que tenho certeza de que ele pôde escutar.

Só que não escutou.

Porque nunca foi dito.

É apenas um som vazio que fica ecoando em minha mente até que finalmente se extingue.

E no instante em que seus olhos encontram os meus, *estou perdida*.

O fogo ruge dentro de mim, deixando meu corpo em chamas enquanto meus dedos, ávidos por sentir sua pele, agarram e arranham seu peito macio e bronzeado.

— Cuidado, gata. — Roman agarra meus pulsos e me puxa para perto dele, com os olhos semicerrados, os lábios úmidos. — Nunca fui fã de marcas de unha, não importa se vão desaparecer rápido. — Ele me afasta e me olha de cima a baixo, faminto, predatório. Sou seu banquete. — Além disso, não vamos usar essas baboseiras. — Ele ri, desamarrando o amuleto de meu pescoço e jogando-o do outro lado do cômodo, onde rola, quica e bate no chão.

Mas eu não me importo, não me importo com nada além da sensação de seus dedos descendo por minhas costas, o modo como ele afunda o rosto em meus cabelos e pressiona o nariz em meu pescoço, inspirando profundamente, enchendo-se de meu cheiro. Seus olhos ardentes fitam os meus quando ele me levanta e me coloca no sofá. Ele se livra do robe e desabotoa os jeans enquanto passo as mãos por suas costas e o puxo para mais perto, ávida por sentir seu beijo, seus lábios nos meus.

Respiro fundo quando ele me afasta, tira minhas mãos de seu pescoço e diz:

— Pegue leve, gata. É você que não gosta de preliminares, lembra? Teremos muito tempo para isso depois, mas, primeiro, vamos logo ao que interessa. Afinal, você esperou por… quanto tempo? Quatrocentos anos?

Puxo-o de volta para mim, sedenta por mais — mais de sua pele, mais de seu gosto. Meu corpo se contorce, arqueia, desesperado por encontrar o dele, meus lábios voluptuosos, vorazes por tudo que ele possa me dar. Quero que ele me queira do mesmo modo que eu o quero, e estou disposta a fazer o que for preciso para conseguir que ele me beije. De repente, eu me lembro do que preciso fazer…

Ele encaixa o joelho entre os meus, tirando as calças e acomodando os quadris, posicionando-se enquanto diz:

— Vai doer só um pouquinho, gata, e depois…

E então ele olha para mim e tudo para — seus olhos vidrados de desejo, os lábios entreabertos de

espanto, enquanto *aquele olhar*, o olhar que eu estava esperando, que eu desejava, assume o controle.

O olhar que mostra que ele me quer, que *precisa de mim*, do mesmo jeito que eu o quero e preciso dele.

Puxo-o para perto, desesperada para finalmente sentir a pressão de seus lábios, quando ele se inclina em minha direção e sussurra uma reverência abafada:

— *Drina…*

Recuo, confusa, olhando em seus olhos e vendo o que ele vê — cabelos vermelhos reluzentes, pele de porcelana, olhos verde-esmeralda —, um reflexo que não pertence a *mim*.

— Drina… — ele murmura. — Drina, eu…

E enquanto meu corpo ainda está respondendo, estimulando seu toque e as carícias em minha pele, meu coração recua, recusando-se a representar. Há algo errado, algo muito, *muito* errado. Algo atrapalhando, começando a tomar forma quando ele puxa meu vestido, que logo escorrega.

Quando olho para ele e vejo aquele olhar vidrado em seus olhos, sei que está quase aqui. Meu presente de aniversário, a coisa que eu mais queria está prestes a ser minha.

Tenho uma pequena noção de que de agora em diante nada mais será igual.

Nada.

Nunca mais.

Ele afasta minhas pernas enquanto me preparo para aquele breve instante de dor. Viro-me e vejo o espelho na outra parede, mas a imagem é a de uma garota de cabelos vermelhos, pele clara e luminosa, olhos verde-esmeralda e um sorriso tão selvagem que o reconheço imediatamente.

A mesma imagem que ele vê quando olha para mim.

Só que não sou eu. *Não sou eu mesmo!*

— Está preparada, gata? — Roman me olha com expectativa.

Embora minha cabeça diga que sim e meu corpo se levante para encontrar o dele, não sou eu de verdade quem está respondendo. O monstro pode controlar meu corpo, mas não tem nada a ver com meu coração ou minha alma.

Como Roman disse antes: "No final, a verdade sempre vence."

Por sorte, minha alma sabe o que está acontecendo.

Fecho os olhos e me concentro em meu chacra do coração, e *vejo* aquele círculo de energia verde emanar bem do centro de meu peito, estimulando-a a crescer, expandir-se, ficar cada vez maior, até…

Roman murmura meu nome, só que não é meu nome de fato, é o nome *dela*, com a voz cheia de expectativa, ansioso para começar, sem ideia do que sou capaz, de que, pelo menos por um instante, consegui ganhar.

Levanto o joelho e o acerto diretamente *lá*. Meus ouvidos zunem com o som de seu grito de agonia, enquanto leva as mãos ao meio das pernas e revira os olhos. Escapo de baixo dele, movendo-me apressadamente, sabendo que é apenas uma questão de segundos até que ele se cure e volte com força total.

— Onde você escondeu? — pergunto enquanto pego freneticamente minhas roupas e coloco o amuleto de volta no pescoço, sabendo que ele já me vê novamente como uma loura de olhos azuis. — Onde está? — exijo, olhando ao redor do pequeno e ordenado laboratório.

Ele abaixa a cabeça, examinando a si mesmo cuidadosamente, enquanto resmunga:

— *Droga*, Ever…

Mas eu não tenho tempo para isso.

— Onde está, diga logo! — grito, lutando para me concentrar no chacra do coração enquanto seguro o amuleto bem perto do peito.

— Está louca? — Ele dá de ombros e faz cara feia. — Você me apronta uma sacanagem dessa e ainda espera que eu a ajude? — Ele balança a cabeça. — Esqueça. Você poderia estar com esse antídoto, poderia ter saído com ele há dez minutos, mas fez sua escolha, Ever. Foi justo, como nós dois sabemos. Eu estava preparado para lhe entregar, e *não*, *não* está aqui. Então não precisa se dar o trabalho de saquear o lugar em busca dele. É sério. Acha que sou idiota? — Ele veste o robe e o fecha no peito, como se quisesse impedir que eu fique tentada novamente. Mas, apesar de o monstro ainda vociferar dentro de mim, não estou mais interessada. A fera pode estar viva e bem, mas minha alma e meu coração agora comandam. — Eu estava preparado para levá-la até ele, mas você fez outra escolha. E só porque se arrependeu na última hora e resolveu seguir seu *coração*... — Ele franze a testa de modo que me diz que conhece a fonte de minha força. — Isso não muda nada. Você *me* escolheu, Ever. *Eu* era o que você mais queria. Mas agora, depois desse golpe, não vai ganhar nenhum dos dois. — Ele balança a cabeça. — Não tem segunda chance depois de uma sacanagem dessas.

Fico parada diante dele, a chama negra enfurecendo-se por dentro, estimulando-me a partir para cima daqueles olhos da cor do oceano, dos cabelos dourados, dos lábios úmidos, dos quadris bem-desenhados…

— Não — resmungo, dando um passo para trás. — *Eu* não quero você. *Eu* nunca quis. Não sou *eu*… é… é outra *coisa*. Não é culpa minha, não estou no controle!

Aperto os lábios, sabendo que há apenas um modo de sair daqui, mas que não deveria fazê-lo na frente dele, não deveria levantar suspeitas desse jeito. Só que não tem outro jeito, não posso confiar em minhas pernas para me levarem a outro lugar além de sua cama.

Aperto o amuleto junto ao peito e me concentro no véu brilhante e dourado. Visualizo o portal para Summerland e o vejo se abrir diante de mim. Estou prestes a entrar quando ele diz:

— Bobagem, Ever. Não percebe que não há mais diferença entre você e seu… *monstro*? Você *é* o monstro. É seu lado negro, sua eu-sombra, e agora vocês se transformaram em um só.

vinte e seis

Aterrisso naquele grande campo perfumado. Relutante, sinto-me culpada por saber que não devia ter feito isso. Nunca devia ter deixado Roman me ver desaparecer. Mas que escolha eu tinha?

Minha determinação estava se esgotando, reduzida paulatinamente pelo monstro interior, e apenas mais alguns segundos na presença dele certamente teriam representado o fim. O fim de mim. O fim de tudo o que estimo.

Porque Roman está certo. Total e completamente certo. O único motivo pelo qual perdi, pelo qual não consegui o que queria, é o fato de o monstro *ser* eu, não há diferença entre nós. Ele é responsável por toda a ação, por todas as decisões, enquanto eu apenas acompanho, sem saber como pisar no freio ou dar o fora. Estou sem opções. Não tenho ideia do que fazer. Tudo o que sei é:

O feitiço de reversão falhou, assim como o pedido a Hécate.

E Damen, bem, Damen não pode me salvar.

Jamais pode ficar sabendo da coisa repugnante que quase fiz.

Não pode passar as próximas centenas de anos me salvando de mim mesma.

Afundei tanto, caí tanto, que não há como me levantar. Não há como colocar minha vida de volta nos eixos. Não posso, de jeito algum, voltar ao plano terreno e pôr tudo em risco.

Então fico vagando, sem destino em mente e nenhuma ideia do que farei quando chegar. Ando ao longo do riacho que reflete as cores do arco-íris, vagarosamente, sem pressa, apenas caminhando, sem prestar atenção quando o riacho termina e o chão sob meus pés começa a ficar escorregadio, encharcado, molhado.

Mal noto que o ar esfria vários graus e que o brilho dourado fica mais turvo, denso, difícil de penetrar.

Talvez isso explique meu choque quando vejo. Quando percebo que sem querer cheguei ao lugar onde a névoa é sempre mais pesada, onde é fácil se perder e chegar a um ponto do qual não há mais volta. Observo os familiares contornos em declive, as cordas gastas e desfiadas, as tábuas de madeira lascadas, a forma entrando e saindo de foco, obscurecida pela neblina, mas ainda assim não há como negar o que é.

Sem dúvida, é a ponte que leva ao *outro lado*.

A Ponte das Almas.

Ajoelho-me ao lado, afundando na terra úmida, imaginando se é algum tipo de sinal, se fui levada até ali de propósito, se devo finalmente cruzá-la.

E se a oportunidade que recusei antes estiver sendo oferecida a mim novamente? Uma oferta especial do tipo "não-faça-perguntas" para clientes fiéis como eu.

Pego no corrimão, uma corda velha desfiada que parece que vai se romper a qualquer momento, e percebo que a neblina fica cada vez mais densa lá pelo meio, tão pesada que o destino final é um mistério coberto de branco. Lembro a mim mesma que essa é a ponte que incentivei Riley a cruzar, a mesma que meus pais e Buttercup usaram para chegar ao outro lado. E se eles conseguiram cruzar e chegar bem, então não deve ser tão ruim assim.

E se eu simplesmente me levantasse, limpasse a sujeira do corpo, respirasse fundo e a cruzasse?

E se o necessário para resolver meus problemas, livrar-me do monstro, apagar essa chama e ver minha família novamente é apenas um pequeno passo, seguido de outro?

Alguns passos na direção de seus braços acolhedores e calorosos.

Alguns passos para longe de Roman, Haven, as gêmeas, Ava e essa confusão terrível que criei.

Alguns passos na direção da paz que procuro.

É sério. Que mal pode haver? Certamente encontrarei minha família toda esperando por mim — como vemos naqueles programas de TV sobre a vida após a morte.

Agarro a corda com força. Minhas pernas estão trêmulas, instáveis, enquanto me levanto e me estico para tentar ver melhor. Pergunto-me até onde precisarei ir para chegar ao ponto do qual não há mais volta. Lembro-me de Riley dizendo que chegou à metade e, então, voltou para me procurar, a névoa deixando-a tão confusa que não conseguiu mais encontrar a ponte… pelo menos por algum tempo.

Mas se eu decidisse continuar, cruzar para o *outro lado*, meu destino final seria o mesmo que o deles? Ou seria como um trem de carga mudando repentinamente de trilhos, levando-me para o abismo de Shadowland, e não para o paraíso?

Respiro fundo e começo a me movimentar, levantando os pés do solo úmido e encharcado, prestes a agir quando de repente sou tomada por uma leve onda de calma, um impulso tranquilo que só pode ter um significado, que apenas uma pessoa pode provocar em mim. Uma calma tão oposta ao formigamento e ao calor provocado por Damen que não fico nem um pouco surpresa quando me viro e encontro Jude a meu lado.

— Sabe até onde isso leva, certo? — Ele aponta para a ponte que balança, esforçando-se para manter a voz áspera, clara, mas o tremor de nervoso o entrega.

— Sei até onde leva as outras pessoas. — Dou de ombros, olhando para ele e para a ponte. — Mas não sei aonde pode me levar.

Ele estreita os olhos, inclina a cabeça e me observa com calma e atenção, dizendo com cuidado:

— Leva ao outro lado. Vale para *todos*. Não há filas separadas. Segregação de nenhum tipo. Deixe esse tipo de julgamento para o plano terreno.

Encolho os ombros, nem um pouco convencida. Ele não sabe o que eu sei. Não viu o que eu vi. Como poderia saber o que se aplica ou não a mim?

— Mesmo assim — ele diz, ouvindo meus pensamentos em alto e bom som. — Não acho que seja hora de considerar a travessia. A vida já é curta demais, sabe? Mesmo nos dias em que parece muito, muito longa. Quando tudo acabar, será apenas um piscar de olhos, um lampejo para a eternidade, pode acreditar.

— Talvez para você, mas não para mim — digo, olhando em seus olhos de um modo tão aberto e sincero que fica evidente que o estou convidando a entrar. Estou pronta para falar, contar toda a história sórdida, colocar as cartas na mesa, tudo o que escondi até agora. Tudo o que ele precisa fazer é pedir, e confessarei tudo. — No meu caso, não se pode chamar de lampejo.

Ele coça o queixo e franze as sobrancelhas, claramente tentando ver algum sentido no que eu disse.

E isso basta. Seu *desejo* de entender, e tudo cai sobre ele. Tudo. Tudinho. Um trasbordamento de palavras que vêm com tanta força e fúria que saem todas misturadas: o primeiro dia, no local do acidente, quando Damen me deu o elixir pela primeira vez e me transformou no que sou hoje; a verdade sobre Roman, quem ele é realmente e as providências que tomou para que Damen e eu não pudéssemos mais ficar juntos; Ava e as gêmeas, e o estranho passado que as conecta; como transformei Haven em uma aberração como eu; os chacras e como mirar em nossas fraquezas é o único meio de nos eliminar; e, é claro, Shadowland, o eterno abismo para onde vão todos os imortais

— a única coisa que está me mantendo deste lado da ponte. As palavras são cuspidas com tanta rapidez que mal posso interrompê-las. Nem tento. Fico tão aliviada por desabafar, encorajada por seus esforços em se manter calmo e não surtar totalmente, apenas deixando que eu continue.

E quando chego à parte sobre Roman, sobre minha horrível atração por ele, sobre a insistente chama negra que continua queimando dentro de mim, sobre o momento degradante do qual quase não consegui escapar, ele olha para mim e diz:

— Ever, por favor, mais devagar. Mal consigo acompanhar.

Faço um gesto positivo com a cabeça, coração acelerado, rosto queimando, braços envolvendo meu corpo num aperto. Meus cabelos grudam no rosto, nos ombros e nas costas, as longas mechas pesadas devido às gotas de orvalho que caem sem cessar. Assisto a uma fila de recém-chegados se dirigindo ansiosos para o outro lado, a ponte inclinando-se e balançando enquanto eles caminham em frente, os olhos emitindo a mais miraculosa e gloriosa luz.

— Então… podemos ir para… algum outro lugar? — Ele acena com a cabeça na direção da fila, que é tão longa que me pergunto se aconteceu alguma catástrofe. — Estou um pouco assustado com tudo isso.

— Foi *você* quem decidiu vir até aqui. — Dou de ombros, sentindo-me inexplicavelmente defensiva, além de atormentada pelo remorso de ter confessado. Quer dizer, acabei de expor minha história, plenamente abafada e secreta, acabei de mostrar tudo para que ele pudesse ver, e só o que me diz é *mais devagar* e *ir para outro lugar*? Balanço a cabeça e reviro os olhos. Esse não é o retorno que eu esperava. — É sério. Não fui eu que chamei você para me fazer companhia. Você simplesmente apareceu.

Ele olha para mim, sem desanimar com minha mudança de humor, esboçando um sorriso nos lábios e dizendo:

— Bem, não exatamente…

Olho para ele, imaginando o que quer dizer.

— Ouvi seu pedido de ajuda e vim averiguar. Estava procurando por *você*, não… não por *isso*.

Estreito os olhos, prestes a contestar quando me lembro de meu primeiro encontro com as gêmeas, um encontro que aconteceu do mesmo jeito.

— Eu não ia atravessar — digo, com a face corada de vergonha. — Bem, talvez tenha considerado, mas apenas por um segundo e não *a sério*, pelo menos não *muito*. Estava apenas *curiosa*… só isso. Além do mais, conheço algumas pessoas que vivem lá e, bem, às vezes sinto falta delas.

— E achou que poderia fazer uma visita rápida? — Seu tom é leve, mas as palavras saem pesadas, mais do que ele imagina. Balanço a cabeça e olho para meus pés cobertos de lama. — Bem… e então? O que a impediu, Ever? Fui eu?

Respiro fundo, e mais uma vez preciso de um instante antes de olhar para ele.

— Eu… eu ia atravessar — digo. — Bem, fiquei um pouco tentada e tudo, mas eu teria parado mesmo se você não tivesse aparecido. — Dou de ombros, procurando seus olhos. — Em parte, porque não é certo deixar tanto por fazer, tantos erros para os outros consertarem. E, em parte, porque pelo que eu sei sobre a alma de um imortal e para onde ela vai, bem, por mais que eu ache que mereça, não posso correr na direção desse fim. Eu vi o *outro lado*, ou pelo menos o outro lado reservado a mim. E sinto muito dizer, mas provavelmente não é o lugar para onde foi minha família. Receio que, se quiser ver meus pais e minha irmã novamente, vou ter muito mais sorte usando você como intermediário do que cruzando aquela ponte, sem contar…

Ele olha para mim, esperando.

Eu suspiro e chuto o chão, determinada a confessar o motivo mais importante de todos, não importa o quanto faça Jude se sentir mal. Olho nos olhos dele, endireito os ombros e digo:

— Sem contar o fato de que nunca poderia fazer isso com Damen. — Meus olhos encontram os de Jude, e rapidamente desvio o olhar para o outro lado. — Nunca poderia abandonar Damen assim. Não depois de… — Faço uma pausa, tentando desfazer o nó na garganta. — Não depois de tudo o que ele fez por *mim*. — Esfrego os braços para me aquecer, embora não esteja com frio. Apenas constrangida. Constrangida e desconfortável, com certeza.

Mas Jude apenas faz um gesto positivo com a cabeça, garantindo-me que tudo ficará bem. Ele coloca a mão em minhas costas e me conduz calmamente para longe da ponte, da longa fileira de almas que saltam alegremente para o outro lado, e me leva de volta para o plano terreno.

Estou ansiosa para me afastar do rosto que paira diante de mim, para me afastar de um passado que acabou, de maneira notável, por completar seu ciclo novamente.

vinte e sete

— Vou dizer o que você vai fazer. — Ele desliga o motor e se vira para mim. — Primeiro, entre e diga a verdade. — Levanta o dedo para me silenciar assim que tento interrompê-lo. — Apenas sente e conte a ela toda a história, sem deixar nada de fora. Apesar da experiência anterior que teve com ela, pelo que vi e aprendi, está em boas mãos. É sério. Ela é mais esperta do que parece, e vem fazendo esse tipo de coisa por muitas vidas. Sem contar que é praticamente a única pessoa que conheço que realmente pode oferecer alguma ajuda verdadeira e imparcial.

— Como sabe sobre as vidas passadas dela? — pergunto, sentindo um arrepio repentino. — Quero dizer, além do que eu contei a você?

Jude olha para mim, prolongando tanto o momento que estou prestes a interromper quando ele diz:

— Estive nos Grandes Salões do Conhecimento. Sei de praticamente tudo agora.

Faço que sim, engolindo em seco, tentando não surtar. Porque, mesmo tendo acabado de fazer a maior confissão de todos os tempos, eu ainda não disse *tudo*.

Mas ele me ignora, sem intenção de mudar de assunto:

— Então, quando terminar aqui, precisa falar com Damen. Não me importa o que vai dizer, isso é problema seu. Mas você tem dificultado as coisas para ele ultimamente, e não importa o que eu sinto em relação a você… — Ele para e balança a cabeça. — Bem, apenas faça o que estou pedindo, certo? Você ainda não está bem. Provou isso nesta noite, e precisa dele a seu lado para superar isso. É o certo a fazer. E dê um tempo no trabalho enquanto estiver resolvendo isso. Sem brincadeira, eu consigo me virar. Além disso, Honor se ofereceu para me dar uma ajuda, então talvez dê uma oportunidade a ela.

Concordo com a cabeça, impressionada com sua nobreza, com o modo como está sendo superior e me jogando nos braços de seu rival dos últimos séculos. Estou segurando a maçaneta, certa de que terminamos e prestes a sair do carro, quando ele coloca a mão em minha perna, inclina-se em minha direção e diz:

— Tem mais uma coisa.

Eu me viro, vendo como ele está sério enquanto seus dedos longos e frios apertam meu joelho.

— Embora prometa não interferir em seu relacionamento com Damen, também não pretendo me afastar. Passar quatrocentos anos perdendo a garota dos meus sonhos não tem me feito muito bem ultimamente.

— Você… você sabe sobre isso? — Fico sem ar e levo as mãos à garganta enquanto minha voz some.

— Você está falando do cavalariço parisiense, do conde inglês, do paroquiano da Nova Inglaterra e do artista conhecido como Bastiaan de Kool? — Seus olhos encontram os meus, dois lagos azuis queimando com o desejo de quatrocentos anos. — Sei — ele diz. — Sei tudo sobre isso. E *mais*.

Balanço a cabeça, sem saber o que dizer, como continuar. Seus dedos passam do joelho para meu rosto quando ele diz:

— Não me diga que não sente. Sei que sente. Posso ver em seu olhar, no modo como responde ao meu toque. Droga, inclusive percebi como reagiu quando me viu com Honor… *hoje*...! — Ele olha para o pulso, mas, como não está usando relógio apenas dá de ombros e ignora. — Não importa, não estou a fim da Honor, não como você pensa. É apenas uma coisa de aluna e professor… amizade, nada mais. — Ele inclina a cabeça enquanto seus dedos, as pontas macias de seus dedos, escorregam

gentilmente por meu rosto de modo tão suave e sedutor que nem se quisesse eu poderia ter me afastado. — Não tenho interesse em mais ninguém. Sempre foi só você. Embora possa não sentir o mesmo agora, quero que saiba que não temos restrições, nada que nos separe. Nada além de *você*. É você quem decide no final. — Ele se afasta, mas a lembrança de seu toque permanece e seu olhar queima dentro do meu. — Mas não importa o que decidir, não há como negar que *isso* — ele se aproxima novamente de mim — *existe*.

Quando olha para mim, com a cabeça inclinada de um jeito que permite que parte dos *dreadlocks* caia sobre o rosto e os ombros; quando levanta de leve as sobrancelhas; quando seu sorriso faz as covinhas aparecerem, quando ele me olha *assim* — realmente não posso negar.

Sim, eu sinto algo quando nos tocamos. *Sim*, ele é inegavelmente sexy, bonito e alguém com quem posso contar. *Sim*, em mais de uma ocasião percebi que me sentia um pouquinho envolvida por ele. Mas, mesmo assim, não se iguala ao que sinto por Damen. Nunca se igualou. Damen é o único para mim. E, mesmo sem ter conseguido nada neste dia insano, pelo menos serei sincera com Jude, não importa o quanto ele fique magoado…

— Jude… — começo a falar, mas ele coloca o dedo em meus lábios, impedindo que as palavras saiam.

— Entre, Ever — ele diz, tirando meu cabelo do rosto e colocando-o atrás da orelha, permanecendo com os dedos ali por um pouco mais de tempo, relutando em me deixar. — Conserte as coisas, reverta o feitiço, encontre um antídoto do antídoto, faça tudo o que for necessário. Não importa como se sinta em relação a mim, não importa sua escolha, no fim das contas, só quero que seja feliz. Mas também quero que saiba que não desisti e que não pretendo desistir tão cedo. Já estou nessa há quatrocentos anos, então também posso completar o percurso. Embora nos últimos séculos não tenha ocorrido uma briga muito justa, pelo menos agora, com a ajuda de Summerland, tenho alguns recursos em quase condição de igualdade. Posso não ser imortal, provavelmente não escolheria esse caminho por conta própria, mas é como dizem por aí, conhecimento é poder, certo? Agora, graças a você e aos Grandes Salões do Conhecimento, tenho isso em grande quantidade.

Respiro fundo, abro a porta do carro e entro na casa sem nem bater. Mesmo não tendo avisado que estava a caminho, mesmo que os ponteiros do relógio apontem para uma hora muito além do horário de visitas, não fico nem um pouco surpresa ao encontrar Ava na cozinha, preparando um bule de chá e sorrindo ao dizer:

— Ei, Ever, estava esperando você. Estou feliz por ter vindo.

vinte e oito

Ela empurra o prato de biscoitos em minha direção, por força do hábito, sem pensar. Depois balança a cabeça e ri baixinho enquanto tenta pegá-lo de volta, mas não vai muito longe, pois estico a mão e apanho um do fundo. Redondo, com a cor creme, macio e decorado com quadrados de açúcar. Quebro um pedaço da ponta e o coloco na boca, lembrando que esse era meu tipo preferido e desejando poder desfrutar dos doces, de qualquer comida, na verdade, como antes.

— Não precisa comer por minha causa — diz ela, levando a xícara aos lábios e soprando o chá uma, duas vezes, antes de tomar um gole. — Acredite, as gêmeas já gostam deles o suficiente, então eu não vou ficar ofendida se não quiser.

Encolho os ombros, querendo contar a ela que às vezes, quando sinto falta de ser normal, começo a comer, beber e comprar coisas em lojas, em vez de materializá-las, só para provar que ainda posso. Mas em geral não dura muito, e ultimamente só acontece quando é tarde e estou cansada, e mais do que apenas um pouco perdida, como é o caso agora. Nos outros momentos, nem consigo pensar em querer ser de novo normal daquele jeito.

Em vez disso, porém, apenas olho para ela e pergunto:

— Como estão as gêmeas? — Parto outro pedaço de biscoito, lembrando-me de como o sabor costumava ser doce, saboroso, delicioso, nem um pouco insosso e parecido com papelão como estou sentindo, mas sei que fui eu que mudei, não a receita.

— Sabe, é engraçado… — Ela coloca a xícara na mesa e se inclina em minha direção, movendo os dedos sobre a toalha verde de tecido como se a passasse com as mãos. — Nós nos demos tão bem e tão rápido que é como se o tempo não tivesse passado. Quem poderia imaginar? — Ela dá um sorriso tímido e balança a cabeça ao pensar. — Sei que a reencarnação trata principalmente do carma e de questões não resolvidas no passado, mas nunca imaginei que fosse tão… *literal*… no meu caso.

— E a magia delas? Está voltando?

Ela respira lenta e profundamente, aproxima os dedos da xícara novamente, pega com firmeza na asa, mas para antes de levantá-la e diz:

— Não. Ainda não. Mas talvez isso não seja ruim. — Ela sacode os ombros.

Olho para ela, confusa com o que pode estar querendo dizer.

— Bem, parece não ter dado muito certo com você, não é?

Deixo as mãos caírem sobre o colo, apertando, torcendo, puxando meus dedos. Ver-me curvada e nervosa basicamente responde à sua pergunta.

— E embora eu costumasse praticar magia também… bem, obviamente. — Ela coloca a língua para fora e simula que está puxando uma corda para se enforcar, depois cai no riso e aponta o dedo para mim quando me espanto. — Ah, relaxe. — Ela abre um sorriso rapidamente. — Não adianta chorar por um passado que não posso mudar. Cada passo que damos nos leva ao próximo, e pela atual conjuntura, o próximo passo está bem aqui. — Ela dá um tapa na mesa. — Por causa das minhas experiências nas vidas passadas, porque você me ajudou a ter acesso a Summerland, onde, depois de um tempo, tive acesso aos Grandes Salões do Conhecimento, sou muito mais capaz de entender coisas que antes só podia imaginar.

— É? Como o quê? — Estreito os olhos, retomando meu antigo modo agressivo de não deixá-la dizer nada sem interrompê-la rudemente.

Mas Ava, como sempre, resolve ignorar meu comportamento e prossegue como se eu nada tivesse dito.

— Aprendi que a magia, como a materialização, é apenas a simples manipulação da energia. Mas, enquanto a materialização normalmente é reservada à manipulação da matéria, a magia, pelo menos em mãos erradas… — Ela faz uma pausa e olha para mim, gritando com os olhos *"nas suas mãos!"*, ou pelo menos foi o que me pareceu. — Bem, se não for praticada corretamente, com a intenção adequada, tende a manipular *pessoas*, e é *aí* que começam os problemas.

— Queria que as gêmeas tivessem me alertado a esse respeito — resmungo, mal podendo acreditar que coloquei a culpa nelas.

— Talvez elas tenham se esquecido de mencionar, mas certamente Damen não esqueceu. — Ela olha para mim, obviamente incrédula, como mostram o arco de sua sobrancelha e o ângulo de seu queixo. — Ever, se veio aqui em busca de ajuda, pois considerando a hora e as circunstâncias é o que suponho que tenha vindo fazer, então, por favor, deixe eu *ajudar*. Não precisa inventar desculpas, não estou aqui para julgar você, de modo algum. Cometeu um erro, não é a primeira pessoa e certamente não será a última. Embora eu tenha certeza de que você sente que seu erro é extraordinariamente grande, incomensurável, ao contrário do que pode pensar, esse tipo de coisa sempre pode ser desfeita, e a maioria das vezes não chega nem perto de ser tão letal quanto imaginamos. Ou, devo dizer, quanto *permitimos* que seja.

— Ah, então agora sou eu que estou permitindo? — começo, e a argumentação vem com bastante prontidão, bastante facilidade. Mas não vem do coração, então rapidamente levanto a palma das mãos em um gesto de rendição. Suspiro, e acrescento: — Sabe, para alguém que precisa de ajuda com tanta frequência quanto eu, deveria ser mais fácil aceitar. — Reviro os olhos e balanço a cabeça, dirigindo os gestos a mim mesma, não a ela.

Ela dá de ombros, tira um biscoito de aveia da pilha e coloca uma uva-passa na boca.

— Nunca é fácil para os teimosos. — Ela sorri, olhando-me nos olhos. — Mas acho que já superamos isso, certo? — Vendo meu gesto de concordância, ela continua: — Acontece, Ever, que tanto com magia quanto com materialização, a *intenção* é o que mais importa, o resultado em que está focando. Sua intenção é a ferramenta mais importante que tem à disposição. Conhece a lei da atração, certo? — Ela olha para mim, passando a mão na manga de seda da camisa. — Sabe que atraímos aquilo em que estamos focados? Bem, não tem diferença aqui. Quando você foca no que teme, atrai mais daquilo que teme. Quando foca no que não quer, atrai mais daquilo que não quer. Quando foca em tentar controlar os outros, acaba sendo controlada. Sua concentração em algo traz mais *disso* e mais coisas *como* isso para sua vida. Impor sua vontade aos outros, para persuadi-los a fazer algo que normalmente não fariam… bem, isso não apenas *não* funciona, como também acaba voltando diretamente para você. E resulta em carma, assim como todas as ações, só que não é do tipo que age a seu favor, a não ser que esteja disposta a aprender algumas lições muito importantes, ou seja…

Ela continua falando, mas minha mente ainda está presa àquela parte do carma, sobre voltar para mim. Lembro-me de ouvir as gêmeas dizerem algo parecido, como: "É errado usar magia para fins egoístas e desprezíveis. Há um carma a pagar, e isso voltará para você multiplicado por três."

Engulo em seco e pego meu chá. Suas palavras parecem me olhar quando ela diz:

— Ever, você precisa entender que esse tempo todo tem resistido da pior forma possível. Resistindo a mim quando tentei ajudar, resistindo a Damen quando ele ficou preocupado com você, resistindo a Roman e às coisas horríveis que ele fez com você… — Ela levanta a mão, vendo que estou prestes a refutar a última afirmação, e com o dedo erguido para me silenciar, diz: — E a ironia

da resistência é que você acaba perdendo tanto tempo e energia concentrada nas coisas às quais está resistindo, nas coisas que *não* quer, que acaba atraindo exatamente essas coisas.

Olho para ela, sem saber se entendi. Não devo resistir a Roman? Bem… veja o que aconteceu, ou quase aconteceu, quando cheguei perto de me render a ele.

Ela endireita os ombros, coloca as mãos dos dois lados da xícara, olha em meus olhos e começa de novo.

— Tudo é energia, certo?

Foi o que me disseram.

— Se seus pensamentos são energia, e a energia atrai, então, todos os seus pensamentos sobre todas as coisas que mais teme… bem, na verdade você está *fazendo* com que elas aconteçam. Está materializando a existência delas simplesmente por ficar obcecada. Ou, colocando de maneira mais simples, como disseram os alquimistas: "O que está em cima é como o que está embaixo, o que está dentro é como o que está fora."

— É isso que chama de *colocar de maneira mais simples*? — Balanço a cabeça e fico rodando a xícara de chá. Para mim, é como se ela estivesse falando grego.

Ela sorri, os olhos pacientes, calmos.

— Significa que o que está dentro de nós também pode ser encontrado fora de nós. Que nosso estado interior de consciência, os pensamentos nos quais focamos sempre se refletem em nossa vida exterior. Não há escapatória, Ever, é assim. Mas o que você não percebeu é que a magia não está *lá fora*. Não está nas mãos da deusa ou da rainha. Está *aqui dentro.* — Ela aponta o polegar para o peito, olhando para mim enquanto todo o seu rosto se eleva. — Roman só tem poder sobre você porque você concedeu, entregou de bandeja! *Sim*, eu sei que ele a enganou, e *sim*, eu sei que ele está impedindo você de ficar de verdade com Damen, e *sim*, isso deve ser inimaginavelmente horrível. Mas se você parar de resistir ao que já *está feito*, se parar de focar em Roman e nas coisas podres que ele fez, poderá romper esse terrível laço que está unindo você a ele. E então, depois de um bom tempo de meditação e purificação, ele não vai mais incomodar… não mesmo.

— Mas ele ainda terá o antídoto… ele ainda… — começo, mas não adianta. Ava está embalada e ainda não terminou.

— Você está certa. Ele ainda terá o antídoto, e provavelmente vai relutar em entregar a você. Mas essa é uma situação que você não pode mudar. E ficar obcecada com isso, tentar todos os tipos de feitiço, também não vai mudar nada. Na verdade, só vai piorar. Ao fazer isso você permitiu que ele se tornasse o foco de seu universo, exatamente o que você não queria, e, acredite, Roman sabe muito bem disso. Ele faz de tudo para roubar sua concentração, é o que todo narcisista quer. Então, se realmente quer resolver isso e colocar sua vida de volta nos eixos, *pare. Pare* de focar sua energia no que não quer. *Pare* de colocar sua energia em Roman. Recuse-se a ir até lá e veja o que acontece.

Ela se inclina em minha direção, ajeitando os cabelos castanhos e ondulados atrás da orelha.

— Pelo meu palpite, assim que ele perceber que vocês estão se adaptando alegremente à situação, vivendo e desfrutando da companhia um do outro, *apesar* das limitações, ele vai se cansar do jogo e ceder. Mas assim, do jeito como você está se comportando agora, está oferecendo filé-mignon a um tigre, está apenas satisfazendo as necessidades mais primitivas dele. A fera está dentro de você, Ever, porque *você* a colocou aí dentro. Mas, acredite, pode se livrar dela com a mesma facilidade.

— Como? — Encolho os ombros, entendendo tudo o que ela acabou de dizer. Bem, depois que ela explicou, tudo começou a fazer sentido. Ainda posso sentir aquele pulso horrível e insistente agindo dentro de mim, e é um pouco difícil acreditar que é apenas uma questão de mudar meu foco.

— Quando tentei reverter o feitiço, a situação só ficou pior. Então, quando apelei a Hécate por ajuda, pareceu funcionar por um tempo, mas depois, quando vi Roman novamente… — A cor desaparece de meu rosto e meu corpo inteiro esquenta, horrorizada ao lembrar o que quase aconteceu comigo. — Bem, digamos apenas que descobri que a fera não tinha ido a lugar algum, estava bem viva, pronta para festejar. Embora eu entenda o que está dizendo, ou pelo menos ache que entendo, não vejo como o simples fato de mudar meus pensamentos vai ajudar. Quer dizer… Hécate está no comando, não eu, não tenho ideia do que fazer para ela ir embora.

Mas Ava apenas olha para mim e diz baixinho:

— Aí é que se engana. Hécate não está no comando, *você* está. Você esteve no comando todo o tempo. Embora odeie ter que dizer, porque sei como as pessoas ficam incomodadas ao ouvir, o monstro não é um ser externo que encontrou um jeito de entrar em você, não é uma possessão demoníaca, nem nada desse tipo. É *você*. O monstro é o *seu* lado negro.

Encosto na cadeira e balanço a cabeça:

— Ah, que ótimo! *Ótimo*. Então você está dizendo que minha atração por Roman é real? Que bom, Ava, muito obrigada por isso. — Suspiro alto e reviro os olhos de forma dramática.

— Eu disse que nem sempre dá certo. — Ela dá de ombros, provando que a esta altura já está praticamente imune às minhas reações insolentes. — Mas você deve admitir que, falando superficialmente, ele é estonteante, muito bonito… — Ela sorri, praticamente me implorando para concordar. Mas quando não digo nada, apenas sacode os ombros novamente e diz: — Mas não foi isso que eu quis dizer. Conhece o símbolo *yin-yang*, certo?

Faço que sim com a cabeça.

— O círculo de fora representa tudo, enquanto as áreas branca e preta representam duas energias que fazem tudo acontecer. — Ergo os ombros. — Ah, e cada um deles contém uma pequena semente do outro… — Estreito os olhos, sentindo de repente no que isso vai dar, sem saber se estou pronta para acompanhar.

— Exatamente — ela confirma. — E as pessoas não são diferentes dele. Por exemplo, digamos que você tenha uma melhor amiga, ela cometeu alguns erros… — ela olha em meus olhos — e está sendo tão crítica consigo mesma, se sentindo tão indigna de todo o amor e o apoio que está sendo oferecido, tão certa de que precisa passar por isso sozinha, consertar as coisas do próprio jeito e, no fim, tão obcecada com aquele que a atormenta que acaba se desligando de todos ao redor para ter mais tempo para se concentrar naquela pessoa que mais despreza, canalizando toda a atenção da pessoa para ela, até que, bem, obviamente estou falando de você, e você sabe como essa história termina… O que estou tentando deixar claro é que cada um de nós tem um lado sombrio, todos nós, sem *exceção*. Mas quando você se concentra tanto no lado negro, bem, voltamos à lei da atração, *gostar atrai gostar*, daí sua atração *monstruosa* por Roman.

— *Um lado sombrio?* — Olho para ela, lembrando-me de ter ouvido algo similar há algumas horas. — Você quer dizer, como… um *eu-sombra*?

— Agora você está citando Jung? — Ela ri.

Franzo o cenho, sem ter ideia de quem é.

— Dr. Carl Jung. — Ela continua rindo. — Ele escreveu tudo sobre o *eu-sombra*, basicamente dizendo que é nossa parte inconsciente e reprimida, as partes que nos esforçamos para negar. Onde escutou isso?

— Roman. — Fecho os olhos e balanço a cabeça. — Ele sempre está dez passos à minha frente e basicamente disse a mesma coisa que você, que o monstro era eu. Foi a última provocação dele antes

de eu fugir de lá.

Ela faz um gesto positivo com a cabeça, levanta o dedo e fecha os olhos.

— Deixe-me ver se eu consigo…

E, quando vejo, ela está balançando um livro antigo de couro.

— Como você…? — Olho para ela com os olhos arregalados, boquiaberta, mas ela apenas sorri.

— Tudo o que se pode fazer em Summerland também pode ser feito aqui, sabia? Não foi você mesma que me disse isso? Mas não foi materialização instantânea como está pensando, foi simplesmente telecinese… Eu evoquei o livro que estava na estante da sala ao lado.

— Mesmo assim… — Olho embasbacada para o livro, surpresa pela velocidade com que ela conseguiu pegá-lo. Surpresa ao ver que ela dominou tantas coisas e ainda assim escolheu viver *desse jeito*: bem, confortável, mas com bastante simplicidade para os padrões opulentos de Orange County. Estreito os olhos e a observo novamente, vendo que continua usando um pedaço de citrino bruto em uma corrente prateada simples, em vez das joias douradas e sofisticadas que sempre usou em Summerland, apesar de agora poder ter o que quiser. Não consigo parar de pensar se ela realmente mudou ou se continua sendo a velha Ava que eu conheci.

Ela se ajeita na cadeira, apoia o livro na mesa e vai diretamente à página certa, acompanhando as linhas com o dedo enquanto lê:

— "Todos carregam uma sombra, e quanto menos ela estiver incorporada na vida consciente do indivíduo mais negra e densa ela será (…) A psicologia diz que quando uma situação interna não se torna consciente, acontece externamente como destino (…) forma uma barreira inconsciente, anulando nossas melhores intenções." E assim por diante. — Ela fecha o livro, olha para mim e acrescenta: — Foi o que disse o dr. Carl G. Jung, e quem somos nós para desmentir? — Ela sorri. — Ever, conseguir ou não atingir nosso potencial completo ou cumprir nossos verdadeiros destinos depende de nós. É uma realização totalmente nossa. Lembra o que eu disse antes? *O que está dentro é como o que está fora?* Aquilo no que pensamos, no que nos concentramos, sempre, *sempre* se reflete no exterior. Então eu pergunto: no que quer se concentrar? Quem você quer se tornar daqui em diante? Como quer que seu destino se desdobre? Você tem um caminho, um propósito, e embora eu não saiba qual é, tenho a estranha sensação de que é algo poderoso e gigantesco. Embora tenha se desviado um pouco do curso, se me permitir, posso ajudar você a voltar para o caminho. Tudo que precisa fazer é dizer a palavra.

Olho para minha xícara de chá, para os pedaços do biscoito, ciente de que tudo o que fiz até agora, todas as minhas ações vergonhosas e imprudentes, trouxeram-me de volta para cá. De volta para a cozinha de Ava. O último lugar para o qual eu retornaria.

Passo o dedo várias vezes pela borda do pires, pesando minhas opções, que reconheço serem poucas, levanto a cabeça, olho para ela, sorrio e digo:

— Palavra.

vinte e nove

Antes mesmo de eu bater, Damen já está de prontidão. Mas, bem, ele sempre esteve. Tanto literalmente quanto no sentido figurado. Ele esteve de prontidão nos últimos quatrocentos anos, do mesmo jeito que está agora: pés descalços, robe meio aberto, cabelo despenteado de um modo extremamente charmoso, olhando para mim com os olhos semifechados, sonolento.

— Oi — ele diz, com a voz áspera, grossa, como se tivesse acabado de acordar.

— Oi para você também. — Sorrio, passo por ele e começo a subir as escadas, pegando sua mão e puxando-o para vir junto. — Você não estava mesmo brincando quando disse que sempre é capaz de sentir quando eu estou por perto, não é?

Ele aperta meus dedos e passa a outra mão no cabelo, tentando domá-lo, arrumá-lo, mas eu apenas sorrio e digo para deixar como está. É tão raro vê-lo assim, sonolento, desarrumado, um pouco desgrenhado, e devo admitir que até gosto disso.

— E então, o que está acontecendo? — Ele me acompanha até seu quarto especial, coçando o queixo enquanto me vê admirar sua coleção de objetos muito antigos.

— Bem, para começar, estou melhor. — Dou as costas para uma versão dele muito sério, pintada por Picasso, preferindo olhar para a versão real, muito mais bonita e sexy. Olho em seus olhos e digo: — Hum, posso não estar cem por cento ainda, mas definitivamente estou na direção certa. Se seguir o programa direitinho, não deve demorar.

— Programa? — Ele se apoia no canapé antigo de veludo e olha para mim, analisando-me tão cuidadosamente que acabo passando as mãos no vestido rápida e timidamente, pensando que deveria pelo menos ter reservado um tempo para materializar algo menos amarrotado, algo novo e gracioso, antes de vir correndo, como eu fiz.

Mas fiquei tão empolgada com minha conversa com Ava e com a série de meditações para cura e purificação a que ela me submeteu, que não podia esperar. Não podia esperar para contar a ele, para estar com ele novamente.

— Ava me arranjou um tipo de… purificação rápida. — Sorrio. — Só que do tipo mental, não aquela coisa de chá verde e ramos. Ela disse que me deixaria… bem… — Dou de ombros. — Melhor, inteira novamente, renovada e aperfeiçoada.

— Mas… eu pensei que você estivesse melhor ontem. Ou pelo menos foi o que me disse em Summerland. — Ele inclina a cabeça.

Faço um gesto positivo, determinada a focar na viagem que fiz com ele, e não naquela em que encontrei Jude, após a cena horrível com Roman.

— É, mas… agora eu me sinto ainda melhor… mais forte… como a antiga Ever. — Olho para ele, ciente de que preciso admitir que a próxima etapa faz parte do ritual de purificação: confessar, reparar. Não é muito diferente do típico programa dos doze passos, mas eu também não sou muito diferente de outro qualquer viciado lutando contra uma terrível dependência.

— Ava disse que eu sou viciada em negatividade. — Engulo em seco e olho para ele, forçando-me a não desviar o olhar. — Não era apenas a magia de Roman. Segundo ela, eu estava viciada em pensar em meus medos, em aspectos ruins da minha vida, como… você sabe, como minhas decisões erradas e o fato de não podermos ficar juntos de verdade e, bem, coisas desse tipo. E que, ao fazer isso, ao me concentrar em tudo isso, na verdade acabava atraindo… hum, todo tipo de obscuridade e tristeza e… bem… *Roman*, e como resultado excluí as pessoas que mais amo. Como *você*, por

exemplo.

Engulo em seco e me aproximo dele. Parte de meu cérebro grita: *Conte a ele! Conte a ele o que realmente a levou a chegar a essa conclusão. O que aconteceu com Roman… como você ficou sombria e distorcida!*

Enquanto a outra parte, a que optei por escutar, diz: *Você já falou demais… é hora de mudar de assunto! A última coisa que ele gostaria de saber são os detalhes repugnantes.*

Ele vem em minha direção, pega minhas mãos e me puxa para mais perto, respondendo à pergunta em meus olhos ao dizer:

— Eu perdoo você, Ever. Sempre vou perdoar. Sei que admitir todas essas coisas não foi fácil, mas eu achei bom ter feito isso.

Engulo em seco, sabendo que agora é minha chance, minha última chance, que é melhor que ele ouça de minha boca do que saiba por intermédio de Roman. Mas, quando estou prestes a revelar, ele passa as mãos por minhas costas e o pensamento se esvai, e só consigo me concentrar em seu toque, no calor de seu hálito em meu rosto, na *quase* sensação de seus lábios em minha orelha, no formigamento quente que percorre meu corpo, da cabeça até os dedos dos pés. Seus lábios encontram os meus, apertando, pressionando, enquanto o campo constante permanece entre nós. Mas cansei de ficar me ressentindo por isso, cansei de não dar atenção. Estou determinada a aproveitar as coisas do jeito como elas são.

— Quer namorar lá em Summerland? — ele sussurra, brincando apenas em parte. — Você pode ser a musa e eu posso ser o artista e…

— E você pode me beijar tanto que nunca vai terminar de pintar aquele quadro? — Eu me afasto e rio, mas ele apenas me puxa de volta para perto.

— Mas… eu já pintei você. — Ele sorri. — Minha única pintura que importa de verdade. — Depois, vendo meu olhar curioso, ele acrescenta: — Lembra? Aquela que está em algum lugar do Getty Center neste exato momento.

— Ah, verdade. — Eu rio, lembrando-me daquela noite mágica, quando ele pintou uma versão de mim tão bela, tão angelical que tive certeza de que não merecia. Mas cansei de pensar assim. Se o que Ava diz está certo, se gostar atrai gostar, e a máxima "Diz-me com quem andas que te direi quem és" se aplica, então é melhor eu andar com Damen, não com Roman, e é melhor começar agora. — Provavelmente está em algum porão sem janelas, bem-escondido, onde centenas de historiadores da arte estão reunidos apenas para estudá-lo, tentando determinar quem o pintou e de onde pode ter vindo.

— Você acha? — Ele olha para o nada, obviamente gostando da ideia.

— E então — murmuro, pressionando meus lábios em seu queixo, enquanto meus dedos brincam com a gola de seda de seu robe —, quando vamos comemorar o *seu* aniversário? E como vou conseguir superar o presente que você me deu?

Ele vira a cabeça e suspira, o tipo de suspiro que vem de um lugar lá no fundo, não física, mas emocionalmente. É um suspiro cheio de tristeza e arrependimento. É o som da melancolia.

— Ever, não precisa se preocupar com meu aniversário. Eu não comemoro desde…

Desde os dez anos. É claro! Aquele dia horrível que começou tão bem e terminou com Damen sendo forçado a ver seus pais serem assassinados. Como eu poderia esquecer?

— Damen, eu…

Começo a me desculpar, mas ele faz um gesto com a mão de que é desnecessário, vira de costas e vai na direção de seu retrato sobre o cavalo branco com a crina grossa pintado por Velásquez. Passa

os dedos no canto da enorme moldura dourada, como se precisasse ser ajustada, mesmo sendo óbvio que não.

— Não precisa se desculpar — ele diz, ainda sem querer olhar para mim. — É sério. Acho que contar os anos não parece tão importante depois de viver tanto.

— Será que vai ser assim para mim também? — pergunto, com dificuldade em não ligar para um aniversário ou, até pior, esquecer qual é o dia.

— Não vou deixar que seja assim para você. — Ele se vira e seu rosto se ilumina ao olhar para mim. — Cada dia será uma celebração… a partir de agora. Eu prometo.

Mas mesmo que esteja sendo sincero, mesmo que tenha a intenção de fazer exatamente aquilo, ainda olho para ele e balanço a cabeça. Porque a verdade é que, por mais que eu esteja comprometida em limpar minhas energias e me concentrar apenas nas coisas boas e positivas, a vida ainda é a vida. Ainda é dura, complicada e um tanto confusa: são lições a serem aprendidas, erros a serem cometidos, triunfos e decepções, e nem todo dia foi feito para ser uma festa. E acho que finalmente percebi, finalmente aceitei que tudo bem em ser assim. Pelo que vi, até Summerland tem seu lado negro, sua própria versão do *eu-sombra*, um pequeno canto escuro no meio de toda a luz… ou, pelo menos para mim, foi o que pareceu.

Olho para ele, sabendo que preciso contar, perguntando-me por que não mencionei ainda, quando meu telefone toca. Olhamos um para o outro e gritamos:

— Adivinha!

É um jogo que fazemos para ver quem tem os poderes paranormais mais fortes e rápidos, e só temos um segundo para responder.

— Sabine! — digo, presumindo que ela tenha acordado, encontrado minha cama vazia e agora esteja calmamente tentando descobrir se fui sequestrada ou se saí por vontade própria.

Menos de uma fração de segundo depois, Damen diz:

— Miles. — Mas sua voz não está nem um pouco descontraída, e seu olhar fica tenso e preocupado.

Pego o telefone na bolsa e, é claro, aparece a foto que tirei de Miles usando a roupa de *drag queen* de Tracy Turnblad, fazendo pose e sorrindo para mim.

— Oi, Miles — digo, ouvindo uma série de zumbidos, zunidos e estática, a trilha sonora normal das ligações transatlânticas.

— Acordei você? — ele pergunta com a voz baixa, distante. — Se acordei, bem, fique feliz por você não ser eu. Meu relógio biológico ficou confuso por dias. Dormi quando deveria estar comendo, comi quando deveria estar… Bem, esqueça isso, já que estou na Itália e a comida é *incrível*, praticamente como o tempo todo. É sério. Não sei como as pessoas aqui fazem isso e continuam tão lindas. Não é justo. Alguns dias de *dolce vita* e já estou gordo e inchado… mas, mesmo assim, estou *amando*. Estou falando supersério. Tudo aqui é *incrível*! Bem, e que horas são aí?

Olho em volta e não encontro um relógio, então apenas dou de ombros e digo:

— Cedo. E aí?

— Não tenho ideia, mas deve ser de tarde. Fui a uma discoteca incrível ontem à noite… Sabia que não é preciso ter vinte e um anos para entrar em casas noturnas ou beber aqui? Quer dizer, Ever, *isso* é que é vida. Esses italianos realmente sabem viver! Bem, vou guardar tudo isso para depois… para quando eu voltar… até enceno para você e tudo, prometo. Por enquanto, o custo desta ligação já está provocando uma trombose em meu pai, com certeza, então deixe eu e dizer logo que você

precisa contar a Damen que eu passei naquele lugar que Roman falou e… *alô*? Está me ouvindo… está aí?

— Hum, estou, ainda estou aqui. A ligação está um pouco ruim, mas dá para escutar. — Viro as costas para Damen e me afasto alguns passos, principalmente porque não quero que ele testemunhe a horrível cara de terror que estou fazendo.

— Certo, bom, passei naquele lugar do qual Roman ficou falando. Na verdade, acabei de sair de lá… e, bem, preciso dizer, Ever, tem umas coisas muito estranhas lá. *Muito estranhas*. Tipo… alguém vai ter que me dar muitas explicações quando eu voltar.

— Estranhas… *como*? — pergunto, sentindo a presença de Damen bem atrás de mim, sua energia mudando de relaxada para extremamente alerta.

— Apenas… *estranhas*. Vou dizer apenas isso, mas… *droga*… está me ouvindo? Está falhando de novo. Ouça, apenas… *ugh*… bom, eu mandei algumas fotos por e-mail, então, haja o que houver, *não* apague sem olhar. Certo? *Ever?* Ever! *Maldito... telefo...*

Engulo em seco e desligo, sentindo a mão de Damen em meu braço, enquanto ele pergunta:

— O que ele queria?

— Ele me mandou umas fotos — digo com a voz grave, olhando diretamente em seus olhos. — Algo que ele realmente quer que a gente veja.

Damen faz um gesto positivo com a cabeça, com uma expressão de aceitação determinada, como se o momento pelo qual esperava tivesse chegado, e ele agora se preparasse para a queda, para ver como reajo, para ver quanto dano foi causado.

Clico na home page, depois no e-mail, e observo a rodinha da conexão girar e girar, até que a mensagem de Miles aparece. E assim que abre, perco o fôlego… meus joelhos vacilam no segundo em que vejo.

A foto.

Ou melhor, a foto da pintura. A fotografia ainda não havia sido inventada naquela época, não seria inventada por várias centenas de anos. Mas, ainda assim, lá estava, exposta diante de mim, e sem dúvida era ele. Eram *eles*. Posando juntos.

— É muito ruim? — ele pergunta, com o corpo totalmente paralisado, olhando para mim. — Tão ruim quanto eu esperava?

Olho para ele, mas apenas por um segundo antes de voltar a olhar para a tela do celular, sem querer desviar os olhos.

— Depende do que você estava esperando — murmuro, lembrando-me de como me senti naquele dia em Summerland, quando espionei seu passado. Como fiquei doente e completamente louca de ciúmes quando chegou a parte em que ele se casava com Drina. Mas isso… isso nem se compara. Na verdade, nem chega perto. Ah, claro, Drina é estonteante… Drina *sempre foi* estonteante, mesmo em seus piores e mais cruéis momentos, ela era de tirar o fôlego. Pelo menos por fora. E tenho certeza de que, não importa a década em que estivesse, fosse a época dos saiotes ou das saias rodadas com um poodle estampado, ela também era estonteante. Mas acontece que Drina se foi. Tanto que pensar nela ou *vê-la* não me incomoda mais. Na verdade, não me incomoda nem um pouco.

O que me incomoda é Damen. O modo como está parado, como olha para o artista e como… como é arrogante e vaidoso e, bem, *cheio de si*. E mesmo tendo um quê de fora da lei que me agrada, não é divertido, como estou acostumada. É muito menos *vamos-matar-aula-e-apostar-nos-cavalos* e muito mais *esse-é-meu-mundo-e-você-tem-sorte-de-eu-deixá-lo-entrar*.

Então, olho mais para os dois: Drina sentada discretamente em uma cadeira, com as costas eretas,

as mãos dobradas harmoniosamente sobre o colo, o vestido e os cabelos adornados com tantas joias e laços e coisas brilhantes que ficariam ridículos em qualquer outra pessoa… enquanto Damen está parado atrás dela, com uma das mãos na cadeira, a outra ao lado do corpo, o queixo inclinado, a sobrancelha arqueada como a de uma pessoa esnobe. Bem, há algo nele, algo no visual, no olhar… quase cruel, até mesmo brutal. Como se estivesse disposto a fazer o necessário, de qualquer jeito, para ter o que queria.

E mesmo que ele tenha feito muitas menções à sua personalidade anterior, a seu ex-modo narcisista de ser, sedento de poder… uma coisa é ouvir, outra é ver nitidamente.

Mesmo havendo mais arquivos anexados, apenas olho por alto. Miles só está interessado no fato de Damen e Drina terem sido pintados há centenas de anos, de que em cada retrato, alguns pintados com séculos de diferença, segundo as placas, eles de alguma forma tenham permanecido jovens, bonitos e misteriosamente inalterados. Ele não liga nem um pouco para a conduta de Damen, para o modo como se coloca, para seu olhar… não, essa surpresa é minha.

Entrego o telefone a Damen, vendo como seus dedos tremem ligeiramente quando o pega, e ele olha rapidamente as imagens antes de me devolver. Sua voz é grave e firme quando diz:

— Já passei por isso uma vez e realmente não preciso ver de novo.

Concordo com a cabeça e guardo o telefone na bolsa, demorando um pouco demais, obviamente evitando seu olhar.

— Então, agora já viu. O monstro que eu costumava ser — ele diz, e suas palavras atingem diretamente meu âmago.

Engulo em seco e deixo a bolsa cair no tapete de lã grossa, uma antiguidade de valor inestimável que deveria estar em um museu, não sendo usada diariamente. Sua estranha escolha de palavras me faz lembrar a conversa que tive com Ava: todos têm um monstro, um lado negro, *sem exceção*. E mesmo que a maioria das pessoas passe a vida toda determinada a enterrá-lo, forçá-lo a ficar escondido lá no fundo, acho que se tivessem vivido tantos anos quanto Damen seriam obrigadas a confrontá-lo de tempos em tempos.

— Sinto muito — digo, percebendo de repente que sinto mesmo. Não importa muito onde estivemos. É onde estamos agora que conta mais. — Eu… eu acho que não estava esperando por isso e fiquei um pouco surpresa. Eu nunca vi você desse jeito.

— Nem em Summerland? — Ele olha para mim. — Nem nos Grandes Salões do Conhecimento?

Faço que não com a cabeça.

— Não, eu adiantei o filme nessas partes. Não suportava ver você com Drina.

— E agora?

— Agora… — Suspiro. — Drina não me incomoda mais… só você. — Tento rir, tento deixar o clima mais leve, mas não funciona muito.

— Bem, se não estiver enganado, acho que isso é o que se chamaria de progresso. — Ele sorri, puxando-me para seus braços e apertando-me contra o peito.

— E Miles? — Olho para seu rosto, para a inclinação de sua sobrancelha, o ângulo de seu queixo, passando os dedos nos pelos eriçados que surgem ali. — O que vamos dizer a ele? Como vamos explicar isso? — Minha hesitação, minha rejeição ao antigo Damen já desapareceu para sempre. Nosso passado pode fazer parte de quem somos, mas não define quem vamos nos tornar.

— Vamos contar a verdade — ele diz com a voz firme, como se realmente estivesse pensando em fazer isso. — Quando chegar a hora, vamos contar a verdade. E do jeito como as coisas vão, não vai demorar muito.

trinta

— Certo, agora quero que se concentre em alimentar sua energia. Purificar, elevar, acelerar a velocidades cada vez maiores. Acha que pode fazer isso?

Fecho bem os olhos e me concentro. A parte da aceleração é sempre a mais difícil para mim. Lembro-me de quando Jude tentou me ensinar para que eu pudesse ver Riley novamente. Mas não importa o quanto tentasse, minha energia continuava muito estagnada, muito entorpecida, muito confusa, e eu acabava sintonizando com entidades terrenas, e não com aquelas que haviam cruzado para o outro lado, as que eu queria ver.

— A cada inspiração, quero que imagine uma luz branca bonita, curativa, brilhante, enchendo você, começando no alto da cabeça e descendo até os dedos dos pés. Depois, a cada expiração, quero que imagine toda a negatividade que restou, qualquer dúvida, tudo que se associe à expressão *não posso* indo embora para sempre. Encare isso como um trabalho árduo, sujo, e pesado, se quiser. Sempre funciona para mim. — Ela ri. Sua voz é como um sorriso.

Faço que sim com a cabeça, e, como meus olhos estão fechados, só consigo imaginar que as gêmeas estejam concordando também. A relação delas com Ava é praticamente a mesma que têm com Damen — idolatria total e completa e disposição para fazer tudo o que ela diz. E embora não tenham ficado tão animadas com o fato do *Livro das sombras* ter sido banido de seu plano de estudos, mesmo depois que contei meu próprio caso de magia que deu errado, mostrando como as coisas podem se desviar quando a intenção é um pouco obscura e o bom senso é vencido pela obsessão, não perderam tempo em dizer que *elas* nunca seriam tão burras quanto *eu*. Nunca realizariam nenhum tipo de ritual na lua negra. Tentariam manipular apenas matéria, nunca as ações de outro ser humano. Mas Ava foi firme, e é por isso que estamos de volta à purificação da energia e à meditação.

Mesmo seguindo com o plano, imaginando o fluxo de luz branca passando por mim enquanto expulso a crosta negativa que tende a se formar do lado de dentro, mesmo que depois de apenas algumas semanas fazendo isso eu já tenha notado uma tremenda diferença em minha aparência, na maneira como me sinto e, mais importante, no modo como voltei a materializar e me comunicar telepaticamente com Damen, mesmo sabendo que participar dessa meditação em grupo é bom para mim e vai me ajudar a alcançar o destino que quero… apesar de tudo isso, minha mente não para de pensar no dia anterior, na praia, quando tirei folga do trabalho para ficar com Damen.

Estendemos nossas toalhas lado a lado, tão próximas que as bordas ficaram sobrepostas. Além disso, havia uma pilha de revistas a meu lado, uma prancha de surfe personalizada, recém-materializada, ao lado dele (já que a antiga se partira no infeliz desmoronamento da caverna alguns dias antes), junto com algumas garrafas de elixir gelado e um iPod que passávamos de um para o outro, mas que eu usei na maior parte do tempo. Nós dois determinados a aproveitar o verão que havíamos planejado, mas ainda não tínhamos vivenciado. Nós dois buscando um dia longo e relaxante na praia, como qualquer outro casal.

— Quer surfar? — perguntou ele, levantando-se e pegando a prancha.

Mas eu fiz que não com a cabeça. No que diz respeito a surfe, é melhor para todos que eu fique onde estou e assista de longe.

E foi o que eu fiz. Vendo-o caminhar para a água, erguendo os ombros e deslocando o peso para os cotovelos enquanto ele se movia pela areia de forma tão ligeira, fiquei me perguntando se mais

alguém estava tão hipnotizado por aquela visão quanto eu.

Meu olhar ainda estava em Damen quando ele jogou a prancha no mar e começou a remar, transformando o que antes eram ondas pequenas em uma sucessão de tubos quase perfeitos. Ignorei com prazer minhas revistas e o iPod para ficar contemplando, até que Stacia apareceu a meu lado, colocou os cabelos longos, com luzes recém-feitas, atrás da orelha, ajeitou a bolsa de marca no ombro, abaixou os óculos de sol e disse:

— Nossa, Ever, que *branquela*!

Engoli em seco, respirei fundo, pisquei algumas vezes, mas foi só isso. Não demonstrei tê-la escutado. Estava determinada a ignorá-la, a agir como se ela fosse invisível, e me concentrar em Damen.

Ela ficou parada, fazendo um som de reprovação com a boca enquanto me olhava de cara feia, mas não demorou muito para se cansar do jogo e ir embora, arrastando os pés na areia e escolhendo um lugar perto da água, onde eu ainda podia vê-la.

E foi quando me deixei levar. Quando fui contra tudo o que Ava havia me ensinado sobre me fortalecer e não dar ouvidos a Stacia e a todas as outras pessoas como ela, dando preferência à minha própria, e mais positiva, trilha sonora. Foi quando deixei suas palavras se repetirem em minha cabeça, olhei para meu corpo e concordei com ela. Mesmo que alguns minutos antes eu estivesse me sentindo bem em relação à minha aparência, empolgada porque meu corpo enfraquecido e doente já estava mais cheio novamente, não havia como negar o fato de que eu estava branca — *ofuscantemente* branca —, um branco que definitivamente exigia o uso de óculos escuros e que só podia ser descrito como *pálido*. E quando se somava isso aos cabelos claros e ao biquíni branco… a verdade é que não era nada bonito. Eu podia perfeitamente ser confundida com um fantasma.

Naquele ponto eu já estava tão arrasada, tão convencida de sua visão negativa a meu respeito, que para me livrar dela precisei de uma longa sessão daquelas respirações purificadoras de que Ava tanto gosta. E ainda assim eu não consegui esquecê-la totalmente e fiquei observando-a cochichar com Honor, rir alto, jogar os cabelos para trás de modo teatral e virar a cabeça de um lado para o outro, observando o tempo todo para ver se alguém a notava, mas sempre voltando a olhar para mim, com um sorrisinho falso, revirando os olhos, balançando a cabeça indignada, praticamente fazendo todo o possível para me mostrar como me achava revoltante. Embora tivesse sido mais fácil sintonizar meu controle remoto quântico e ouvir tudo o que elas estavam ou não dizendo, resolvi parar.

Mesmo tendo ficado tentada, principalmente depois de saber todo o plano de Honor para derrubar Stacia e estrelar seu próprio golpe social no último ano de escola — sem mencionar seu "extraordinário", bem, pelo menos segundo Jude, progresso nas aulas de Desenvolvimento Mediúnico nível 1, aprendendo tão rapidamente e com tanta facilidade, dominando tantas técnicas que ele passou a lhe dar aulas particulares. Apesar de tudo isso, não fiz nada. Não escutei a conversa delas às escondidas. Já sei que vou passar por isso muitas vezes quando as aulas voltarem. Em vez disso, mudei o foco para Damen, apreciando como ele se movia na água com tanta graça e elegância. O modo como ele praticamente brilhava ao sol. Uma combinação surpreendente de pele bronzeada, músculos trabalhados e uma beleza de deixar qualquer um de queixo caído quando saiu da água com a prancha debaixo do braço, caminhando em minha direção.

Ele passou imune ao olhar duro e brilhante e ao cumprimento meloso de Stacia, e largou a prancha na areia, deixando cair gotas de água salgada em minha barriga enquanto se inclinava para me beijar, ignorando o olhar atento dela, que nada deixou escapar, e sentou-se a meu lado e beijou-

me novamente com o véu de energia entre nós, mantendo-nos a salvo, mas invisível para elas.

Ou pelo menos foi o que pensei, até que levantei a cabeça e percebi como Honor estava olhando para nós, principalmente para *ele*. Seu olhar me lembrava o de Stacia: prolongado, ansioso, mas também, pelo menos em seu caso, cheio de uma grande dose de *percepção* e *visão*.

E quando ela me encarou, vi o sorriso em seus lábios. Um sorriso que apareceu e desapareceu tão rapidamente que cheguei a me perguntar se de fato existira. Depois, fiquei apenas com uma sensação prolongada de terror, virei-me e voltei para Damen…

— Ever? Olá-*á*! — Ava me chama enquanto Romy ri e Rayne resmunga baixinho. — Ainda está aqui conosco? Ainda está fazendo suas respirações purificadoras?

E, de uma hora para outra, minha lembrança da praia se desfaz e volto à casa de Ava.

Balanço a cabeça e meu olhar encontra o dela enquanto digo:

— Hum… não, eu me distraí um pouco.

Mas Ava mexe os ombros, ela é uma daquelas professoras boazinhas, não há demérito em suas aulas.

— Acontece — diz ela. — Podemos ajudar?

Olho para Romy e Rayne, balanço a cabeça e digo:

— Não. Está tudo bem.

Observo enquanto ela levanta as mãos sobre a cabeça, alongando-se de um lado para o outro, lenta e languidamente, e depois olha para mim e pergunta:

— O que acha? Quer tentar?

Aperto os lábios e dou de ombros. Não sei bem no que vai dar, mas estou pronta para fazer uma tentativa.

— Que bom. Acho que já é hora. — Ela sorri. — Quer companhia ou prefere ir sozinha?

Olho para as gêmeas, vendo o modo como olham para os pés, para os quadros na parede, para a barra de seus vestidos, para tudo, menos para mim. As últimas tentativas de levá-las para Summerland deram errado e, sem querer correr o risco de deixá-las mal novamente, digo:

— Hum, acho que vou sozinha, se estiver tudo bem para vocês.

Ava olha em meus olhos, fixando-se neles por um instante antes de juntar as palmas das mãos, abaixar a cabeça e dizer:

— Faça uma boa viagem, Ever. Boa sorte.

Suas palavras ainda ecoam em minha cabeça enquanto atravesso o grande campo perfumado e caio bem em frente aos Grandes Salões do Conhecimento. Limpo-me ao ficar de pé, sentindo-me pronta, purificada, total e completamente inteira de novo, esperando que o responsável por permitir as entradas concorde comigo.

Espero que a fachada mutável fique visível para mim.

Subo as escadas, sem querer perder um segundo, sem querer deixar tempo para dúvida. Olho para a grandiosa construção diante de mim, as colunas imponentes, o grande teto inclinado, e respiro aliviada quando começa a piscar e mudar. Transformando-se em todas as maiores belezas do mundo, nos lugares sagrados, enquanto a porta se abre diante de mim.

Estou dentro!

Estou de volta.

Sigo pelo piso de mármore brilhante, passo pela longa fileira de mesas e bancos em que várias pessoas buscam alento espiritual. Cada uma delas com suas placas de cristal, cada uma delas

procurando respostas. De repente, percebo que não sou muito diferente delas, estamos todos aqui pelos mesmos motivos: estamos todos em algum tipo de busca.

Então fecho os olhos e penso:

Primeiro, obrigada por me dar uma segunda chance e permitir que eu entre aqui novamente. Sei que fiz umas bobagens e saí um pouco dos eixos, mas agora que aprendi algumas lições prometo que não vou estragar tudo novamente — pelo menos não do mesmo jeito. A verdade é que minha busca não mudou. Ainda preciso pegar o antídoto com Roman para que Damen e eu possamos… bem… ficar juntos. E já que Roman é a chave, o único que tem acesso ao antídoto, preciso saber como lidar com ele, como me aproximar dele de um modo que consiga o que preciso mas sem… sem manipulá-lo ou… fazer feitiços, ou me deixar enganar daquele jeito de novo. Então, acho que o que estou tentando dizer é que preciso saber como abordá-lo. Não sei muito bem como agir agora, e se puder me ajudar com isso, dar algum tipo de dica, mostrar o que acha que eu preciso saber para lidar com ele da maneira certa… bem, eu ficarei muito agradecida.

Respiro fundo e fico parada, ciente de um zumbido distante que sibila à minha volta, e quando abro os olhos vejo que estou em um salão. Não o mesmo de antes, com o corredor infinito e as inscrições hieroglíficas na parede; este salão é mais largo e menos comprido, mais como um corridor que leva às fileiras de assentos em um estádio fechado ou em uma casa de shows. Quando chego lá, quando chego à outra extremidade, vejo que estou em um estádio, tipo um coliseu, só que particular. Há apenas um assento, e está reservado para mim.

Eu me acomodo, desdobro o cobertor que está a meu lado e o coloco no colo. Olho para as paredes, as colunas… tudo parece velho, rachado, como se fosse construído há muito tempo, na Antiguidade. Fico imaginando se devo fazer alguma coisa, dar o primeiro passo, quando um holograma colorido aparece bem diante de mim.

Eu me inclino naquela direção, olhando com os olhos semicerrados para a visão quase alucinatória de uma família. A mãe está pálida, febril, deitada de costas, sentindo muita dor, gritando de agonia, implorando para Deus levá-la, sem nem mesmo ter a chance de segurar o filho que nasceu um pouco antes de seu desejo ser atendido. Ela dá um último suspiro e se vai. Sua alma ascende enquanto o bebê, o pequeno recém-nascido, é limpo, envolvido em um pano e entregue a um pai muito ocupado, chorando por sua mulher morta, para lhe dar qualquer atenção.

Um pai que nunca para de chorar pela esposa e que culpa o filho por sua perda.

Um pai que recorre à bebida para anestesiar a dor, e depois à violência, quando a bebida não funciona.

Um pai que bate no pobre filho desde que ele começa a engatinhar até o dia em que, em um estupor bêbado, começa uma briga com alguém muito maior e mais forte, uma briga que não pode vencer. Seu corpo surrado e ensanguentado é deixado em uma viela, sem chance de restabelecer, mas ainda dando os últimos suspiros, quando o doce alívio que ele buscou o tempo todo finalmente chega. Ele deixa para trás uma criança faminta e abandonada, que logo passa à guarda da Igreja.

Uma criança com pele morena, grandes olhos azuis e cachos dourados que só podem pertencer a Roman.

Só podem pertencer a meu rival, meu inimigo, meu eterno antagonista, a quem não posso mais odiar. De quem apenas sinto pena depois de ver a maneira como ele, mais novo que os outros e pequeno para sua idade, luta para se encaixar, para agradar, para ser notado e amado, mas apenas passa de filho negligenciado, ignorado e maltratado a empregado de alguém, a flagelado favorito de alguém.

E mesmo quando Damen prepara o elixir e manda todos beberem, para que não sejam levados pela peste negra, Roman é o último a ser servido. Estava sendo completamente ignorado até que Drina chamou a atenção para ele, insistindo que as últimas gotas fossem dadas ao menino.

Embora me obrigue a ficar até o final, assistindo a centenas de anos de seu ressentimento cada vez maior em relação a Damen, centenas de anos de amor a Drina sendo negado várias vezes, centenas de anos de Roman ficando tão forte e tão perfeito a ponto de ter qualquer coisa ou pessoa que quisesse, menos aquela que queria mais — aquela que roubei dele para sempre —, mesmo assistindo a tudo isso, eu não precisava.

A fera nasceu há seiscentos anos, quando o pai o espancou, quando Damen o negligenciou, quando Drina foi gentil com ele. Certamente ele poderia ter vivido de outra forma, feito escolhas melhores, se pelo menos alguém tivesse lhe mostrado o caminho. Mas ninguém pode dar o que não tem.

Quando o holograma termina, quando as imagens desaparecem e as luzes se apagam, sei o que fazer. Mesmo sem me dizerem, sei exatamente como proceder.

Então eu me levanto do assento, agradeço em silêncio e retorno ao plano terreno.

trinta e um

Quando paro na entrada e estaciono, admito sentir uma apreensão rápida, porém intensa. Minha mente gira, cheia de perguntas: *Eu deveria mesmo fazer isso? Será que terei chance de fazer isso? Ela me expulsará logo, como fez com o visual emo do ano passado?*

Percebo que nunca saberei se não tentar, então aguardo um momento para me acalmar, me concentrar, reunir forças lá de dentro e me encher daquela luz brilhante, radiante, curativa, como Ava me ensinou. Passo a mão no amuleto sob o vestido apenas para ter certeza, desço do carro e sigo para a porta. Nem sei se ela ainda mora aqui, agora que está poderosa, ilimitada, com o mundo todo a seus pés, mas imagino que seja o melhor lugar para começar.

— Oi. — Sorrio, tentando olhar por cima do ombro da empregada, aliviada em ver que, daqui, tudo parece igual, o que significa que está em seu estado normal de caos e desordem. — Haven está? — continuo, com a voz esperançosa, ansiosa para que ela diga *sim*.

Ela confirma com a cabeça, abre mais a porta e aponta para o quarto de Haven enquanto subo as escadas, seguindo a direção de seus dedos e sem me dar tempo para mudar de ideia. Paro na frente do quarto e bato duas vezes.

— Quem é? — ela grita, claramente irritada, como se a última coisa que quisesse fosse uma visita. E quando digo que sou eu, bem, imagine a reação.

— Ora, ora — ela ronrona, abrindo apenas uma fresta da porta para confirmar, olhando-me de cima a baixo, sem me deixar entrar. — A última vez que vi você estava tentando…

— Atacar você — confirmo, imaginando que a surpreenderia ao admitir abertamente, sem esconder nada. — Quanto a isso… — começo, mas ela não me deixa terminar.

— Bem, na verdade eu ia dizer *seduzir meu namorado*, mas, é, pensando bem, o único contato físico que teve foi *comigo*. — Ela sorri, mas não de um jeito bom e alegre, não, não, longe disso. — E então, Ever, o que traz você aqui? Veio terminar o serviço?

Olho para ela, mantendo o olhar o mais aberto, sincero e direto que posso, e digo:

— Não, nada disso. Na verdade vim aqui com a esperança de colocar um ponto final nisso tudo… explicar e pedir uma *trégua*. — Contraio-me ao usar essa palavra, lembrando a última vez que a usei com Roman e como as coisas não acabaram muito bem.

— Uma trégua? — Ela levanta a sobrancelha e inclina a cabeça. — Você? Ever Bloom? A menina que fingiu ser minha melhor amiga, roubou o cara por quem eu tinha uma queda bem debaixo de meu nariz… hum, lembra o Damen? — ela diz, balançando a cabeça em resposta à minha expressão confusa. — Se não lembra, eu falei que estava a fim dele bem antes de você, mas mesmo assim foi lá e o tirou de mim, tudo bem, que seja, no final deu tudo certo, acho, mas *mesmo assim.* E então, mesmo depois disso tudo, mesmo aparentemente tendo tudo o que uma pessoa pode querer, parece que não é o suficiente para você, então decide ir atrás de Roman também, porque só um imortal gostoso não é o bastante. Ah, e você é tão obcecada em sua busca que decide tentar me matar se isso for necessário para conseguir ficar com ele. Mas agora, de repente, mudou drasticamente de ideia e aparece em minha porta pedindo uma trégua. É isso mesmo? É isso que está realmente acontecendo aqui?

Faço que sim com a cabeça.

— Basicamente, mas há muito mais do que isso, algo de que precisa saber. A verdade é que tentei enfeitiçar Roman, com um feitiço que o faria ficar amarrado a mim e me dar o que quero. Só que o

tiro saiu pela culatra, e eu acabei me amarrando a ele de um modo que… bem, de um modo que ainda não entendo totalmente. — Torço o nariz e balanço a cabeça só de lembrar. — Mas foi só por isso que agi assim. *Eu juro*. A magia assumiu o controle, e eu não estava em meu juízo perfeito. Não era bem *eu* que estava fazendo aquelas coisas, pelo menos não totalmente. — Balanço a cabeça. — Sei que parece loucura, e não é tão fácil explicar, mas é como se eu tivesse sido obrigada por uma força externa a mim. — Olho para ela, querendo que acredite. — Eu não estava no comando.

Ela olha para mim com a cabeça inclinada, apenas uma sobrancelha levantada, dá um sorriso falso e diz:

— Um *feitiço*? Espera mesmo que eu acredite nisso?

Faço que sim com a cabeça, olhando atentamente em seus olhos. Quero confessar toda a história sórdida, o que for preciso para que ela confie em mim de novo. Mas não aqui. Não no corredor.

— Ouça, acha que eu poderia…? — Aponto para dentro do quarto.

Ela franze a testa, os olhos são duas frestas, e pensa por um minuto. Abre a porta apenas o suficiente para eu poder me espremer para entrar e diz:

— Já vou avisando que se fizer alguma coisa que não me agrade, Deus me ajude, porque vou acabar com você tão rápido que nem vai saber o que a acertou…

— Relaxe — digo, jogando-me em sua cama como nos velhos tempos, só que não é como nos velhos tempos, nem perto. — Não estou me sentindo violenta hoje, garanto. Na verdade, não vou mais me tornar violenta basicamente todos os dias a partir de agora, e não tenho intenção de perseguir você, de modo algum. Tudo que eu quero é paz, e nossa amizade de volta. Mas, se isso não for possível, posso me conformar com uma trégua.

Ela se apoia na cômoda, braços cruzados sobre o espartilho de couro preto apertado que veste sobre um vestido rendado de época.

— Sinto muito, Ever, mas depois de tudo que passamos não é assim tão fácil. Não tenho motivo algum para confiar em você, e vou precisar de um pouco mais de garantia do que isso.

Respiro fundo e passo a mão em sua antiga colcha florida, surpresa por ela não tê-la trocado ainda.

— Acredite — digo, olhando para ela —, eu entendo, entendo de verdade. Mas, Haven. — Faço uma pausa, balanço a cabeça e começo de novo: — A verdade é que não suporto o que aconteceu com a gente. Sinto *sua* falta. Sinto falta da nossa amizade. E odeio saber que, em parte, a culpa é minha.

— *Em parte*? — ela grita, revirando os olhos e balançando a cabeça. — Lamento dizer, mas não acha que essa afirmação poderia ser um pouco mais precisa se admitisse que foi *tudo* culpa sua?

Olho para ela, diretamente em seus olhos, e digo:

— Certo, admito a maior parte, mas certamente não *tudo*. Haven, a questão é… mesmo não gostando de Roman, e, acredite, tenho meus motivos, entendo que ele seja seu namorado, e entendo que não importa o que eu disser sobre ele, não posso fazer você mudar de ideia, então, nem vou tentar. E sei que pode achar difícil acreditar, principalmente depois do que viu naquela noite… mas acontece que, bem, como eu disse antes, não era exatamente eu.

— Ah, claro… era o importuno *feitiço do mal*. — Ela balança a cabeça e revira os olhos, mas não a deixo me interromper.

— Ouça, sei que não acredita em mim e que devo estar parecendo maluca agora, mas acho que, considerando as circunstâncias, você deveria saber que as coisas mais loucas muitas vezes são verdade.

Ela olha para mim com a boca torcida para o lado, um sinal claro de que não está descartando, de que na verdade está levando minhas palavras em consideração.

— Estamos do mesmo lado, você e eu… e espero que com o tempo perceba isso também. Acredite… não estou tentando atrapalhar sua felicidade. E nunca tentaria roubar ninguém de você… apesar do que possa ter parecido. Eu só… bem, só espero que ainda exista algum jeito de sermos amigas novamente, um jeito de consertar nossa amizade, apesar de tudo o que aconteceu. Quer dizer… sei que não será como antes. Nem espero que seja, depois de tudo o que passamos, e sei que está bastante ocupada com o trabalho, saindo com aqueles… hum, outros imortais… — digo, esquecendo temporariamente os nomes deles.

— Rafe, Misa e Marco — ela murmura, claramente irritada.

— Isso, eles. Mesmo assim. As aulas vão começar em algumas semanas, e Miles logo estará de volta, e pensei que talvez, bem, não todos os dias, se você não quiser, mas talvez de vez em quando poderíamos nos sentar juntas na hora do almoço. Sabe? Como fazíamos antes.

— Então é uma trégua para a hora do almoço? — ela pergunta. Seus olhos são uma carapaça multicolorida, firmemente fixos nos meus.

— Não — balanço a cabeça. — É uma trégua para *todas as horas*. Só estou esperando que se estenda a um almoço ou outro também.

Ela franze a testa, cutucando as cutículas, que eu sei que não estão irregulares, já que os imortais não têm pedaços de pele solta. Também sei que é uma desculpa para me evitar, evitar meu olhar, fazer com que eu pense e espere enquanto ela reflete sobre minhas palavras.

— Nunca mais vai ser como antes — ela diz finalmente, levantando os olhos. — E não só por causa de tudo o que aconteceu com Roman, o que foi um grande erro, por sinal. Mas o verdadeiro motivo de não podermos voltar é o fato de que eu estou diferente agora… e acontece que eu *gosto* de estar diferente. Não quero voltar a ser como antes. Nunca mais quero ser aquela fracassada triste e patética.

— Você nunca foi patética, nem fracassada… apenas um pouco triste algumas vezes — digo, mas ela ignora.

— Além disso, tanta coisa mudou… talvez até demais… que não sei se vou conseguir superar.

Faço um gesto positivo com a cabeça. Também percebi isso, mas ainda espero que ela supere.

— E, sim, Misa, Rafe e Marco são legais e tudo, não me entenda mal, mas, além da imortalidade e de trabalharmos na loja, na verdade não temos muito em comum, sabe? Temos históricos totalmente diferentes, referências totalmente diferentes, eles nunca ouviram falar da maioria das minhas bandas favoritas, o que me incomoda um pouco.

Dou de ombros *e* reconheço com a cabeça, entendendo completamente.

— E mesmo que nunca tenha me sentido como você, e que também não tivéssemos tanto em comum, sempre senti que você *me entendia*, sabe? Como se talvez não pudesse se identificar exatamente, mas ainda assim me aceitasse, não me julgasse e, bem, isso significava muito… ou significava *algo*, não importa.

Aperto os lábios e espero pelo restante, sei que ela ainda não terminou.

— Está bem, eu também senti sua falta. — Ela olha para mim, levantando os ombros, e acrescenta: — Seria legal manter pelo menos uma amiga pelo restante da eternidade. Mas tem certeza de que não podemos transformar Miles também?

— Não! — solto, antes de me dar conta de que ela estava brincando.

— Nossa, você nunca *relaxa*? — Ela ri, descruza os braços e se joga na cadeira com estampa de leopardo, formando uma pilha de couro e renda, e arruma o vestido em volta dela antes de descansar a cabeça na mão. — Poderia ajudar na carreira de ator… ele certamente conseguiria todos os melhores papéis.

— E isso é bom por quanto tempo? — Olho para ela. — Até em Hollywood as pessoas iam começar a reparar no fato de ele nunca passar dos dezoito anos.

— Não pareceu ser ruim para Dick Clark.

Aperto os olhos, sem ideia de quem é Dick Clark.

— America's Oldest Teenager? *New Year's Rocking Eve*?

Dou de ombros, ainda sem saber.

— Deixa pra lá. — Ela ri e balança a cabeça. — Bem, eu tenho esta teoria de que há muito mais gente igual a nós do que pensamos. Atores, top models… É sério. Como explicar alguns deles?

Balanço os ombros.

— Sorte, genes bons, cirurgia plástica e muito, muito Photoshop. — Rio. — É assim que explica.

— Bem, cá entre nós, Roman nem sempre libera os detalhes. Ele costuma esconder muita coisa.

Jura?

— Uma vez, perguntei quantos de nós havia por aí e quantos ele mesmo tinha transformado, e ele murmurou alguma frase sem sentido, tipo *eu que sei, o mundo que descubra*, ou algo assim. E não importa o quanto eu tenha perturbado, ele só disse isso. Repetiu várias vezes, até que fiquei tão irritada que desisti.

— Foi isso que ele disse? — pergunto, tentando esconder o alarme em minha voz, mas não sendo muito bem-sucedida. — Ele disse "eu que sei, o mundo que descubra"? — Respiro fundo; não gosto de como soa sinistro. Não gosto nem um pouco.

Haven olha para mim, tentando recuar quando vê minha expressão, ouve o jeito como minha voz se eleva e percebe que pode ter ido um pouco longe demais. Que sua lealdade não se estende mais a mim, e, definitivamente, equilibra-se a favor de Roman.

— Ou talvez tenha dito para *eu* descobrir… — Ela levanta os ombros e fica mexendo na renda da manga. — Bem, não importa, talvez seja melhor não falarmos de Roman, já que eu o amo e você o odeia, então, se quisermos ser amigas, teremos que coexistir em uma zona livre de Roman, certo? Teremos que concordar em discordar.

— Você ama Roman?

Ela olha para mim por um bom tempo, depois abaixa a cabeça e diz:

— Amo. Amo muito, muito.

— E é… *recíproco*? — pergunto, duvidando que Roman seja capaz de amar alguém, especialmente depois de saber que esse sentimento nunca foi mostrado a ele, nunca foi oferecido a ele de forma real ou duradoura, baseada no que vi. É muito difícil dar algo que nunca se vivenciou. Até mesmo o que ele sentia por Drina não era amor. Era mais uma obsessão por algo fora de seu alcance, como um objeto brilhante que você deseja mas não pode tocar. Exatamente a mesma sensação que ele está tentando reproduzir com Damen e comigo. Só que não vai funcionar. Com ou sem o antídoto, ele nunca ganhará essa. O que Damen e eu temos é muito mais profundo do que isso.

— Sinceramente — ela olha para mim —, na verdade eu não sei. Mas, se tivesse que chutar, diria que *não*, não é recíproco. Ele não… não me ama nem um pouco. Bem, mesmo mantendo os sentimentos escondidos, muitas vezes fingindo que não tem nenhum… às vezes… às vezes ele foge

deles. Eu chamo de lapso obscuro quando ele se tranca no quarto, não quer falar com ninguém, nem sair por horas… e, bem, não tenho ideia do que ele faz lá dentro. Mesmo tentando respeitar, tentando deixar que ele tenha o espaço dele, fico muito curiosa. Mas acho que, se eu ficar bastante com ele, finalmente vai confiar em mim, deixar eu entrar e… — ela dá de ombros — mudar tudo.

Olho para ela, surpresa por estar tão comedida, agindo com mais segurança do que nunca.

Ela olha para baixo, para a calça *legging* estrategicamente rasgada que usa sob o vestido, passa o dedo em um dos buracos e diz:

— Sabe, Ever, em todo relacionamento sempre tem um que ama mais, não é? Da última vez, com Josh, era ele. Com certeza ele me amava mais do que eu o amava. Sabia que Josh até escreveu uma música sobre mim depois que terminamos, tentando me reconquistar? — Ela ergue as sobrancelhas e balança a cabeça. — Era muito boa, e fiquei lisonjeada, mas era tarde demais, eu já estava a fim de Roman, que eu com certeza amava mais. Ele apenas concorda em passar um tempo comigo, nós nos divertimos, e não tem nenhuma outra garota na jogada… bem, fora você… — Ela olha para mim, com os olhos semicerrados de um modo que me faz contrair os músculos, mas rapidamente começa a rir e faz um gesto indicando que não é sério. — O que estou querendo dizer é que, não importa o que você pense, não importa o que possa parecer quando visto de fora, a verdade é que nunca é igual. Não funciona assim. Sempre há o *caçador* e a *caça*, o gato e o rato, é assim que as coisas são. Conte para mim, Ever, quem ama mais em seu relacionamento… você ou Damen?

A pergunta me pega desprevenida, mesmo sabendo que viria. Mas, quando vejo a forma como ela para, com a cabeça inclinada, os dedos enrolando uma mecha de cabelo, esperando pacientemente minha resposta, acabo murmurando um monte de bobagens aleatórias, que finalmente resultam em:

— Ah, não sei. Acho que nunca parei para pensar no assunto. Eu nunca nem notei, por sinal…

— Sério? — Ela se vira e olha para cima, para o teto cheio de estrelas que brilham no escuro. — Bem, eu notei — ela diz, ainda concentrada nas constelações. — E acho que é Damen, não você. É Damen que ama mais. Ele faria tudo por você. Você só está curtindo.

trinta e dois

Queria poder dizer que as palavras de Haven não me incomodaram. Que fui capaz não só de refutá-las, mas também de contra-argumentar de forma tão convincente que ela imediatamente ficou do meu lado. Mas a verdade é que não fiz nem disse muita coisa. Só dei de ombros, fingindo não dar importância, e ela tocou um monte de músicas que tinha no iPod e que eu nunca tinha ouvido, de bandas que eu nem sabia que existiam, e folheamos uma pilha de revistas. Nós duas passando o tempo juntas do mesmo jeito que costumávamos fazer. Como nos velhos tempos. Mas isso era o que parecia superficialmente. No fundo, ambas sabíamos que tudo era, agora, completamente diferente.

Depois que fui embora, enquanto estava na casa de Damen, as palavras de Haven continuaram ecoando em minha mente, e fiquei me perguntando qual de nós dois amava mais o outro. E, para ser sincera, as palavras continuam comigo até hoje. Durante todo o café da manhã com Sabine fiquei imaginando; durante toda a reposição das prateleiras, com todo o tilintar da caixa registradora na loja, perguntei a mim mesma: era eu ou ele? Mesmo depois de todas as leituras que estavam agendadas para "Avalon", incluindo a que estou terminando agora, a pergunta continuou ecoando em minha mente.

— Uau, isso foi… — Ela olha para mim com os olhos arregalados de surpresa. — Isso foi extraordinário mesmo, mesmo, *mesmo*. — Balança a cabeça e tateia a bolsa, no rosto uma mistura de empolgação, dúvida e vontade de acreditar, o olhar que vejo habitualmente depois das leituras.

Concordo com a cabeça, sorrindo educadamente enquanto recolho as cartas de tarô que havia espalhado só para disfarçar, mas que não uso de fato. É mais fácil simplesmente ter algum tipo de objeto ou ferramenta… fica mais distante e impessoal desse jeito. A maioria das pessoas surta com a ideia de alguém ser capaz de espiar sua cabeça e ouvir todos os seus pensamentos e sentimentos mais profundos, ainda mais se souber que um breve toque pode revelar uma longa e complexa sequência de eventos.

— É que… você é tão mais *jovem* do que eu esperava. Há quanto tempo faz isso? — ela pergunta, pendurando a bolsa no ombro enquanto continua a me analisar com os olhos.

— Ser médium é um dom — digo, embora Jude tenha me pedido especificamente para *não* dizer isso, imaginando que desestimularia eventuais alunos a se matricularem em sua aula de desenvolvimento mediúnico. Mas, já que o curso ficou praticamente reduzido a ele e a Honor, realmente não vejo que mal isso pode causar. — Não tem limite de idade — continuo, apressando-a mentalmente para que pare com o deslumbramento e vá embora. Tenho planos, outro lugar para ir. Minha noite está cuidadosamente planejada, tim-tim por tim-tim, e se ela ficar por muito mais tempo vai bagunçar completamente minha agenda. Mas, ao ver um olhar de ceticismo começando a se formar, digo: — É por isso que para as crianças é tão natural, elas estão abertas a todas as possibilidades. Só mais tarde, ao descobrir como a sociedade franze a testa para esse tipo de dom, é que o desejo de ser aceito toma conta e as pessoas passam a esconder. E você? Não tinha um amigo imaginário quando era criança? — Volto meu olhar para ela, sabendo que teve, porque vi no momento que a toquei.

— Tommy! — diz ofegante, colocando a mão sobre a boca, surpresa por ter deixado escaper.

Sorrio, pois eu mesma já havia visto.

— Ele era real para você, certo? Ajudou a enfrentar momentos difíceis?

Ela olha para mim com os olhos arregalados, balança a cabeça e diz:

— Sim… ele… bem… eu costumava ter pesadelos. — Ela levanta os ombros e olha em volta como se estivesse constrangida pela confissão. — Quando meus pais estavam se divorciando, bem, tudo era tão instável, financeira e emocionalmente, e foi aí que Tommy apareceu. Ele prometeu que me ajudaria a superar, a manter todos os monstros longe, e foi o que fez. Acho que parei de ver Tommy na época em que completei…

— Dez anos. — Levanto-me da cadeira, uma indicação de que a sessão terminou e de que ela deve fazer o mesmo. — O que, para ser sincera, é uma idade mais avançada do que a maioria das pessoas, mas, ainda assim, você não precisava mais dele e então ele… partiu. — Balanço a cabeça, abrindo a porta e levando-a para o salão, onde, espero, seguirá para o caixa para fazer o pagamento.

O problema é que ela não vai até o caixa. Em vez disso, vira-se para mim e diz:

— Você *tem* que conhecer minha amiga. É sério. Ela vai *pirar*. Ela não acredita mesmo nessas coisas, na verdade, até fez piada por eu ter vindo, mas vamos jantar mais tarde, um encontro de casais, e, bem… — Ela faz uma pausa para espiar o relógio, dá um riso forçado para mim e diz: — Bem, na verdade, ela deve estar chegando agora, ou daqui a pouco.

— Eu adoraria. — Sorrio, como se realmente estivesse disposta. — Mas preciso ir a um lugar e…

— Oh, é ela chegando ali! Perfeito!

Suspiro e olho para baixo, desejando que fosse possível usar minhas habilidades de materialização para fazer as pessoas pagarem e desaparecerem… ou pelo menos desta vez, que seja.

Sinto que meus planos estão prestes a ser adiados por mais tempo ainda, mas não tenho ideia do quanto até que ela, com as mãos em concha ao redor da boca, chama:

— Sabine! Ei, aqui. Tem alguém aqui comigo que você *precisa* conhecer!

Meu corpo inteiro fica gelado. Paralisado, rígido e gelado. Gelado tipo: *Oi, iceberg, apresento-lhe o* Titanic.

E antes que possa impedi-la, antes que possa fazer qualquer coisa, Sabine está vindo em minha direção. Não me reconhece de cara, e não é por eu estar usando uma peruca preta, porque não estou, desisti dela há muito tempo, quando concluí que fazia Avalon parecer uma louca, mas porque sou a última pessoa que ela esperava encontrar. Na verdade, ela ainda estreita os olhos e pisca, mesmo estando parada bem na minha frente, com Munoz a seu lado, que, aliás, parece estar tão desesperado quanto eu.

— *Ever?* — Sabine olha para mim fixamente, como se tivesse acabado de despertar de um sono profundo. — Que… — Ela balança a cabeça, como se estivesse se livrando de teias de aranha, e começa tudo de novo. — O que diabos está acontecendo aqui? Eu não entendo.

— Ever? — A amiga dela olha para nós, apertando os olhos, desconfiada. — Mas… mas achei que tinha dito que seu nome era *Avalon*!

Respiro fundo e concordo com a cabeça, sabendo que agora está tudo acabado. Minha cuidadosamente elaborada vida de mentiras, evasivas e segredos deu *nisso*.

— É Avalon — confirmo com a cabeça, evitando o olhar de Sabine. — Mas também é Ever… depende.

— Depende de *quê*? — minha cliente grita, como se estivesse pessoal e profundamente ofendida, sentindo-se enganada. Sua aura se incendeia subitamente, estremece, como se duvidasse não só de mim, mas de tudo que passei a última hora lhe dizendo, não importa o quanto minhas previsões foram precisas. — Quem diabos é você, afinal? — pergunta, olhando para mim como se fosse me denunciar para… bem, ela não havia decidido ainda… mas para alguém. Alguém aceitaria a denúncia, com

certeza.

Mas Sabine voltou a si e, com a voz calma, contida e parecendo um pouco uma advogada, diz:

— Ever é minha sobrinha. E, aparentemente, tem *muito* a explicar.

E quando estou prestes a fazer isso… bem, não exatamente explicar, pelo menos não do jeito de que ela gostaria… mas, ainda assim, quando estou prestes a dizer alguma coisa que com alguma sorte acalmará todo mundo e esclarecerá a situação, Jude aparece e diz:

— Tudo certo com a leitura?

Dou uma espiada em minha cliente, a amiga de Sabine, e sei que minha energia está tão aperfeiçoada, tão aumentada com as meditações de purificação e cura a que Ava tem me submetido, que foi uma das melhores leituras que fiz na vida… mas mesmo assim não consegui prever esta situação. Também *vejo* como ela se mostra relutante em pagar, agora que me reconhece como a jovem sobrinha delinquente de sua amiga, que faz um bico como Avalon, a Médium Duvidosa, mas não lhe dou chance de reagir. Apenas me intrometo e digo:

— Não se preocupe, essa é por minha conta. — Jude estreita os olhos, alternando o olhar entre nós, mas apenas confirmo com firmeza: — É sério. Não se preocupe. Estou cuidando de tudo.

Enquanto isso parece ter acalmado a cliente, e talvez também Jude, não ajudou muito com Sabine. Sua aura está extremamente agitada e os olhos fixos nos meus.

— Ever? Não tem algo a dizer em sua defesa?

Respiro fundo e olho em seus olhos. *Sim, tenho muito a dizer, mas não aqui, nem agora. Tenho um compromisso!*

Estou prestes a dizer isso, só que de um modo mais agradável e gentil, para não deixar Sabine ainda mais irritada, quando Munoz vem em meu socorro e diz:

— Vocês podem discutir isso amanhã de manhã, mas agora acho melhor nos apressarmos. Não queremos correr o risco de perder nossa reserva depois do trabalho que tivemos para consegui-la.

Sabine suspira, cedendo à sabedoria do argumento de Munoz, mas ainda não está disposta a me deixar escapar tão facilmente. Suas palavras vêm entredentes quando diz:

— Amanhã de manhã, Ever. Espero ver você assim que acordar. — Depois, vendo a expressão em meu rosto, completa: — Sem "mas".

Concordo, mesmo não planejando comparecer ao compromisso. Se tudo funcionar como estou pretendendo, amanhã de manhã estarei o mais longe possível da mesa daquela cozinha. Em vez disso, estarei esparramada em uma suíte no Montage, com Damen a meu lado, finalmente pondo em prática aqueles planos feitos há muito tempo…

Mas é claro que não vou contar isso a ela, então apenas concordo com a cabeça e digo:

— Hum, certo. — Sei que ela, como advogada, sempre insiste em uma resposta verbal, de modo que o significado não possa ser distorcido ou desconstruído. E quando eu acho que o pior já passou, pelo menos por enquanto, ela insiste que eu me desculpe com sua amiga, como se eu tivesse cometido algum tipo de crime contra ela. Mas, mesmo sabendo que pagarei depois, não farei isso.

Em vez de me desculpar, apenas olho para ela e digo:

— Nada disso muda o que falei lá dentro. — Aponto para a sala dos fundos. — Seu passado, *Tommy*, seu futuro… sabe que o que eu disse é verdade. Ah, e sobre aquela *escolha* que terá que fazer? — Alterno o olhar entre ela e seu acompanhante. — Bem, por mais que possa duvidar de mim agora, ainda será sábia o suficiente para seguir meu conselho.

Olho para Sabine, sua aura irrompendo em uma onda de raiva que só é um pouco contida pela

presença do braço de Munoz abraçando-a com força. Ele pisca para mim e a faz virar para o outro lado e eles caminham para a porta, seguidos por seus amigos.

Assim que os quatro saem, Jude olha para mim e diz:

— Cara, que azar você deu. Acho que vou defumar o local com um pouco de sálvia, para ajudar a purificar. — Ele balança a cabeça. — O que aconteceu? Achei que já tivesse contado para ela.

Olho para ele.

— Está brincando? Você viu o que acabou de acontecer. Aquele tipo de cena é exatamente o que eu queria evitar.

Ele dá de ombros, contando o dinheiro na gaveta enquanto diz:

— Bem, talvez fosse melhor se você tivesse avisado, se ela não estivesse se sentindo tão enganada quando entrou e viu que estava trabalhando aqui… fazendo *leituras*.

Faço cara feia, procurando em minha carteira o dinheiro que devo pela leitura grátis que fiz involuntariamente.

— Tem certeza de que quer pagar por isso? — ele pergunta, recusando-se a pegar o dinheiro.

— *Por favor*. — Eu entrego as notas para ele, vejo suas sobrancelhas se levantarem e percebo que está prestes a insistir novamente, então continuo: — E fique com o troco. Considere como pagamento pelo *azar* que eu trouxe. É sério. Se isso não tivesse acontecido, talvez ela se tornasse cliente regular, então encare como pagamento por toda a renda perdida.

— Não tenho tanta certeza de que perdeu a cliente — ele diz, enfiando o dinheiro no caixa e fechando a gaveta. — Se fez uma boa leitura, como eu acho que fez, ela vai voltar, ou pelo menos vai recomendar a algumas amigas, que virão nem que seja apenas por curiosidade. É muito difícil para muita gente resistir a esse tipo de coisa. Você sabe, advogada séria surpreende sobrinha golpista que, sem seu conhecimento, passa o tempo livre trabalhando como médium cuja precisão é incrível… poderia ser um livro, ou pelo menos um filme.

Dou de ombros, aproveitando para retocar a pouca maquiagem que uso, olhando em meu pequeno espelho de mão, e digo:

— Sobre isso… — Ele olha para mim. — Acho que meus dias de Avalon estão acabados. — Ele suspira, claramente desapontado. — Não me entenda mal, eu gostei muito, e hoje, bem, antes de acontecer esse fiasco, senti que realmente estava ficando boa nisso… como se fosse capaz de entender as pessoas, ajudar. Mas agora… bem, talvez seja hora de trazer Ava de volta. Além disso, as aulas estão prestes a recomeçar e…

— Está pedindo demissão? — Ele franze a testa, nem um pouco animado com a ideia.

— Não. — Nego com a cabeça. — Não, só preciso diminuir o ritmo, e não quero causar mais problemas do que você já tem.

— Não se preocupe. — Ele dá de ombros. — Já coloquei Ava de volta na programação, imaginei que precisaria diminuir suas horas de qualquer jeito, mas, Ever, pode recomeçar quando quiser, os clientes adoram você, e eu… bem… — Seu rosto cora. — Fiquei muito impressionado com seu desempenho também. Como *funcionária*. — Ele aperta a ponte do nariz, balança a cabeça e acrescenta: — Cara, eu não sou nem um pouco sutil.

Apenas ignoro, imaginando quem se sente mais desconfortável, ele ou eu.

— E então, alguma ideia do que vai dizer a ela amanhã? — ele pergunta, desesperado para mudar de assunto.

— Não. — Jogo o gloss labial na bolsa e a fecho. — Nem imagino.

— E não acha que deve pensar a respeito? Bolar algum tipo de plano? Não quer ser surpreendida antes de tomar sua primeira xícara de café, não é?

— Não tomo café. — Dou de ombros.

— Certo, de elixir, que seja… — Ele ri. — Você entendeu o que eu quis dizer.

Coloco a bolsa no ombro e olho para ele.

— Olhe, não me leve a mal, eu amo Sabine. Ela me acolheu quando eu perdi tudo, e não fiz nada para retribuir além de transformar a vida dela em um inferno permanente. Embora eu deseje ser sincera, no mínimo porque, depois disso tudo, ela merece saber a verdade, ou pelo menos *algo* parecido com a verdade, não vou dizer nada amanhã de manhã. — Mesmo tentando não sorrir ao dizer, não consigo me conter. Quando penso em meu plano, meu plano à prova de defeitos, todo o meu rosto se ilumina.

Por enquanto, toda a minha energia, toda a minha luz, toda a minha *sorte*, como diz Jude, precisa ser poupada e canalizada exclusivamente para Roman. Preciso estender meu amor, minha paz e minha boa vontade a ele, porque me aproximar dele desse modo é a única forma de vencer. A única forma de conseguir o que eu quero.

Se aprendi alguma lição com tudo isso, é que a resistência nunca funciona. Combater o que eu *não* quero serve apenas para materializar exatamente isso. E foi por esse motivo que o poder de Roman sobre mim enfraqueceu quando apelei a Hécate… porque parei de ficar obcecada por ele por cinco minutos, e, então, ele começou a se deteriorar. Com tudo isso em mente, acho que é seguro presumir que, colocando minhas energias naquilo que *quero* — paz entre nós e os imortais perigosos, além do antídoto do antídoto —, bem, só pode resultar na vitória.

Então, quando for até ele esta noite, não será como inimiga, como alguém que planeja conspirar e brigar para conseguir o que quer. Em vez disso, vou abordá-lo como um ser superior, a forma mais pura e clara de mim.

E darei a ele a oportunidade de sair das profundezas e me encontrar no mesmo nível.

Estou tão perdida em meus pensamentos, tão perdida na empolgação de meu plano, que nem escuto Jude quando pergunta:

— Aonde você vai? — E olha para mim com seu radar mediúnico bem alerta.

Eu apenas olho para ele, incapaz de não sorrir, e digo:

— Estou indo fazer algo que deveria ter feito há muito tempo. — Faço uma pausa quando vejo como ele inclina a cabeça e enruga a testa, como sua aura se movimenta e brilha. Queria poder ficar aqui e garantir a ele que ficarei bem. Mas não posso, já perdi muito tempo. Então, apenas olho para ele e digo: — Não se preocupe. Desta vez, sei o que estou fazendo. Desta vez, tudo vai ser diferente. *Você vai ver*.

— Ever… — Ele tenta me alcançar, esticando a mão no ar e pegando o vazio.

— Não se preocupe. — Dou de ombros. — Sei exatamente o que fazer. Sei como lidar com Roman agora. — Faço um gesto positivo com a cabeça, olhando para seu grosso emaranhado de *dreadlocks*, vendo como as últimas semanas de surfe os deixaram mais claros, com um tom de louro desbotado pelo sol. — Sei exatamente como consertar tudo isso, exatamente como agir — acrescento, vendo como ele inclina a cabeça, apoia-se no banco e coça o queixo, pensativo. Seu anel de malaquita brilha diante de mim, quase no mesmo tom de verde de seu olhar tropical, agora concentrado, analítico, cheio de preocupação. Mas eu ignoro. Pela primeira vez em muito tempo, finalmente me sinto poderosa, segura de mim, e não darei espaço para ninguém plantar nem uma sementinha de dúvida. — Fui aos Grandes Salões do Conhecimento… — Faço uma pausa, sabendo

que ele precisa de algo mais convincente do que apenas minha palavra. — E… bem, digamos que tive uma boa orientação. Uma orientação *muito* boa. — Aperto os lábios e jogo a bolsa no ombro, sabendo que devo interromper a conversa.

Ele olha para mim, esfregando as mãos na frente da camiseta, passando os dedos no símbolo *yin-yang* branco e preto enquanto inclina a cabeça e diz:

— Ever… não estou tão certo de que deva ir por esse caminho novamente. Quer dizer, se você se lembra, da última vez que ficou cara a cara com Roman, as coisas não acabaram muito bem, e realmente não acho que tenha passado tempo suficiente para tentar de novo. Pelo menos não tão cedo.

Levanto os ombros, as palavras dele me atingem como água encontrando óleo, sem produzir efeito algum, o que, pela expressão em seu rosto, parece apenas preocupá-lo mais.

— Anotado — digo, pondo os cabelos atrás da orelha. — Mas aí é que está… vou fazer, de qualquer jeito. Vou tentar. Uma última vez, por assim dizer.

— Quando? Agora? Está falando sério? — Ele me encara, juntando as sobrancelhas, com o olhar fixo no meu de um jeito que me deixa preocupada.

Alinho os ombros, cruzo os braços sobre o peito e, olhando em seus olhos, indago:

— Por quê? Está planejando me seguir, para tentar me impedir?

— Talvez. — Ele dá de ombros e imediatamente continua: — Eu vou fazer o que for preciso.

— O que for preciso para… *o quê* exatamente? — Ergo a cabeça, desafiando-o com meu olhar.

— Manter você a salvo. Proteger você *dele*.

Respiro fundo e olho para ele, e quero dizer que olho para ele *de verdade*. Começo pela parte de cima daqueles *dreadlocks* e desço até a cintura, onde, por causa do balcão, minha visão é interrompida.

— E por que faria isso? — finalmente pergunto, voltando os olhos para os dele. — Por que pensaria em tentar interferir em meu plano? Achei que quisesse que eu fosse feliz, mesmo que isso queira dizer que eu fique com Damen. Pelo menos foi o que me disse.

Ele aperta os lábios e se ajeita na cadeira, um movimento tão esquisito, tão claramente desconfortável, que me sinto mal por ter dito isso. Fui longe demais. Só porque abrimos nosso coração no passado, compartilhando mais do que provavelmente deveríamos, não significa que eu tenho o direito de questioná-lo ou de usar o que me contou. Não significa que devo insistir em ter uma resposta quando a pergunta obviamente o magoa. Mas, ainda assim, algo sobre o jeito como se moveu, não só física, mas energicamente, faz com que eu me pergunte, tente adivinhar… faz com que eu me sinta um pouquinho insegura…

Eu me viro e caminho para a porta, e ele me segue até a viela atrás da loja onde ambos estacionamos os carros.

— Devo me encontrar com Honor mais tarde… quer passar lá? Pode levar Damen se quiser, não me importo.

Eu paro e olho para ele.

— Bem, até me importo, mas disfarço bem… palavra de escoteiro. — Ele levanta a mão direita.

— Então você está saindo com Honor? — pergunto, observando enquanto ele abre a porta de seu jipe preto antigo e entra.

— É, você sabe, sua amiga da escola, aquela que foi à sua festa de aniversário.

Começo a dizer que ela não é minha *amiga*, que pelo que eu vi outro dia na praia, pela energia que ela emitiu, provavelmente é tudo, menos isso… mas quando vejo a expressão em seu rosto, a

alegria que enruga sua testa, decido guardar para mim mesma.

— Honor não é tão ruim assim, sabe? — Ele coloca a chave na ignição e liga o motor, fazendo muito barulho. — Talvez devesse dar uma chance a ela.

Olho para ele, lembrando-me do que disse naquele primeiro dia, quando nem o conhecia direito, muito antes de saber sobre nós, algo sobre ele sempre se apaixonar pela garota errada, e fico imaginando se não aconteceu de novo. Mas quando vejo como seu olhar muda, sua aura brilha e se inflama, sei que a garota errada ainda sou eu. Honor nem está na jogada. E não sei o que me incomoda mais: perceber isso ou o alívio repentino que me invade.

— Ever…

Ele me olha de um jeito que me faz perder o fôlego. Sua expressão é tão conflituosa que fica claro que ele está lutando contra o que vem em seguida, mas no fim apenas estreita os olhos, aperta os lábios, respira fundo e indaga:

— Você vai ficar bem? Tem certeza de que sabe o que está fazendo?

Faço que sim com a cabeça e entro no carro sentindo-me mais confiante e poderosa do que nunca. A escuridão se foi, derrotada pela luz, e não há como isso dar errado. Fecho os olhos, ligo o motor, olho para Jude e digo:

— Não se preocupe. Desta vez eu sei o que estou fazendo. Desta vez, tudo vai ser diferente. *Você vai ver.*

trinta e três

Quando chego à casa de Roman, tudo está tranquilo.

Exatamente como eu esperava.

Exatamente como eu havia planejado.

Quando Haven me contou que ia a um show com Misa, Marco e Rafe, eu soube que era a oportunidade perfeita para pegar Roman sozinho, sem nada para nos perturbar, para poder me aproximar dele de uma forma pacífica, razoável, e calmamente defender minha causa.

Fico parada na porta e por um momento fecho os olhos e fico em silêncio. Volto a atenção para o fundo do meu ser e não encontro nem mesmo o menor sinal de um monstro ali. É como se ao abandonar toda a raiva e todo o ódio que sentia por Roman eu tivesse privado a chama negra do oxigênio de que ela precisava para sobreviver… e eu fiquei em seu lugar.

Só depois de bater algumas vezes, e mesmo assim ele não atender, permito-me entrar. Sei que ele está ali, não apenas porque seu Aston Martin vermelho-cereja está estacionado na rua, mas também porque posso *percebê-lo*, *sentir* sua presença. Mas, por mais estranho que pareça, ele não parece perceber ou sentir a minha, ou certamente já estaria aqui.

Atravesso o corredor, dou uma espiada na sala, na cozinha, através da janela vejo a garagem atrás da casa, e quando percebo que está escuro, que não há sinal dele, caminho na direção do quarto, chamando seu nome e fazendo muito mais barulho do que o necessário ao me mover, pois prefiro não surpreendê-lo nem pegá-lo no meio de uma situação constrangedora.

Encontro-o deitado no meio de uma cama com dossel enorme e cheia de detalhes, com tantas cortinas e franjas que lembra uma daquelas que Damen e eu temos em nossa versão de Versalhes em Summerland. Ele veste uma camisa de linho branca desabotoada e jeans velhos e desbotados, está com os olhos bem fechados, tem um par de fones de ouvido pendurados na cabeça e segura, apertado contra o peito, um porta-retratos com uma foto de Drina. Eu paro, imaginando se talvez não devesse apenas dar meia-volta e ir embora, encontrá-lo em outro momento, quando:

— Ah, pelamordedeus, Ever, não me diga que derrubou a maldita porta de novo. — Ele se senta, jogando os fones para o lado e devolvendo cuidadosamente o porta-retratos na gaveta do criado-mudo. Parece não estar nem um pouco constrangido por ter sido pego em um momento tão íntimo e sentimental. — Toda essa sua cena está ficando meio exagerada, não acha? — Balança a cabeça e passa os dedos por aqueles cachos dourados, colocando-os no lugar. — Sério, é possível que um cara tenha um pouco de privacidade aqui? Entre Haven e você… — Ele suspira e balança os pés descalços em direção ao chão como se fosse se levantar, só que não se levanta, permanece sentado. — Bem, estou ficando meio cansado… entende o que quero dizer?

Olho para ele, sabendo que provavelmente não deveria dizer isto, mas estou curiosa demais para ignorar.

— Você estava… estava *meditando*? — Olho de soslaio, por nunca tê-lo imaginado como o tipo que vai fundo e tenta se conectar com a força universal.

— E se eu estivesse, gata? E se eu estivesse? — Ele esfrega as mãos na testa, então se vira para mim e diz: — Se quer saber, estava tentando encontrar Drina. Sabe que não é a única por aqui que tem… *poderes*.

Engulo em seco, já bastante ciente daquilo, tentando adivinhar a resposta para minha próxima pergunta quando pergunto:

— E… *você a viu*? — Aposto que não, especialmente pelo que sei sobre Shadowland.

Ele olha para mim, seu rosto carrega uma fugaz expressão de dor quando diz:

— Não. Não vi. Certo? Satisfeita? Mas algum dia verei. Não pode nos manter separados para sempre, sabia? Apesar do que você fez… pretendo encontrar Drina.

Respiro fundo, pensando: *Ah, espero que não. Você não vai gostar daquele lugar*. E sinto-me péssima pelas vezes que o enganei fingindo ser ela, mesmo não sendo eu quem estava no comando quando tudo aconteceu.

Mas não digo isso. Na verdade, não digo nada. Só fico lá, parada, recompondo meus pensamentos, minhas palavras, a mim mesma, esperando pelo momento certo para começar.

— Roman, escute, eu… — Balanço a cabeça e começo novamente, dizendo a mim mesma que consigo fazê-lo, reunindo forças de algum lugar lá no fundo. Então, olho direto para ele e digo: — Não é o que está pensando. Não estou aqui para seduzir, brincar, provocar nem tentar conseguir algo de você, pelo menos não do jeito que pensa. Estou aqui para…

— Pegar o antídoto. — Ele levanta os pés e os coloca de volta na cama amarrotada. Cruza os braços, protegendo o peito, encosta na cabeceira revestida de seda e me olha com os olhos semicerrados. — Vou dizer uma coisa, Ever, você é no mínimo persistente. Quantas vezes planeja fazer isso? Toda vez que vem aqui, tem um novo plano de ataque, um novo projeto em mente, e ainda assim todas as vezes fracassa, apesar de eu dar grandes oportunidades para você conseguir o que quer. Isso me faz pensar se você realmente quer isso. Talvez só *pense* que quer, mas seu subconsciente não permite, já que conhece a verdade sobre si mesma. A verdade *profunda… sombria*. — Seus olhos brilham, querendo que eu reconheça que ele sabe sobre o monstro e como considera tudo divertido. — E desculpe, gata, mas preciso perguntar: como Damen se sente a respeito dessas suas visitinhas? Suponho que não fique muito satisfeito com isso, ou com o fato de que Miles está prestes a desvendar mais um dos seus segredos. Ele tem muitos, sabe. Segredos que você ainda mal começou a descobrir… histórias que nem pode imaginar…

Concordo com a cabeça, calma, com sinceridade, recusando-me a deixar que suas palavras me atinjam. Simplesmente não sou mais aquela garota.

— Então me diga, ele sabe que está aqui agora?

— Não. — Dou de ombros. — Não sabe. — E quando lembro a mensagem de texto que mandei para ele pouco antes de sair do carro e entrar aqui, sei que não vai demorar muito até que saiba. Assim que sair da sessão do filme que foi ver com Ava e as gêmeas, vai checar as mensagens e tomar conhecimento de meus planos de encontrá-lo no Montage, então vai saber. Mas, por enquanto, não, não faz ideia.

— Sei. — Ele sacode a cabeça, seus olhos sobre mim. — Bem, pelo menos tirou o tempo para se purificar. Na verdade, está melhor do que nunca… radiante… até meio *incandescente*. Diga, Ever, qual é seu segredo?

— Meditação. — Sorrio. — Você sabe, purificação, foco, concentração no que é positivo… coisas desse tipo. — Sacudo os ombros e continuo firme, enquanto ele irrompe em uma gargalhada de chacoalhar os ombros e fecha os olhos.

Parando com a histeria, ele diz:

— O velho Damen também fez você escalar o Himalaia, é? — Ele reclina a cabeça e olha para mim. — Aquele grande pentelho nunca aprende. E isso faz um bem danado para ele.

— Bem, lamento dizer, mas não era *você* que estava meditando?

— Não desse jeito, gata. Não, não desse jeito. Não estava… — E balança a cabeça. — Sabe, meu

jeito é diferente. Estava procurando *uma pessoa* em particular… não apelando para uma dessas baboseiras sem sentido do tipo "tudo é uma coisa só". Não entende, Ever? É assim. *Aqui* e *agora*. — Ele dá tapinhas no lençol amarrotado a seu lado. — *Este* é o nosso paraíso, nosso céu, nosso nirvana, nosso Shangri-La… como quiser chamar. — Levanta as sobrancelhas e umedece os lábios com a língua. — Isso é *tudo*. E quero dizer tanto no sentido figurado *quanto* literalmente. É tudo que temos, e está perdendo seu tempo procurando por algo mais. Agora, é verdade, tem muito tempo para desperdiçar, devo admitir, mas mesmo assim é uma pena ver como pretende passar a eternidade. Aquele Damen é má influência, devo lhe dizer. — Ele faz uma pausa, como se parasse um pouco para pensar melhor. — Então, o que me diz? Vamos tentar de novo? Quer dizer, você vem aqui desse jeito, e, bem, como me curo rapidamente e tal, estou pronto para perdoar o que fez da última vez, o que passou, passou, e tudo o mais. Só não tente fazer nenhum movimento repentino ou se passar por Drina novamente e está tudo certo. Você aprontou algumas das últimas vezes, mas, engraçado, acho que só me fez gostar mais de você. Então, o que me diz? — Ele sorri, joga um travesseiro para o lado, para abrir espaço para mim, vira a cabeça mostrando sua tatuagem e me olha daquele jeito hipnotizante.

Mas desta vez não funciona. Apesar de me mover em sua direção, na direção do brilho esperançoso em seus olhos, não é pelo motivo que ele pensa.

— Não estou aqui para isso — digo, e vejo ele dar de ombros, como se de qualquer forma não se importasse.

Inclino a cabeça para a frente e vejo suas unhas perfeitamente cortadas e lixadas, quando ele diz:

— Então por que está aqui? Vamos, vamos logo com isso. Haven vai acabar passando por aqui assim que o show acabar, e acho que nenhum de nós dois precisa de uma cena daquelas de novo.

— Não quero magoar Haven. — Dou de ombros. — Não quero magoar você também. Só estou aqui para apelar ao seu eu superior, só isso.

Ele fica boquiaberto e olha para mim, esperando a pegadinha que acha que estou preparando.

— Sei que você tem um. Um eu superior. Na verdade, sei tudo a seu respeito. Sei tudo sobre seu passado, que sua mãe morreu no parto, que seu pai bateu em você e depois o abandonou… sei tudo… eu…

— Espere aí… — ele diz, com os olhos azuis arregalados, a voz tão suave, tão abalada que quase não ouço. — Ninguém sabe disso… como diabos você…?

Mas apenas dou de ombros: o *como* não importa.

— E depois de descobrir tudo isso, percebi que não consigo mais odiar você. Simplesmente não consigo. Não é do meu feitio.

Ele olha fixamente para mim, com os olhos semicerrados, cético. Mas sua insolência habitual retorna quando ele diz:

— Claro que odeia, meu bem, *ama* me odiar, é só o que faz. Na verdade, ama tanto me odiar que só consegue pensar em mim.

Ele sorri, concordando com a cabeça, como se estivesse dentro de mim, como se soubesse disso o tempo todo.

Mas apenas balanço a cabeça, sento-me na beirada da cama e digo:

— Embora isso fosse a verdade, não é mais. E a única razão de ter vindo aqui foi para dizer que sinto muito pelo que aconteceu com você. Sinto mesmo, de verdade.

Ele desvia o olhar, range os dentes, chuta o cobertor e diz:

— Bem, nem deveria sentir nada! Só tem uma coisa pela qual deve se sentir culpada, gata, e é pelo que fez com Drina. Pode me poupar de todo o restante. Não estou nem um pouco interessado nas dádivas que equivocadamente concedeu aos pobres, destituídos e oprimidos. Não preciso de sua compaixão. Se não percebeu, não sou mais aquele menino. Tenho certeza que pode ver isso. Ever, olhe para mim. — Ele sorri e abre bem os braços, convidando-me a prestar bastante atenção em sua inegável boa forma. — Estou melhor do que nunca. Estou assim há séculos.

— E é isso. — Inclino-me em sua direção. — Você vê tudo como um grande jogo, como se a vida fosse um tabuleiro, e você, a peça que tem sempre que estar três passos à frente de todas as outras. *Nunca* baixa a guarda, *nunca* se permite ficar próximo de alguém… e não faz ideia de como é *amar* o u *ser amado*, já que nunca recebeu amor de ninguém. Quer dizer, claro que poderia ter feito escolhas diferentes, e não há dúvida de que deveria ter feito, mas ainda assim é um pouco difícil oferecer o que nunca teve, o que nunca experimentou, e eu o perdoo por isso.

— O que é isso? — Ele olha para mim, furioso. — Show de talentos? Vai cobrar alguma coisa por essas psicobaboseiras ridículas? É isso?

— Não — digo, com a voz calma, olhos fixos nos dele. — Só estou tentando dizer que acabou. Eu me recuso a continuar lutando contra você. Escolho, em vez disso, amar e aceitar quem você é. Goste ou não.

— Mostre — ele diz, voltando a alisar a cama. — Por que não sobe aqui e me mostra esse *amor*, Ever?

— Não é esse tipo de amor. É amor *real*. Incondicional. Sem críticas. *Não* amor físico. Amo você como uma alma semelhante a mim, que habita este mundo. Amo você como outro imortal. Amo você porque estou cansada de odiar, e me recuso a continuar fazendo isso. Amo você porque finalmente entendi o que tornou você quem é. E, se pudesse mudar isso, mudaria. Mas não posso… então, em vez disso, escolho amar. E minha esperança é que, ao aceitar você como é, eu o estimule a fazer algo de bom também, mas se não acontecer… — Dou de ombros. — Ao menos posso dizer que tentei.

— Nossa — ele resmunga, revirando os olhos como se minhas palavras não fizessem nada além de lhe causar dor. — Alguém andou bebendo suco hippie! — Ele balança a cabeça e ri, e ao se acalmar olha para mim e diz: — Tudo bem, Ever, você me ama e me perdoa. Bravo. Muito bem. Mas, para sua informação, ainda não vai ganhar o antídoto, certo? Ainda me ama? Ou voltou a me odiar? Quão profundo é seu amor, Ever… citando o verso de uma música dos anos setenta que tenho certeza de que você nunca ouviu. — E solta as mãos sobre o colo, deixando-as abertas, relaxadas. — Tenho pena da sua geração. Todo esse lixo de música que escutam. Devia ouvir a banda que Haven foi ver… os Mighty Hooligans? Que tipo de nome imbecil é esse?

Apenas dou de ombros. Sei quando está usando uma tática de fuga, mas não importa o quanto tente, recuso-me a ser jogada para fora da pista como ele quer fazer.

— A escolha é sua — digo. — Não estou aqui para pedir nada a você.

— Então está aqui para fazer o quê? Qual é a intenção desta sua visitinha? De acordo com o que diz, não está atrás do antídoto, não está atrás de uma transa, embora me pareça bem óbvio que precisa desesperadamente de uma. Só entrou aqui e invadiu minha privacidade para poder dizer que me ama? *É sério, Ever?* Porque, lamento informar, mas acho isso tudo meio difícil de *engolir*.

— Claro que acha — digo, completamente inabalada. Isso é bem o que eu esperava, tudo está caminhando exatamente como eu havia planejado. — Mas só é assim porque nunca experimentou isso. Seiscentos anos e nunca teve um momento de amor real e verdadeiro. É triste. Trágico mesmo. Mas a culpa não é sua. Então, só para ficar registrado, é *isso* o que se sente, Roman. É com *isso* que

se parece. Só quero que saiba que, apesar de tudo o que fez, eu o perdoo. E porque eu o *perdoo*, porque *liberto* você, não consegue me atingir nem me machucar novamente. Se nunca me der o antídoto… bem, Damen e eu daremos um jeito de superar, porque é o que as almas gêmeas *fazem*. O amor real é *assim*. Não pode ser destruído, não pode ser enfraquecido, é eterno, perene, e capaz de suportar qualquer tempestade. Então, se está determinado a continuar desse jeito, só quero que saiba que não vai sofrer oposição de minha parte. Cansei disso tudo. Tenho uma vida para viver… e você?

Ele olha para mim e, por um breve momento, sei que o convenci. Vejo o lampejo em seus olhos, uma pontinha de compreensão de que o jogo terminou. Que são necessários dois jogadores, e um acabou de se retirar. Mas então, quase tão rápido quanto veio, foi embora, e o velho Roman retorna, dizendo:

— Fale a verdade, gata… tudo isso é sério? Está querendo me dizer que planeja passar o restante de sua vida imortal conformada em apenas andar de mãos dadas? Bem, nem isso você pode fazer… mesmo com a camisinha de energia que criou… não tem nada a ver com o contato de verdade, não é? Nada parecido com *isso*.

E antes que eu perceba, ele está a meu lado, agarrando minha perna, com o olhar penetrante, intenso, direto em meus olhos, e diz:

— Talvez eu nunca tenha conhecido o tipo de amor de que está tagarelando a respeito, mas tive muito do outro tipo, *deste* tipo. — E move os dedos mais para cima. — E estou dizendo, gata, como substituto é tão bom quanto, se não for melhor. E não consigo aceitar a ideia de que você possa perder a chance de ter isso.

— Então me dê o antídoto e não terei que perder — digo, sorrindo com doçura, sem tentar tirar seus dedos de minha pele. É o que ele quer que eu faça. Quer que eu me desespere e resista. Que o arremesse contra a parede. Que me torne uma ameaça. A rotina habitual. Mas não desta vez. Não mesmo. Desta vez tenho muito a provar. Muito a perder. Além disso, estou prestes a mostrar a ele como o jogo pode ser chato quando só uma pessoa decide jogar.

— Gostaria disto, não? De vencer esta?

— É um ganho mútuo, não acha? Você faz algo de bom, algo de bom será feito para você… é carma. É um efeito cascata. Não falha.

— Ah, voltamos para aquilo, não é? — Ele revira os olhos. — Eu disse, Damen realmente estragou você.

— Talvez. — Sorrio, recusando-me a morder a isca. — Ou talvez não. Nunca se sabe como é até experimentar, certo?

— O quê? Acha que nunca fiz nada de bom?

— Acho que já tem um tempo que não faz. Deve estar meio enferrujado.

Ele joga a cabeça para trás e ri, mas não afasta a mão, não, ela permanece bem ali, alisando minha coxa.

— Tudo bem, Ever, falando hipoteticamente, digamos que eu faça uma coisinha por você. Digamos que eu lhe dê o antídoto que permitirá que você e Damen transem até cansar. E então o quê? Quanto tempo vou ter que esperar até esse suposto carma bom voltar para mim? Pode me dizer?

Dou de ombros.

— Pelo que vi, não pode forçar o carma. Ele funciona em seus próprios termos. Tudo que sei é que funciona.

— Então eu devo simplesmente entregar uma coisa a você, algo que quer desesperadamente, e arriscar não ganhar nada em troca? Isso não parece justo, gata, então talvez deva reconsiderar, talvez

haja algo que possa me dar. — Ele sorri, escorregando as mãos mais para cima, muito mais para cima, *para cima demais*. E quando olha fixamente em meus olhos e tenta me dominar, atrair-me para dentro de sua mente como costumava fazer… não funciona. Permaneço exatamente onde estou, parada no lugar.

E esse simples ato faz brotar uma ideia, que pode fazer as coisas acontecerem mais rápido do que eu esperava e me levar para o Montage, onde disse a Damen que nos encontraríamos.

— Bem — digo, fazendo o melhor que posso para ignorar a sensação de seus dedos em minha coxa. — Se não acredita no carma, pelo menos acredita em *mim*?

Ele olha para mim com a cabeça virada, a tatuagem de uróboro aparecendo e sumindo.

— Porque, pense nisto, eu *tenho* algo para dar a você. Algo que tenho certeza de que quer. Algo que só *eu* posso oferecer.

— Finalmente! — Ele sorri. — *Agora*, sim. Sabia que uma hora ia mudar de ideia, sabia que veria a luz. — E salta para ainda mais perto, apertando minha perna com mais força.

Mas permaneço sentada, respirando de maneira firme e calma, ciente da luz que ainda brilha dentro de mim, e digo:

— Não é isso… é… é algo bem melhor.

Ele estreita os olhos.

— Não seja tão exigente consigo mesma, Ever. A primeira vez sempre é uma droga. Prometo que vamos ter muitas oportunidades para você aperfeiçoar suas habilidades e melhorar.

E, embora ele ria enquanto diz isso, obviamente esperando que eu ria também, não o faço. Ainda estou pensando a respeito do que acabei de dizer, um novo plano se formando em minha mente. Sei que não vai ser exatamente o que ele espera, e talvez faça com que me odeie mais ainda, mas, mesmo assim, é a única forma que consigo imaginar para que ele se conecte… bem, se é que alguém pode mesmo se conectar com uma alma perdida, quer dizer…

— Solte minha perna. — Meus olhos estão fixos nos dele.

— Ah, droga! — Ele balança a cabeça. — Está vendo, eu sabia que você era cheia de… você não faz nada além de provocar, Ever, sabia disso? Nada além de…

— Solte minha perna e segure minhas mãos — digo com a voz calma e determinada. — Confie em mim, não tem nada a perder, prometo.

Ele hesita, mas só por um instante, e faz o que pedi. Nós dois nos sentamos na cama com as pernas cruzadas, meus joelhos nus encostados nos dele, suas mãos segurando as minhas, toda a cena me lembrando vagamente do feitiço de amarração que deu início a toda essa confusão.

Só que não é nada parecido com aquilo.

Nada mesmo.

Estou prestes a dar um enorme salto de fé. Estou prestes a compartilhar com Roman algo que, definitivamente, vai fazê-lo me dar o antídoto. Olho bem nos olhos dele e digo:

— Seu argumento é falho.

Ele aperta os olhos.

— Seu argumento. Sobre não haver nada além do aqui e agora. Se acreditasse mesmo nisso, por que estaria tentando se conectar com Drina? Se realmente acreditasse que não há nada além disso, do plano terreno onde estamos agora, então com o que exatamente está tentando se conectar?

Ele olha para mim, evidentemente desnorteado, e diz:

— A essência dela… a… — Ele balança a cabeça, tenta largar minhas mãos, mas eu as seguro

com mais força. — Que diabos é isso? — ele pergunta, claramente aborrecido comigo.

— Não termina aqui, Roman. Há mais, *muito* mais. Mais do que poderia imaginar. O que você vê aqui… é apenas um pontinho minúsculo em uma tela muito maior. Mas tenho a sensação de que, não importa o que eu diga, você já sente isso. E por já sentir, está aberto à ideia. E então, com isso em mente, imagino que possamos fazer algum tipo de acordo.

— Eu *sabia*! — Ele ri e balança a cabeça. — *Sabia* que não havia desistido. Nunca diga nunca, certo, Ever?

Mas apenas ignoro e sigo em frente, dizendo:

— Se eu levar você até Drina, se mostrar onde ela está, você me dá o antídoto?

Ele larga minhas mãos, fica com o rosto pálido, surpreso, claramente lutando para continuar firme.

— Está me sacaneando?

— Não. — Balanço a cabeça. — Não estou. Mesmo. Juro.

— Então por que está fazendo isso?

— Só porque parece justo. Você me dá o que eu mais quero e eu dou a você o que mais quer. Pode não gostar do que vai ver, é até provável que acabe me odiando… mas estou determinada a tentar a sorte. E prometo que darei uma visão completa, sem obstáculos. Não esconderei nada.

— E… e se você me der o que quero e *mesmo assim* eu não lhe der o antídoto? E aí?

— Mostrará que o julguei mal. — Dou de ombros. — Então vou embora sem nada. E não vou odiá-lo, não o perturbarei outra vez. Mas acho que você definitivamente vai acreditar em carma depois de experimentar os efeitos de um ato como esse. Então… está pronto?

Ele olha para mim por um longo momento, pesando as possibilidades, refletindo, até que finalmente concorda e, olhando fixamente em meus olhos, diz:

— Quer saber onde guardo?

Engulo em seco. Minha respiração acelera.

— Bem aqui. — Ele vai até o criado-mudo, abre a gaveta, puxa uma pequena caixa revestida de veludo, incrustada de pedras preciosas, e retira dali um pequeno frasco cheio de um líquido opaco que parece bastante com elixir, só que verde.

Observo enquanto ele o agita na minha frente, vejo o líquido borbulhar e brilhar, e mal posso acreditar que a solução de todos os meus problemas é tão pequena e contida.

— Achei que tinha dito que não o guardava aqui — digo, e minha boca seca de repente enquanto assimilo o que vejo, o brilho suave do antídoto bem à minha frente.

— E não guardava. Não até aquela noite. Antes disso, guardava na loja. Mas é isso, gata, uma única dose sem receita conhecida, a lista completa dos ingredientes existe apenas aqui. — Ele aponta para sua cabeça e me olha com cuidado. — Então temos um acordo, certo? Mostre o que tem… e eu lhe dou o que tenho. — Ele sorri, colocando o antídoto no bolso da camisa, e olha fixamente para mim enquanto diz: — Mas você primeiro. Cumpra sua parte do acordo. Leve-me até ela… e o "felizes para sempre" será seu.

trinta e quatro

— Feche os olhos — sussurro, segurando as mãos geladas de Roman entre as minhas, nossos joelhos colados, nosso rosto tão perto um do outro que posso sentir sua respiração fria. — E agora abra sua mente. Livre-a o máximo que puder de todos os pensamentos externos. Apenas a esvazie, deixe-a em branco, livre-se de tudo e apenas… *seja*. Entendeu?

Ele confirma com a cabeça, apertando mais ainda meus dedos. Está tão concentrado nisso, quer tanto saber onde Drina vive agora, que é de partir o coração.

— Agora, quero que entre em minha mente. Vou abaixar meu escudo e permitir que entre, e… estou avisando, Roman… pode não gostar do que vai ver, pode ficar com muita raiva de mim, mas quero que se lembre que estou honrando minha parte do trato, certo? Nunca disse que você iria gostar, só que eu o levaria até onde ela está. — Abro um dos olhos e vejo ele confirmar com a cabeça mais uma vez. — Certo, então, agora… venha… encontre devagar um caminho… está me acompanhando?

— Estou — ele sussurra. — Estou… é tão… *escuro*… *tão*… não consigo enxergar nada… e estou caindo… tão rápido… tão… onde…?

— Logo vai acabar… apenas aguente firme — tento convencê-lo.

Sua respiração fica mais rápida, e a frieza de sua expiração, uma nuvem gélida de fumaça, atinge meu rosto.

— Parou… a queda… mas ainda está tão escuro… e tão… estou… *suspenso*… e… sozinho… *tão sozinho*… mas não estou… há mais alguém aqui… *ela* está aqui… e… oh, Deus… Drina… *onde você está*… — Ele agarra minhas mãos com força, aperta tanto que ficam quase dormentes, sua respiração se torna mais curta, irregular, seu corpo ensopado pelo suor devido ao esforço, e então ele desaba sobre mim, levado pelos eventos que se desenrolam em minha mente… na mente dele… uma excursão sem paradas por Shadowland, o abismo infinito, o lugar de descanso final para todas as almas imortais… incluindo a nossa.

Ele resmunga uma sequência de palavras tão baixo que não consigo entender, só noto pelo tom que são agitadas, perturbadas, infelizes. Roman paira na escuridão, movendo-se com dificuldade e se agarrando, procurando desesperadamente por ela. Pressiona a testa contra a minha, com o nariz apoiado em minha bochecha, os lábios tão próximos, toda a sua energia e força concentradas *nela*.

E é desse jeito que Jude nos encontra.

É isso o que ele vê.

Roman e eu juntos, suando nos lençóis dele, nosso corpo bem juntinho, agarrado um ao outro, ambos tão concentrados na visão que não notamos Jude, não o ouvimos, até que seja tarde demais.

Tarde demais para impedi-lo.

Tarde demais para desfazer o que ele faz.

Tarde demais para recuar no tempo e voltar atrás… voltar para o que era antes… quando estava tão perto… tão perto de conseguir o que eu queria.

Antes que eu perceba, sou arrancada dos braços de Roman, e Jude vai para cima dele, o punho direcionado para o centro de seu tronco, e não consegue ouvir meu grito.

Meu grito cheio de agonia:

— *Nãããão!*

O som enche o quarto e ecoa de novo e de novo.

Esforço-me para me levantar… para tirá-lo de lá… para impedi-lo de levar aquilo adiante… mas é tarde demais. Por mais rápida que eu seja, não consigo acertá-lo… demorei demais para reagir… fui posta fora de combate… e Jude já está lá.

Já está em cima de Roman.

Já está acertando um soco em seu centro sacral.

Seu chacra mais fraco.

Seu calcanhar de aquiles.

O centro do ciúme, da inveja e do desejo irracional de possuir.

O conjunto de necessidades que dirigiu as ações de Roman nos últimos seiscentos anos.

O maravilhoso garoto dourado se transforma imediatamente em uma pilha de poeira.

Pulo sobre Jude, agarro-o pelos ombros e o arremesso do outro lado do quarto, ouvindo um som fraco de algo quebrando quando ele aterrissa sobre a cômoda, mas não me preocupo em olhar para trás. Concentro-me apenas em uma coisa, a camisa de linho branca de Roman cintilando com os pequenos cacos de vidro enquanto uma escura mancha verde se espalha por ela.

O antídoto.

O frasco do antídoto foi quebrado… destruído na briga… levando embora minhas esperanças.

E agora que Roman se foi, que sua alma partiu para Shadowland, não há mais jeito de recuperá-lo, nunca mais.

— Como *pôde*? — Eu me viro para Jude com os olhos em chamas. — Como pôde *fazer* algo assim? — Vejo que ele tem dificuldade para se levantar, o rosto pálido, esfregando as costas. — Você destruiu *tudo*. *Tudo!* Estava tão perto… tão perto de conseguir o antídoto… e você o destruiu! *Para sempre!*

Jude olha para mim com as mãos nos joelhos, as sobrancelhas unidas, lutando para recuperar o fôlego, e diz:

— Ever… eu… eu não pretendia… — Ele balança a cabeça. — Precisa acreditar em mim. Pensei que você estivesse com problemas… *parecia* que estava com problemas! Não viu o que eu vi… você estava… ele estava em cima de você… — E balança a cabeça. — E parecia que você estava lutando… por dentro, como se não conseguisse lidar com aquilo, não conseguisse combater a atração que sentia por ele. E foi por isso que vim. Foi o único motivo de eu estar aqui. Sabia para onde você estava indo quando saiu da loja e não achei que estivesse pronta para tentar isso novamente. E quando cheguei aqui ainda agora… e vi você daquele jeito… bem, não queria que terminasse como da última vez e então… eu só… eu…

— Então você o *matou*? — Arregalo os olhos e minha garganta seca. — Usou *tudo* que compartilhei com você contra mim e o *matou*?

Ele balança a cabeça e fica parado na minha frente. Está com a camiseta rasgada por eu tê-lo agarrado e jogado do outro lado da sala, a aura tremulando de angústia enquanto ele não para de mexer no anel de malaquita verde que tem na mão que usou para matar Roman.

— Você sempre vive falando sobre como ele é mau… diabólico… que lidera uma tribo de imortais perigosos… e que, por culpa do encanto que lançou, parece não ter como resistir a ele. Você pediu ajuda a *mim*. Confiou primeiro em mim… *não* em Damen. Escolheu a *mim*, Ever, goste ou não disso! E tudo que eu quis fazer foi salvar você… de Roman… de si mesma. Minha única intenção era… cuidar de você… proteger *você*!

— Era? — Estreito o olhar, uma nova ideia começando a tomar forma. — Era *mesmo* sua única intenção? *De verdade?*

— Do que está falando? — Ele revira os olhos, apertando os lábios e tentando entender minhas palavras.

— Sabe exatamente do que estou falando — digo, o corpo tremendo de raiva, revolta e frustração, agarrada à camisa de Roman, a camisa manchada de antídoto. — Fez isso de propósito. — Olho para ele, sem ter uma prova real de que seja verdade, mas, ainda assim, depois de ter dito as palavras em voz alta, a ideia começa a ganhar força e corpo, tanto que eu rapidamente as repito, arriscando-me mais ainda ao continuar: — Fez isso de propósito. Não foi um *engano*. Sabia exatamente o que estava fazendo quando veio para cá. Então é assim? É assim que acha que vai ganhar um jogo de quatrocentos anos? Essa é sua grande jogada? Tirar de *mim*, da garota que supostamente *ama*, aquilo que eu mais quero neste mundo? Assegurando-se de que eu nunca, nunca mais possa ficar com Damen? É desse jeito que está jogando, Jude? Realmente acha que isso vai fazer com que eu desista de minha alma gêmea e escolha *você*?

Balanço a cabeça e olho para a camisa de Roman, e meu coração quase para quando vejo a mancha que se espalha por ela, quando penso na vida triste e patética de Roman e no que agora aconteceu com sua alma. Sei que estava perto, *tão perto* de estabelecer uma conexão com ele, de fazer a diferença, de conseguir o que quero… e agora *isso*.

Tudo perdido em um instante.

— *Ever*… — Jude implora, a dureza de minhas palavras refletida em sua voz, em seus olhos, quando ele caminha em minha direção. Seus braços buscam por mim, mas não o deixo chegar perto, não deixo que me toque. — Como pode *dizer* isso? — ele pergunta, finalmente parando, reconhecendo a derrota. — Eu *amo* mesmo você. Sabe disso. Amei você por séculos, é verdade. Mas não armei a situação intencionalmente, para afastar você desse jeito de Damen. Você é importante demais para mim para eu fazer isso, e eu valorizo sua felicidade, como já disse antes. E quando você finalmente *fizer* sua escolha, quando escolher entre nós dois, quero que seja justo. Desta vez, estou determinado a fazer com que seja *justo*.

— Mas eu já escolhi — digo, minha voz agora um sussurro. Não desejo mais brigar. Estou me levantando da cama, ainda agarrada à camisa, quando Haven chega e me pega ali.

Seus olhos ardem enquanto ela observa a cena, imediatamente preenchendo as lacunas e juntando as peças quando vê a camisa de Roman em minhas mãos.

— O que você fez? — diz, com a voz tão grave, tão ameaçadora, que um arrepio percorre minha espinha. — O que *diabos* você fez?

Ela puxa a camisa e a aperta contra seu peito coberto de renda enquanto seu olhar me avalia, presumindo que eu seja a culpada e ignorando quando Jude tenta se aproximar e assumir toda a responsabilidade.

— Eu devia ter percebido. — Ela balança a cabeça, os olhos quase completamente cerrados. — Devia ter percebido o tempo todo… quando foi à minha casa e tentou ser gentil… não estava sendo nem um pouco sincera… estava me usando, brincando comigo, tentando extrair informações… tentando perceber quando eu ia sair para poder pegar Roman sozinho e então… então *matá-lo*.

— Não é o que está pensando! — grito. — Não é *nada* disso! — Mas não importa quantas vezes eu repita, ela não aceita. Já formou sua opinião sobre mim, sobre Jude, sobre tudo o que acaba de acontecer.

— Ah, é exatamente o que estou pensando. — Ela me fuzila com os olhos, as mãos segurando os

quadris cobertos de couro brilhante. — *Exatamente*. E acredite em mim, Ever, não vai se safar desta. Não desta vez. Não vai mais interferir em minha vida. Não vai mais tirar de mim as pessoas de quem eu gosto. Isto é guerra. *Uma guerra definitiva*. Vou fazer com que sua vida seja tão infeliz que vai *desejar* que seu único problema fosse não poder tocar em seu namorado. Não se engane: nunca viu algo como o que eu pretendo fazer com você. — Ela ergue a sobrancelha e mostra os dentes. — E, Jude? — Sem perder tempo, ela se dirige a ele pela primeira vez desde que chegou. — Vai lamentar não ser imortal, porque, depois desta noite, não vai ser capaz de suportar o que está prestes a acontecer com você.

— Então funcionou — diz Damen, com a voz suave, distante. — Realmente existia.

Eu respiro fundo e olho para meus joelhos, meus pés enroscados em cima do banco macio de couro do carro, lembrando como ele me encontrou justamente quando eu estava deixando a casa de Roman, Jude atrás de mim, enquanto Haven continuava a gritar toda uma lista de ameaças parada na porta. Chegou apenas segundos depois de o filme acabar. Nem se deu o trabalho de passar no Montage, onde eu planejara nosso encontro, sentindo que havia algum problema no momento em que leu minha mensagem.

Olho em direção à minha casa, lembrando aquele momento de triunfo, quando tudo se resolveu, quando o antídoto estava praticamente comigo. Apenas para dar tudo errado em seguida.

Nossos sonhos foram arrancados de nossas mãos naquele horrível instante.

Balanço a cabeça e suspiro, ciente de que amanhã de manhã terei de encarar Sabine. Vou precisar falar a verdade sobre meu emprego, minhas habilidades paranormais, meu bico como Avalon… e pensar em como algumas horas antes eu achava que esse seria o pior de meus problemas.

— Funcionou mesmo, de verdade — digo, encontrando o olhar de Damen, não só querendo, mas *precisando* que ele acredite. — Ele tinha o antídoto, mostrou para mim e tudo mais. Era tão, *tão pequeno*… só um minúsculo frasco cheio de um líquido verde e borbulhante. — Dou de ombros. — E então ele colocou o vidrinho no bolso e… — Engulo em seco, sem querer viver aquilo outra vez. Pelo menos não verbalmente. Não quando a cena continua se repetindo várias vezes em minha cabeça.

Ele franze a sobrancelha, pois já viu o que aconteceu quase tantas vezes quanto eu.

— Então Jude apareceu… — Ele suspira e balança a cabeça. Olha para mim com desgosto, dentes cerrados de um jeito que nunca vi. — Por que confiou nele? Por que revelou a ele nossas fraquezas… nossos chacras… como nos derrotar? Por que você faria uma coisa dessas? — E olha para mim, desesperado para entender.

Engulo em seco, tentando desfazer o grande nó em minha garganta, e penso: *Bem, aí está… a culpa que estive procurando todo esse tempo. Ele finalmente está me julgando… mas desta vez mais pelo que Jude fez do que pelo que eu fiz.*

E quando olho para ele de novo, vejo que não é isso. Ele está simplesmente tentando encontrar um sentido em tudo. Ainda assim, apenas dou de ombros e digo:

— É meu quinto chacra. Meu ponto fraco. Sou péssima para discernir, uso as informações do jeito errado e, aparentemente, confio em todas as pessoas erradas em vez de confiar naquelas que foram leais o tempo todo.— Olho de lado para Damen, sei que ele precisa de mais, merece mais, então abaixo a cabeça e continuo: — A verdade é que ele me pegou em um momento de fraqueza… — Faço uma pausa, lembrando o quanto aquele era mesmo um momento de fraqueza… como cheguei perto de cruzar a ponte que leva para o outro lado. E embora tenha contado a Damen tudo sobre a magia e sobre ter procurado Jude antes de procurar por ele, não consegui contar aquela parte, principalmente por estar muito envergonhada. — Um momento de *incrível* fraqueza. — Suspiro. — O que posso dizer?

Damen se vira, fazendo ranger o assento de couro, e olha para mim.

— E eu aqui torcendo para que você tivesse aprendido a confiar em mim o suficiente para *me* procurar nos momentos de fraqueza, e *não* Jude. — Sua voz é tão tranquila, tão solene, que parte meu

coração ouvir as palavras sendo ditas em alto e bom som.

Fecho os olhos e me recosto no assento, sinto as lágrimas que ameaçam aparecer e sussurro:

— Eu sei. Devia ter contado a você. Mas apesar de todas as garantias que me deu, apesar do que me disse, eu simplesmente não acreditei… *não pude* acreditar. Não achava que merecia isso. E, Damen, se acha que sabe a pior parte, bem, pense novamente. Receio que as coisas tenham ficado ainda piores…

Eu me viro até ficar cara a cara com ele e pressiono as mãos contra suas bochechas. Ciente do véu de energia que agora paira entre nós, permitindo que eu *quase* sinta sua pele, e sabendo que é isso mesmo — isso é o máximo que conseguiremos ter. Não tenho opções… *nós* não temos opções. Roman está morto e levou o antídoto consigo. Então respiro fundo, fecho os olhos e compartilho *tudo*. Cada um dos momentos horríveis e humilhantes é revelado, fluindo de minha mente para a dele. Passo a versão sem cortes, aquela noite terrível com Roman, em que quase perdi minha virgindade, seguida da cena na Ponte das Almas — cada horrível segundo revelado em alta definição, em sua degradante glória. Sei que ele merece saber a verdade sobre mim: o que eu fui, onde estive e quem sou agora. Toda a sórdida jornada.

E quando termina, ele apenas dá de ombros, segura minhas mãos e diz:

— Nada disso muda minha opinião sobre você. Nem um detalhe sequer.

Concordo com a cabeça, ciente de que é verdade. Finalmente entendo o que é realmente um amor verdadeiro e incondicional.

— Ever — ele diz, com urgência na voz, o olhar fixo no meu. — Você precisa repensar o jeito como vê a si mesma e as escolhas que fez.

Reviro os olhos, sem entender muito bem.

— O que você vê como erros enormes, gritantes… bem, não são erros, de modo algum. A realidade nada tem a ver com o jeito como escolheu enxergá-la. Você acha que fez uma coisa horrível ao me dar o elixir de Roman para beber, quando a verdade é que *salvou minha vida*! Evitou que eu fosse para Shadowland! Não teria resistido até Romy voltar, mesmo com o círculo mágico que Rayne havia feito. Estava perdendo e retomando a consciência. Nem aqui, nem lá, e se você não tivesse feito *o que* fez, *quando* fez… se tivesse se recusado a me deixar beber… bem, eu teria morrido, e minha alma teria sido perdida, abandonada, deixada à deriva no escuro e na solidão por toda a eternidade.

Olho para ele com os olhos arregalados por nunca ter pensado nisso. Estive tão ocupada me autoflagelando, concentrada em como não podíamos mais tocar um no outro da forma que queríamos, que deixei de perceber que, na verdade, impedi que sua alma fosse parar naquele abismo para todo o sempre.

— E tem mais. — Ele leva a mão até meu queixo, o *quase* toque de seus dedos causa uma onda quente de formigamento. — Você conseguiu falar com Roman de verdade! E teve sucesso sem trapacear e sem usar uma esperteza calculada, mas recorrendo ao mais profundo senso de humanidade que havia nele… uma humanidade que o restante de nós não conseguiu enxergar e que tínhamos certeza de que nem existia. Mas você foi capaz de ir mais fundo que isso e enxergou o que não conseguimos. Você viu potencial na pessoa que todos nós desprezamos. Tem ideia de como isso é fantástico… de como isso me deixa orgulhoso?

— Mas e a transformação de Haven? — sussurro, lembrando-me da ameaça que ela fez e sem ter dúvida de que pretende cumpri-la.

— Não fiz a mesma escolha quando salvei você? — ele pergunta, os lábios ao pé de minha

orelha.

— Mas você não sabia sobre Shadowland. Eu sabia, e condenei a alma dela. — Dou de ombros, distanciando-me para ter uma visão melhor de seu rosto.

Mas Damen apenas balança a cabeça e me puxa de volta para perto dele.

— Sei que disse para você agir de outra forma, mas se estivesse em seu lugar teria feito o mesmo. Onde há vida há esperança, *certo*? Pelo menos esse tem sido meu lema nos últimos seiscentos anos.

Encosto-me nele, coloco minha cabeça no vão de seu ombro enquanto olho na direção da casa e vejo a luz do quarto de Sabine se apagar. Aperto a mão de Damen e digo:

— Romy e Rayne estavam certas, sabe? Sobre a magia. Se for usada por motivos egoístas e malignos, termina em um carma que volta triplicado.

Mudamos de posição, nossos olhares se encontram enquanto o ar se torna pesado entre nós.

— O primeiro foi quando fui obrigada a ficar naquela situação com Haven e a mudei, transformei minha melhor amiga em uma adversária determinada a me destruir. O segundo foi minha atração por Roman, a chama negra que queimou dentro de mim. E agora… e agora *isso*… *Roman*… a morte da alma dele e, junto com ela, a destruição do antídoto. — Olho para ele. — Quer dizer, esse é o terceiro, *certo*? Ou minha atração por ele era uma coisa só minha? Um monstro que eu mesma criei, uma sombra de mim que já existia, e agora ainda há mais um carma por aí, em algum lugar, esperando apenas pelo momento certo para nos atacar de volta? Alguma fatalidade que não notaremos até que seja tarde demais?

Luto para recuperar o fôlego, subitamente tomada pelo pânico, o mau pressentimento de que ainda não acabou, de que há mais a caminho, e que está vindo em nossa direção.

Logo sou confortada pela sensação de seus braços fortes me segurando com força, o formigamento e o calor, e por saber que agora há uma luz branca e brilhante acesa dentro de mim. E por isso, por tudo que passei, agora sou forte o bastante para *enfrentá-lo*… meu carma, meu destino, em qualquer forma que possa tomar…

Sinto o hálito quente de Damen em minha orelha, ecoando meus pensamentos ao dizer:

— De qualquer forma, enfrentaremos isso juntos. É assim que funciona com as almas gêmeas. É o que elas fazem.

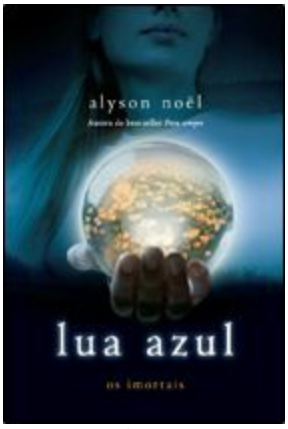


ALYSON NOËL é autora de nove romances. Nasceu em Orange County, na Califórnia, e após o ensino médio decidiu conhecer o mundo – viajou por toda a Europa e acabou por se fixar na ilha grega de Míkonos. Hoje, de volta aos Estados Unidos, mora com o marido em Laguna Beach e dedica-se integralmente a seus livros.

conheça os livros da série Os imortais



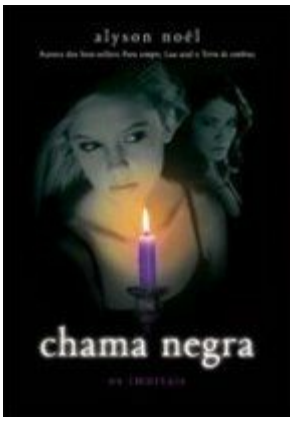
Volume 1



Volume 2



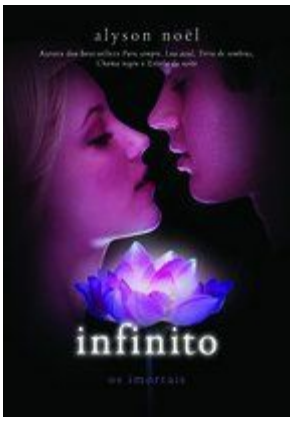
Volume 3



Volume 4

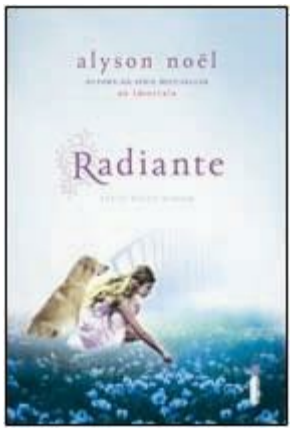


Volume 5

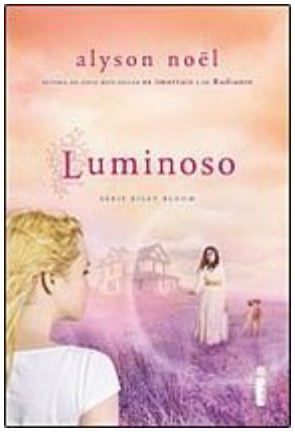


Volume 6

conheça os livros da série Riley Bloom



Volume 1



Volume 2

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Agradecimentos
Epígrafe
um
dois
três
quatro
cinco
seis
sete
oito
nove
dez
onze
doze
treze
catorze
quinze
dezesseis
dezessete
dezoito
dezenove
vinte
vinte e um
vinte e dois
vinte e três
vinte e quatro
vinte e cinco
vinte e seis
vinte e sete
vinte e oito
vinte e nove
trinta
trinta e um
trinta e dois
trinta e três
trinta e quatro
trinta e cinco

Sobre a autora
Conheça os livros da série Os imortais
Conheça os livros da série Rilley Bloom